



FEBRE DE BOLA

"Engraçado,
inteligente e
verdadeiro."
Roddy Doyle

Tricke
Hornby



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

NICK HORNBY

Febre de bola

Tradução

Christian Schwartz



Gostaria de agradecer a Liz Knights pelo extraordinário apoio, incentivo e entusiasmo; a Virginia Bovell, pela tolerância e compreensão; e a Nick Coleman, Ian Craig, Ian Preece, Caroline Dawnay e Viv Redman.

Para minha mãe e meu pai

Introdução à edição comemorativa do vigésimo aniversário de *Febre de bola*

Abril de 2012

Em fevereiro de 2011 — no dia 27 de fevereiro, para ser preciso, aproximadamente às 5h50 da tarde — meu time, o Arsenal, levou um gol do Birmingham City no último minuto da final da Copa da Inglaterra, em Wembley, e como consequência perdeu a partida. Vi os torcedores do Birmingham, do lado oposto do estádio, explodirem de alegria, uma alegria com sabor ainda mais doce porque era difícil de acreditar: o Birmingham estava às portas do rebaixamento e esperava-se que fosse derrotado com folga pelo Arsenal.

Eu e outros torcedores do Arsenal de uma certa idade já tínhamos visto aquele filme: assisti meu time perder para o Swindon Town, da terceira divisão, e para o pequeno e improvisado Luton, e para o West Ham, da segundona — descrições de todos esses jogos aparecem adiante neste livro. De modo que versões mais jovens de mim mesmo não teriam se surpreendido com o rumo desafortunado dos eventos, tampouco com meu desespero, embora talvez pudessem, sim, ter se decepcionado com o fato de não haver ainda, no século XXI, uma invenção ou uma lei capazes de impedir esse tipo de coisa de acontecer.

O menino de onze anos de idade que viu o Arsenal perder para o Swindon teria, no entanto, ficado confuso com muitos aspectos do jogo contra o Birmingham; na verdade, o sujeito de 34 anos de idade que escreveu este livro também precisaria de algumas

explicações. Por exemplo: o primeiro gol da partida, do City, saiu da cabeça de um gigante sérvio, antes que um holandês empatasse para o Arsenal. Um nigeriano emprestado de um clube russo marcou o gol da vitória na sequência de um ridículo mal-entendido, na nossa defesa, entre um francês e um polonês. Quem eram aquelas pessoas? O que faziam ali, disputando uma competição doméstica inglesa em Wembley? E por que eu estava pagando quase noventa libras para assistir o jogo?

O futebol inglês mudou desde que *Febre de bola* foi publicado, em 1992. Na verdade, mais coisas aconteceram nos últimos vinte anos do que nos setenta ou oitenta anteriores. O jogo ficou mais rápido e melhor, e os jogadores, hoje, são atletas mais completos. Nossos estádios são, na maioria, seguros, mas os ingressos se tornaram terrivelmente caros e muito mais difíceis de conseguir, e os torcedores, por consequência, mais velhos e menos barulhentos. Quase todo mundo que jogou na Premier League na última década é multimilionário por definição, mas, no início dos anos 90, o jogador mais talentoso da Inglaterra, Paul Gascoigne, atuava na mais rica e mil vezes mais fascinante liga italiana. A lira e seus atrativos deixaram de existir. O assinante de um canal a cabo de esportes pode ver diariamente dois ou três jogos, transmitidos de toda a Europa. É mais fácil assistir um jogo da Premier League na tevê em Nova York ou nas Ilhas Canárias do que em Londres, e em qualquer bar do mundo é possível debater com alguém a aparente teimosia de Arsene Wenger quando se trata do mercado de transferência de jogadores. Meu time, antes sisudo e antipático, de repente se tornou sinônimo de perfeição estética, desfrutando aquele que foi, possivelmente, o melhor período de sua história; durante alguns anos desconcertantes, entre 1997 e 2006, pude ver de perto, um sábado sim, outro não, vários dos melhores jogadores do mundo.

É possível ir às origens da maior parte dessas mudanças nos remetendo a um evento, a tragédia de Hillsborough, e a um homem, Rupert Murdoch. Depois de Hillsborough, houve um reconhecimento geral de que algo precisava ser feito — de que enormes arquibancadas de concreto caindo aos pedaços não eram seguras, de que, no pacote de uma tarde de diversão, não deveria vir junto a

ameaça de ferimento ou de morte. E Murdoch percebeu que, se comprasse os direitos do esporte mais popular do mundo, sua rede de TV se tornaria indispensável para grande parcela da população. Murdoch inundou o jogo com dinheiro, astros estrangeiros surgiram às centenas e os clubes elevaram os preços de seus carnês de ingressos para a temporada como forma de bancar salários agora espantosamente altos.

Durante esses anos, li mais de um relato argumentando que o livro que você agora tem nas mãos foi, de certa forma, responsável por algumas dessas mudanças. De acordo com essa teoria, *Febre de bola* teria vendido o jogo para a classe média, pessoas que, àquela altura, haviam se tornado as únicas capazes de pagar para assisti-lo. Adoraria poder reivindicar algum crédito por uma mudança tão significativa, do ponto de vista social e cultural, ainda que talvez lamentável, mas não posso; não estou sendo modesto ao sugerir que o dono de um império internacional de mídia teve um efeito mais profundo sobre o esporte britânico do que meu primeiro livro. E, de qualquer modo, há algo suspeito aqui: a suposição de que, porque *Febre de bola* é um livro, seu sucesso se deveu inteiramente a um público de classe média — como poderia ter sido de outra forma, se o pessoal da classe trabalhadora não lê? Minha impressão é que *Febre de bola* foi lido por pessoas que compram e pessoas que não compram livros, por pessoas com diplomas de Oxbridge e pessoas que abandonaram a escola aos dezesseis anos; o que pude concluir das minhas conversas com leitores é que minha própria formação (escalão intermediário de uma boa escola pública e, em seguida, Cambridge) era insignificante, se comparada com o trauma que Don Rogers me causou na final da Copa da Liga de 1969.

Não há nenhuma história dramática por trás deste livro — eu o escrevi com facilidade e encontrei uma editora até que rápido. Mas várias outras editoras o recusaram, alegando que “livros de futebol não vendem”, e me pareceu que, subjacente a essa percepção, havia uma noção também antidemocrática, o que aparentemente queria dizer: “Torcedores de futebol são burros, e nem sequer compram as porcarias de autobiografias escritas por *ghost-writers* que desovamos por aí. Então que chance tem você, com suas referências

ao pós-modernismo e citações de Jane Austen?”. A ideia de que porcaria de autobiografias escritas por *ghost-writers* não estavam vendendo porque eram porcaria e escritas por *ghost-writers* não parece ter ocorrido àquelas pessoas. *Febre de bola* pode não ter mudado o perfil social das torcidas de futebol, mas espero que tenha ajudado a despertar as editoras para o potencial comercial de um tipo diferente de escrita sobre esportes. Não quero fazer reivindicações literárias extravagantes para este livro, mas já sabia, enquanto o escrevia, que muitos fãs de futebol eram capazes de ler sem ficar mexendo os lábios. Duas das inspirações para *Febre de bola* foram obra de autores americanos: as memórias de Tobias Wolff, *This Boy's Life*, e o clássico negligenciado de Frederick Exley, *A Fan's Notes*. Talvez porque a cultura popular seja a glória da América, ninguém nos Estados Unidos parece se surpreender, em momento algum, quando autores mostram ter tanta familiaridade com os resultados do beisebol quanto com poesia contemporânea; no Reino Unido, no entanto, esse tipo de inclusão cultural ainda é visto com desconfiança. Um torcedor de futebol que lê é pretensioso e burguesinho; um poeta com um carnê de ingressos para a temporada está fazendo proselitismo.

Eu sabia também que, muito antes de *Febre de bola*, o alcance do futebol já havia se ampliado. Muitos daqueles com quem eu assistia e jogava futebol eram, como eu, parte de uma primeira geração de classe média; fomos os beneficiários da mobilidade social do pós-guerra. Tínhamos frequentado a universidade, mas nossos pais não, e em muitos casos adorávamos futebol porque nossos pais e avós amavam o jogo. E, de todo modo, quando a Inglaterra ganhou a Copa do Mundo em 1966 e George Best se tornou o Quinto Beatle, as antigas conotações de classe no futebol foram, em grande medida, deixadas de lado, e amar o jogo ficou tão simples quanto amar música pop. Muitos daquela geração pararam de ir aos estádios nos anos 80, quando o futebol esteve doente, e retornaram em meados dos anos 90, quando voltou a ficar bem. (Não deixei de frequentar, embora devesse tê-lo feito, e minha persistência foi um dos fatores que, em princípio, me qualificaram a escrever este livro.) Quando rapazes pararam de brigar até se arrebentar — ou quando a

polícia descobriu como impedi-los, pelo menos — todo mundo voltou. Não parecia haver nada de sociologicamente muito complicado nisso. Mas *Febre de bola* foi publicado exatamente no momento em que nossos estádios se tornavam ambientes mais saudáveis, mais cheios, mais amigáveis para famílias e mulheres e, como consequência, o livro levou um crédito que não era seu e, às vezes, uma culpa que não merecia. Descobri, mais tarde, que os mesmos padrões e debates ocorriam em outros países, notadamente nos Estados Unidos, onde *Febre de bola* foi basicamente ignorado, por razões óbvias. Em toda parte, ao que parece, o esporte profissional se tornou monetarizado e se valorizou. Executivos não estão mais interessados em entreter clientes no teatro e na ópera; as classes médias são, em todo lugar, formadas por pessoas diferentes agora, de origens e gostos diversos.

Quando o Birmingham City marcou o gol da vitória aos 44 do segundo tempo, fui tomado de todas as velhas e familiares sensações associadas às derrotas do Arsenal — a descrença, a náusea, a determinação de nunca mais me submeter à experiência tão miserável —, mas não foi só o futebol que mudou nas últimas duas décadas. Muita coisa aconteceu comigo também, e, uma vez que *Febre de bola* é um livro de memórias, o outro assunto deste livro sou eu. Esqueçam os misteriosos jogadores em campo — quem eram aquelas pessoas comigo na arquibancada? Quando escrevi este livro, eu era solteiro e não tinha filhos; agora, em Wembley, estava com minha segunda esposa e meus dois meninos mais novos. Com oito e sete anos de idade, eles estão sendo criados a poucos metros tanto do Highbury quanto do Emirates, e aquela era a primeira experiência dos dois assistindo seu time numa final da Copa da Inglaterra em Wembley. O mais novo começou a chorar, enquanto o mais velho puxava a mãe na direção da saída. De modo que eu estava passado com o gol (não adianta muito agora, mas o Koscielny devia era ter chutado aquela bola pro mato), só que igualmente triste por eles, e me sentindo culpado também, porque, se não fosse por mim e minha ligação com o Arsenal, sobre a qual discorro nas próximas páginas, meus filhos não estariam lá.

A ligação, portanto, não se perdeu. Provavelmente deixei de ir a menos de vinte partidas jogadas no nosso estádio nas últimas duas décadas, e o clima em casa ainda fica baixo-astrol em dia de resultado ruim. Se bobear, a tristeza é ainda mais ensimesmada, agora que vivo com outras pessoas que também são afetadas. Mas o jogo é diferente, e o estádio é diferente, e as lacunas da infância e da juventude já foram preenchidas — por um trabalho em tempo integral que me realiza, e que *Febre de bola* me ajudou a garantir, e por uma vida familiar rica, mas exigente e complicada. Eu não escreveria nem poderia escrever este livro hoje, o que não é desmerecê-lo, porque essa impossibilidade significa perda e, ao mesmo tempo, crescimento. Sinto falta daquele cara que tinha tempo e energia para tanta angústia e paixão, e, se fosse escrever sobre ele agora, provavelmente lhe faria um afago na cabeça e contaria que, quando ele fosse mais velho e mais sábio, a própria razão da existência deste livro teria se perdido. Senti essas coisas, assim como muitos outros, milhões. E, embora esses milhões possam não se reconhecer muito no jogo de hoje, ou nos campos em que é jogado, meus filhos e milhões de outros meninos e meninas estão apenas começando uma jornada que lhes trará um bocado de sofrimento e, bem ocasionalmente, momentos de alegria transcendental. Não acho que isso irá acabar algum dia.

Introdução à primeira edição

Domingo, 14 de julho de 1991

Está ali o tempo inteiro, à espreita.

Acordo mais ou menos às dez, preparo duas xícaras de chá, levo pro quarto, coloco uma de cada lado da cama. Nós dois bebericamos, pensativos; acabamos de acordar, e os intervalos entre um e outro comentário ocasional — sobre a chuva lá fora, sobre ontem à noite, sobre eu fumar no quarto quando a gente combinou que não podia — são longos e repletos de devaneios. Ela pergunta dos meus planos pra semana e penso: 1. vou encontrar o Matthew na quarta; 2. o Matthew ainda não devolveu meu vídeo do título de 1989; 3. [*Lembrando que o Matthew, que se diz torcedor do Arsenal, não vai ao Highbury faz uns dois anos, de modo que não teve a oportunidade de ver ao vivo os reforços mais recentes*] me pergunto o que ele acha do Anders Limpar.

E, passando por três estágios em quinze ou vinte minutos depois de acordar, a coisa começa. Vejo o Limpar partindo pra cima do Gillespie, gingando pra direita, indo ao chão: PÊNALTI! GOL DE DIXON! 2 A 0!... O toque de calcanhar do Mersons e o chute de pé direito do Smith, no mesmo jogo... O toquinho do Mersons pra desviar do Grobbelaar lá no Anfield... Davis girando e fazendo um golão contra o Villa... (E essa, lembremos, é uma manhã de julho, mês de folga, quando nenhum jogo, valendo o que quer que seja, é disputado entre os clubes). Às vezes, se permito que tal disposição sonhadora tome conta de mim completamente, vou além e volto ao Anfield,

1989, e a Wembley, 1987, e a Stamford Bridge, 1978, minha vida de torcedor inteira passando como num flash diante dos meus olhos.

“No que você está pensando?”, ela pergunta.

Então eu minto. Eu não estava pensando no Martin Amis ou no Gérard Depardieu ou no Partido Trabalhista. Mas é que gente obsessiva não tem escolha; é obrigada a mentir em ocasiões como essa. Se falássemos a verdade sempre, não conseguiríamos preservar as relações com ninguém no mundo real. Acabaríamos esquecidos, sozinhos com nossos programas do Arsenal ou nossa coleção de discos de selo azul originais da Stax ou nossa criação de *spaniels*, e os dois minutos diários sonhando acordado se tornariam cada vez mais e mais longos, até que perdêssemos nossos empregos e parássemos de tomar banho e fazer a barba e comer, e acabássemos largados sobre nossos próprios dejetos, voltando repetidamente a fita de vídeo na tentativa de decorar *cada* comentário, incluindo a análise lance a lance do David Pleat, do jogo daquela noite de 26 de maio de 1989. (Acham que eu tive que consultar essa data? Rá!) A verdade é a seguinte: *durante uma parte assustadoramente grande de um dia comum, sou um retardado.*

Não estou querendo sugerir que a contemplação em si do futebol constitua uso inapropriado da imaginação. David Lacey, principal jornalista de futebol do *Guardian*, é um escritor refinado e um cara obviamente inteligente, e deve dedicar ao futebol uma porção ainda maior do que se passa na sua cabeça do que eu dedico ao que se passa na minha. A diferença entre nós dois é que eu raramente *penso*. Tenho lembranças, fantasio, tento visualizar cada um dos gols do Alan Smith, faço uma lista dos estádios da primeira divisão a que já fui; uma ou duas vezes, sem conseguir dormir, tentei elencar cada um dos jogadores do Arsenal que vi jogar. (Quando era criança, sabia os nomes de todas as mulheres e namoradas do time campeão da dobradinha; hoje só consigo lembrar que a noiva do Charlie George se chamava Susan Farge e que a esposa do Bob Wilson era a Megs, mas mesmo essa memória parcial é algo completamente desnecessário.)

Nada disso é *pensar*, no sentido literal da palavra. Aqui não há análise ou autoconsciência ou rigor intelectual de nenhum tipo,

porque a pessoas obsessivas não é dado o direito de ter qualquer tipo de perspectiva ante suas paixões. É isso, em certo sentido, o que define um obsessivo (e serve pra explicar por que tão poucos se veem como tal. Um torcedor que conheço e que foi assistir os reservas do Wimbledon contra os reservas do Luton numa tarde congelante de janeiro na temporada passada — não naquele espírito de provar alguma coisa ou por algum tipo de piada, molecagem ou maluquice, mas porque estava *genuinamente interessado* — recentemente refutou, em uma conversa comigo, a ideia de que seja excêntrico).

Febre de bola é uma tentativa de ganhar certa perspectiva sobre essa minha obsessão. Por que a relação que começou como uma paixão fulminante nos tempos de escola vem durando por mais de um quarto de século, mais do que qualquer outra relação que eu tenha mantido por vontade própria? (Amo muito minha família, mas são pessoas que me foram impostas, e já não tenho contato com nenhum dos amigos que fiz antes dos catorze anos — exceto o único outro menino que era torcedor do Arsenal na escola.) E por que essa afinidade foi capaz de sobreviver aos sentimentos de indiferença, sofrimento e ódio verdadeiro de que, periodicamente, sou tomado?

O livro é também, em parte, uma investigação de alguns dos significados que o futebol parece ter pra muitos de nós. Já se tornou bastante claro pra mim que minha devoção diz coisas sobre meu caráter e minha história pessoal, mas a maneira como o jogo é consumido parece oferecer todo tipo de informação sobre nossa sociedade e nossa cultura. (Amigos meus vão considerar pretensioso o que digo, uma maluquice conveniente, o tipo de justificativa desesperada de um cara que tem gasto uma enorme parcela do seu tempo livre passando nervoso num frio congelante. Eles resistem ao meu argumento porque tendo a superestimar a força do futebol como metáfora, e portanto o coloco no meio de conversas com as quais não tem nada a ver. Hoje já aceito que o futebol não é importante no conflito das Malvinas, no caso Rushdie, na Guerra do Golfo, que não tem influência na taxa de natalidade, na camada de ozônio, no imposto comunitário etc. etc., e gostaria de aproveitar a

oportunidade para me desculpar com todo mundo que tenha sido obrigado a escutar minhas analogias pateticamente forçadas.)

Por fim, *Febre de bola* é um livro sobre ser fanático. Já li livros escritos por pessoas que claramente amam *futebol*, mas isso é bem diferente; e já li livros escritos por, na falta de uma palavra melhor, hooligans, mas pelo menos noventa e cinco por cento dos milhões que assistem os jogos todos os anos jamais bateram em ninguém. De modo que este livro é pro resto de nós, e pra qualquer um que já tenha se perguntado como é ser assim. Ao mesmo tempo que o que conto aqui são experiências pessoais, espero que elas possam tocar todos aqueles que algum dia já se pegaram distraídos, no meio de um dia de trabalho, de um filme ou de uma conversa, pensando naquele voleio de canhota que entrou no ângulo direito dez ou quinze ou vinte e cinco anos atrás.

1968-1975

Estreia em casa

Arsenal x Stoke City
14/9/68

Eu me apaixonei pelo futebol como mais tarde me apaixonaria pelas mulheres: de repente, inexplicavelmente, sem aviso, sem pensar no sofrimento e nos transtornos que aquilo ia me trazer.

Em maio de 1968 (uma data com conotações próprias, claro, mas ainda é mais provável que me traga à mente o Jeff Astle do que Paris), logo depois do meu aniversário de onze anos, meu pai perguntou se eu queria ir com ele à final da Copa da Inglaterra entre West Brom e Everton; um colega dele tinha arranjado dois ingressos. Respondi que não estava interessado em futebol, nem mesmo sendo a final da Copa da Inglaterra — verdade, pelo menos na minha cabeça, mas fiz a maldade de assistir o jogo inteiro pela tevê. Algumas semanas mais tarde, vi encantado, com minha mãe, o jogo entre Manchester United e Benfica, e levantei cedo, no fim de agosto, pra escutar no rádio como o Manchester United se saía na final do Mundial Interclubes. Adorava o Bob Charlton e o George Best (não sabia nada sobre o Denis Law, terceiro elemento daquela Santíssima Trindade, que tinha ficado de fora do jogo com o Benfica porque estava machucado), e com uma paixão que era totalmente surpreendente; durou três semanas, até que meu pai me levou ao Highbury pela primeira vez.

Meus pais já estavam separados em 1968. Meu pai tinha conhecido outra pessoa e saído de casa, e eu morava com minha mãe e minha irmã numa casinha com quintal, nos Home Counties. A situação em si não tinha nada de notável (embora eu não consiga me lembrar de ninguém mais da minha turma na escola que morasse com apenas um dos pais — os anos 60 ainda levariam outros sete ou oito anos pra percorrer os trinta e tantos quilômetros de Londres até nosso subúrbio pela rodovia M4), mas a separação tinha sido sofrida pra nós quatro, como sempre são as separações.

Houve, inevitavelmente, uma série de dificuldades nessa nova fase da vida em família, ainda que a mais crucial delas, naquele contexto, tenha sido provavelmente a mais banal: a questão das tardes de sábado no zoológico com apenas um dos pais, problema clichê, mas complicado. Era frequente que meu pai só pudesse nos visitar em dias de semana; ninguém queria ficar em casa vendo tevê, por razões óbvias; por outro lado, não havia, na verdade, nenhum outro lugar que servisse pra um homem levar duas crianças menores de doze anos. Em geral, entrávamos no carro e íamos a uma cidade vizinha, ou até um dos hotéis próximos ao aeroporto, onde éramos os primeiros clientes de um restaurante frio e deserto, no qual a Gill e eu comíamos bife ou frango mais ou menos em completo silêncio (crianças normalmente não são a melhor companhia pra conversar num jantar e, também, estávamos acostumados a comer na frente da tevê), e meu pai ficava só nos observando. Devia estar desesperado pra encontrar alguma outra coisa que pudéssemos fazer juntos, mas as opções, entre as seis e meia da tarde e as nove da noite de uma segunda-feira, numa cidade-dormitório suburbana, eram limitadas.

Naquele verão, meu pai e eu nos hospedamos por uma semana num hotel perto de Oxford, onde à noite nos sentávamos num restaurante deserto, no qual eu comia meu bife ou meu frango mais ou menos em completo silêncio. Depois do jantar, íamos ver tevê com os outros hóspedes e meu pai bebia demais. As coisas precisavam mudar.

Meu pai fez uma nova tentativa com o futebol naquele mês de setembro e deve ter ficado maravilhado quando topei. Nunca antes eu tinha dito sim pra nenhuma das sugestões dele, embora também raramente dissesse não. Apenas sorri, educado, e emiti um som cuja intenção era expressar interesse, mas não compromisso, um trejeito irritante que acho que inventei especialmente pra ser usado naquela época da minha vida e, por alguma razão, mantenho até hoje. Fazia dois ou três anos que ele vinha tentando me levar ao teatro; toda vez que convidava, eu simplesmente dava de ombros e sorria um sorriso idiota, e o resultado era que, no fim, meu pai ficava irritado e me dizia pra esquecer a ideia, que era o que eu queria que ele dissesse. E não era um problema só com Shakespeare: eu agia igualmente desconfiado com jogos de rúgbi e críquete, passeios de barco e um bate e volta a Silverstone ou Longleat. Não queria fazer absolutamente nada. E não fazia isso com a intenção de punir meu pai por estar ausente: eu pensava, de verdade, que ficaria feliz indo a qualquer lugar com ele, com exceção de todos os que meu pai sugeria.

O ano de 1968 foi, acho, o mais traumático da minha vida. Depois da separação dos meus pais, mudamos pra uma casa menor, mas durante um tempo, por causa de alguma burocracia, ficamos sem teto e precisamos morar com vizinhos; fiquei seriamente doente, com icterícia; e comecei a frequentar a escola local. Eu precisaria ser muito incrédulo pra achar que a febre pelo Arsenal, que logo me possuiria, não teve nada a ver com todo esse caos. (E fico pensando quantos outros torcedores, se parassem pra pensar nas circunstâncias que os levaram a se tornar obsessivos, não encontrariam algum tipo de drama freudiano equivalente. Afinal, o futebol é um jogo sensacional e tal, mas o que diferencia aqueles que se contentam em ir a uma dúzia de partidas na temporada — ir aos grandes jogos, manter distância dos ruins, certamente uma decisão sensata — daqueles que são compelidos a ir a todas? Pra que viajar de Londres a Plymouth numa quarta-feira, desperdiçando um precioso dia de folga, pra assistir um jogo que já estava decidido na partida de ida, no Highbury? E, se essa teoria da torcida como terapia tem alguma procedência, *o que se passa no subconsciente*

desse pessoal que vai aos jogos do Troféu Leyland DAF? Talvez seja melhor não saber.)

Tem um conto do escritor americano Andre Dubus intitulado "O pai de inverno", sobre um cara cujo divórcio o afastou dos dois filhos. No inverno, a relação dele com as crianças é sem graça e forçada: passam da matinê no clube de jazz ao cinema ao restaurante, o tempo inteiro um olhando pra cara dos outros. Mas, no verão, quando podem ir à praia, pai e filhos se dão bem. "A extensão da praia era, pra eles, o gramado de casa; a esteira, a própria casa; o isopor e a garrafa térmica, a cozinha. Voltavam a viver como uma família." As *sitcoms* e os filmes há muito tempo perceberam essa terrível tirania dos espaços, retratando homens entediados indo a parques com crianças irascíveis e um *frisbee*. Mas "O pai de inverno" significa muito pra mim porque ultrapassa isso: consegue focar o que é valioso nas relações entre pais e filhos e explicar, de forma simples e precisa, *por que* aquelas idas ao zoológico estão fadadas ao fracasso.

Aqui neste país, até onde sei, Bridlington e Minehead não são capazes de proporcionar o mesmo tipo de sensação que as praias da Nova Inglaterra no conto de Dubus; mas meu pai e eu logo encontraríamos o equivalente perfeito em território inglês. As tardes de sábado no norte de Londres criavam um contexto no qual podíamos estar juntos. Podíamos conversar quando queríamos, o futebol nos dava assunto (e os silêncios não eram opressivos), os dias ganhavam uma estrutura, uma rotina. O campo do Arsenal seria nosso gramado de casa (e, uma vez que se tratava de um gramado inglês, ficaríamos a observá-lo, pesarosos, debaixo de chuva constante); o Gunner's Fish Bar, na Blackstock Road, nossa cozinha; e o Setor Oeste, nossa casa. Era um esquema maravilhoso que mudou nossas vidas quando isso era mais necessário, mas era também um esquema exclusivo: meu pai e minha irmã nunca encontraram uma casa pra eles. Talvez hoje em dia isso não acontecesse; talvez, nos anos 90, uma menina de nove anos se sintasse tão no direito quanto a gente de ir a um jogo de futebol. Mas em 1969, na nossa cidadezinha, não era uma ideia muito em voga, e minha irmã era obrigada a ficar em casa com a mãe e as bonecas.

Não lembro muito do jogo em si, naquela primeira tarde. Um daqueles truques da memória me permite ver claramente o único gol marcado: o juiz anota um pênalti (corre pra área, aponta de forma dramática, ouvem-se gritos); silêncio enquanto o Terry Neill se prepara pra cobrança; e um lamento quando o Gordon Banks mergulha e defende; a bola volta certinho no pé do Neill e desta vez ele marca. Mas tenho certeza de que criei essa sequência de imagens a partir do que ao longo de muito tempo registrei de incidentes similares e na verdade não tinha, então, consciência de nada disso. Tudo o que realmente vi naquele dia foi uma incompreensível série de eventos, ao final da qual todos à minha volta se levantaram e gritaram. Se fiz a mesma coisa, deve ter acontecido constrangedores dez segundos depois do resto do estádio.

Mas tenho, sim, outras lembranças mais confiáveis e, provavelmente, mais significativas. Eu me lembro da opressiva *macheza* por todo lado — charutos e cachimbos, linguagem chula (palavras que eu já tinha ouvido antes, mas não da boca de adultos, e não naquele volume), e foi somente anos mais tarde que me ocorreu que isso deve, necessariamente, ter tido consequências pra um menino que morava com a mãe e a irmã; e lembro que prestei mais atenção à torcida do que aos jogadores. De onde estava, eu provavelmente conseguiria contar umas 20 mil cabeças; só o torcedor (ou o Mick Jagger e o Nelson Mandela) pode fazer isso. Meu pai me falou que, naquele estádio, tinha quase o mesmo número de moradores da minha cidadezinha, o que me impressionou bastante.

(A gente esquece que as torcidas de futebol ainda são espantosamente numerosas, sobretudo porque, desde a guerra, elas foram ficando cada vez menores. Os técnicos reclamam da apatia dos torcedores locais, particularmente quando seus times medíocres da primeira ou da segunda divisão conseguem evitar tomar uma lavada de algum adversário nas últimas rodadas; mas o fato de que, digamos, o Derby County tenha sido capaz de atrair um público médio de quase 17 mil pessoas na temporada 1990/91, o ano em que terminaram o campeonato na lanterna, é um milagre. Vamos

dizer que 3 mil desses torcedores sejam do time visitante; significa que, dos 14 mil torcedores do Derby restantes, um bom número foi ao estádio pelo menos *dezoito vezes* assistir o pior futebol jogado naquela temporada, senão em muitas temporadas. Falando sério: por que se esperaria que um só desses torcedores comparecesse a qualquer um dos jogos?)

Não foi o tamanho da multidão o que mais me impressionou, porém, ou os adultos se permitirem gritar a palavra "VIADO!" o mais alto que quisessem sem que ninguém se virasse pra olhar. O que mais me impressionou foi simplesmente o quanto a maioria dos caras à minha volta *odiava*, mas *odiava* de verdade, estar ali. Até onde eu podia ver, ninguém parecia estar curtindo, no sentido em que eu entendia essa palavra, nada do que aconteceu a tarde inteira. Passados uns poucos minutos do apito inicial, já emergia um ódio verdadeiro ("Você é um MERDA, Gould. O cara é um MERDA!"; "Cem libras por semana? CEM LIBRAS POR SEMANA! Deviam pagar isso pra mim, por ser obrigado a te ver jogar"); à medida que o jogo avançava, o ódio virava indignação e, em seguida, se cristalizava num descontentamento silencioso e mal-humorado. Sei, sei, conheço as piadinhas todas. O que mais eu podia esperar estando no Highbury? Mas fui aos estádios do Chelsea, do Tottenham e do Rangers e vi a mesma coisa: que o estado natural do torcedor de futebol é o de penosa decepção, não importa qual seja o placar.

Acho que nós, torcedores do Arsenal, temos profunda consciência de que o futebol jogado no Highbury muitas vezes não é muito bonito de ver e que, portanto, nossa reputação de time mais chato da história do universo não é tão distorcida quanto fingimos ser; mas, quando o time é vitorioso, muito disso é perdoado. O time do Arsenal que vi naquela primeira tarde era, há algum tempo, um espetacular fracasso. Na verdade, não ganhava nada desde a coroação da rainha, e esse histórico abjeto de derrotas era simplesmente como esfregar sal nas chagas dos torcedores. Muitos dos que estavam ali à nossa volta pareciam ser daqueles que tinham assistido todos os jogos de cada uma daquelas temporadas enfadonhas. O fato de estar me intrometendo num casamento que tinha azedado desastrosamente deu àquela tarde uma excitação

particular (se fosse um casamento de verdade, as crianças teriam sido barradas na entrada): um dos parceiros rondava, arrastando-se numa patética tentativa de agradar, enquanto o outro virava a cara pra parede, mal conseguindo olhar, de tão contrariado. Os torcedores que não lembravam os anos 30 (embora, naquele final dos anos 60, muitos lembrassem), quando o clube ganhou cinco campeonatos nacionais e duas Copas da Inglaterra, ainda assim lembravam os Comptons e Joe Mercer, de apenas uma década antes; o estádio em si, com suas lindas arquibancadas em estilo *art déco* e seus bustos assinados por Jacob Epstein, parecia desaprovar o time atual tanto quanto meus vizinhos de torcida.

Eu já tinha ido a espetáculos públicos antes, claro; tinha ido ao cinema e a peças de Natal, e visto minha mãe cantar no coral do *White Horse Inn*, no Salão Municipal. Mas aquilo era diferente. As plateias das quais eu havia feito parte até então pagavam o ingresso pra se divertir e, embora aqui e ali se pudesse flagrar uma criança impaciente ou o bocejo de um adulto, nunca antes eu vira rostos como aqueles, contorcidos de ódio, desespero e frustração. O sofrimento como entretenimento era uma ideia completamente nova pra mim, e parecia ser alguma coisa pela qual eu estava esperando.

Talvez não seja exagero dizer que essa é uma ideia que moldou minha vida. Sempre fui acusado de levar a sério demais as coisas que amo — futebol, lógico, mas também livros e discos — e sinto, de fato, uma espécie de ódio quando ouço um disco ruim, ou quando alguém é indiferente a um livro que significa muito pra mim. Talvez tenham sido aqueles caras do Setor Oeste do Highbury, desesperados e amargurados, que me ensinaram a odiar desse jeito; e talvez seja por isso que parte da minha renda venha da atividade de crítico — talvez o que eu ouça, quando escrevo, sejam aquelas vozes. “Você é um MERDA, X!” “O Booker Prize? O BOOKER PRIZE? Deviam era dar um prêmio pra mim, por ser obrigado a ler o que você escreve.”

Aquela única tarde desencadeou todo o resto — não houve flerte prolongado — e vejo, hoje, que a mesma coisa aconteceria se eu fosse a White Hart Lane ou Stamford Bridge, tão arrebatadora foi a experiência daquela primeira vez. Numa tentativa consciente e

desesperada de impedir o inevitável, meu pai rapidamente me levou pra ver o Tottenham. O Jimmy Graves marcou quatro na vitória por 5 a 1 sobre o Sunderland, mas o estrago já estava feito, e os seis gols e todos aqueles grandes jogadores não me comoveram: eu já estava apaixonado pelo time que bateu o Stoke por um único gol, no rebote de um pênalti.

Um Jimmy Husband repetido

Arsenal x West Ham
26/10/68

Na minha terceira ida ao Highbury (um empate sem gols — a essa altura, eu tinha visto meu time marcar três vezes em quatro horas e meia), todas as crianças ganharam de brinde um álbum Astros do Futebol. Cada página do álbum era dedicada a um dos times da primeira divisão e continha catorze ou quinze espaços pras figurinhas autocolantes dos jogadores; também ganhamos um pacotinho de figurinhas pra dar início à coleção.

Essa não é a descrição normal de uma ação promocional, eu sei, mas o álbum acabou por se provar o último e crucial passo num processo de socialização que tinha começado no jogo com o Stoke. Na escola, os benefícios de se gostar de futebol eram simplesmente incalculáveis (ainda que o professor de educação física fosse um galês que, certa vez, fez a memorável tentativa de nos proibir de chutar qualquer bola redonda, mesmo em casa): pelo menos metade da minha turma, e provavelmente um quarto dos professores e funcionários, adorava o jogo.

Não era surpresa que eu fosse o único torcedor do Arsenal no quinto ano. O QPR, time da primeira divisão mais próximo da vizinhança, tinha no elenco Rodney Marsh; o Chelsea contava com Peter Osgood; o Tottenham, com Greaves; o West Ham, com os três heróis da Copa, Hurst, Moore e Peters. O jogador mais conhecido do Arsenal era provavelmente o Ian Ure, famoso apenas por ser tão

inútil que chegava a ser hilário e por suas contribuições à série de tevê *Quiz Ball*. Mas, naqueles primeiros meses de escola impregnados de futebol, não importava que eu estivesse sozinho. Na nossa cidade-dormitório, nenhum clube tinha o monopólio da torcida e, em todo caso, meu novo melhor amigo, torcedor do Derby County como o pai e o tio dele, também era um solitário. O principal era fazer parte daquele credo. Antes da escola, no recreio e no intervalo do almoço, jogávamos futebol nas quadras de tênis com uma bolinha de tênis e, entre uma aula e outra, trocávamos figurinhas dos Astros do Futebol — o Ian Ure pelo Geoff Hurst (incrivelmente as figurinhas dos dois tinham o mesmo valor), o Terry Venables pelo Ian St. John, o Tony Hatelly pelo Andy Lochhead.

E assim a passagem pro ensino médio foi se dando de maneira fácil. Eu era, provavelmente, o menor entre os meninos do quinto ano, mas meu tamanho não tinha importância, embora a amizade com o torcedor do Derby, o mais alto de nós por vários centímetros, viesse bem a calhar; e, ainda que meu desempenho na escola não fosse lá essas coisas (ao final do primeiro ano, entrei pra turma da nota B e ali permaneci ao longo de toda a minha trajetória escolar), não era difícil acompanhar. Até mesmo o fato de eu ser um dos apenas três meninos que ainda usavam short não chegou a ser tão traumático. Desde que o garoto soubesse o nome do técnico do Burnesley, ninguém daria muita bola ao vê-lo, aos onze anos, vestido como um moleque de seis.

Esse padrão se repetiu várias vezes desde então. Os primeiros amigos que fiz na faculdade, e com mais facilidade, eram fãs de futebol; ter a atenção concentrada na quarta capa de um jornal durante o intervalo de almoço do primeiro dia num novo emprego geralmente provoca algum tipo de aproximação. E, sim, tenho consciência da parte ruim dessa maravilhosa ferramenta que os homens têm à mão: eles se tornam reprimidos, fracassam nas suas relações com mulheres, são triviais e chatos quando conversam, descobrem-se incapazes de expressar suas carências emocionais, não conseguem se relacionar bem com os filhos e morrem sozinhos e infelizes. Mas e daí? Se o menino é capaz de ir pra uma escola aonde vai encontrar outros oitocentos garotos, mais velhos, na

maioria, todos eles maiores, sem se sentir intimidado simplesmente porque tem um Jimmy Husband repetido no bolso do casaco, parece um bom negócio ser torcedor.

Don Rogers

*Swindon Town x Arsenal
15/3/69 (em Wembley)*

Meu pai e eu fomos ao Highbury mais uma meia dúzia de vezes naquela temporada e, lá pela metade de março, eu já era mais do que um simples torcedor. Nos dias de jogos, acordava com uma comichão nervosa no estômago, uma sensação que continuaria a se intensificar até que o Arsenal estivesse dois gols à frente, quando eu então começava a relaxar — e só uma vez isso tinha acontecido, na vitória por 3 a 1 sobre o Everton, pouco antes do Natal. Meu mal-estar dos sábados era tal que eu insistia pra já estarmos dentro do estádio logo depois da uma da tarde, duas horas antes do início do jogo; meu pai aguentava essa esquisitice com paciência e bom humor, embora muitas vezes fizesse frio e, das duas e quinze em diante, a comunicação comigo se tornasse impossível, tamanho era meu alheamento.

O nervosismo pré-jogo era sempre o mesmo, independente da importância da partida. Naquela temporada, o Arsenal tinha deixado pra trás qualquer chance de título ali por novembro, um pouco menos precocemente que o normal; mas significava que, no plano mais amplo, pouco interessava se ganhássemos ou não os jogos que eu estava indo ver. Pra mim interessava, porém. Nesses primeiros estágios, minha relação com o Arsenal era de natureza inteiramente pessoal: o time só existia quando eu estava no estádio (não tenho lembrança de ficar especialmente arrasado pelos maus resultados

fora de casa). Na minha cabeça, se a gente ganhasse os jogos a que eu comparecia de 5 a 0 e perdesse todos os outros de 10 a 0, teria sido uma boa temporada, provavelmente digna de uma comemoração com o time viajando pra me visitar em carro aberto pela rodovia M4.

A exceção eram as rodadas da Copa da Inglaterra; essas eu queria que o Arsenal ganhasse, independente da minha presença, mas caímos fora depois de uma derrota por 1 a 0 pro West Brom. (Fui mandado pra cama antes de saber o resultado — a partida estava sendo disputada numa quarta à noite — e minha mãe anotou o placar num pedaço de papel, que colou na minha estante de livros pra que eu visse na manhã seguinte. Fiquei passado: me senti traído pelo que ela tinha escrito. Se me amava, então certamente devia ter colocado ali um resultado melhor do que aquele. E tão doloroso quanto o resultado em si era aquele ponto de exclamação depois dele, como se fosse... ora, uma exclamação. Parecia tão inadequado quanto usar a mesma ênfase pra anunciar a morte de um parente: "A vovó morreu tranquila, dormindo!". Decepções como essa eram totalmente novas pra mim, claro, mas hoje, como qualquer torcedor, já espero que aconteçam. No momento em que escrevo, já passei pelo sofrimento de ser eliminado da Copa da Inglaterra 22 vezes, mas nunca tão intensamente quanto daquela primeira vez.)

Da Copa da Liga eu nunca tinha ouvido falar, principalmente por ser uma competição disputada no meio da semana, o tipo de jogo ao qual eu ainda não tinha autorização pra ir. Mas, quando o Arsenal chegou à final, estava pronto a aceitar aquele título como prêmio de consolação, numa temporada que parecera tão pungentemente pobre, embora tivesse sido bem normal pros padrões daquela década de 60.

De modo que meu pai pagou os olhos da cara por dois ingressos (nunca descobri exatamente quanto, mas depois, com justificada fúria, ele deu a entender que tinham sido muito caros) e num sábado, 15 de março ("CUIDADO COM OS IDOS DE MARÇO", dizia a manchete do suplemento especial em cores do *Evening Standard*), fui pela primeira vez a Wembley.

O Arsenal ia jogar com o Swindon Town, time da terceira divisão, e ninguém parecia ter nenhuma dúvida de que ganharíamos a partida e, portanto, nosso primeiro troféu em dezesseis anos. Eu não tinha tanta certeza. Depois de ter ficado em silêncio o trajeto todo, dentro do carro, perguntei pro meu pai, subindo os degraus na direção do estádio, se ele estava confiante como todo mundo. Tentei fazer a pergunta soar como uma conversa normal — dois caras falando de esporte durante um passeio —, mas não era isso, nem um pouco: o que eu queria, na verdade, era a garantia de um adulto, de um responsável, do meu pai, de que aquilo que eu estava prestes a presenciar não ia me deixar uma cicatriz pra sempre. “Olha só”, eu devia ter dito pra ele, “quando a gente joga em casa, numa partida qualquer do campeonato, fico tão apavorado de perder que não consigo pensar, falar ou mesmo respirar às vezes. Se você acha que o Swindon tem qualquer chance que seja, mesmo uma em um milhão, é melhor me levar pra casa agora, porque acho que não vou conseguir aguentar.”

Se eu tivesse me expressado desse jeito, seria irracional da parte do meu pai entrar no estádio comigo. Mas simplesmente perguntei, num tom de suposta curiosidade desinteressada, quem ele achava que ia ganhar o jogo, e meu pai respondeu que achava que o Arsenal, três ou quatro a zero, a mesma coisa que todo mundo, de modo que consegui a garantia que estava procurando; mas continuava morrendo de medo. Assim como o ponto de exclamação da minha mãe, a jovial confiança do meu pai pareceria, mais tarde, uma traição.

Eu estava tão apavorado que a experiência em Wembley — uma multidão de 100 mil pessoas, o campo imenso, o barulho, a expectativa — passou completamente em branco. Se cheguei a reparar em alguma coisa, foi que aquilo ali não era o Highbury, e essa sensação de estranheza só fez aumentar minha apreensão. Fiquei lá, tremendo, até que o Swindon marcou, pouco antes do intervalo, e o medo se transformou em tormento. O gol foi um dos mais idiotas já sofridos por um time profissional em toda a história: um recuo malfeito (pelo Ian Ure, claro), seguido de um bote errado, seguido de um goleiro (Bob Wilson) que escorrega na lama,

permitindo que a bola cruze devagarinho a linha perto da trave direita. Pela primeira vez, e de repente, me dei conta de quantos torcedores do Swindon havia sentados à nossa volta, com seus terríveis sotaques do oeste, sua absurda euforia inocente, seu delírio incrédulo. Nunca antes eu tinha encontrado torcedores rivais, e os odiei como jamais tinha odiado estranhos.

Faltando um minuto pra acabar o jogo, o Arsenal empatou, um gol inesperado e bizarro, saído de um peixinho depois da bola bater no joelho do goleiro. Tentei não chorar de alívio, mas não consegui; fiquei de pé na minha cadeira e gritava pro meu pai, uma vez e mais outra e mais outra: "Vai dar tudo certo agora, né? A gente vai conseguir!". Ele me deu uns tapinhas nas costas, satisfeito porque alguma coisa parecia se salvar naquela tarde sombria e cara, e me disse que sim, que agora, finalmente, tudo ia dar certo.

Foi a segunda traição do dia. O Swindon marcou mais duas vezes na prorrogação, um dos gols numa jogada confusa de escanteio, o outro, marcado pelo Don Rodgers numa magnífica disparada de mais de cinquenta metros, e aquilo foi demais pra mim. Quando soou o apito final, meu pai me traiu pela terceira vez em menos de três horas: ficou de pé pra aplaudir os extraordinários azarões, enquanto eu fugia em direção à saída.

Quando conseguiu me alcançar, ele estava furioso. Fez um sermão sobre espírito esportivo com grande ênfase (que me importava o espírito esportivo?), me levou pro carro e seguimos pra casa em silêncio. O futebol podia até ter nos proporcionado um novo meio de nos comunicarmos, mas isso não queria dizer que o usássemos, ou que aquilo que resolvêssemos dizer seria necessariamente positivo.

Não lembro como foi o sábado à noite, mas sei que, no domingo, Dia das Mães, preferi ir à igreja do que ficar em casa, com o perigo de acabar ligando a tevê pra assistir os melhores momentos no *The Big Match*, chegando à beira de uma loucura depressiva permanente. E sei também que o padre, na igreja, expressou sua satisfação por ver tanta gente ali, considerando a tentação e a concorrência da Copa da Inglaterra passando na tevê no mesmo horário, e que os amigos e a família me cutucaram, zombeteiros.

Isso, porém, não era nada perto do que eu sabia que ia ter que aguentar na escola, na segunda de manhã.

Meninos de doze anos de idade, permanentemente atentos a oportunidades de humilhar seus pares, não deixariam passar uma assim tão boa. Foi só eu entrar pela porta pra alguém gritar “Ele chegou!”, e fui submergido pelo tumulto de gritos, zombarias e risadas dos meninos, alguns dos quais, reparei com pesar pouco antes de ser jogado no chão, nem gostavam de futebol.

Até podia não ter tido importância ser torcedor do Arsenal no começo daquele ano letivo, mas, quase no final, a coisa ganhara algum significado. O futebol ainda era, em essência, um interesse em comum — nada havia mudado, nesse sentido. Mas, à medida que passavam os meses, nossas posições ficavam mais claras, o que nos deixava mais vulneráveis também. Era algo que poderia facilmente ter sido previsto, acho, mas que, naquela terrível manhã de segunda-feira, foi doloroso mesmo assim. Ali, com a cara no chão da escola, me ocorreu que eu havia cometido um erro grotesco; meu maior desejo era poder voltar no tempo e insistir pro meu pai me levar, não pra ver o Arsenal contra o Stoke, mas pra jantar no restaurante deserto de um hotel, ou ao zoológico. Não queria ter que passar por aquilo uma vez a cada temporada. Queria estar com o resto da turma, massacrando sem dó outro garoto infeliz — um dos nerds ou fracotes ou indianos ou judeus que costumavam ser maltratados. Pela primeira vez na vida eu era o diferente e o solitário, e odiei isso.

Tenho uma foto do jogo seguinte ao daquele sábado trágico da final com o Swindon, uma partida contra o QPR, na casa do adversário. O George Armstrong está se levantando, depois de marcar o gol da vitória naquele 1 a 0; o David Court corre na direção dele, os braços erguidos em triunfo. Ao fundo, dá pra ver alguns torcedores do Arsenal no alto da arquibancada, sua silhueta contra um bloco de apartamentos localizado atrás do campo, e eles também estão socando o ar. Não dava pra entender absolutamente nada daquilo. Como é que aqueles jogadores ainda se importavam,

depois da humilhação que tinham passado (e eu também, claro) sete dias — *sete dias* — antes? Por que algum torcedor que tivesse sofrido em Wembley do jeito que eu sofri comemoraria um gol que não valia nada num jogo valendo coisa nenhuma? Eu costumava ficar olhando pra essa foto durante vários minutos, tentando achar nela, em algum lugar, qualquer vestígio do trauma da semana anterior, alguma pista do sofrimento e do luto, mas nada: parecia que todo mundo já tinha esquecido, menos eu. Na primeira temporada como torcedor do Arsenal, eu havia sido traído pela minha mãe, pelo meu pai, pelos jogadores do time e pelos meus companheiros de torcida.

Inglaterra!

Inglaterra x Escócia
Maio de 1969

Embora a tentação de submergir num banho quente cuja água contivesse a essência do Kenneth Wolstenholme não me abandone jamais, no fundo sei que, no final dos anos 60 e início dos 70, algumas coisas eram melhores e outras piores. A seleção da Inglaterra, claro, era melhor: ainda detentora do título de campeã do mundo, cheia de grandes jogadores, parecia que talvez fosse capaz de repetir a dose na Copa do México, no ano seguinte.

Eu tinha orgulho da Inglaterra, e estava em êxtase porque meu pai ia me levar pra ver a seleção num grande jogo sob os holofotes de Wembley (e voltar ali tão pouco tempo depois da final da Copa da Liga era uma boa terapia, um belo exorcismo dos demônios que, se não fosse assim, teriam me perseguido por anos). E, ainda que sem dúvida o Colin Bell, o Francis Lee e o Bobby Moore fossem melhores do que o Geoff Thomas, o Dennis Wise e o Terry Butcher, não era só a qualidade, comparativamente, do time inglês que me permitia estar seguro. A insegurança só chegou com a idade: lá pelos dezesseis ou dezessete anos, eu já achava que sabia mais que o técnico da seleção.

O senso crítico é um negócio terrível. Quando eu tinha onze anos, não havia filmes ruins, apenas filmes que eu não queria ver; não havia comida ruim, havia comida e outras coisas, como couve-de-bruxelas e repolho; e não havia livros ruins também — tudo o que

eu lia era ótimo. Aí, de repente, ao acordar certa manhã, tudo mudou. Como é que a minha irmã não era capaz de escutar que o David Cassidy não estava na mesma *categoria* do Black Sabbath? *Onde* meu professor de inglês estava com a cabeça pra achar que *A história do sr. Polly* era melhor do que *O caso dos dez negrinhos*, da Agatha Christie? E, daquele momento em diante, curtir alguma coisa se tornou bem mais complicado.

Mas, pra mim, em 1969, jogadores ingleses ruins não existiam. Por que motivo Sir Alf selecionaria alguém que não estivesse à altura da tarefa? Qual seria a lógica disso? Eu tinha plena confiança de que os onze jogadores que destruíram a Escócia naquela noite — Hurst e Peters marcando duas vezes cada um, Colin Stein descontando pros escoceses — eram os melhores do país. (Sir Alf tinha ignorado completamente os jogadores do Arsenal, o que apenas confirmava que sabia o que estava fazendo.) E, também, o fato de não haver futebol ao vivo na tevê significava que muitas vezes não sabíamos quem era bom e quem não era: os melhores momentos só mostravam os gols marcados pelos bons jogadores, e não os perdidos pelos ruins.

No início da década de 70, eu havia me tornado um autêntico inglês — ou seja, odiava o país do mesmo jeito que metade dos meus compatriotas, aparentemente. Desacreditava dos técnicos por sua ignorância, preconceito e medo, certo de que meus convocados acabariam com qualquer outro time do mundo, e tinha profunda antipatia por jogadores do Tottenham, do Leeds, do Liverpool e do Manchester United. Passei a ficar impaciente vendo os jogos da Inglaterra na tevê e sentir, como muitos, que aquilo que eu via não tinha nada a ver comigo; daria na mesma se eu fosse galês, escocês ou holandês. Será que é assim em todo lugar? Sei que, no passado, os italianos recebiam seus jogadores com tomates podres no aeroporto quando retornavam de jogos humilhantes no exterior, mas até esse tipo de envolvimento está além da minha compreensão. “Tomara que se ferrem”, ouvi ingleses dizerem, inúmeras vezes, sobre a seleção. Existirá uma versão italiana ou brasileira ou espanhola dessa frase? Difícil imaginar.

Parte desse ódio pode estar relacionada ao fato de que temos jogadores demais, todos meio indistinguíveis uns dos outros e da massa, em termos de competência; os galeses e os irlandeses têm bem poucas opções na hora de montar um time, e a torcida sabe que os técnicos simplesmente precisam se virar. Em circunstâncias assim, ocasionais desempenhos ruins são inevitáveis e vitórias são pequenos milagres. E tem ainda, claro, a lista de técnicos ingleses que deram a jogadores de verdadeira habilidade e criatividade — Waddle e Gascoigne, Hoddle e Marsh, Currie e Bowles, George e Hudson, jogadores de talento delicado e difícil de domar, mas, ao mesmo tempo, muito mais valiosos do que um bando de corredores — um tratamento que a maioria de nós reservaria a molestadores de crianças. (Que time no mundo prescindiria do Chris Waddle, o cara que, em 1991, passou brincando pela defesa do Milan quantas vezes quis?) E, por fim, havia os torcedores da Inglaterra (os quais serão objeto de extensa análise mais adiante), cujas atividades, nos anos 80, pouco ajudavam na identificação do resto de nós com a seleção.

Quanto à torcida em jogos internacionais, nem sempre foi assim. É impossível não sentir uma leve pontada ao ver, no registro da Copa de 1966, imagens de outros jogos que não os da Inglaterra, por exemplo. Na hoje célebre partida entre Coreia do Norte e Portugal no Goodison Park (em que o desconhecido time asiático marcou 3 a 0 numa das melhores seleções da competição, antes de levar a virada por 5 a 3), dá pra ver a multidão de trinta e tantos mil torcedores, a maioria gente de Liverpool, vibrando loucamente a cada gol de ambos os times. Difícil imaginar o mesmo interesse hoje em dia; mais provável que assistíssemos uns milhares de broncos, de um lado imitando olhos puxados pra provocar os coreanos, do outro fazendo sons de macaco na direção do Eusébio. De modo que, claro, me sinto nostálgico, ainda que sonhando com um tempo que, na verdade, nunca nos pertenceu: como eu disse, algumas coisas eram melhores, outras piores, e o único jeito de entender a própria juventude é aceitar os dois lados da história.

O público, naquela noite, não tinha nenhum daqueles santos do Goodison, mas não era diferente das multidões em que eu estivera no resto da temporada, com exceção de um escocês meio

extravagante e emotivo, sentado na fileira à nossa frente, que mal conseguia se equilibrar no próprio assento durante o primeiro tempo e não voltou pro segundo. E a maioria, ali, *curtiu* o jogo entusiasticamente, como se, por uma noite apenas, o futebol tivesse se tornado mais um dos ramos da indústria do entretenimento. Talvez, assim como eu, o que o pessoal estivesse curtindo era o fato de se ver livre da responsabilidade e do sofrimento que era acompanhar o futebol de clubes: eu queria que a Inglaterra ganhasse, mas não era o *meu* time jogando ali. Pra mim, um menino de doze anos dos Home Counties, que importância teria, afinal de contas, o meu país, se comparado a um time do norte de Londres com sede a uns cinquenta quilômetros de onde eu morava e do qual eu nunca ouvira falar até nove meses antes daquela noite?

Acampando

Arsenal x Everton
7/8/1969

No jogo de estreia da minha primeira temporada completa, eu estava num acampamento de escoteiros no País de Gales. Tinha dito que não queria ir. Nem em épocas melhores eu chegara a ser um escoteiro muito dedicado e, pouco antes de partir pro acampamento, tinha descoberto que meus pais finalmente iam se divorciar. Na verdade, isso não pareceu me perturbar mais do que o normal, pelo menos não conscientemente: afinal, os dois estavam separados já fazia algum tempo, e o processo legal parecia ser a simples confirmação da separação.

No momento em que chegamos ao acampamento, porém, comecei a sentir uma vontade de ir pra casa terrível e opressora. Sabia que ia ser impossível aguentar os dez dias; cada dia começava com uma ligação a cobrar pra minha mãe, durante a qual eu soluçava patética e constrangedoramente. Tinha consciência de que aquele tipo de comportamento era inacreditavelmente fracote e, quando um escoteiro mais velho foi designado pra conversar comigo e descobrir qual era o problema, contei do divórcio com um ímpeto desbragado: foi a única explicação que consegui encontrar que justificasse, de algum jeito, minha atitude de menininha com saudades da mãe e da irmã. Funcionou. Pelo resto das férias, fui tratado com uma compaixão cheia de respeito pelos demais escoteiros.

Funguei e choraminguei a primeira semana toda, mas a coisa não estava melhorando e, no sábado, meu pai foi acionado em sua base nas Midlands e viajou pra me ver. O sábado, claro, era o pior dia de todos. Eu estava enfiado em algum campo idiota do País de Gales na hora do primeiro jogo em casa da temporada, e minha sensação de deslocamento se tornou ainda mais aguda.

Tinha sentido a ausência do futebol nos meses anteriores. O verão de 1969 foi o primeiro da minha vida em que alguma coisa parecia estar faltando. Meu pai e eu tínhamos de nos haver com problemas anteriores à era Arsenal; as páginas de esporte não despertavam mais meu interesse (naquela época, antes do Paul John Gaiscogne, antes desses torneios de pré-temporada cínicos e sem sentido, os quais, bem ou mal, são uma alternativa artificial às competições de verdade, ainda por começar, antes do ridículo frenesi do mercado de transferências dos dias atuais, os jornais passavam semanas e mais semanas sem mencionar futebol); e não deixavam a gente entrar nas quadras de tênis da escola pra bater uma bolinha. Até então, tinha desejado muito e festejado a chegada dos verões, mas aquele significara a ruptura de tantas rotinas com as quais eu agora contava que pareceu mais uma prisão do que a liberdade — como se julho e novembro tivessem trocado de lugar.

Meu pai chegou ao acampamento no meio da tarde. Caminhamos até uma pedra nos limites do descampado e sentamos; ele falou sobre o divórcio, disse que ia fazer muito pouca diferença nas nossas vidas e que poderíamos ir ao Highbury com muito mais frequência naquela temporada. Eu sabia que tinha razão sobre o divórcio (embora admitir isso fosse tornar desnecessária a viagem de quase quatrocentos quilômetros que ele acabara de fazer), mas a promessa quanto ao futebol parecia vazia. Senão, por que estávamos sentados numa pedra no País de Gales enquanto o Arsenal jogava com o Everton? Muito antes disso minha autopiedade já havia me derrotado. Estava mesmo disposto a ligar aquilo tudo — comida horrível, caminhadas dignas de pesadelo, barracas apertadas e desconfortáveis, aqueles buracos nojentos e cheios de moscas onde queriam que a gente fizesse cocô e, o pior de tudo, dois lugares vazios no Setor Oeste — ao fato de eu ser filho de pais

separados, produto de um lar desfeito; na verdade, só estava num acampamento, perdido no País de Gales, porque tinha entrado pros escoteiros. Não era a primeira vez na minha vida, e certamente não seria a última, que uma melancolia cheia de razão dispensava qualquer coisa que se parecesse com pensamento lógico.

Pouco antes das cinco, voltamos à minha barraca pra ouvir os resultados. Ambos sabíamos que, em grande medida, o sucesso do meu pai naquela missão dependia não da capacidade dele de me reconfortar ou convencer a ficar, mas das notícias vindas do norte de Londres, e acho que ele estava rezando ainda mais intensamente que o normal por aquela vitória em casa. E, também, nos últimos minutos eu nem estava mais ouvindo o que ele dizia. Meu pai sentou no saco de dormir de outro menino, uma figura deslocada em seu figurino imaculado de jovem executivo dos anos 60, e sintonizamos a Radio 2. A música-tema do *Sports Report* me fez voltar a lacrimejar (num mundo diferente e melhor, estaríamos ouvindo aquilo sentados no banco de couro quente do carro da firma que meu pai usava, tentando avançar no meio do engarrafamento enquanto cantarolávamos a musiquinha); terminada a abertura, o James Alexander Gordon anunciou a derrota por 1 a 0. Meu pai se largou na lona da barraca, cansado, sabendo que tinha desperdiçado seu tempo, e voltei pra casa na tarde seguinte.

A chatice sem fim do Arsenal

Arsenal x Newcastle
27/12/69

“Todos aqueles tenebrosos empates sem gols com o Newcastle”, meu pai se queixaria nos anos seguintes. “Todas aquelas tardes chatas e congelantes de sábado.” Na verdade foram apenas dois os empates tenebrosos em 0 a 0 com o Newcastle, mas aconteceram nas minhas duas primeiras temporadas no Highbury, de modo que eu sabia do que ele estava falando e me sentia pessoalmente responsável.

A essa altura, já me culpava por ter enfiado meu pai naquilo. Ele não desenvolvera um afeto real pelo clube, e acho que teria preferido me levar a qualquer outro estádio da primeira divisão. Minha consciência disso era plena, o que fez surgir uma nova fonte de desconforto: enquanto o Arsenal seguia aos trancos e barrancos, com vitórias de 1 a 0 e empates sem gols, eu me contorcia de constrangimento, só esperando que meu pai expressasse sua insatisfação. Tinha descoberto, depois do jogo com o Swindon, que lealdade, ao menos em termos futebolísticos, não era uma escolha moral, como a coragem ou a bondade; parecia mais com uma verruga ou um caroço na pele, algo com que a pessoa acaba tendo que conviver. Casamentos nem de longe são tão rígidos — ninguém nunca viu um torcedor do Arsenal dando uma escapada até o campo do Tottenham pra uma puladinha de cerca; e, embora o divórcio seja uma alternativa (sempre é possível parar totalmente de ir aos jogos,

se as coisas ficarem muito ruins), um novo casamento está fora de questão. Muitas vezes, nesses últimos 23 anos, vasculhei as letrinhas miúdas do contrato procurando uma saída, mas não havia uma. Cada derrota humilhante (Swindon, Tranmere, York, Walsall, Rotherham, Wrexham) deve ser suportada com paciência, fortaleza e abnegação; não há nada que se possa fazer, simplesmente, e perceber isso pode causar contorções de frustração.

Claro que eu odiava o fato do Arsenal ser um time chato (a essa altura, já admitia que, particularmente numa fase como aquela da história do clube, tal reputação era bem merecida). Claro que eu queria que a gente marcasse zilhões de gols e jogasse com a eloquência e a vibração de onze George Bests, mas isso não ia acontecer, certamente não num futuro próximo. Não tinha condições de defender, perante meu pai, a inadequação do time — eu mesmo conseguia enxergá-la e a odiava — e, depois de cada um daqueles pífios chutes a gol, de cada um dos passes errados, eu já me preparava pra ouvir as bufadas e os gemidos ao meu lado. Eu estava acorrentado ao Arsenal e meu pai a mim, e não havia saída pra nenhum de nós dois.

Pelé

*Brasil x Tchecoslováquia
Junho de 1970*

Até 1970, pessoas da minha idade e até alguns anos mais velhas sabiam mais sobre o Ian Ure do que sobre o maior jogador do mundo. Sabíamos que, supostamente, ele era muito eficaz, mas tínhamos visto poucas provas disso: ele fora literalmente chutado do Mundial de 1966 pelos portugueses, mas em nenhum momento esteve totalmente em forma, de qualquer modo, e ninguém que eu conhecia lembrava muita coisa da Copa do Chile, em 1962. Seis anos depois do Marshall McLuhan ter publicado *Os meios de comunicação como extensões do homem*, uns bons três quartos da população da Inglaterra tinha do Pelé uma imagem tão clara quanto aquela que, um século e meio antes, tivéramos de Napoleão.

A Copa do México, em 1970, iniciou toda uma nova fase no consumo do futebol. O esporte desde sempre havia sido um fenômeno global, no sentido de que o mundo inteiro o via e o praticava; mas, em 1962, quando o Brasil ganhou a Copa, a televisão ainda era mais luxo que necessidade (e, além disso, a tecnologia pra transmissão ao vivo ainda não existia na Copa do Chile), e em 1966 os sul-americanos não fizeram boas apresentações. O Brasil foi eliminado antes da fase de mata-mata; a Argentina passou despercebida até cair diante da Inglaterra nas quartas de final, quando o capitão deles, Rattin, foi expulso, mas se recusou a sair do campo, e Sir Alf chamou os argentinos de animais.

O único outro sul-americano entre os oito finalistas, o Uruguai, levou uma lavada de 4 a 1 da Alemanha. A Copa de 1970 foi, de fato, o primeiro grande confronto entre Europa e América do Sul que o mundo teve chance de testemunhar. Quando a Tchecoslováquia abriu o placar no jogo de estreia dos brasileiros, David Coleman comentou que “tudo que sempre ouvimos falar deles está se confirmando”; ele se referia à defesa fraca do Brasil, mas aquelas eram as palavras de um homem tentando apresentar uma cultura a outra.

Nos oitenta minutos seguintes, tudo mais que tínhamos ouvido falar deles também se confirmou. Empataram numa falta cobrada pelo Rivelino, a bola em curva, girando e caindo no ar rarefeito do México (eu já tinha visto alguma vez um gol marcado numa cobrança direta de falta? Não consigo me lembrar de nenhum), e viraram 2 a 1 com Pelé matando no peito um lançamento longo e metendo um voleio no canto. Ganharam de 4 a 1 e nós, das proximidades do Meridiano de Greenwich, o pequeno mas importante centro da aldeia global, ficamos devidamente impressionados.

Não era só a qualidade do jogo, porém; era o fato de que eles consideravam que engenhosidade e beleza desconcertante eram tão necessários e úteis quanto bater escanteio ou lateral. A única comparação que eu podia fazer, àquela altura da vida, era com carrinhos de Matchbox: adorava o Rolls-Royce cor-de-rosa da Penélope Charmosa e o Aston Martin do James Bond, ambos equipados com traquitanas sofisticadas, como assentos ejetáveis e armas camufladas que os diferenciavam dos carrinhos normais e sem graça. A tentativa do Pelé de marcar por cobertura do meio do campo, como enganou o goleiro uruguaio, saindo por um lado enquanto a bola ia pelo outro... eram equivalentes, no futebol, a assentos ejetáveis, e faziam todo o resto parecer o mais ordinário dos modelos de Matchbox. Até o jeito brasileiro de comemorar os gols — corridinha, salto, soco no ar, corridinha, salto, soco no ar — era diferente e divertido e de dar inveja, tudo isso ao mesmo tempo.

O mais estranho foi que nada disso teve muita importância, porque a Inglaterra estava à altura. A derrota pro Brasil por 1 a 0,

na segunda rodada, foi falta de sorte; e, num campeonato que proporcionou dezenas de superlativos — a melhor seleção de todos os tempos, o maior jogador da história, os dois gols mais feitos perdidos (ambos pelo Pelé) —, ainda conseguimos emplacar um ou dois deles, a melhor defesa de um goleiro (Banks na cabeçada do Pelé, claro) e o mais perfeito desarme da história (Moore sobre Jairzinho). É significativo que nossa contribuição pra um evento tão excepcional tenha sido pela excelência na defesa, mas não faz mal — durante noventa minutos, a Inglaterra fez frente ao melhor time do mundo. Chorei depois do jogo, ainda assim (basicamente porque tinha entendido mal as regras do torneio — pensei que estávamos fora, e minha mãe precisou me explicar as particularidades do sistema de grupos).

De certo modo, o Brasil estragou tudo pra todos nós. Tinha revelado, ali, uma espécie de ideal platônico que ninguém, nem o próprio Brasil, jamais seria capaz de atingir outra vez; Pelé se aposentou e, nas cinco Copas seguintes, os brasileiros só conseguiram mostrar rápidos vislumbres do futebol com assento ejetável, como se 1970 fosse um sonho estrelado por eles mesmos e que só lembravam pela metade. Na escola, só nos restava colecionar as moedas da Copa da Esso e tentar executar alguns novos truques legais no campo; mas não chegávamos nem perto de conseguir e desistimos.

Apanhando

Arsenal x Derby
31/10/70

Em 1970, meu pai tinha mudado de país e surgia uma nova rotina em relação ao Arsenal, uma rotina que não dependia mais das visitas pouco frequentes dele. Fui apresentado pelo irmão do meu colega de classe Sapo a outro torcedor, mais velho, conhecido como Rato, e agora nós dois íamos ao Highbury juntos. As primeiras três partidas que vimos foram sucessos espetaculares: 6 a 2 no West Brom, 4 a 0 no Forest e 4 a 0 no Everton. Foram três jogos seguidos de um outono dourado.

É uma coisa idiota e imperdoavelmente antiquada ficar fazendo comparações de preços com 1970, mas faço mesmo assim: uma passagem de ida e volta até Paddington custava trinta pence pra menores; uma ida e volta de metrô até o estádio, dez pence; e o ingresso do jogo, quinze pence (25 pra adultos). Mesmo comprando o programa oficial, era possível viajar quase cinquenta quilômetros e assistir uma partida da primeira divisão por menos de sessenta pence.

(Talvez haja uma razão pra esse exercício banal, no fim das contas. Hoje, quando vou visitar minha mãe, gasto 2,70 libras numa passagem de ida e volta de trem, dez vezes o que era o preço da tarifa adulta em 1970; mas o preço do ingresso de arquibancada na temporada 91/92 é de oito libras, 32 vezes o ingresso daquela época. Pela primeira vez na história é mais barato ir ao West End ver

o novo filme do Woody Allen ou do Arnold Schwarzenegger — sentado num lugar marcado — do que ver de pé o Barnsley jogar por um empate em 0 a 0 na Rumbelows Cup, no Highbury. Se eu fosse vinte anos mais novo, não continuaria a ser torcedor do Arsenal daqui a outros vinte anos: pra maioria dos garotos, é impossível arranjar dez ou quinze libras sábado sim, sábado não, e se, no início da adolescência, eu não tivesse tido a chance de frequentar o estádio regularmente, é improvável que meu interesse se prolongasse muito.)

O esplendor *art déco* do Setor Oeste não era mais possível sem o patrocínio do meu pai, de modo que o Rato e eu ficávamos no Cercadinho dos Mascotes, tendo que espiar o jogo por entre as pernas dos bandeirinhas. Naquela época, o clube desaprovava propaganda nas laterais do campo e DJ no pré-jogo, então não tínhamos nenhuma das duas coisas; os torcedores do Chelsea talvez estivessem ouvindo Beatles e Rolling Stones, mas no Highbury, nos intervalos dos jogos, a diversão ficava a cargo da Banda da Polícia Metropolitana, com seu vocalista, o oficial Alex Morgan. O oficial Morgan (que jamais subiu na hierarquia ao longo de toda a carreira no Highbury) cantava alguns trechos conhecidos de operetas populares e musicais hollywoodianos: meu programa do jogo com o Derby informa que cantou “Girls Were Made To Love and Kiss”, do Lehárs, naquela tarde.

Era um ritual bizarro. Pouco antes do reinício da partida, o oficial lançava uma nota extraordinariamente aguda e a sustentava, no ápice de seu desempenho: nas cadeiras inferiores do Setor Leste, bem atrás dele, a torcida ficava toda de pé, enquanto o pessoal do Setor Norte tentava anular o agudo com assobios e cantoria. Cercadinho dos Mascotes é o tipo do nome antiquado que só o Arsenal, com sua falsa ópera, seu presidente egresso de Eton e seu passado pesado e incapacitante, seria capaz de inventar, sugerindo que ali era um porto seguro pras historinhas de Jennings e Darbshire, ou pro William Brown, desde que se comportasse direito: boinas tortas na cabeça e paletós sujos, abotoaduras nos bolsos e geladinhos pra tomar — na verdade, o lugar ideal da cidade grande

pra que dois meninos dos subúrbios, em idade escolar apreciassem o Esporte das Multidões.

A realidade do Cercadinho não era bem essa em 1970, quando, nas arquibancadas, começavam a aparecer os primeiros cortes de máquina um e botinas Doc Martens. Aquele canto estreito de arquibancada era, na verdade, um criadouro de futuros hooligans, garotos durões de Finsbury Park e Holloway que eram muito pequenos ou muito pobres pra estar no Setor Norte, onde ficavam seus irmãos mais velhos. O Rato e eu não reparamos neles nas primeiras semanas; afinal, éramos todos torcedores do Arsenal, torcendo juntos, que razão haveria pra se preocupar? Mas alguma coisa nos separava. Não era nosso sotaque — ninguém ali falava com particular correção. Talvez fossem nossas roupas, nossos cortes de cabelo, nossos cachecóis limpos e colocados com esmero, nosso escrutínio entusiasmado, antes do início do jogo, do programa oficial, que mantínhamos oculto num bolso interno ou numa sacola.

Sáímos alguns minutos antes do final do jogo contra o Derby, com o Arsenal ganhando de 2 a 0 (Kelly e Radford, um em cada tempo). Dois garotos negros (negros! Cacete!), talvez da nossa idade, mas metros mais altos do que nós e vindos de outro planeta — do planeta Vida Real, do planeta Escola de Bairro, do planeta Periferia — nos deram encontrões quando passávamos; meu coração parou e me mandei pra saída. Eles vieram atrás. Passamos a andar um pouco mais rápido, ansiosos pra chegar logo ao labirinto de vielas e catracas que levava pra fora do estádio. Eu sabia que, ali, os garotos não nos perturbariam, no meio da multidão de adultos que transbordava do campo pra rua.

Aquele monte de gente em torno não pareceu intimidá-los nem um pouquinho, porém. Sáímos correndo na direção da estação de metrô; eles atrás. O Rato conseguiu escapar, mas me pegaram, me empurraram contra um dos muros do estádio e me acertaram uns sopapos na cara; aí roubaram meu cachecol vermelho e branco e me largaram todo estropiado e traumatizado na calçada. As pessoas — adultos com caras reconfortantes de pais — passavam por cima de mim ou contornavam meu corpo, o que eu mesmo tantas vezes tinha feito quando me deparava com vítimas de brigas na saída do

estádio. Já apanhara muito mais feio na escola (além de pequeno, eu era um menino atrevido, uma combinação particularmente infeliz), mas em geral de gente que eu conhecia, e isso tornava a situação, por algum motivo, aceitável. Agora era diferente. Era muito mais assustador: eu não entendia quais eram os limites — tivera sorte ou azar? — e, embora soubesse que era suficientemente obcecado pelo time a ponto de voltar e assistir o próximo jogo no lugar de sempre, a perspectiva de, a cada quinzena, às vinte pras cinco da tarde, tomar uns sopapos era sombria.

Não acho, de verdade, que eu tivesse consciência do que era classe, àquela altura. Alguns anos mais tarde, quando descobri a política, teria achado que merecia mesmo um murro por ser um indivíduo do sexo masculino da classe média privilegiada — no final da minha adolescência, quando nossa principal fonte de ideologia era o primeiro disco do Clash, eu mesmo teria me acertado o murro —, mas, naquele momento, só senti decepção e vergonha profundas. Decepção porque, finalmente, tinha começado a desconfiar que algumas pessoas não vão a um jogo de futebol pelas Boas Razões (devoção ao Arsenal ou certa atração por jogadas brilhantes pelos lados); vergonha porque, apesar do meu tamanho e da minha idade, ainda assim eu era um homem, e alguma coisa nos homens, alguma coisa idiota e antiquada, mas ainda assim poderosa, simplesmente os impede de tolerar qualquer sinal que possa ser interpretado como fraqueza. (A versão acima dos acontecimentos daquela tarde é arquetipicamente masculina: eram *dois* contra mim; eu era *pequeninho*, eles, *gigantes*; e por aí vai. Posso muito bem ter sido atacado por um moleque de sete anos de idade, cego e com um braço só, mas minha memória me protegeu devidamente de qualquer suspeita de que me comportei como um bunda-mole.)

O pior de tudo talvez tenha sido não poder desabafar com a minha mãe sobre a experiência. Se contasse pra ela, seria proibido de ir ao campo sem a companhia do meu pai pelos anos seguintes; de modo que fiquei quieto, confessei ter esquecido o cachecol —

presente da minha avó — no metrô, aguentei queixas sem fim sobre ter sido descuidado e irresponsável e, naquele sábado, fiquei de castigo, sem minha costumeira ida à lanchonete. Quaisquer teorias sobre a brutal experiência dos menos favorecidos numa grande cidade seriam inócuas, naquela noite; só me interessava a brutalidade que sofriam os caras dos subúrbios, pra mim a mais cruel que podia existir.

Tá me vendo na tevê?

*Southampton x Arsenal
10/4/71*

Férias em Bournemouth, onde minhas avós moravam, e muito convenientemente o Arsenal vai fazer um jogo fora com o Southampton. Então compro uma passagem de ônibus, viajo ao longo do litoral e me esgueiro no meio da multidão que lota o Dell até a ponta mais distante da arquibancada; no dia seguinte, quando a tevê regional mostra os melhores momentos da partida, lá estou eu, no canto esquerdo inferior da tela toda vez que um escanteio é batido (o McLintock marcou num deles o gol da vitória por 2 a 1): um moleque sério, a sete dias do aniversário de catorze anos, sem dúvida na pré-adolescência... mas não estou acenando nem encarando a câmera nem empurrando o menino ao meu lado; estou lá, parado, um ponto imóvel cercado daquela hiperatividade juvenil à minha volta.

Por que eu estava tão sério? Em qualquer outro lugar eu era uma *criança*: em casa; na escola, onde ainda tinha ataques crônicos de riso até praticamente a véspera de ir pra faculdade; com os amigos, um ou dois dos quais agora tinham namoradas, algo tão hilário que a gente quase chegava a morrer de rir, e tinha que segurar a barriga. (Simbolicamente, o apelido de um deles foi mudado. O Larry, que era chamado assim por causa da semelhança física e de estilo com o Larry Lloyd, zagueiro central do Liverpool, virou Caz, pelo interesse que passou a ter em comum com Casanova, o

goleador italiano. A gente se deliciava com todo esse senso de humor.) Mas, quando assistia o Arsenal, não acho que eu tenha sido capaz de relaxar a ponto de rir até os meus vinte e tantos anos; se a câmara tivesse me flagrado ali, junto à marca de escanteio, em qualquer momento entre 1968 e 1981, minha expressão seria a mesma.

A verdade pura e simples é que obsessões não têm graça nenhuma e obsessivos não riem. Mas há uma verdade mais complicada aqui também: penso que eu não era muito feliz, e o problema com um menino de treze anos depressivo é que, quando tudo mais na vida é tão divertido, e invariavelmente é esse o caso, não sobra um contexto apropriado à melancolia. Como expressar essa infelicidade quando o pessoal fica o tempo todo te fazendo *rachar o bico*? Nos jogos do Arsenal, porém, não tinha nada disso — não pra mim, pelo menos. E, ainda que eu tivesse amigos que gostariam de ir às partidas comigo, logo me tornei, significativamente, um torcedor solitário: na temporada seguinte, assisti uns 25 jogos, dezessete ou dezoito deles sozinho. Simplesmente não queria me divertir com futebol. Já me divertia em todos os outros lugares e estava cheio disso. O que eu precisava mais do que tudo era de um lugar onde essa infelicidade difusa pudesse vicejar, onde eu pudesse ficar imóvel, preocupado e taciturno; eu tinha lá minhas tristezas e, quando via meu time jogar, conseguia desenterrá-las e deixá-las respirar um pouco.

Como ganhei a dobradinha

Arsenal x Newcastle
17/4/71

Em pouco mais de um ano, as coisas haviam mudado. O time continuava se ressentindo da falta de astros no elenco e jogando sem eloquência, mas de repente ficou muito difícil ganhar da gente. Em 1970, aqueles sombrios dezessete anos perseguindo um título finalmente chegaram ao fim, quando o Arsenal conquistou a European Fairs Cup — e, incrivelmente, com algum estilo. Depois de atropelar o Ajax de Cruyff e companhia na semifinal, viramos a final, fazendo 4 a 3 no placar final pra cima do Anderlecht, da Bélgica. Ganhamos o jogo de volta por 3 a 0 no Highbury, e homens-feitos dançaram no gramado e choraram com o alívio que foi aquilo. Eu não estava lá. Não me deixaram ir sozinho a um jogo no meio da semana, porque eu tinha aula no dia seguinte.

O ano de 1971 foi nosso *annus mirabilis*. Ganhamos a Liga e a Copa da Inglaterra na mesma temporada, a célebre dobradinha que apenas três times conquistaram no século xx. E as duas coisas na mesma semana, na verdade: na segunda à noite, a Liga, na casa do Tottenham, e a Copa no sábado, contra o Liverpool, em Wembley. Eu não estava lá. Não fui à partida com o Tottenham porque, de novo, não me deixaram ir sozinho a um jogo no meio da semana; não fui a Wembley porque meu pai não conseguiu os ingressos, apesar das promessas que fez, e sim, vinte anos depois, ainda fico ressentido.

De modo que não participei de nada. (Nem do desfile pelas ruas de Islington no domingo após a final da Copa. Tive que ir visitar minha tia Vi em Dulwich.) Perdi a coisa toda. E, como este livro é sobre o consumo do futebol, mais do que sobre o futebol em si, o ano da dobradinha — a melhor temporada do Arsenal no século — não tem muito lugar nesta história, na verdade. Que beleza, não? Claro, joguei o rádio na parede do meu quarto, em júbilo, quando soou o apito final no campo do Tottenham; literalmente pirei quando o Charlie George marcou o gol da vitória na final da Copa da Inglaterra e caí deitado de costas, os braços esticados; andei pra cima e pra baixo pela escola, tentando descobrir maneiras de humilhar meus colegas como eles tinham me humilhado dois anos antes, e acabei optando por um sorriso beatífico que tanto os professores quanto os outros meninos entenderam. Do ponto de vista deles, o Arsenal ali era *eu*, e, portanto, eu tinha direito àquele êxtase triunfante.

Mas eu não pensava assim, na verdade. Participara do sofrimento contra o Swindon, mas não, pelo menos não na mesma medida, do triunfo da dobradinha, a menos que entrassem na conta a dúzia, mais ou menos, de jogos do campeonato a que compareci, o casaco da escola sob o peso de uma lapela abarrotada de broches do time e um quarto com as paredes cobertas de pôsteres de revistas. Os outros, que conseguiram ingressos pra final da Copa e esperaram cinco horas na fila pra entrar no campo do Tottenham, esses têm mais a dizer sobre a dobradinha do que eu.

Hoje tento me apegar ao fato de que, algumas semanas antes, às vésperas de todas essas glórias, eu estava no centro do drama da dobradinha. No meu aniversário, meu pai e eu fomos ver Arsenal e Newcastle (mais um jogo terrível); sentei ali agarrado ao rádio que ele tinha me dado (na verdade, o mesmo que arrebentei contra a parede em 3 de maio), um aparelho portátil pras tardes de sábado. O Leeds liderava a primeira divisão e, naquele dia, jogava em casa contra o West Brom, quinto pior time na tabela e sem nenhuma vitória fora de casa na temporada inteira. Existia, naquela época, uma tirinha chamada “Billy’s Boots”, sobre um garoto cujas botas mágicas o transformavam de medíocre em superstar; de repente

parecia que eu estava de posse de um rádio que fazia os resultados do mais imprestável dos times virarem vitórias. Foi só eu ligar o aparelhinho, logo depois de iniciado o segundo tempo, e o West Brom marcou; liguei outra vez, de novo eles marcaram. O alto-falante do Highbury anunciou o novo placar e a multidão foi à loucura; o Charlie George fez o único gol daquela partida e o Arsenal alcançou o topo da tabela pela primeira vez na temporada.

O presente que ganhei naquela tarde não tinha preço, era como se fosse a paz mundial ou o fim da pobreza no Terceiro Mundo, algo que não se podia comprar nem por 1 milhão de libras — a menos que meu pai tivesse comprado o juiz em Leeds por 1 milhão de libras, a única explicação possível pra algumas das decisões que aquele árbitro tomou no jogo. Um dos gols do West Brom, era consenso, tinha sido marcado com o jogador algumas centenas de metros em impedimento, o que provocou uma invasão de campo, com o resultado de que o Leeds perdeu o mando de campo nas primeiras partidas da temporada seguinte. “A torcida perdeu a cabeça, e com todo direito”, o Barry Davies comentou, memoravelmente, no *Match of the Day* daquela noite; era uma época em que o pessoal da tevê apoiava ativamente essas revoltas, em vez de encher a boca pra pedir a volta do serviço militar obrigatório. Se você molhou mesmo a mão daquele juiz, pai, obrigado. Brilhante ideia. Será que o Leeds teria perdido em casa pro West Brom se não fosse o dia do meu aniversário? Será que nosso jogo em casa não terminaria num 0 a 0, como sempre acontecera com Arsenal e Newcastle até então? E será que, no fim, teríamos levado aquele campeonato? Duvido muito.

Outra cidade

*Chelsea x Tottenham
Janeiro de 1972*

É preciso dizer que, na verdade, se eu era um torcedor do Arsenal por natureza — quase sempre sério, na defensiva, pronto pra discutir, reprimido —, meu pai se sentia em casa em Stamford Bridge. O Chelsea era extravagante, imprevisível e, verdade seja dita também, o menos confiável dos times; meu pai tinha uma queda por camisas rosa e gravatas espalhafatosas e, moralista sisudo do jeito que eu era, acho que sentia que ele podia ser um pouco menos instável. (A paternidade, diria o George Graham, é uma maratona, não os cem metros rasos.) Qualquer que seja o motivo, era óbvio que meu pai gostava mais de ir assistir o Chelsea do que das nossas idas ao Highbury, e era fácil perceber por quê. Certa vez topamos com o Tommy Steele (ou talvez fosse o John Alderton) saindo do banheiro masculino no Setor Norte do estádio do Chelsea e, antes dos jogos ali, almoçávamos num dos restaurantes italianos da King's Road. Noutra ocasião, fomos dar uma olhada na loja do Chelsea, onde comprei o segundo disco do Led Zeppelin, e farejei desconfiado a fumaça de cigarro no ar. (Eu era uma mente tão literal quanto a de qualquer zagueiro central do Arsenal.)

O Chelsea tinha o Osgood, o Cooke e o Hudson, puro brilho e talento, e o tipo de futebol que jogavam era espantosamente diferente do que jogava o Arsenal (essa semifinal de Copa da Liga com o Tottenham, um dos melhores jogos que vi na vida, terminou

em 2 a 2). Mas, o que era mais importante, Stamford Bridge e arredores me apresentavam a uma versão diferente, mas ainda assim familiar, de Londres: familiar porque o garoto de subúrbio de classe média sempre soube dela. Ali não era tão diferente dos lugares que conhecíamos das nossas idas a peças natalinas, cinemas e museus, uma cidade movimentada, grande, iluminada, Londres de posse da consciência suprema de ser o centro do mundo; e as pessoas que eu via em Chelsea, naquele tempo, eram gente que sabia que ocupava o centro do mundo. O futebol era o jogo da moda, e o Chelsea, o time da moda; os modelos, atores e jovens executivos que saudavam os Blues eram bonitos de ver e tornavam o estádio (ao menos a numerada) um lugar magnificamente exótico.

Mas não era aquilo que eu procurava no futebol. O Arsenal e sua vizinhança eram, pra mim, muito mais exóticos do que qualquer outra coisa que eu jamais veria na King's Road, com sua elegância antiquada e chata; o futebol tinha me fisgado porque nele eu encontrara *o outro*. Aquelas ruas todas de casinhas, no entorno de Highbury e Finsbury Park, aqueles vendedores de carros todos, ressentidos e ainda assim leais ao time... aquilo é que era exotismo *de verdade*; a Londres que um colegial do Vale do Tâmesa nunca veria por si mesmo, não importava quantas vezes fosse ao cinema Casino assistir filmes em Cinerama. A gente queria coisas diversas, meu pai e eu. Justo quando ele começava a desejar ser parte do que o Chelsea significava (e justo quando, pela primeira vez na vida, tinha condições de pagar por isso), eu queria tomar o rumo oposto o mais depressa que pudesse.

Garoto de Islington

Reading x Arsenal
5/2/72

O inglês e a inglesa brancos de classe média do sul da Inglaterra são as criaturas mais desenraizadas do planeta; poderíamos pertencer a qualquer outra comunidade no mundo. Os habitantes dos condados de Yorkshire e Lancashire, os escoceses, os irlandeses, os negros, os ricos, os pobres, até os americanos e os australianos têm algo que os faça sentar num bar ou num pub e chorar, canções pra entoar, coisas às quais se apegar quando sentem que precisam, mas nós não temos nada, ou ao menos nada que a gente queira. Daí o fenômeno do falso pertencimento, em que passados e origens são fabricados e moldados de forma a proporcionar algum tipo de identidade cultural aceitável. Quem era mesmo que cantava "I Wanna Be Black"? O título da música diz tudo, e todo mundo conheceu alguém que realmente se esforçava pra ser outra coisa: em meados dos anos 70, jovens brancos de Londres, homens e mulheres, no restante muito autoconscientes e inteligentes, passaram a adotar um *patois* jamaicano que, francamente, não combinava. Queríamos tanto ter saído de algum bairro popular de Chicago, dos guetos de Kingston, das cruéis ruas do norte de Londres ou de Glasgow! Aqueles punks todos ignorando os agás e engolindo as vogais, e todos educados em boas escolas! Aquelas garotas todas de Hampshire com avós em Liverpool ou Birmingham! Todos aqueles fãs dos Pogues, gente de Hertfordshire cantando

canções irlandesas sobre rebeldia! E os europeístas todos que, embora fossem visitar a mãe em Reigate, afirmavam que seu coração estava em Roma!

No momento em que tive idade pra compreender o que é ser suburbano, já desejava ter origens em outro lugar, preferencialmente o norte de Londres. Passei a ignorar todos os agás possíveis — os únicos que ainda sobraram estão entranhados demais nos artigos definidos pra serem arrancados da minha pronúncia — e uso as conjugações do plural com o sujeito no singular sempre que possível. Foi um processo que se iniciou logo depois das minhas primeiras idas ao Highbury, continuou durante meus anos de colegial suburbano e ganhou proporções alarmantes assim que cheguei à universidade. Por outro lado, minha irmã, que também tem problemas com suas raízes suburbanas, seguiu na direção oposta quando foi pra faculdade e passou, de repente, a falar como a Duquesa de Devonshire; quando cada um apresentou o outro a seu respectivo grupo de amigos, o pessoal ficou perplexo com a experiência. Qual dos dois, eles deviam estar se perguntando, é adotado? Ela é quem tinha ido parar na miséria, ou a sorte grande tinha batido à minha porta? Nossa mãe, nascida e criada no sudeste de Londres, mas moradora dos Home Counties há quase quarenta anos, tem um sotaque exatamente intermediário.

De certo modo, não é culpa nossa, falsos *cockneys*, irlandeses de araque, negros por opção ou falsos nobres. Com o Ato Educacional de 1944, o primeiro governo trabalhista, Elvis, os *beatniks*, os Beatles e os Stones, os anos 60... sem chance pra nós, suburbanos. Pra mim a culpa é dos exames de admissão ao ginásio. Antes da guerra, talvez nossos pais tivessem dado um jeito de arranjar dinheiro pra nos mandar estudar em escolas de menor prestígio, onde teríamos uma formação clássica meia-boca, ao alcance de famílias remediadas, e dali seguiríamos pra nossos empregos no banco; os exames de admissão, criados no espírito da meritocracia, tornaram as escolas públicas novamente um lugar seguro pras famílias decentes. Os meninos e as meninas dessas escolas do pós-guerra caíram num vazio; parecíamos não pertencer a nenhuma das culturas disponíveis, e era preciso rapidamente pinçar uma pra si.

Além do mais, o que era a cultura suburbana da classe média inglesa no pós-guerra? Jeffrey Archer e *Evita*, Flanders e Swann, os Goons, Adrian Mole e os filmes da Merchant-Ivory, *Francis Durbridge Presents* na tevê... e os passos idiotas do John Cleese? Não admira que todos quiséssemos ser o Muddy Waters ou o Charlie George.

Na partida entre Reading e Arsenal pela quarta rodada da Copa da Inglaterra de 1972, tive a primeira e mais dolorosa experiência desse descompasso. O Reading era o clube que ficava mais perto de casa, um infeliz acidente geográfico que eu daria tudo pra reverter: o Highbury estava localizado a quarenta e muitos quilômetros de distância; Elm Park, a meros doze. Os torcedores do Reading tinham sotaques de Berkshire, e por incrível que pareça não se importavam com isso; nem ao menos *tentavam* falar como o pessoal de Londres. Fiquei na torcida anfitriã — pra esse jogo era obrigatório comprar ingresso antecipadamente, e era bem mais fácil fazer isso em Reading do que ter que me deslocar até o norte de Londres; durante minha costumeira espera de uma hora e meia pelo apito inicial, uma família (uma família!) inteira puxou papo comigo, mãe, pai e filho, todos os três paramentados com cachecóis azuis e brancos e rosetas (rosetas!) na lapela.

Perguntaram sobre o meu time e o Highbury, fizeram piada — caipiras! — com o cabelo do Charlie George, me ofereceram biscoitos, me emprestaram seus programas do jogo e jornais. Eu estava começando a gostar de bater papo. Aos meus ouvidos, meu suposto sotaque *cockney* soava perfeito perto do hediondo caipirês deles. E nossa relação já começava a ganhar aquele tom de troca amistosa entre cidade grande e interior.

Foi quando eles me perguntaram dos estudos que tudo começou a dar errado: tinham ouvido falar dos problemas nas escolas de Londres e queriam saber se era verdade; durante o que me pareceram horas, teci uma elaborada fantasia baseada nas desventuras de meia dúzia de pequenos encenqueiros que conhecia da minha própria escola. Só posso presumir que havia conseguido convencer a mim mesmo e que, àquela altura, a cidadezinha onde eu morava se transformara, na minha cabeça, em algum recanto do norte de Londres, situado entre Holloway e Islington; porque,

quando o pai da família me perguntou onde eu vivia, contei a verdade.

“Maidenhead?”, ele repetiu, incrédulo. “Maidenhead? Mas isso fica a uns seis, sete quilômetros daqui!”

“Quase quinze”, respondi, mas ele parecia não estar convencido de que aqueles oito ou nove quilômetros a mais fizessem alguma diferença, e eu até conseguia entendê-lo. Eu estava ficando vermelho.

E então ele disparou o tiro de misericórdia. “*Você não devia estar torcendo pro Arsenal*”, falou. “*Devia estar apoiando o time da sua cidade.*”

Aquele foi o momento mais humilhante da minha adolescência. Um mundo inteiro e completo, perfeitamente imaginado, implodiu à minha frente e se fez em pedaços aos meus pés. Queria que o Arsenal se vingasse por mim, que vencesse e esmagasse aquele time da terceira divisão e seus torcedores sem graça; mas ganhamos de 2 a 1 com uma bola desviada do Pat Rice e, no fim do jogo, o pai da família passou a mão no meu cabelo e disse que naquele dia, pelo menos, eu não ia levar tanto tempo pra chegar em casa.

Não desisti, porém, e bastaram algumas semanas pra que reconstruísse minha Londres em Maidenhead. Mas me certifiquei de que, na minha próxima ida a um jogo fora, fosse fora mesmo — um jogo longe de casa, onde as pessoas pudessem acreditar que meu subúrbio no Vale do Tâmis tinha sua própria estação de metrô, sua comunidade caribenha e problemas sociais terríveis e insolúveis.

Feliz

Arsenal x Derby
12/2/72

Naquela época, pra que uma partida fosse realmente memorável, o tipo de jogo que me faria, na volta pra casa, sentir uma agitação interna de prazer, as seguintes condições precisavam ser cumpridas: eu tinha que ir ao jogo com meu pai; tínhamos que almoçar na lanchonete perto do estádio (sentados e sem compartilhar a mesa com outras pessoas); tínhamos que ter ingressos pras cadeiras superiores do Setor Oeste (porque dali dá pra ver a saída do túnel, de modo que somos os primeiros torcedores a saudar o time), entre a linha de meio de campo e o Setor Norte; o Arsenal tinha que jogar bem e ganhar por dois gols de diferença; o estádio tinha que estar cheio, ou quase cheio, o que normalmente significava um adversário de algum peso; a partida tinha que estar sendo filmada, pela ITV para o *The Big Match* ou pela BBC para o *Match of the Day* (acho que eu gostava de antecipar o que veria depois na tevê); e meu pai tinha que estar bem agasalhado. Muitas vezes ele vinha da França sem o sobretudo, esquecendo que enfrentaria temperaturas negativas nas tardes de sábado, e sofria tanto que eu me sentia culpado por insistir que a gente ficasse até o apito final. (Mesmo assim eu sempre insistia e, quando chegávamos no carro, ele em geral estava com tanto frio que mal conseguia falar; eu me sentia mal com isso, mas não tão mal que fosse arriscar perder um gol.)

Querer tudo isso junto era exigir demais, e não surpreendentemente só aconteceu uma vez, até onde lembro, nesse jogo contra o Derby em 1972, quando um Arsenal inspirado pela atuação do Alan Ball bateu por 2 a 0 aquele que viria a ser o campeão da Liga, dois gols do Charlie George, um de pênalti e o outro num maravilhoso peixinho. E, como conseguimos uma mesa na lanchonete, como o juiz apontou pro lugar onde o Ball caiu, em vez de gesticular mandando o jogo seguir, como meu pai se lembrou de levar o casaco, deixei que essa partida se transformasse numa coisa que não foi: representa hoje, pra mim, o pacote completo, a obsessão inteira, mas isso não está certo. O Arsenal era um time bom demais, o gol do Charlie foi espetacular, a torcida, naquele dia, estava lá em peso e curtindo de montão o desempenho da equipe... Aquele doze de fevereiro aconteceu *de verdade*, exatamente do jeito que descrevi, mas somente o fato de ter sido um dia atípico é que importa agora. A vida não é, nem nunca foi, uma vitória de 2 a 0 em casa contra os líderes do campeonato depois de comer na lanchonete.

Minha mãe e o Charlie George

*Derby County x Arsenal
26/2/72*

Implorei, protestei e importunei até que, finalmente, minha mãe entregou os pontos e deixou que eu começasse a viajar pros jogos fora de casa. Na hora, foi puro júbilo; hoje, fico indignado com isso. O que ela achava que estava fazendo? Não lia os jornais nem via tevê? Nunca tinha ouvido falar dos hooligans? Será que não sabia mesmo o que eram as Linhas Especiais, os infames trens que levavam torcedores de um canto a outro do país? Eu podia ter *morrido*.

Agora, parando pra pensar, vejo que a participação da minha mãe na história toda foi, na verdade, bastante misteriosa. Ela não gostava, compreensivelmente, de me ver gastando dinheiro em discos do Led Zeppelin ou em idas ao cinema, e nem meus gastos com livros ela apoiava muito. E, no entanto, por alguma razão, achava que tudo bem eu viajar pra Londres, Derby ou Southampton quase semanalmente, arriscando a sorte quanto a sei lá que malucos encontraria pelo caminho. Nunca desencorajou minha mania pelo futebol; na verdade, foi ela quem comprou meu ingresso pra rodada da Copa contra o Reading, pegando a rodovia A4 coberta de gelo e neve e depois uma fila, enquanto eu estava na escola. E, uns oito anos depois, cheguei em casa e encontrei, na mesa de jantar, a miragem impossível de outro ingresso, pra final da Copa da Inglaterra entre Arsenal e West Ham, que ela comprara (por vinte

libras, um dinheiro que não tinha, na verdade) de um colega de trabalho.

Bom, sim, *claro* que tinha algo a ver com masculinidade, mas não acho que o apoio dela às minhas atividades futebolísticas, geralmente tácito, em certas ocasiões ativo, fosse alguma coisa que fazia por mim; ela é quem se beneficiava. Aos sábados, me parece agora, encenávamos a estranha paródia de um casal de novela: ela me levava pra pegar o trem, eu viajava até Londres, cuidava dos meus afazeres masculinos e, da cabine telefônica do estacionamento da estação, ligava pra ela ir me buscar. Ela então servia a mesa com meu chá e eu comia enquanto falava sobre como tinha sido o dia e, carinhosa, ela fazia perguntas sobre um assunto do qual não sabia muita coisa, mas pelo qual tentava ainda assim, por minha causa, se interessar. Se as coisas não tivessem saído bem naquele dia, rondava o assunto com cuidado; num dia bom, minha alegria tomava o recinto. Em Maidenhead, era essa, exatamente, a rotina de segunda a sexta, a cada noite da semana. A única diferença era que, na nossa casa, a cena só acontecia no fim de semana.

Existe, eu sei, uma teoria de que fazer o papel do próprio pai com a própria mãe não é, necessariamente, o caminho mais saudável pra garantir uma boa saúde psíquica nos anos por vir. Mas, enfim, todos fazemos isso vez ou outra, não é mesmo?

Os jogos fora de casa eram, pra mim, o equivalente a fazer hora extra no escritório, e a quinta rodada da Copa, em Derby, foi minha primeira experiência desse tipo, propriamente. Naquele tempo, não havia as restrições pra viajar que existem hoje (a British Rail eliminou, por fim, as Linhas Especiais, e os clubes passaram a organizar os deslocamentos): era possível chegar a St. Pancras, comprar passagem num trem sucato e ir empilhado em vagões dilapidados, cujos corredores eram patrulhados por policiais com cães de guarda. Seguíamos a maior parte do percurso no escuro — as lâmpadas dos vagões eram quebradas a intervalos monotonamente breves —, o que tornava difícil ler, embora eu sempre, sempre tivesse um livro comigo e passasse séculos

procurando aqueles vagões em que homens de meia-idade não estariam muito interessados em atrair a atenção dos pastores alemães.

Ao chegar ao destino, éramos recebidos por dezenas e dezenas de policiais, que nos escoltavam até o estádio por um trajeto demarcado, passando longe do centro da cidade; era durante essas caminhadas que minhas fantasias de hooligan urbano ganhavam asas. Estava completamente seguro ali, protegido não apenas pelos homens da lei como por meus companheiros de torcida e, portanto, liberado pra berrar, com minha voz ainda impúbere, músicas de ameaça a terceiros. Eu não parecia muito durão, na verdade: não chegava a ter a altura esperada pra minha idade e usava uns óculos distribuídos pela saúde pública, de armação preta, naquele estilo do Brains, dos *Thunderbirds*, que eu escondia durante essas marchas até os estádios, pra parecer um pouquinho mais assustador. Mas esse pessoal que fica resmungando sobre a perda de identidade a que se submetem os torcedores de futebol não sabe de nada: a tal perda de identidade pode ser um processo bem enriquecedor. Quem é que quer ficar preso ao que é o tempo todo? Eu, por exemplo, tinha vontade de dar um tempo, vez ou outra, de ser aquele orelhudo de óculos, bocó suburbano; adorava minha capacidade de botar medo nos lojistas de Derby, Norwich ou Southampton (e os caras ficavam *mesmo* assustados — dava pra ver). Minhas oportunidades de intimidar as pessoas tinham sido limitadas até então, mesmo sabendo que não era por *minha* causa que o pessoal corria pra outra calçada arrastando as crianças; o motivo daquela reação éramos *nós*, e eu era parte desse *nós*, um órgão naquele corpo de hooligans. Não dava a mínima pro fato de ser o apêndice — pequeno, inútil, escondido em algum lugar ali no meio.

Se o trajeto até o estádio era a glória da força bruta, estar lá dentro e, depois, voltar à estação era menos revigorante. A violência nos estádios praticamente não existe mais hoje, por uma série de razões: as torcidas ficam, como deve ser, separadas (naquela época, se alguém quisesse arriscar a sorte no meio da torcida adversária, bastava passar as catracas), os torcedores de fora geralmente são mantidos no estádio depois dos jogos, até o local ser evacuado, o

policciamento é muito mais sofisticado, e assim por diante. Na primeira metade da década de 70, porém, houve confusão em cada um dos jogos do Arsenal a que compareci. No Highbury, a maior parte acontecia no Setor do Relógio, onde ficavam as torcidas visitantes; em geral eram agitações rápidas, com torcedores da casa arremetendo contra o inimigo, que se dispersava, e a polícia tomava conta da cena. Era um tipo ritualístico de ataque, a violência expressa pela agitação em si, e não por socos e botinadas (foi uma dessas “correrias” que causou a tragédia de Heysel, e não um ataque físico de fato). Mas havia ocasiões, particularmente em partidas contra o West Ham, o Tottenham, o Chelsea e o Manchester United, em que a encrenca podia também ocorrer no Setor Norte do estádio, de onde eram gritados os hinos. Isso acontecia quando os visitantes conseguiam reunir contingente suficiente pra tentar conquistar aquele território da torcida anfitriã, como se ali fosse uma ilha de importância estratégica em termos militares.

Consequentemente, era muito difícil assistir em segurança os jogos fora de casa. Estar no setor “reservado” à torcida visitante não era garantia de proteção; na verdade, servia apenas pra nos identificar. Ficar do outro lado era igualmente perigoso (caso os torcedores do Arsenal tivessem a intenção de invadir território adversário) ou não fazia sentido — pra que se dar ao trabalho de cruzar metade do país, se era pra fingir que torcia pros adversários? Eu tentava, se possível, me acomodar em algum canto mais tranquilo; senão, no “reservado”, mas também num canto, o mais longe que podia do pessoal mais exaltado entre os membros da excursão vinda de Londres. Mas nunca curti os jogos fora. Estava o tempo todo nervoso, normalmente por alguma boa razão: brigas estouravam em pontos aleatórios ao longo da tarde, anunciadas pela mesma espécie de rugido que saudava os gols; o fato, porém, de que o rugido podia surgir quando a jogada se desenrolava bem longe de qualquer um dos extremos do campo causava desorientação, e muita. Presenciei jogadores olhando pros lados, perplexos de que seus esforços na cobrança de um lateral pudessem ter provocado toda aquela agitação de vozes.

Aquela tarde em Derby foi pior do que a maioria. Tinha havido alguma encrenca já antes do jogo e, durante, mais uma briga aqui, outra ali; e, ainda que estivesse bem longe das arquibancadas superiores, escondido no meio de garotos mais novos com seus pais, fiquei com medo — com tanto medo, na verdade, que não tinha muita certeza se queria uma vitória do Arsenal. Um empate já estaria bom pra mim, mas podia até aceitar uma derrota e a eliminação da Copa, se isso significasse poder voltar à estação de Derby sem que nada de desagradável acontecesse com a minha cabeça. Em momentos como esse é que recai sobre os jogadores uma responsabilidade maior do que eles jamais poderiam perceber ou entender; esse tipo de sensibilidade não era, em todo caso, uma das qualidades do Charlie George.

Charlie George é um dos poucos ícones dos anos 70 a ter conseguido, até agora, evitar ser desconstruído, possivelmente porque, à primeira vista, parece mais um cara do tipo cabeludo rebelde que acaba tendo seu talento desperdiçado, como os George Best/Rodney Marsh/Stan Bowles tão comuns naquela época. É verdade que ele estava à altura dos melhores, o que era um ultraje, e que esse talento foi absurdamente subaproveitado ao longo de sua carreira (o George só jogou pela Inglaterra uma vez; em seus últimos tempos de Arsenal, não conseguia mais nem se manter entre os titulares); isso tudo e outras coisas — seu temperamento, seus problemas com os técnicos, a devoção feroz que tinha dos torcedores mais jovens e das mulheres — eram de esperar, lugar-comum quando o futebol começava a se parecer com a música pop, tanto em termos de apresentação quanto de consumo.

Havia dois aspectos que diferenciavam o Charlie George de outros rebeldes. Primeiro, ter passado, de fato, os primeiros anos da adolescência nas arquibancadas do clube em que mais tarde viria a jogar; e, ainda que isso não fosse exatamente incomum — vários jogadores do Liverpool e do Newcastle eram torcedores de seus times, quando mais jovens —, o George é um dos poucos gênios desajustados a ter feito a transição direta da arquibancada pra um

uniforme do Arsenal. Best era irlandês, Bowles e Marsh eram itinerantes... o George não só era prata da casa, cria do Setor Norte e das divisões de base do clube, como tinha a aparência e o comportamento de alguém que corria pelo gramado vestido de jogador apenas pra evitar ser colocado pra fora do estádio. Fisicamente, não se encaixava nos padrões: era de uma robustez poderosa e tinha mais de 1,80 de altura, grandalhão demais pra ser um George Best. Naquele dia do meu aniversário de 1971, pouco antes de marcar o gol contra o Newcastle, numa daquelas fúrias incontroláveis que tantas vezes o tomavam como uma maldição, ele tinha agarrado pelo pescoço um zagueiro do adversário pra levantá-lo do chão. Não se tratava de petulância de um desajustado, era um cara durão botando banca, e os rapazes durões nas arquibancadas nunca tiveram um representante mais convincente.

Em segundo lugar, ele não era um rebelde midiático. Não conseguia dar entrevistas (sua lendária dificuldade de se expressar era genuína); o cabelo comprido e escorrido permaneceu despenteado e desgrenhado até o dia, em meados da década de 70, em que ele teve a má ideia de fazer um permanente, e, na primeira vez que entrou em campo com o time principal, na temporada 69/70, dava pinta, de forma suspeita, de estar deixando o cabelo crescer a partir de um corte máquina um; e não parecia o tipo mulherengo — Susan Farge, a noiva cujo nome ainda lembro, chega a ser uma presença intimidante na maior parte das fotos extracampo. O George era um grande astro e a mídia estava interessada, mas não sabia o que fazer com ele. A campanha do governo pelo consumo de ovos até tentou, mas o slogan que arrumaram pro Charlie soava incompreensível, o que não deixa de ser significativo. Ele tinha dado um jeito de se tornar imune a propósitos midiáticos — possivelmente o último dos ícones a conseguir isso. (Por alguma razão, porém, ficou marcado na lembrança, geralmente falha, da minha avó, e por uns bons anos depois de ter pendurado as chuteiras. “Charlie George!”, ela disparava, inescrutável e desaprovadora, ali por 1983, quando eu dizia que estava indo ao Highbury assistir um jogo. O que ele representava pra ela, lamento, jamais será totalmente esclarecido.)

Em Derby, o George foi incrível, considerando o estado do campo, um castigo pros músculos no meio do inverno (aqueles campos! O Baseball Ground, do Derby, White Hart Lane, mesmo Wembley... será que os gramados próprios pra estação fria foram mesmo uma invenção dos anos 80, como o videocassete e o frozen yogurt?). Ele marcou duas vezes, dois chutaços, e cantamos, adaptando a melodia do então recente sucesso de Andrew Lloyd Webber: "Charlie George! Superstar! Quantos gols você acabou de marcar?" (ao que os torcedores do Derby, assim como outros país afora, respondiam: "Charlie George! Superstar! Tem andar de mulherzinha e um sutiã pra completar!"). Difícil não cair na risada quando o pessoal diz lembrar dos anos 60 e 70 como a era de ouro das músicas de arquibancada). Apesar dos dois gols do Charlie, o jogo terminou 2 a 2, com o Derby conseguindo igualar o placar quase no finalzinho, portanto saí de lá com o empate que tanto queria, mas nem por isso a volta pra estação foi sem percalços violentos.

Culpa do Charlie. Um gol, por razões que demandariam um livro inteiro pra serem explicadas, é um gesto de provocação, especialmente quando as arquibancadas já mostram vislumbres de pancadaria, como era o caso naquela tarde. Eu compreendia que o Charlie era um jogador profissional e que, se uma chance de marcar surgisse na frente dele, o risco que corríamos não deveria, por si só, interferir. Até aí tudo bem. Mas se era absolutamente necessária aquela comemoração com um pique até a torcida do Derby — torcedores rosnando de ódio daqueles que consideravam os viadinhos do sul e de sua irritante cultura *cockney*, skinheads e suas botinas reforçadas com metal no bico, na companhia dos quais teríamos que passar o resto da tarde e de cujo território de vielas hostis seríamos obrigados a picar a mula assim que soasse o apito final — e ainda um V da vitória claramente destinado a humilhar os babacas provincianos... aí já tenho minhas dúvidas. Do meu ponto de vista, o senso de responsabilidade e conduta do Charlie havia, por um momento, falhado.

Ele foi vaiado ao sair do campo e recebeu uma multa da Federação; fomos perseguidos o trajeto todo na volta à estação, até

quase dentro do trem, com garrafas e latas zunindo nos nossos ouvidos. Valeu, Charlie.

História social

Arsenal x Derby
29/2/72

O desempate terminou 0 a 0, uma partida sem quaisquer atrativos. Mas esse continua a ser, na minha história de torcedor, o único jogo do time principal do Arsenal disputado numa tarde de dia de semana: fevereiro de 1972 foi o período da greve dos eletricitários. O que significou, pra todo mundo, cortes esporádicos de energia, luz de velas, um jantar frio de vez em quando; pra torcedores fanáticos, significou visitas periódicas ao posto de atendimento da companhia de eletricidade pra conferir as escalas previstas de corte de luz e assim descobrir qual de nós podia convidar os outros pra ver *The Big Match* nas tardes de domingo. Pro Arsenal, a crise no setor de energia significou ficar sem holofotes, daí o desempate numa terça à tarde.

Fui ao jogo, apesar de ser dia de aula, imaginando que o público se resumiria a mim, alguns outros adolescentes gazeteiros e um punhado de aposentados, mas o que encontrei, na verdade, foram mais de 63 mil pessoas, o maior público da temporada. Fiquei indignado. Não me admirava o país estar indo pras cucuias! Como tinha matado aula, não pude compartilhar a indignação com minha mãe (uma ironia que me escapou, na época), mas *o que era aquilo?*

Pra um sujeito agora com seus trinta e poucos anos, aquela rodada num dia de semana à tarde (o West Ham também jogou com o azarão Hereford numa tarde de terça-feira e levou ao estádio mais

de 42 mil torcedores) tem a aura maravilhosa do início dos anos 70, como se fosse um episódio de *The Fenn Street Gang* ou um maço de cigarros Number Six; talvez fosse simplesmente o fato de que todo mundo no Upton Park e no Highbury, todos os 106 mil somados, só quiséssemos andar por uma das milhões de trilhas abertas na história de uma sociedade.

Eu e o Bob McNab

*Stoke City x Arsenal
15/4/72 (no Villa Park)*

A Copa da Inglaterra de 71/72 foi uma caixinha de surpresas, uma fonte aparentemente inesgotável de fatos admiráveis que se tornariam boas pegadinhas em concursos de perguntas e respostas. Quais foram os dois times que precisaram jogar ao todo onze horas pra definir quem passaria da quarta rodada? Que jogador marcou nove gols na vitória de 11 a 0 de seu time sobre o Margate? E em que time ele jogava? Pra onde se transferiu mais tarde? Quem foram os dois jogadores do Hereford a marcar na vitória do time do sul por incríveis 2 a 0 sobre o Newcastle, da primeira divisão? (Uma pista: os dois sobrenomes têm especial ressonância pra torcida do Arsenal.) Oxford City e Alvechurch; Ted MacDougall; Bournemouth; Manchester United; Ronnie Radford e Ricky George. Um ponto pra cada pergunta, sete pontos e você ganha suíças como as do Malcolm Macdonald.

E teve mais: aqueles jogos à tarde e o V da vitória do Charlie e, no Villa Park, na semifinal que fizemos contra o Stoke, nosso goleiro Bob Wilson saindo machucado na metade de um jogo que terminou 1 a 1 (o John Radford assumiu o gol), e ainda eu ter conversado com o Bob McNab, lateral esquerdo do Arsenal, pouco antes do início da partida.

Fui até o Villa Park com o Hislam, um suposto hooligan de Maidenhead com quem eu costumava pegar o trem de vez em quando. O cara impunha respeito. Usava um jaleco de açougueiro coberto de slogans do Arsenal toscamente rabiscados, obrigatório pra qualquer um que tivesse pretensões a frequentar as arquibancadas; e, na volta pra casa depois dos jogos, ele sentava ao meu lado no trem que partia às 5h35 de Paddington e me perguntava o placar, explicando que havia ficado detido nas celas que a polícia mantinha no subsolo do estádio e, portanto, não fazia ideia do que tinha rolado lá em cima. O Jenkins, aparentemente o lendário líder do Setor Norte (nem preciso dizer que nunca tinha ouvido falar dele), era seu amigo pessoal.

Eu logo descobriria, claro, que era tudo lorota, e que a relação do Hislam com a realidade era tênue até mesmo num bom dia. Se é que havia um cara chamado Jenkins (é provável que a figura do Líder, um general hooligan encarregado de táticas militares, seja uma lenda urbana, ou até suburbana), o Hislam não o conhecia; e até eu, ansioso por incluir entre meus conhecidos um criminoso de verdade, comecei a me perguntar como é que um garoto de catorze anos de aparência ostensivamente inofensiva conseguia acabar preso todo sábado por crimes cuja natureza nunca deixou de ser vaga, pra minha frustração.

A cultura do futebol é tão tentacular, tão abrangente, tão *grande* (quando eu ouvia o Hislam falar dos incidentes em King's Cross, Euston e nas ruazinhas no entorno de Paddington, Londres inteira parecia estar ao alcance dos tentáculos) que acaba atraindo, inevitavelmente, mais indivíduos delirantes do que o razoável. Se o cara resolve que participou de uma batalha tenebrosa contra os torcedores do Tottenham, ela não precisa ter acontecido nos limites do estádio, à vista de todos. Podia ser que o cenário fosse uma estação, ou algum lugar a caminho do estádio, ou um pub inimigo: boatos desse tipo, no futebol, sempre foram tão nebulosos e impenetráveis quanto ar poluído. O Hislam sabia disso, e inventava feliz da vida suas mentiras horripilantes e improváveis; o futebol oferecia os recursos perfeitos pra que seu tremendo apetite por se enganar fosse saciado, assim como o meu próprio. Durante algum

tempo, formamos uma simbiose que satisfazia a ambos. Ele queria acreditar que era um hooligan, e eu, que andava com um, de modo que, naquele período, o Hislam podia ter me contado o que bem entendesse.

Meu pai tinha conseguido duas entradas de arquibancada pro jogo (eu ainda não havia explicado pra ele até onde, exatamente, minha solidão futebolística me levava) e o Hislam aceitou, generosamente, fazer uso do ingresso extra. Ao chegarmos ao Villa Park, tivemos que procurar a bilheteria, onde deveríamos retirar as entradas. Era uma e meia da tarde e alguns jogadores estavam por ali, distribuindo ingressos pra esposas, familiares e amigos. O Bob McNab, nosso lateral esquerdo, era um deles; não jogava como titular desde janeiro, e fiquei surpreso ao vê-lo. Não conseguia acreditar que o Bertie Mee ia dar a ele a primeira chance em três meses numa semifinal de Copa da Inglaterra. Por fim, minha timidez foi vencida pela curiosidade.

“Vai jogar, Bob?”

“Vou.”

Diálogos são naturalmente encarados com desconfiança em autobiografias. Como é que o autor pode ser capaz de lembrar, literalmente, conversas que teve há quinze, vinte, cinquenta anos? Mas “Vai jogar, Bob?” é uma das quatro únicas frases com que algum dia me dirigi a jogadores do Arsenal (registro aqui as outras: “Como está a perna, Bob?”, dita pro Bob Wilson quando se recuperava de uma contusão, na temporada seguinte; “Pode me dar um autógrafa, por favor?”, pro Charlie George, pro Pat Rice, pro Alan Ball e pro Bertie Mee; e, bom, “Como está a perna, Brian?”, pro Brian Marwood, na porta da loja do clube, quando já tinha idade suficiente pra evitar essas coisas) e posso, portanto, garantir a absoluta autenticidade da conversa.

Já imaginei diálogos, claro. Até hoje ainda convido, com frequência, o Alan Smith ou o David O’Leary pra ir ao pub, pago pra eles uma cerveja de baixo teor alcoólico, sentamos e falamos até o horário de fechar, conversando sobre a suposta parcimônia do

George Graham, a forma física do Charlie Nicholas ou a venda do John Lukic. Mas a verdade nua e crua é que o clube significa muito mais pra gente do que pra eles. Onde é que esses caras estavam vinte anos atrás? Onde é que vão estar daqui a vinte anos? E alguns deles daqui a *dois* anos? (No Villa Park ou em Old Trafford, rondando o gol do Arsenal com a bola nos pés, eis onde vão estar.)

Não, muito obrigado, estou satisfeito com as coisas como são. Eles são jogadores, eu sou torcedor, e não quero misturar as coisas. A rapaziada ri do que considera exagero grotesco das marias-chuteira, mas ir pra cama por uma noite com um astro é perfeitamente compreensível e tem uma lógica e uma coerência próprias. (Se eu fosse uma gata de vinte anos, provavelmente frequentaria os treinos me abrindo toda pro David Rocastle, mas uma confissão do tipo vinda de um homem, por mais moderninho que seja, infelizmente ainda não é bem aceita.) E no entanto muitos de nós já tivemos oportunidades de conversar com jogadores, em lançamentos de chuteiras ou inaugurações de lojas de material esportivo, em casas noturnas ou restaurantes, e a maioria aproveitou as chances que teve ("Como está a perna, Bob?"; "Te achei sensacional no sábado, Tony"; "Ei, vamos acabar com o Tottenham na semana que vem, hein?"). E o que são esses encontros desastrados, constrangedores, atrapalhados, além de cumprimentos de bêbados no escuro? Não somos ninfetas gostosas, e sim barbados com barrigas de cerveja, sem nada pra oferecer. Jogadores profissionais são tão belos e inacessíveis quanto modelos, e não quero me transformar num bolinador de meia-idade.

Ainda não tinha descoberto essas coisas todas àquela altura, quando encontrei o Bob McNab em seu agasalho do time. Já dentro do estádio, ouço dois sujeitos à minha frente conversando sobre as chances do time e digo pra eles que o McNab vai jogar, porque ele mesmo tinha me dito, e os dois olham um pro outro e balançam as cabeças (embora, quando as escalações são anunciadas no altofalante, os sujeitos se voltem de novo pra mim). Enquanto isso, o Hislam tinha subido pro portentoso Holte End do Villa Park, pra se

juntar aos Rapazes, e eu estava ocupado contando pra quem quisesse escutar que ele invadira o campo passando por baixo das catracas (era o que o próprio Hislam havia contado pra alguém que ele talvez conhecesse, talvez não, assim que entramos). Quem de nós dois era o delirante? Eu, obviamente. Ninguém conversa com os jogadores antes de uma partida, mas entrar sem pagar... por que alguém mentiria sobre isso com o canhoto do ingresso no bolso?

Wembley II — O pesadelo continua

*Leeds x Arsenal
5/5/72*

Um clássico sonho provocado por ansiedade, banal de tão óbvio. Estou tentando ir a Wembley e levo no bolso um ingresso pra final. Saio de casa com bastante antecedência, mas todas as tentativas de chegar ao estádio me levam na direção contrária. De início, tudo não passa de uma irritação divertida, que acaba virando pânico; faltando dois minutos pras três, estou no centro de Londres tentando achar um táxi e começando a me dar conta de que não vou chegar pro jogo. Gosto do sonho, porém, o que é meio engraçado. Sonho a mesma coisa antes de todas as finais que o Arsenal jogou desde 1972, o que dá seis vezes, de modo que esse é um pesadelo inextricavelmente atrelado a campanhas bem-sucedidas. Acordo suado, mas o suor serve como uma antecipação do que será o dia.

Meu ingresso pra final tinha saído direto do clube pras minhas mãos, sem ter precisado passar por cambistas ou ser comprado pelo meu pai, e eu estava ridiculamente orgulhoso disso. (Mais excêntrica ainda foi minha alegria ao ver o cartãozinho com felicitações que veio junto e que guardei durante anos.) Os ingressos pra jogos da Copa eram alocados conforme o número de programas oficiais das partidas que o torcedor ia acumulando. Quem tinha todos os programas, como eu, mais ou menos garantia um ingresso; de modo que o sistema supostamente recompensava os torcedores mais fiéis, embora, na prática, premiasse aqueles com suficiente disposição pra

ir atrás dos diferentes programas necessários num dos estandes que ficavam do lado de fora do estádio (um processo trabalhoso que, em si, era uma espécie de demonstração de fidelidade). Eu havia comparecido à vasta maioria dos jogos em casa e a alguns fora; tinha tanto direito quanto qualquer um, e mais direito do que a maioria, a um lugar nas arquibancadas de Wembley, de modo que meu orgulho era resultado do sentimento de fazer parte de alguma coisa, um sentimento que tinha me faltado no ano anterior.

(Tal sentimento de pertença é crucial pra entender por que o pessoal viaja a Plymouth pra ver um jogo que não vale nada numa quarta à noite, e sem ele o futebol seria um fracasso como negócio. Mas quais são os limites? Esses torcedores que cruzam o país de norte a sul e de leste a oeste toda semana; será que o clube “pertence” mais a eles do que a mim? E os velhotes que só aparecem uns dez jogos por temporada, mas frequentam o Highbury desde 1938... será que o clube não pertence a eles também, será que eles não são parte do clube? Claro que sim. Mas levei mais alguns anos pra descobrir isso; enquanto não descobri, acreditei que só valia ganhar com sofrimento. Se não tivesse havido tremores, choro no cachecol e muito dinheiro investido, achava simplesmente impossível ter prazer ou reconhecer que tinha crédito pelos bons momentos.)

O jogo em si foi tão deprimente quanto qualquer outro Arsenal e Leeds: os dois times tinham construído uma espécie de história particular, e os encontros entre eles eram geralmente violentos e de poucos gols. Meu amigo Bob McNab levou um cartão com dois minutos de jogo, e dali em diante o que se viu foi uma sequência de faltas e bate-bocas, entradas em tornozelos, dedos na cara e gente rosnando. O fato daquela ser a final de número cem da Copa da Inglaterra só piorava as coisas; tenho certeza de que, se a cúpula da Federação pudesse escolher quem quisesse pra fazer a final, Arsenal e Leeds ficariam bem pro fim da lista. As comemorações pela data durante o pré-jogo (tinha conseguido chegar ao meu lugar na arquibancada uma boa hora e meia antes do início, como de costume), que consistiram de um desfile de representantes de todos os finalistas da Copa até então, com faixas sendo carregadas ao

redor do gramado, de repente pareceram quase satíricas. Lembra o Matthews acabando com o jogo, na final de 1953? E o Bert Trautmann jogando no gol com o pescoço machucado, em 1956? E o time da dobradinha do Tottenham, em 1961? Lembra a virada do Everton, em 1966? E o peixinho do Osgood, em 1970? Agora dá só uma olhada no Bremner e no Storey tentando se matar em campo. A rispidez do jogo só fez aumentar a tensão no meu estômago, contraído exatamente como na final com o Swindon, três anos antes. Se ninguém ali estava preocupado em jogar alguma coisa (e houve momentos em que ninguém parecia preocupado sequer com a presença da bola), aí sim é que ganhar a Copa se tornava ainda mais importante: não tínhamos nada mais em que pensar.

No início do segundo tempo, o Mick Jones foi à linha de fundo, cruzou e o Allan Clarke, com um toque de cabeça ridiculamente simples, fez um a zero pro Leeds. O único gol do jogo, como era de esperar. Mandamos uma na trave ou no travessão, algo assim, e fizemos um gol impedido, mas nada além desses lances típicos de finais de Copa da Inglaterra, nada pra se levar a sério; dava pra ver que os jogadores do Arsenal estavam conscientes da inutilidade de continuar tentando.

Perto do final da partida, eu me preparei pro sofrimento que me engolfaria inteiro, como havia acontecido no jogo contra o Swindon. Estava com quinze anos, e cair no choro não era uma possibilidade como fora em 1969; eu me lembro de ter ficado com as pernas levemente bambas quando soou o apito final. Não lamentava pelos outros torcedores ou pelo time, mas por mim mesmo, embora perceba, hoje, que todo sofrimento com futebol é assim. Quando nossos times perdem em Wembley, pensamos nos colegas de trabalho ou de escola que teremos de enfrentar na segunda-feira, e no delírio que nos foi negado; parece inconcebível, ali, que algum dia a gente vá se permitir ficar tão vulnerável outra vez. Sentia que não tinha mais *coragem* de ser um torcedor. Como encarar uma coisa dessas de novo? Será que eu ia ser obrigado a voltar a Wembley a cada três ou quatro anos, o resto da vida, pra me sentir daquele jeito?

Senti um braço no meu ombro e me dei conta, pela primeira vez, de que estava sentado ao lado de três torcedores do Leeds, um velho, o filho e o neto. “Não faz mal, rapaz”, disse o senhor. “Vocês dão a volta por cima.” Por um momento, tive a impressão de que ele é que me dava o apoio pra ficar de pé, até que superei aquele primeiro e mais intenso espasmo de sofrimento e minhas pernas recobriram sua força. Quase que simultaneamente, uns skinheads do Arsenal, com aquela inconfundível e ameaçadora ira nos olhos, abriram caminho na multidão até o lugar onde estávamos nós quatro. Dei um passo pra trás e eles arrancaram o cachecol do Leeds que estava no pescoço do menino. “Devolvam isso aí”, disse o pai, mas só porque sabia que seria visto como um pai covarde caso não dissesse nada, não que tivesse qualquer expectativa de ser atendido. Os skinheads deram alguns socos e os dois homens mais velhos recuaram; não fiquei pra ver se chegaram a apanhar. Saí rápido pra um dos corredores e fui direto pra casa, enjoado e com medo. A final do centenário da Copa da Inglaterra só podia mesmo ter acabado assim.

Uma nova família

Arsenal x Wolves
15/8/72

Durante o verão de 1972 as coisas mudaram. O Arsenal, o mais britânico (ou seja, o mais carrancudo e agressivo) time que se podia imaginar, adotou um estilo basicamente europeu, aos nossos olhos, e numa meia dúzia de partidas, no início da temporada 72/73, resolveu praticar o Futebol Total. (Pra quem tem apenas uma vaga noção de esquemas táticos, essa foi uma invenção dos holandeses que exigia flexibilidade de todos os jogadores em campo. Os zagueiros tinham que atacar, os atacantes deviam ser capazes de jogar no meio-campo; era a versão futebolística do pós-modernismo, e os intelectuais adoravam.) Naquele mês de agosto, em Highbury, tranquilos aplausos de reconhecimento se tornaram um som tão frequente quanto era o produzido por 60 mil pares de pés inquietos alguns anos antes. Imaginem a Thatcher voltando de uma reunião em Bruxelas com uma conversa sobre os perigos de exagerar a supremacia do próprio país e vocês terão uma ideia do quanto aquela conversão era improvável.

Uma vitória sobre o Leicester, na rodada de abertura, no sábado, foi seguida desse jogo destruidor contra os Wolves (5 a 2, com gols do pessoal da defesa, McNab e Simpson). "Nunca uma atuação do Arsenal me empolgou tanto", dizia o cara do *Daily Mail* na manhã seguinte. "Jogaram mais bola do que na maior parte dos jogos do ano da dobradinha." "O Arsenal mudou, genuinamente, sua

natureza”, publicou o *Telegraph*. “O jogo pobre de antigamente, com a bola indo o tempo todo em busca da cabeça dos atacantes, desapareceu. Em lugar disso, como descobriram os impotentes Wolves, surgiram criatividade e improvisação.”

Pela primeira vez, mas certamente não a última, comecei a acreditar que o humor e a sorte do Arsenal refletiam os meus próprios. Não tanto porque ambos estivéssemos jogando brilhantemente e vencendo (embora meus dois resultados mais recentes nos exames gerais do ensino médio fossem a prova que eu precisava de que era um sério aspirante ao Campeonato da Vida); era mais a sensação de que, durante aquele verão de 1972, minha vida, assim me parecia, havia súbita e espantosamente se tornado surreal, e a misteriosa adesão a um estilo extravagante e europeu por parte do Arsenal constituía uma perfeita e inexplicável analogia pra tal mudança. Tudo naquele jogo contra os Wolves foi desconcertante — os cinco gols, a qualidade dos passes (o Allan Ball esteve excepcional), o frisson da torcida, o entusiasmo verdadeiro de uma imprensa geralmente hostil. E assisti isso tudo das cadeiras inferiores do Setor Leste com meu pai e minha madrasta, uma mulher à qual tinha sido apresentado apenas algumas semanas antes e que até então era considerada por mim, isso quando chegava a pensar no assunto, como O Inimigo.

Nos quatro ou cinco anos desde a separação dos meus pais, eu não havia perguntado ao meu pai quase nada sobre a vida pessoal dele. Em parte, era compreensível: como a maioria dos garotos, não tinha nem o vocabulário nem a coragem necessários pra falar dessas coisas. A outra parte da questão não era tão fácil de explicar, e tinha a ver com o fato que, podendo evitar, nenhum de nós dois jamais se referia ao que tinha acontecido. Mesmo sabendo que o motivo da partida do meu pai fora Outra Mulher, nunca perguntei a ele sobre ela; minha imagem do meu pai era, portanto, curiosamente incompleta. Sabia que ele trabalhava e que vivia no exterior, mas nunca tentei imaginar o que era a *vida* dele: ele me levava ao futebol, perguntava da escola e então, por alguns meses, desaparecia numa espécie de limbo.

Era inevitável que, cedo ou tarde, eu acabasse tendo de encarar o fato de que meu pai, como todos nós, vivia em um contexto mais amplo. O momento chegou, finalmente, no início do verão de 1972, quando descobri que meu pai e sua segunda mulher tinham duas crianças pequenas. Em julho, com a novidade ainda não assimilada, fui à casa deles na França, visitar essa família que eu nem sonhava que tinha. Como esse estado de coisas estivera, até ali, oculto pra mim, não houve aquele acúmulo gradual de informações que normalmente acontece nesses casos: como a Mia Farrow, em *A rosa púrpura do Cairo*, arrastada da plateia pra dentro do filme por um personagem, também fui jogado num mundo que havia sido imaginado e criado sem minha participação, completamente estranho, mas, por alguma razão, reconhecível. Meu meio-irmão era pequeno e moreno, e respeitava e cuidava da irmãzinha dezoito meses mais nova, loira, inteligente e autoconfiante... onde mesmo eu já tinha visto aquilo? Nos filmes de quando éramos pequenos, a Gill e eu. Mas, se aquelas duas crianças éramos nós, por que falavam metade em francês, metade em inglês? E o que eu devia ser pra eles, um irmão, ou alguma espécie de terceiro responsável, ou algo intermediário entre essas duas coisas, um estagiário do mundo adulto? E por que eles tinham uma piscina e um estoque permanente de coca-cola na geladeira? Adorei e odiei isso; queria ir pra casa no próximo avião e queria ficar ali pelo resto do verão.

Quando vim embora, precisei inventar um *modus vivendi* pros anos seguintes, uma tarefa que pensei que seria mais bem-sucedida se o novo mundo nunca fosse mencionado na volta ao antigo, embora não fosse adiantar muita coisa, de qualquer forma, me queixar porque não tínhamos uma piscina no nosso minúsculo quintal; de modo que uma enorme e importante parte da minha vida foi mantida completa e pacificamente à parte da outra, uma rotina de mentiras, autoengano e esquizofrenia talhada à perfeição pra um adolescente já confuso.

Minha madrasta ao meu lado no Highbury pra assistir o jogo dos Wolves era a mesma coisa que a Elsie Tanner irromper no Crossroads Motel; aquela aparição de um personagem de um mundo no centro de outro era como se, de alguma forma, ambos se

tornassem mundos irreais. E aí o Arsenal começa a acertar milimetricamente seus passes pelo campo todo, e nossos zagueiros surgem na área adversária pra encobrir o goleiro com a precisão e a categoria de um Cruyff, confirmando minha suspeita de que o mundo tinha pirado. Eu ali, sentado com O Inimigo, o Arsenal achando que era a Holanda — certamente, se olhasse bem, eu enxergaria porcos sobrevoando serenamente o Setor do Relógio.

Dois meses depois, tomamos um vareio de 5 a 0 em Derby e imediatamente voltamos ao nosso velho estilo, obstinado e reconfortante; o fato daquela experiência ter durado tão pouco parecia reforçar a impressão de que tudo não passara de uma metáfora particularmente engenhosa, criada só pra mim e, assim que eu a entendi, deixada de lado.

Questão de vida ou morte

*Crystal Palace x Liverpool
Outubro de 1972*

Aprendi algumas coisas com o futebol. Muito do meu conhecimento geográfico da Grã-Bretanha e da Europa não veio da escola, mas de jogos fora de casa e das páginas de esporte, e os hooligans me proporcionaram tanto um gosto pela sociologia quanto alguma experiência em pesquisa de campo. Aprendi o valor do investimento emocional e de tempo em coisas que não controlo e de pertencer a uma comunidade cujas aspirações compartilho total e cegamente. E, na primeira visita a Selhurst Park com meu amigo Sapo, vi um cadáver, até hoje o único, e aprendi algo sobre, bom, sobre a própria vida.

Quando caminhávamos de volta pra estação, depois do jogo, vimos um cara deitado na rua, parcialmente coberto por uma capa de chuva, um cachecol púrpura e azul do Palace no pescoço. Outro cara, mais jovem, estava debruçado sobre ele, e nós dois atravessamos a rua pra dar uma olhada.

“Tá tudo bem com ele?”, o Sapo perguntou.

O cara balançou a cabeça. “Não. Morreu. Eu vinha andando logo atrás e ele desabou.”

O sujeito tinha o aspecto de um morto. Estava descorado e parecia, pra nós, inimaginavelmente imóvel. Ficamos impressionados.

O Sapo sentiu que ali havia uma história que interessaria não só ao pessoal do primeiro ano do ensino médio, mas aos caras do segundo também. “Quem matou ele? Os caras do Liverpool?”

Foi quando o rapaz perdeu a paciência. “Não. O cara teve um infarto, seus pirralhos. Agora caíam fora, porra.”

Caímos fora, fim da história. Mas aquela imagem nunca me abandonou desde então, a única que tenho da morte; uma imagem instrutiva. O cachecol do Palace, um detalhe banal e familiar; o momento em que a morte chegou pro sujeito (depois do jogo, mas no meio da temporada), o estranho que se ocupava dele com pesar, mas, em última análise, apenas vagamente interessado. E, claro, os dois adolescentes idiotas bisbilhotando aquela pequena tragédia com uma fascinação desavergonhada, uma alegria até.

Morrer assim, no meio de uma temporada, é algo que me preocupa, mas, claro, é bem provável que eu venha a morrer entre agosto e maio. Vivemos com a ingênua expectativa de que, na hora em que partirmos, nenhuma ponta solta vai ficar pra trás: teremos acertado as contas com os filhos, deixando-os aqui felizes e com uma vida estável, e iremos embora com mais ou menos tudo o que queríamos na vida já realizado. Besteira, lógico, e quem é torcedor de futebol sabe disso. Vão ficar centenas de pontas soltas. Talvez o cara morra na véspera do time jogar em Wembley, ou no dia seguinte a uma partida de ida da Copa dos Campeões da Europa, ou no meio de uma campanha rumo à primeira divisão ou da luta pra escapar da segunda, e o mais provável, de acordo com várias teorias sobre a vida após a morte, é que acabe não podendo saber os resultados. O que realmente interessa no que tange à morte é que, metaforicamente falando, estamos fadados a vê-la chegar antes das decisões mais importantes. O cara estirado na calçada, conforme observou o Sapo enquanto voltávamos pra casa, nunca saberia se o Palace sobreviveu ou não àquela temporada; nem que o time continuaria a alternar uma divisão e outra pelos próximos vinte anos, que trocaria suas cores meia dúzia de vezes, que chegaria, finalmente, à sua primeira final de Copa da Inglaterra, ou que os

jogadores acabariam, um dia, entrando em campo com a palavra "VIRGIN" estampada nas camisas. Mas é a vida.

Eu não queria morrer no meio de uma temporada; por outro lado, sou daqueles que gostariam, acho, de ter as cinzas espalhadas no gramado do Highbury (embora compreenda que existam restrições a isso: são muitas as viúvas que procuram o clube, e há a preocupação de que a grama acabe não reagindo muito bem a receber o conteúdo de uma urna atrás da outra). É legal pensar que eu poderia circular pelo estádio na minha nova forma e assistir o time principal num sábado, e o reserva no sábado seguinte; gostaria de sentir que meus filhos e netos, como torcedores do Arsenal, estariam ali pra eu ver os jogos com eles. Não parece um jeito ruim de passar a eternidade, e eu certamente prefiro ser salpicado na Arquibanca Oeste do que atirado no Atlântico ou abandonado em alguma montanha.

Não desejo morrer logo depois de um jogo, porém (como o Jock Stein, que morreu segundos após a Escócia ter batido o País de Gales e se classificado pra Copa do Mundo, ou como o pai de um amigo meu, que morreu durante uma partida entre o Celtic e o Rangers, uns anos atrás). Parece meio *exagerado*, como se esse fosse o único contexto possível pra morte de um torcedor. (E não falo, aqui, das mortes ocorridas em Heysel, Hillsborough, Ibrox ou Bradford, claro; essas foram tragédias de outra ordem.) Não quero que, ao se lembrar de mim, o pessoal balance a cabeça e sorria com afeição, querendo dizer que era assim mesmo que eu teria escolhido morrer, se pudesse; um pouco mais de seriedade nisso, por favor.

Então vamos deixar bem claro. Prefiro não bater as botas na Gillespie Road depois de um jogo porque talvez acabe sendo lembrado como um esquisitão; e, no entanto, o que é bem esquisito, gostaria de flunar por Highbury feito um fantasma assistindo os jogos-treino dos reservas pelo resto da eternidade. E, em certo sentido, esses dois desejos — à primeira vista incompreensivelmente incongruentes, imagino, pra quem não sofre de uma fixação semelhante — caracterizam bem os obsessivos e resumem seu dilema. Odiamos que nos tratem como idiotas (algumas pessoas me conhecem *apenas* como esse maníaco e, antes de continuar a

conversa com os demais presentes sobre coisas da vida, me perguntam, lenta e pacientemente, palavras pronunciadas sílaba a sílaba, quais foram os últimos resultados do Arsenal — como se o fato de ser torcedor excluísse qualquer possibilidade de uma família, de um emprego ou de alguma opinião sobre a medicina alternativa), mas nosso comportamento lunático torna quase inevitável a condescendência. Sei de tudo isso, e ainda assim quero que meu filho seja obrigado a carregar o nome Liam Charles George Michael Thomas. Acho que tenho o que mereço.

Formatura

Arsenal x Ipswich
14/10/72

Lá pelos quinze anos eu já não era mais tão pequeno — na verdade, alguns dos meninos do meu ano eram mais baixos do que eu a essa altura. O que foi um alívio, em vários sentidos, mas também criou um problema que me atormentou por algumas semanas: se quisesse manter alguma dignidade, não podia mais adiar minha saída do Cercadinho dos Mascotes pro Setor Norte, a arquibancada coberta atrás de um dos gols, onde ficava o pessoal que puxava os cantos de incentivo ao time.

Planejei minha estreia ali com muito cuidado. Em boa parte daquela temporada, eu havia passado mais tempo olhando praquela massa assustadora de ruído humano do que pro campo à minha frente; tentava decidir exatamente onde me colocar e quais lugares evitar. A partida contra o Ipswich me pareceu a oportunidade ideal: dificilmente os torcedores adversários tentariam “ocupar” o Setor Norte, e o público não passaria muito das 30 mil pessoas, mais ou menos a metade da capacidade do estádio. Eu estava pronto pra deixar o Cercadinho.

É difícil lembrar o que, exatamente, me preocupava. Afinal, quando viajava pra assistir o time contra o Derby ou o Aston Villa, eu geralmente ficava com a torcida visitante, nada mais que o Setor Norte transplantado pra outro estádio, de modo que minha preocupação não podia ser a possibilidade de alguma confusão

(sempre mais provável num jogo fora ou do outro lado da arquibancada do próprio Highbury), nem medo do tipo de gente com quem eu veria a partida. Meio que suspeito de que meu medo fosse ser desmascarado, como tinha acontecido no jogo com o Reading, naquele mesmo ano. Imagina se o pessoal à minha volta descobrisse que eu não era de Islington? Pensa só o que aconteceria se acabassem sabendo que eu era um penetra suburbano, um colegial se preparando pra fazer os exames de Latim? No fim, eu teria que correr esse risco. Se, como parecia provável, eu terminasse levando a arquibancada inteira a entoar um canto ensurdecidor: "Ô, HOORNBY, VIAADO" OU "ÊÊÊ, O CDF VAI MORREEER!", azar; pelo menos teria tentado.

Cheguei à arquibancada pouco antes das duas. Parecia gigantesca, ainda maior do que da posição em que eu normalmente ficava: uma vasta extensão de degraus altos, cinzentos, sobre os quais as barreiras de contenção, de metal, desenhavam um padrão complexo, mas regular. Tinha decidido ficar bem no centro, a meio caminho a partir do degrau mais alto, o que indicava, ao mesmo tempo, certa disposição pra acompanhar a galera (o barulho, na maioria dos estádios, começa no centro da arquibancada da torcida anfitriã e se espalha lateralmente; o pessoal das laterais e da numerada só entra na cantoria nos momentos de maior entusiasmo) e algum grau de precaução (a parte mais alta da arquibancada central não era o lugar pra um debutante assustado).

Ritos de passagem são mais comuns em romances ou em filmes comerciais de Hollywood com alguma pretensão do que na vida real, particularmente na vida suburbana real. Todas as coisas que deveriam, supostamente, ter significado mudança — o primeiro beijo, a perda da virgindade, a primeira briga, o primeiro trago, as primeiras drogas — pareceram simplesmente *acontecer*, não foram atos de vontade, e certamente não envolveram dolorosos processos de decisão (a pressão dos amigos, meu temperamento difícil e a relativa precocidade sexual das adolescentes da época decidiram por mim), e talvez, como consequência, emergi de todas essas experiências formadoras completamente imaturo. Passar pelas catracas do Setor Norte foi o único momento, até onde lembro, em que conscientemente encarei um desafio, coisa que só voltaria a

sentir com vinte e tantos anos (sério, aqui não é o lugar pra enumerar todos os outros desafios que era de esperar que eu tivesse encarado a essa altura, mas sei que isso não me incomodava): queria fazer aquilo, mas ao mesmo tempo, e pateticamente, também tinha um pouco de medo. Meu único rito de passagem, então, consistiu em ficar parado em cima de determinado pedaço de concreto, em vez de outro; mas o fato de ter me obrigado a fazer uma coisa que apenas mais ou menos desejava, e de que me saí bem, foi algo importante pra mim.

Uma hora antes de soar o apito, a visão de onde eu estava era espetacular. Nenhum canto do gramado ficava encoberto dali, e dava pra enxergar claramente até mesmo o gol oposto, que eu imaginava que pareceria pequenininho. Quando deram três horas, porém, o que eu conseguia ver era uma estreita faixa de gramado, um túnel verde que se abria da marca de pênalti mais próxima até a linha de fundo do outro lado. As bandeirinhas de escanteio tinham sumido totalmente, e o gol logo abaixo de mim só era visível se eu pulasse no momento crucial. Sempre que a bola passava perto do nosso lado, a multidão descia aos trambolhões uns sete ou oito degraus, me carregando junto; então eu olhava pra trás, e lá estavam minha mochila, com o programa oficial da partida dentro, e meu *Daily Express*, os quais eu mantinha seguros, momentos antes, aos meus pés, mas agora pareciam a quilômetros de distância, feito uma toalha largada na praia quando a gente está nadando em alto-mar. Consegui enxergar o único gol do jogo, uma batida de primeira do George Graham a mais de vinte metros do gol, mas só porque a jogada aconteceu do lado do Setor do Relógio.

Adorei estar ali, claro. Adorei as diferentes *categorias* de ruídos: aquela mais formal, ritual, quando os jogadores subiram pro campo (os nomes gritados um a um, começando pelo jogador preferido da galera e só parando quando ele acenasse pra nós); o rugido espontâneo e informe, se alguma coisa excitante estivesse acontecendo no gramado; o vigor renovado da cantoria depois de um gol ou de uma sequência consistente de ataques. (E até ali se podia ouvir, entre os mais jovens e menos alienados, os resmungos típicos de arquibancada, quando as coisas iam mal.) Depois do início

assustado, comecei a amar aquele movimento, ser lançado na direção do campo e sugado de volta pro lugar. E adorei o anonimato: ninguém ia me desmascarar, no fim das contas. Passei dezessete anos naquele lugar.

O Setor Norte já não existe mais. O Relatório Taylor, pós-Hillsborough, recomendou que os estádios de futebol passassem a ter cadeiras em todos os setores, e os clubes todos decidiram atender à recomendação. Em março de 1973, eu estava no meio de uma multidão de 63 mil pessoas num desempate da Copa da Inglaterra contra o Chelsea; públicos desse tamanho não são mais possíveis, nem no Highbury, nem em qualquer dos estádios ingleses, com exceção de Wembley. Em 1988, um ano antes de Hillsborough, o Arsenal ainda registrou dois públicos superiores a 55 mil na mesma semana, e o segundo desses jogos, a semifinal da Littlewoods Cup contra o Everton, hoje parece o último jogo do tipo, representativo da memória do que foi a experiência de ver futebol um dia: holofotes, chuva incessante e um rugido enorme e constante que durava a partida inteira. É triste, claro; as plateias dos jogos até conseguem, ainda, criar uma atmosfera eletrizante, mas jamais serão capazes de reviver o clima de antigamente, pro qual eram necessárias vastas multidões e um contexto em que pudessem se transformar numa única entidade reagindo a um só tempo.

Mais triste, no entanto, foi a maneira como o Arsenal decidiu reorganizar o estádio. Gastei 25 pence pra ver o jogo com o Ipswich; o pacote pra sócios prevê que, de setembro de 1993 em diante, um lugar no Setor Norte passe a custar no mínimo 1100 libras *mais o preço do ingresso*, o que, mesmo considerando a inflação, me parece um pouco demais. Um plano assim pode fazer sentido pro clube, do ponto de vista financeiro, mas torna inconcebível que o futebol no Highbury volte a ser o que foi um dia.

Os grandes clubes parecem ter se cansado de lidar com a base de seus torcedores, e dá pra entender por quê, em parte. Jovens da classe trabalhadora e da classe média baixa levam pros estádios uma série de problemas complicados e ocasionalmente

perturbadores da ordem; as diretorias e os presidentes dos clubes podem alegar que esse pessoal teve seu momento e estragou tudo, e que famílias de classe média — o novo público-alvo — não apenas se comportam como pagam mais.

Tal argumento ignora questões cruciais de responsabilidade e justiça, e se os clubes não teriam um papel a desempenhar nas comunidades locais. Mas, mesmo sem esses problemas, me parece que existe aí, nesse raciocínio, um furo fatal. Parte do prazer que se tem num grande estádio de futebol é uma mistura de parasitismo com passividade, porque, a menos que faça parte do Setor Norte, ou do Kop, ou do Stretford End, o torcedor que está ali depende de outros pra que o clima no estádio seja criado; e clima é um dos ingredientes fundamentais da experiência do futebol. Esses setores gigantescos de arquibancada são tão vitais pros clubes quanto os jogadores, não apenas porque é dali que são puxados os cantos de incentivo, nem simplesmente porque boa parte do dinheiro arrecadado vem desses torcedores (embora tais fatores não deixem de ser importantes), *mas porque sem esse pessoal ninguém se daria ao trabalho de comparecer ao estádio.*

O Arsenal, o Manchester e o resto dos clubes pensam que as pessoas pagam pra ver o Paul Merson e o Ryan Giggs, e claro que é isso. Mas muitos — o pessoal das cadeiras a vinte libras e dos camarotes executivos — pagam também pra assistir a torcida assistindo o Paul Merson (ou pra ouvir o que gritam pra ele). Quem compraria ingresso pra um camarote executivo num estádio cheio de executivos? O clube vendia esses camarotes entendendo que o clima no estádio ia de brinde, enquanto o Setor Norte estava gerando tanto lucro quanto os jogadores. Quem vai fazer barulho agora? Será que os garotos suburbanos e seus pais e suas mães vão continuar comparecendo se tiverem que puxar a cantoria eles mesmos? Ou será que vão se sentir enganados? Porque, na verdade, o clube terá vendido a eles ingressos pra um espetáculo cuja principal atração foi removida pra lhes dar lugar.

Mais uma coisa sobre o tipo de público que o futebol decidiu que quer ter: será preciso que os clubes se garantam com bons times e não passem por períodos de vacas magras, pois os novos torcedores

não vão tolerar fracassos. Não são aquele tipo de cara que comparece a uma partida contra o Wimbledon em março com o time em décimo primeiro lugar na tabela da primeira divisão e eliminado de todas as demais competições. E por que deveriam? Têm um monte de outras coisas pra fazer. Então, Arsenal... sem chance pra mais uma sequência de dezessete anos de derrotas, como aquela entre 1953 e 1970, certo? E nada de flertar com o rebaixamento, como em 1975 e 1976, ou de se permitir mais de meia década sem nem chegar a uma final, como entre as temporadas de 1981 e 1987. Nós, os idiotas de costume, aguentaríamos, e pelo menos 20 mil dos nossos continuariam a frequentar o estádio sem se importar com o tamanho das más fases (e algumas vezes elas foram muito, muito ruins mesmo); mas esses caras aí... sei não.

Pacote completo

Arsenal x Coventry
4/11/72

O único problema com o Setor Norte foi que comprei o pacote completo. No segundo tempo da minha terceira partida ali (o jogo do meio, contra o Manchester City, ficou na lembrança porque nossa nova contratação, Jeff Blockley, um incompetente à altura do Ian Ure, estava dentro da área numa cobrança de escanteio do Manchester City, a bola tocou na mão dele, rebateu pra trás e quicou depois da linha, um gol contra que o juiz não validou, sem tampouco ter marcado pênalti — a gente riu demais!), o Tommy Hutchison, do Coventry City, fez um gol impressionante numa jogada individual. Pegou a bola a quase quarenta metros de distância da meta, na lateral esquerda, fez fila entre os defensores do Arsenal e bateu na saída do Geoff Barnett, com efeito no cantinho direito. Houve uma fração de segundo de silêncio no Setor Norte, enquanto víamos os torcedores do Coventry pular feito golfinhos no Setor do Relógio, e então surgiu o grito de guerra, agressivo, unânime e direto: “Ei, você aí, hoje o pau vai comer aqui”.

Já tinha ouvido aquilo antes, claro. Durante uns bons quinze anos, foi a reação de praxe a todo gol marcado por um visitante em qualquer estádio do país (no Highbury, havia as seguintes variações: “Ei, você aí, vai sair de ambulância daqui”, “Ei, você aí, espera só até sair” e “Ei, ô do Relógio, faz o serviço aí” — os torcedores do Setor do Relógio, sendo os que ficavam mais próximos da torcida visitante,

eram os encarregados da vingança). A única diferença, agora, era que eu me juntava ao canto pela primeira vez. Estava tão indignado, tão ofendido e me sentindo tão atingido pelo gol quanto qualquer outro naquela arquibancada; sorte que havia um campo de futebol inteiro me separando dos torcedores do Coventry, senão, senão... senão eu teria feito coisas que não sabia o que eram, mas que espalhariam terror pelo bairro inteiro.

Sob vários aspectos, claro, aquilo era engraçado, como é a vasta maioria das pretensões hooligans dos adolescentes, e mesmo assim até hoje tenho dificuldade pra rir de mim mesmo: tenho o dobro da idade que tinha e ainda me sinto envergonhado. Prefiro pensar que não havia nada de mim, da minha versão adulta, naquele menino de quinze anos enfurecido, mas suspeito que isso seja otimismo demais. Muita coisa do menino de quinze anos sobreviveu, inevitavelmente (como acontece com milhões de homens), o que explica parte da vergonha; o resto resulta do fato de que também reconheço o adulto no menino. Ruim dos dois jeitos.

No fim acabei aprendendo. Aprendi que eu, ameaçando alguém, era ridículo — dava na mesma se estivesse prometendo aos torcedores do Coventry que teria filhos com eles — e que, em todo caso, a violência e a cultura que a acompanha não são legais (nenhuma das mulheres com quem desejei ir pra cama até hoje ficaria particularmente impressionada comigo naquela tarde). A grande lição, porém, a que ensina que o futebol é só um jogo e que não tem por que ficar tão furioso quando o time da gente perde... gosto de pensar que aprendi isso também. Mas ainda sinto essa coisa em mim, às vezes, nos jogos fora de casa, quando estamos cercados de torcedores adversários e o juiz não marca nada a nosso favor e a gente vai se segurando, se segurando, até que o Adams falha, o atacante deles marca e, de todos os lados, sobe aquela trepidação terrível... Aí, de novo, lembro apenas umas duas das três lições, o que me basta, em alguns sentidos, mas em outros, não.

A masculinidade adquiriu um significado mais específico, menos abstrato do que a feminilidade. Muita gente parece considerar a feminilidade como uma característica dada; mas, na opinião de grande parcela tanto de homens quanto de mulheres, a

masculinidade é um conjunto de pressupostos e valores compartilhados que os homens podem aceitar ou rejeitar. Você gosta de futebol? Então também deve gostar de *soul music*, de cerveja, de dar porrada, de passar a mão nos peitos das moças e de dinheiro. Curte rúgbi ou críquete? Então deve curtir também Dire Straits, vinho, passar a mão na bunda das moças e dinheiro. Não se encaixa em nenhuma das duas descrições? *Macho*? Não, obrigado. Nesse caso, você consequentemente deve ser um pacifista vegetariano, indiferente aos encantos da Michelle Pfeifer, que acha que somente sujeitos toscos e pouco confiáveis ouvem Luther Vandross.

É fácil esquecer que se tem escolha. Em tese, é possível gostar de futebol, *soul music* e cerveja, por exemplo, mas abominar bolinação de seios e bundas (ou vice-versa, admita-se); dá pra admirar *ao mesmo tempo* a Muriel Spark e o Bryan Robson. Interessante é que parece que são os homens, e não as mulheres, os mais conscientes da possibilidade de mesclar um pouco as coisas: uma colega minha feminista se recusava a acreditar que eu era frequentador do Arsenal, descrença que tinha raízes, aparentemente, no fato de que, certa vez, tivemos uma conversa sobre um romance feminista. Como era possível que eu lesse aquele livro e fosse ao Highbury? Conte pra uma mulher inteligente que você gosta de futebol e pode se preparar pra um vislumbre bastante sóbrio do conceito feminino de masculinidade.

E, no entanto, sou obrigado a conceder que minha lamentável fúria durante o jogo com o Coventry era a conclusão lógica pra algo que havia começado quatro anos antes. Aos quinze anos, eu não era capaz de fazer uma escolha, nem de perceber que aquela não era necessariamente uma cultura à parte. Achava que, se queria passar meus sábados no Highbury vendo futebol, então precisava também dar as mais odiosas demonstrações de macheza que pudesse. Se, como parecia provável dada minha condição de menino sem pai, parte da obsessão pelo Arsenal tinha a ver com o fato de que era um jeito fácil de encher meu carrinho vazio no Supermercado da Masculinidade, talvez seja compreensível eu não ter conseguido, até bem mais tarde, separar o que era lixo ali do que valia a pena. Simplesmente fui catando tudo o que via pela frente, e um ódio

violento, estúpido e cego era algo que, certamente, estava no meu campo de visão.

Tive sorte (e foi sorte *mesmo*, não foi mérito nenhum) de ter enjoado daquilo bem rápido; sorte, mais do que tudo, porque as mulheres que me interessavam e os homens de quem eu quis me tornar amigo (e era exatamente isso) não teriam nada a ver comigo caso eu não tivesse enjoado. Se fosse sair com o tipo de garota que aceita e até incentiva a beligerância masculina, talvez não me incomodasse com aquilo. (Como era mesmo aquele slogan anti-Vietnã? “As mulheres dizem sim aos homens que dizem não”?) Mas existem torcedores de futebol, milhares deles, que não precisam nem querem examinar sua cultura de violência. Eu me preocupo com esses caras, e os desprezo, e tenho medo deles; e alguns, homens-feitos de trinta e tantos anos, já com filhos, estão velhos demais pra andar por aí dizendo que o pau vai comer, mas continuam a fazer isso mesmo assim.

Carol Blackburn

*Arsenal x Derby
31/3/73*

Acho que já é hora de uma defesa quanto à precisão destas memórias, e talvez das memórias de todo torcedor de futebol. Nunca mantive um diário de torcedor e esqueci completamente centenas e centenas de jogos; mas a passagem do tempo, na minha vida, está ligada às partidas do Arsenal, e todos os acontecimentos de alguma forma significativos pra mim estão contaminados pelo futebol. A primeira vez que fui padrinho de um casamento? Perdemos de 1 a 0 pro Tottenham na terceira rodada da Copa da Inglaterra, e escutei o relato da falha trágica do Pat Jennings num estacionamento em Cornwall, em uma ventania. O fim do meu primeiro caso de amor de verdade? Foi no dia seguinte a um decepcionante empate em 2 a 2 com o Coventry, em 1981. Que esses acontecimentos tenham ficado marcados talvez seja compreensível, mas o que não consigo explicar é por que me lembro de outras coisas. Minha irmã, por exemplo, se recorda de ter ido ao Highbury duas vezes, e nada mais do que isso; sei que ela viu uma vitória de 1 a 0 contra o Birmingham, em 1973 (gol do Ray Kennedy, na tarde em que o Liam Brady fez sua estreia), e outra vitória, por 2 a 0, contra o Stoke, em 1980 (Hollins e Sansom marcaram). Meu meio-irmão foi ao estádio pela primeira vez em janeiro de 1973 pra ver um 2 a 2, num dos jogos de mata-mata da Copa contra o Leicester, mas por que sou eu, e não ele, quem lembra disso? Por

que é que, quando alguém me conta que esteve no Highbury naquela vitória de 5 a 2 contra o Newcastle, em 1973, me sinto compelido a corrigir e dizer que o placar foi, na verdade, de 5 a 3? Por que não sou capaz de sorrir, educado, e dizer que sim, aquela foi mesmo uma grande partida?

Sei o quanto somos irritantes, o quanto devemos parecer malucos, mas não há nada mais que eu possa fazer a respeito a esta altura. (Meu pai é mais ou menos igual quando o assunto é futebol em Bournemouth ou críquete em Hampshire nos anos 40.) Aqueles placares e artilheiros se combinam com as respectivas ocasiões: o escorregão do Pat contra o Tottenham não tem, claro, a mesma importância do casamento do Steve, mas pra mim os dois eventos se tornaram partes intrínsecas e complementares de um todo novo e diferente. A memória de um obsessivo talvez seja, portanto, mais *criativa* do que a de uma pessoa comum; não no sentido de que inventamos coisas, mas de que nossas lembranças são um filme barroco, cheio de inovações, saltos de roteiro e narrativas simultâneas dividindo a tela. Quem mais, além de um torcedor, se valeria de uma deslizada num gramado lamacento a 450 quilômetros de distância pra se lembrar de um casamento? Ser obsessivo requer admirável agilidade mental.

É essa agilidade que me permite datar a chegada da minha adolescência com bastante precisão: foi numa quinta-feira, 30 de novembro de 1972, quando meu pai me levou pra Londres pra comprar roupas. Escolhi uma calça de corte folgado, modelo Oxford, um suéter preto de gola polo, uma capa de chuva e um par de sapatos sociais também pretos; lembro a data porque no sábado, quando o Arsenal bateu o Leeds em Highbury por 2 a 0, eu usava o traje completo, e nunca havia me sentido tão bem por dentro. Cultivei um novo corte de cabelo (era pra se parecer com o do Rod Stewart, mas nunca tive coragem de deixar espetado), combinando com a roupa; e, junto com o cabelo, passei também a cultivar meu interesse por garotas. Uma dessas três novidades faria tudo mudar.

O jogo contra o Derby era um daqueles bem importantes. Após uma transição indiferente que deu fim ao experimento do Futebol Total, o Arsenal aos poucos, com dificuldade, se reencontrou na disputa pelo campeonato sendo apenas o que sempre fora — um time cruel, aguerrido, competitivo, difícil de ser batido. Se ganhasse aquela partida (contra os detentores do título), tinha chance, pela primeira vez desde o ano da dobradinha, de ir ao topo da tabela da primeira divisão; estava empatado em pontos com o Liverpool, que pegava o Tottenham em casa naquela tarde. E uma olhada no programa do jogo com o Derby é um lembrete de como, no futebol, destinos são decididos por muito pouco. Se tivéssemos vencido o Derby, a chance seria total de levarmos o título; na verdade, perdemos o campeonato por três pontos, exatamente a diferença que permitimos que eles abrissem naquele dia. No sábado seguinte, disputaríamos a semifinal da Copa da Inglaterra contra o Sunderland, da segunda divisão, e perderíamos também. As duas derrotas levaram o Bertie Mee a desmontar totalmente o time, mas ele nunca chegou a acertar uma nova formação, e três anos depois pediu demissão. Se tivéssemos vencido qualquer um daqueles jogos — e tanto deveríamos quanto poderíamos ter vencido — talvez toda a história moderna do clube fosse completamente diferente.

Ou seja, a trajetória do time na década seguinte seria decidida naquela tarde, mas eu não estava nem aí. Na noite anterior, a Carol Blackburn, que eu estava namorando fazia umas três ou quatro semanas (eu me lembro de ter assistido os melhores momentos das quartas de final da Copa entre Arsenal e Chelsea — ela torcia pro Chelsea — na casa de um amigo, duas semanas antes), tinha me dado um pé na bunda. Era, na minha opinião, uma garota linda, com aquele cabelo comprido e liso repartido no meio e olhos tristes de corça como os da Olivia Newton-John; tal beleza havia me constrangido a um silêncio nervoso e infeliz durante a maior parte do namoro, e não chegou a ser grande surpresa ela ter me trocado por um cara chamado Daz, um ano mais velho que eu e — incrível — já com um emprego.

Eu me sentia muito infeliz vendo aquele jogo (estava no Setor do Relógio, não sei por quê; talvez tenha achado que a energia muito

focada do Setor Norte fosse inadequada pro momento), mas não por causa do que se desenrolava à minha frente: pela primeira vez em quase cinco anos indo ao Highbury, os acontecimentos no campo pareciam irrelevantes, e mal registrei que tínhamos perdido de 1 a 0 e, com isso, desperdiçado a chance de liderar o campeonato. Instintivamente eu sabia, enquanto o Arsenal ainda tentava empatar, no final do jogo, que não conseguiríamos marcar, que o zagueiro central do Derby podia pegar a bola com a mão e jogar no árbitro — ainda assim, perderíamos o pênalti resultante da jogada. Como achar que era possível ganhar ou empatar, se eu me sentia daquele jeito? O futebol como metáfora, mais uma vez.

Lamentei nossa derrota pro Derby, claro, embora não tanto quanto ser chutado pela Carol Blackburn. Mas o mais lamentável — e só muito, muito mais tarde percebi — era a distância que se abria entre mim e o clube. De 1968 a 1973, eram os sábados que davam sentido ao restante da minha semana, e qualquer coisa que acontecesse na escola ou em casa, em contraste, não passava de uma distração, não era mais do que o intervalo comercial entre os dois blocos de *The Big Match*. Naquela época, *minha vida* era o futebol, e já não falo metaforicamente: todas as coisas importantes — a dor da perda (Wembley, 68 e 72), a alegria (ano da dobradinha), a ambição frustrada (quartas de final da Copa dos Campeões da Europa contra o Ajax), o amor (Charlie George) e o tédio (a maioria dos sábados, na verdade) — eu tinha vivido no Highbury, e só ali. E até novos amigos eu ganhava, vindos das divisões de base e das contratações. O que a Carol Blackburn fez foi me lançar num novo tipo de vida, a vida real, sem projeções, na qual as coisas que aconteciam passaram a afetar a mim, e não ao clube, e isso, todo mundo sabe, não é lá dos melhores favores que alguém pode te fazer.

O adeus

Arsenal x Manchester City
4/10/75

Guardo uns poucos programas de jogos da temporada 73/74, de modo que devo ter ido a alguns naquele ano, mas não consigo me lembrar de nenhum. Sei que na temporada seguinte não apareci no estádio, e que na outra, 75/76, fui a uma partida só, com meu tio Brian e meu primo mais novo, o Michael.

Parei de ir porque o Arsenal estava com um time medonho: o George, o McLintock e o Kennedy tinham saído, sem que substitutos equivalentes fossem contratados, a melhor fase do Radford e do Armstrong já passara fazia tempo, o Ball não estava nem aí, alguns jogadores mais jovens (o Brady, o Stapleton e o O'Leary faziam parte daquele elenco) enfrentavam dificuldades pra se firmar num time capenga, o que era compreensível, e algumas das novas contratações simplesmente não estavam à altura. (O Terry Mancini, por exemplo, um zagueiro central careca, alegre e simplório, parecia ter sido trazido pensando na segunda divisão, que dava pinta de ser inevitável, àquela altura.) Em sete anos, novamente o Highbury se tornava a morada infeliz de um time de futebol moribundo, exatamente o que era quando eu me apaixonara pelo clube.

Dessa vez, porém, eu não queria saber (nem eu, nem outros 10 mil, por aí). Já tinha visto aquilo antes. O que eu não tinha visto ainda eram aquelas meninas do ensino médio e do colégio de freiras que trabalhavam na Boots da High Street de Maidenhead nos fins de

semana; e foi assim que, em algum momento de 1974, estendi meu turno no emprego como repositor de produtos (o qual havia arranjado só porque precisava de dinheiro pro futebol), passando a trabalhar não apenas depois da escola, mas também aos sábados.

Em 1975, eu ainda estava na escola, mas por pouco tempo. Fiz os exames de conclusão do ensino médio e passei raspando em duas ou três matérias; então, numa tremenda ousadia, decidi ficar mais um semestre pra estudar pro exame de admissão de Cambridge — acho que não porque quisesse ir pra Cambridge, mas por não estar a fim de ir pra universidade imediatamente, tampouco fazer uma viagem pelo mundo, dar aulas pra crianças com problemas de aprendizado, ralar num kibutz, nem nada dessas coisas que poderiam me tornar uma pessoa mais interessante. De modo que trabalhava umas duas vezes por semana na Boots, aparecia na escola de vez em quando e saía com os poucos conhecidos que ainda não tinham ido pra faculdade.

Não sentia muita falta do futebol. Tinha mudado de companhias durante o último ano do ensino médio: os caras com quem havia compartilhado os anos anteriores de colégio, o Sapo, o Larry, vulgo Caz, e o resto começaram a me parecer menos interessantes do que os jovens pretensiosamente caladões e depressivos das aulas de inglês, e de repente a vida se transformou em beber, usar drogas leves, ler literatura europeia e escutar Van Morrison. Minha nova turma orbitava em torno do Henry, um novato na escola que concorreu com um discurso maoista furioso na eleição pro centro acadêmico (e ganhou), ficava pelado em pubs e acabou numa espécie de instituição psiquiátrica, depois de roubar uns malotes do correio na estação de trem local e atirá-los em cima de uma árvore. O Kevin Keegan e suas impressionantes distâncias percorridas ao final dos jogos pareciam, compreensivelmente, bem chatos em comparação. Eu via futebol na tevê, e duas ou três vezes fui ver o QPR na temporada em que eles quase ganharam o campeonato, com o Stan Bowles, o Gerry Francis e aquele estilo emproado que nunca interessou ao Arsenal, na verdade. Eu era um intelectual agora, e os artigos do Brian Glanville no *Sunday Times* tinham me ensinado que

intelectuais são obrigados a ver futebol não pela alma do jogo, mas por sua arte.

Minha mãe não tem irmãos nem irmãs — todos os meus parentes são do lado do meu pai — e o divórcio dos meus pais nos isolou, minha mãe, minha irmã e eu, daquele tronco da família onde os ramos se multiplicavam, em parte por escolha nossa, em parte pela distância geográfica que nos separava. Alguém já disse que a família estendida que não tive, na adolescência, foi substituída pelo Arsenal, mas, embora esse seja o tipo de desculpa que eu mesmo gostaria de usar, é difícil até explicar como o futebol poderia ter a mesma função na vida que primos arruaceiros, tias carinhosas e tios com jeitão de tios. De modo que havia certa simetria no fato do meu tio Brian ligar dizendo que ia levar o filho de treze anos ao Highbury e perguntando se eu não os acompanharia: talvez, como o futebol começava a perder força na minha vida, eu agora fosse descobrir as alegrias de ter uma família maior.

Foi estranho ver o Michael, uma versão mais jovem de mim mesmo, sofrendo com seu time, que saiu perdendo de 3 a 0 e quase se recuperou no jogo (terminou 3 a 2, mas em nenhum momento o Arsenal deu mostras, de fato, de que arrancaria pelo menos um ponto). Vi o nervoso estampado no rosto dele e comecei a entender o quanto o futebol significava pra garotos daquela idade: a que mais a gente pode se entregar de corpo e alma quando os livros viraram sinônimo de lição de casa e as garotas ainda não se revelaram o foco de atenção que eu acabava de descobrir? Sentado ali, eu soube que aquele negócio, aquela fase no Highbury, tinha acabado pra mim. Não precisava mais daquilo. E, claro, era triste, porque os seis ou sete anos anteriores haviam sido muito importantes, salvaram minha vida, em vários sentidos; mas era hora de seguir em frente, de realizar meus potenciais romântico e acadêmico, de deixar o futebol praqueles cujos gostos eram menos sofisticados ou não tão desenvolvidos. Talvez o Michael assumisse o posto por alguns anos, antes de passar o bastão adiante. Era legal pensar que o gosto pelo

time não desapareceria completamente da família, e quem sabe um dia eu não voltasse com meu filho?

Não disse nada pro meu tio nem pro Michael — não queria tratá-lo como bobo, sugerindo que futebol era uma febre que só acometia crianças —, mas, quando saímos do estádio, intimamente me despedi. Já tinha lido poesia suficiente pra saber reconhecer um momento de enleação. Minha infância morria, pura e decentemente, e que outra perda alguém será capaz de chorar, se não apropriadamente essa, tão impactante? Aos dezoito anos, eu tinha finalmente crescido. A vida adulta não podia comportar o tipo de obsessão com o qual eu vinha me ocupando e, se tivesse de sacrificar o Terry Mancini e o Peter Simpson pra entender Camus e ir pra cama com um monte de estudantes de artes neuróticas, nervosas e vorazes, que assim fosse. A vida começava agora, e precisaria ser sem o Arsenal.

1976-1986

Segunda infância

Arsenal x Bristol City
21/8/76

Acontece que minha frieza em relação a tudo o que dizia respeito ao Arsenal não tinha, no fim, nada a ver com ritos de passagem, garotas, Jean-Paul Sartre ou Van Morrison, e muito a ver com a incompetência da dupla de força bruta Kidd/Stapleton. Quando o Bertie Mee pediu demissão e seu substituto, Terry Neill, trouxe o Malcolm MacDonald do Newcastle por 333.333 libras, minha devoção ressuscitou, misteriosamente, e lá estava eu, de volta ao Highbury pro começo da nova temporada, tão estupidamente otimista com o clube e louco pra assistir um jogo quanto estava no início dos anos 70, quando minha obsessão havia se transformado numa febre de bola. Se era certo, conforme a conclusão a que eu havia chegado antes, que a indiferença pelo Arsenal marcou o início da minha maturidade, então foi uma maturidade que durou apenas dez meses, e aos dezenove anos eu começava uma segunda infância.

Ninguém achava que o Terry Neill fosse nenhum salvador da pátria, na verdade. Tinha saído do Tottenham direto pro Arsenal, o que não o ajudava a ganhar a simpatia da torcida, e nem um bom trabalho lá ele havia feito: acabara, por pouco, de evitar que os caras caíssem pra segunda divisão (embora estivessem fadados a cair, de qualquer jeito). Mas era sangue novo, ao menos, e nosso time tinha alguns cantos cobertos de teias de aranha pra serem limpos; a julgar pelo tamanho do público no primeiro jogo do Neill

como técnico, eu não era o único a ter sido atraído de volta pela promessa de uma nova alvorada.

Na verdade, o MacDonald, o Neill e aquele novo tempo eram apenas parcialmente responsáveis pelo meu retorno ao ninho. Nos meses imediatamente anteriores, eu tinha dado um jeito de voltar a ser estudante, o que consegui, paradoxalmente, saindo da escola e arrumando um emprego. Depois de fazer os exames de admissão pra universidade, fui trabalhar numa grande companhia de seguros de Londres; a ideia, acho, era levar minha fascinação pela cidade a algum tipo de desfecho, tornando-me parte do lugar, mas isso se revelou mais difícil do que imaginei. Não ganhava tanto que pudesse morar na cidade, então fazia o trajeto desde lá de casa (meu salário era todo gasto em passagens de trem e nas saídas pra beber depois do expediente), e nem mesmo cheguei a conhecer tantos londrinos assim (embora, como eu tinha essa ideia fixa de que londrino *de verdade* era quem morava na Gillespie Road, na Avenell Road ou em Highbury Hill, código postal N5, os tais londrinos seriam sempre uma miragem). Meus colegas eram, na maioria, jovens dos Home Counties como eu.

De modo que, em vez de me tornar um adulto da cidade grande, acabei por recriar minha adolescência suburbana. A maior parte do tempo ficava mal-humorado de tanto tédio, exatamente como na escola (a empresa estava pra se mudar pra Bristol, e nós todos ali éramos tristemente subproveitados); sentávamos naquelas fileiras de escrivaninhas, dúzias de jovens tentando parecer ocupados, enquanto supervisores amargurados, a quem era negada até mesmo a mínima dignidade de um daqueles cubículos minúsculos onde ficavam seus chefes, nos vigiavam feito gaviões, nos repreendendo toda vez que nosso desperdício de tempo se tornava chamativo ou barulhento demais. É em ambientes desse tipo que o futebol prospera: passei a maior parte do longo e mortiferamente quente verão de 1976 falando sobre o Charlie, o ano da dobradinha e o Bobby Gould com um colega, um torcedor dedicado e, portanto, meio zombeteiro, que estava às vésperas de se tornar policial como eu estava de entrar na faculdade. Não demorou muito e comecei a

sentir um pouco da antiga empolgação voltando a me dominar com tudo.

Torcedores fanáticos de um mesmo clube sempre acabam se encontrando de novo em algum lugar — numa fila, numa lanchonete, no banheiro de um posto de gasolina de beira de estrada — e por isso era inevitável que eu voltasse a ver o Kieran um dia. Foi dois anos mais tarde, na saída da final da Copa da Inglaterra de 1978: ele estava sentado num muro, do lado de fora de Wembley, esperando uns amigos, a bandeira caída, tristonha, naquele clima fúnebre de fim de partida, e não era o momento certo de dizer ao sujeito que, se não fosse por aqueles nossos papos no escritório durante o verão, eu provavelmente não estaria ali naquela tarde, com uma cara tão infeliz quanto a dele.

Mas essa é outra história. Após o jogo da minha volta, com o Bristol City, fui pra casa me sentindo enganado. Apesar da apresentação do Malcolm MacDonald, cujo aceno hierático pra massa, antes do jogo, causou um mau pressentimento, o Arsenal não parecia estar melhor do que nos anos anteriores; na verdade, considerando que perdemos de 1 a 0 do Bristol City, um time que vinha da segunda divisão apenas pra penar durante quatro temporadas na primeira, podia-se muito bem argumentar que o time estava era jogando bem pior. Suei debaixo do sol de agosto, xinguei e senti aquela velha frustração gritante, sem a qual tinha vivido tão feliz. Como um alcoólatra que pensa já estar preparado pra se servir de uma dose pequena apenas, cometi o erro fatal.

Supermac

*Arsenal x Everton
18/9/76*

Num dos vídeos da minha coleção (*George Graham e o maior Arsenal de todos os tempos*, caso alguém esteja interessado), tem um momento que é puro Malcolm MacDonald. O Trevor Ross pega a bola na direita, cruza antes do lateral esquerdo do Manchester United conseguir chegar, o Fran Stapleton salta, toca de cabeça e a bola vai quicando até ultrapassar a linha e entrar na rede. E por que seria esse um momento tão quintessencialmente Supermac, uma vez que ele não tem participação alguma no gol? Porque lá está o Supermac, se jogando desesperado pra bola que cruza a linha, sem conseguir, aparentemente, tocá-la, e saindo a toda à direita da imagem, braços erguidos, não pra cumprimentar o autor do gol, *mas porque quer que pensem que o gol é seu*. (Ele espia ansioso por sobre o próprio ombro, ao perceber que os companheiros de time não parecem interessados em ir abraçá-lo.)

Esse jogo contra o Manchester não é o único exemplo do constrangedor pendor do Supermac a reclamar pra si qualquer coisa que acontecesse perto dele. Na semifinal da Copa da Inglaterra com o Orient, na temporada seguinte, foram computados pra ele dois gols. Na verdade, ambos os chutes teriam saído pela lateral — ou seja, não iam nem de longe na direção do gol — se não batessem num zagueiro do Orient (no mesmo as duas vezes) e enganassem ridiculamente o goleiro, indo parar no fundo da rede. Tais

considerações não o atingiam, porém, e o Malcolm comemorou os dois gols como se tivesse carregado a bola o campo inteiro, deixado pra trás um a um os marcadores e, por fim, colocado a bola no canto inferior esquerdo do adversário. Ele se levava a sério demais.

Nesse jogo com o Everton, que ganhamos de 3 a 1 (resultado que, mais uma vez, nos levou a acreditar que começávamos uma nova fase, em que o Terry Neill montaria um time capaz de voltar a vencer o campeonato), outra pérola. O MacDonald aposta corrida com o zagueiro central adversário, que chega antes, põe o pé na bola e, desesperado, a vê encobrir o próprio goleiro, o qual vinha saindo do gol; mas imediatamente o MacDonald joga os braços pro alto, corre na nossa direção, no Setor Norte, olha pra trás pra conferir a alegria do resto do time. É notório que, quando possível, os zagueiros não demoram a negar um gol contra, mas o jogador do Everton, estarecido com a cara de pau do atacante, declarou aos jornais que nosso número nove não tinha chegado nem perto de tocar na bola. Mesmo assim, deram o gol pro Supermac.

Na verdade, ele não teve lá uma grande passagem pelo Arsenal. Aposentou-se por causa de uma contusão no joelho, depois de ter jogado apenas três temporadas, e só entrou em quatro partidas da última. Conseguiu, ainda assim, se tornar uma lenda. Quando estava num bom dia, jogava que era um espetáculo, mas não teve muitas ocasiões assim no Highbury; a melhor fase foi no Newcastle, um time em geral de pouco talento, mas a ambição do Supermac era tal que acabou conseguindo, à força, seu lugar no Hall da Fama do Arsenal. (*Arsenal 1886-1986*, de Phil Soar e Martin Tyler, a história definitiva do clube, o coloca com destaque na capa, enquanto o Wilson, o Brady, o Drake e o Compton nem estão nela.)

Por que deixamos que ele tomasse conta do time desse jeito? Por que um jogador que atuou menos de uma centena de vezes pelo Arsenal é mais imediatamente associado ao clube do que outros que estiveram em campo seis ou sete vezes mais? O MacDonald era um jogador *glamouroso*, e nunca tivéramos glamour nenhum como time; daí fingirmos, no Highbury, que ele foi mais importante do que realmente foi e alimentarmos a expectativa de que, ao exibi-lo nas capas de nossos melhores livros, ninguém vá se lembrar de que o

Supermac só jogou no Arsenal por dois anos, pois assim ficamos parecidos com o Manchester United, com o Tottenham ou com o Liverpool. Apesar da fama e da riqueza do Arsenal, nunca fomos isso — sempre tão entediados, desconfiados de qualquer um que aparecesse com um ego —, mas não gostamos de admitir. O mito do Supermac é um truque do clube pra se sentir mais confiante, e acabamos por endossar a manobra, felizes da vida.

Uma cidade da quarta divisão

Cambridge United x Darlington
29/1/77

Fiz os exames de admissão pra Cambridge no lugar certo, na hora certa. A universidade procurava ativamente por alunos que tivessem estudado em escola pública, e nem meus fracos resultados nas provas de conclusão do ensino médio, minhas respostas meia-boca nos testes de admissão e minha entrevista irremediavelmente tímida foram capazes de evitar que eu fosse aceito. Finalmente aqueles agás meticulosamente ignorados ao pronunciar as palavras traziam alguma recompensa, embora não do jeito que eu um dia imaginara. Por causa deles acabei sendo aceito não no Setor Norte, mas no Jesus College de Cambridge. Certamente é só nas nossas universidades mais antigas que ter frequentado uma escola dos Home Counties ainda conta pontos.

É verdade que a maioria dos torcedores de futebol não tem um diploma de Oxford ou Cambridge (torcedores são pessoas, não importa que a mídia tente nos fazer acreditar no contrário, e a maioria das pessoas tampouco tem um diploma de Oxford ou Cambridge); mas a maioria também não tem ficha na polícia, nem anda por aí com facas, nem mija em sacos ou está disposta a fazer qualquer uma das outras coisas que torcedores, supostamente, fazem. Num livro sobre futebol, a tentação de se desculpar (por Cambridge, e por não ter largado a escola aos dezesseis anos e ido

parar no seguro-desemprego, na sarjeta ou na cadeia) é muito grande, mas seria totalmente errado fazer isso.

A quem, enfim, pertence o jogo? Algumas expressões aleatórias encontradas numa resenha do Martin Amis do livro *Entre os vândalos*, do Bill Buford: “um amor pelo que é feio”; “olhos de pit bull”; “a aparência e o odor corporal de batatas fritas sabor queijo e cebola”. São expressões cuja intenção é criar uma imagem pronta do torcedor típico, e torcedores típicos sabem que essa não é a imagem correta. Tenho consciência de que, em termos de formação, interesses e ocupação profissional, dificilmente poderia ser tomado como um representante de boa parte do pessoal que frequenta as arquibancadas; mas, quando se trata do meu amor pelo jogo e do conhecimento que tenho do assunto, do fato de que sou capaz de falar dele, e de fato falo, sempre que a oportunidade se apresenta, e do meu compromisso com o time, não sou nada fora do comum.

É célebre a frase que diz que o futebol é o esporte do povo, e como tal ele acaba atraindo todo tipo de gente que não é, por assim dizer, povo. Alguns gostam do futebol por serem socialistas sentimentais; outros porque são egressos da escola pública, do que se lamentam; outros ainda porque acham que suas profissões — escritores, gente de tevê ou executivos de agências de publicidade — os levaram pra muito longe de onde sentem que é seu lugar ou de onde vieram, e o futebol lhes parece uma forma rápida e indolor de retorno. São essas pessoas que, aparentemente, têm mais necessidade de retratar os campos de futebol como buracos frequentados por um pessoal desclassificado e purulento: afinal, não estão lá muito interessados em contar a verdade — que aqueles com “olhos de pit bull” são só alguns gatos-pingados, e geralmente se escondem atrás de óculos, e que as arquibancadas estão cheias de atores, modelos de publicidade, professores, contadores, médicos e enfermeiras, tanto quanto de trabalhadores honestos com seus bonés e de vândalos barulhentos. Sem essa demonologia toda a respeito do futebol, como é que aqueles que ficaram pra trás, desconectados do mundo moderno, poderiam provar que entendem do que estão falando?

“Diria que classificar os torcedores de futebol de ‘arrotadores sub-humanos’ torna mais fácil que sejamos tratados como tal, e portanto que ocorram tragédias como a de Hillsborough”, opinou, sobre a resenha do Amis, um sábio sujeito chamado Ed Horton, escrevendo pro fanzine *When Saturday Comes*. “Escritores são bem-vindos no mundo do futebol — o jogo não tem ainda uma literatura à altura. Mas esnobes se juntando aos ‘vândalos’ pra vandalizar —, é do que menos precisamos.” Exato. De modo que a pior coisa que eu poderia fazer é me penitenciar por ter a formação que tenho, ou negá-la, ou me desculpar por ela; o Arsenal é anterior a Cambridge na minha vida, e continuou a fazer parte dela muito depois, e aqueles três anos de faculdade não mudam muita coisa, até onde noto.

No meu caso, já ao chegar à universidade ficou claro que eu não estava sozinho: eram dúzias de rapazes de Nottingham, Newcastle e Essex, muitos dos quais tínhamos estudado em escola pública, agora recebidos numa faculdade ávida por atenuar a própria imagem de elitista; e todos nós jogávamos futebol e torcíamos por nossos times, de modo que não levou mais do que alguns dias pra nos acharmos, e aquilo era como começar de novo a escola, só que sem as figurinhas dos Astros do Futebol.

Nos feriados, eu voltava pra Maidenhead e ia ao Highbury, ou viajava de Cambridge pros jogos mais importantes, mas não tinha como bancar idas mais frequentes — motivo pelo qual voltei a me apaixonar, agora pelo Cambridge United. Não foi minha intenção — o time da cidade era pra ter sido apenas um jeito de matar a vontade das tardes de sábado, mas acabou competindo com o Arsenal pela minha atenção como nada até então havia sido capaz.

Eu não estava sendo infiel ao meu time, porque os dois clubes não habitavam o mesmo universo. Se meus dois objetos de adoração se esbarrassem numa festa, num casamento ou noutra dessas ocasiões sociais que se tenta evitar sempre que possível, provavelmente ficariam confusos: se ele ama a gente, o que foi que viu *naquele pessoal*? O Arsenal tinha o Highbury, grandes astros, uma torcida enorme e todo o peso de sua história nas costas; o Cambridge se apresentava num estadiozinho mixuruca, o Abbey Stadium (o equivalente do Setor do Relógio, ali, era o Setor das

Hortas, e de vez em quando torcedores visitantes mais maldosos se esgueiravam pelos fundos, arrancavam uns repolhos plantados pelos aposentados no terreno e atiravam por cima do muro), a maior parte dos jogos tinha um público de menos de 4 mil pessoas e o clube não tinha nenhuma história — estavam na Liga há seis anos apenas. Quando ganhavam uma partida, os alto-falantes do estádio mandavam a todo volume uma música, “Tenho um belo cacho de cocos”, um toque excêntrico que ninguém sabia explicar de onde vinha. Era impossível não sentir um carinho protetor e amistoso pelo time.

Bastaram alguns jogos pra que os resultados do Cambridge passassem a ter uma importância bem razoável pra mim. Ajudava o fato de ser um dos melhores times da quarta divisão — o técnico, Ron Atkinson, prezava um estilo veloz, de bola no chão, que normalmente rendia três ou quatro gols nos jogos em casa (bateram o Darlington por 4 a 0 na minha primeira ida ao estádio), e ajudava também a ligação com o Arsenal, representada pelo goleiro Webster e pelo zagueiro Batson. Eu tinha visto o Webster tomar dois gols num de seus poucos jogos pelo Arsenal, e o Batson, um dos primeiros jogadores negros a atuarem na Liga, no início dos anos 70, havia deixado de ser o meio-campista ruim dos tempos de Highbury pra se tornar um zagueiro classudo.

O que eu mais curti, porém, era a maneira como os jogadores se revelavam, seus caracteres e seus defeitos, quase que imediatamente. O moderno jogador da primeira divisão é, em grande medida, um anônimo: ele e os colegas têm formas físicas semelhantes, habilidade, velocidade e temperamento parecidos. A vida na quarta divisão era diferente. O Cambridge tinha jogadores gordos e magros, jovens e velhos, rápidos e lentos, jogadores em decadência e jogadores em ascensão. O Jim Hall, centroavante, parecia ter uns 45 anos e se movimentava como se tivesse; seu parceiro no ataque, o Alan Biley, que mais tarde veio a jogar pelo Everton e pelo Derby, usava um corte de cabelo absurdo à la Rod Stewart e corria na velocidade de um cão de páreo; o Steve Spriggs, motor do meio-campo, era baixinho e atarracado, as perninhas troncudas. (No período em que morei na cidade, pra minha

desgraça, fui várias vezes confundido com ele. Certa vez, dez minutos antes de um jogo pro qual o Spriggs estava escalado, um cara chamou a atenção do filho pequeno e apontou pra mim, que estava encostado num muro fumando um Rothmans e comendo uma torta de carne — um mal-entendido que revela bem as expectativas dos torcedores do Cambridge em relação ao time; noutra ocasião, no banheiro de um pub local, me vi numa absurda discussão com alguém que simplesmente se recusava a acreditar que eu não era quem eu dizia que não era.) O mais memorável de todos era o Tom Finney, um astuto e belicoso ponteiro que, inacreditavelmente, acabou disputando a Copa do Mundo de 1982 pela Irlanda do Norte, embora não tenha saído do banco, e, quando se atirava ou fazia uma falta, levantava lançando piscadelas afrontosas pra torcida.

Eu costumava acreditar, embora agora não acredite mais, que crescer e se tornar adulto fossem coisas análogas, processos inevitáveis e incontroláveis. Hoje me parece que virar adulto é algo voluntário, que a pessoa *escolhe* se quer fazer, e pode escolher ser adulta só em determinados momentos. Tais momentos surgem bem esporadicamente — durante crises nas relações amorosas, por exemplo, ou quando se tem a chance de recomeçar em algum outro lugar — e o cara pode ignorá-los ou aproveitá-los. Se fosse suficientemente esperto, eu podia ter me reinventado em Cambridge; podia ter me livrado do garotinho cuja fixação pelo Arsenal o ajudou na passagem complicada da infância pros primeiros anos da adolescência, e me tornado outra pessoa, um jovem cheio de presunção e confiança, ambicioso, certo dos caminhos que queria tomar no mundo. Mas não mudei. Por alguma razão, me afeiçeei ao eu da minha infância com todas as forças, deixando que ele me conduzisse ao longo dos anos de faculdade; e foi assim que o futebol, não pela primeira vez, tampouco por culpa dele, serviu ao mesmo tempo pra me dar estrutura e me tornar um retardado.

E a universidade se resumiu a isso, na verdade. Não entrei pro grupo de teatro, não colaborei no *Broadsheet* ou no *Stop Press*, não consegui um lugar entre os atletas nem a presidência do diretório

acadêmico; nada de política estudantil, jantares dançantes, bolsas de estudo ou exposições, nada. Assistia uns dois filmes por semana, ficava acordado até tarde e bebia cerveja; conheci um monte de gente legal que ainda encontro regularmente, comprei e peguei emprestado discos do Graham Parker, do Television, da Patti Smith, do Bruce Springsteen e do Clash, fui a uma única aula no meu primeiro ano inteiro, jogava duas vezes por semana pelo segundo ou terceiro times do meu departamento... e ficava à espera dos jogos no Abbey ou das rodadas da Copa no Highbury. Consegui, de fato, passar batido por todos os privilégios que uma formação em Cambridge pode oferecer a quem ganha direito a ela. Na verdade, o lugar me assustava, e o futebol, meu conforto de infância, meu cobertorzinho, foi o jeito que encontrei pra lidar com isso.

Meninos e meninas

Arsenal x Leicester City
2/4/77

Fiz mais uma coisa naquele ano, além de ver futebol, bater papo e ouvir música: me apaixonei, uma daquelas paixões de dar frio na barriga, por uma garota inteligente, bonita e animada da licenciatura. Limpamos o terreno (ela já atraía a atenção de vários pretendentes naquelas primeiras semanas e eu tinha uma namorada na minha cidade) e passamos a maior parte dos três ou quatro anos seguintes na companhia um do outro.

Ela é parte desta história, acho, em vários sentidos. Pra começar, foi minha primeira namorada a ir ao Highbury (nas férias de Páscoa, na metade do nosso segundo semestre). O espírito de sangue novo do início da temporada tinha desaparecido fazia tempo; na verdade, o Arsenal acabara de bater o próprio recorde da mais longa sequência de derrotas consecutivas — perdemos uma atrás da outra pra Manchester City, Middlesbrough, West Ham, Everton, Ipswich, West Brom e QPR. Ela encantou o time, porém, do mesmo jeito que tinha me encantado, e marcamos três vezes no primeiro quarto do jogo. O Graham Rix, que estava estreando, fez o primeiro, e o David O'Leary, que marcaria só mais meia dúzia de vezes em toda a década seguinte, anotou os outros dois num intervalo de dez minutos. Mais uma vez o Arsenal, previdente como sempre, se comportava de maneira tão maluca que aquele jogo, e não só a ocasião, se tornaria memorável pra mim.

Foi estranho tê-la ali comigo. Guiado por uma noção equivocada de cavalheirismo — tenho certeza de que ela preferia ter ficado de pé — insisti pra que comprássemos ingressos para a numerada no Setor Oeste; tudo de que me lembro hoje é de como ela reagiu a cada vez que o Arsenal marcou. Todo mundo na nossa fileira levantava, menos ela (nas cadeiras, ficar de pé pra comemorar um gol é um ato involuntário, como um espirro); três vezes olhei pra baixo e a vi dando risada. “Isso é tão *engraçado*”, ela explicava, e eu podia entendê-la. Realmente, nunca antes havia me ocorrido que o futebol é, de fato, um jogo engraçado, e que, como na maior parte das coisas que só funcionam se a gente *se envolve*, pra quem vê de fora (e, sentada, o que ela devia ver era bem peculiar: uma sequência de bundas masculinas, a maioria bastante deformada) é algo ridículo, como os bastidores de um filme de Hollywood.

Nosso relacionamento — pra ambos, o primeiro sério, duradouro, de dormir na casa do outro, conhecer as famílias, quem sabe um dia ter filhos — consistiu, em parte, em descobrir pela primeira vez os mistérios de uma *correspondente* do sexo oposto. Eu já havia namorado outras garotas, claro; mas ela e eu tínhamos histórias parecidas e pretensões similares, atitude e interesses semelhantes. Nossas diferenças, que eram enormes, se revelavam diferenças principalmente de gênero; se eu tivesse nascido mulher, teria sido o tipo de garota que ela era, assim eu pensava e esperava que fosse. Provavelmente esse foi o motivo pelo qual fiquei tão interessado nos gostos e caprichos e nas extravagâncias dela, e seus pertences me levaram a uma fascinação por quartos de garotas que continuou por todo o tempo em que garotas tinham quartos. (Hoje, nos meus trinta e poucos anos, elas não têm mais quartos — têm apartamentos ou casas, e normalmente os dividem com algum cara, de qualquer forma. Uma triste perda.)

O quarto dela me ajudou a entender que garotas são muito mais peculiares do que rapazes, uma constatação que doeu. Ela tinha uma coletânea dos poemas do Yevtushenko (quem diabos era o Yevtushenko?) e insondáveis obsessões pela Ana Bolena e pelas

irmãs Brönte; gostava de todos os cantores/compositores sensíveis e conhecia bem as teorias da Germaine Greer; sabia um pouco de pintura e de música clássica, um conhecimento que não tinha adquirido estudando pros exames de conclusão do ensino médio. Como é que se chegava àquilo? Por que eu era obrigado a recorrer a alguns livros de bolso do Chandler e ao primeiro disco dos Ramones pra ter algum tipo de identidade? Quartos de garotas forneciam um sem-número de pistas sobre a personalidade, a história e os gostos delas; rapazes, ao contrário, eram tão indiferenciáveis quanto fetos, e seus quartos, exceto por um ou outro pôster mais original (eu tinha um do Rod Stewart na minha parede, e gostava de pensar que aquilo era o que podia haver de mais agressivo, autêntico e consciente na avacalhação), tão indistintos quanto úteros.

É verdade que a maioria de nós se definia apenas pela quantidade e extensão de nossos interesses. Uns rapazes tinham mais discos que outros, alguns sabiam mais sobre futebol; outros estavam mais interessados em carros ou rúgbi. Tínhamos paixões em vez de personalidades, paixões previsíveis e desinteressantes, aliás, paixões que não eram capazes de nos refletir e iluminar como as da minha namorada... e essa é uma das diferenças mais inexplicáveis entre homens e mulheres.

Conheci mulheres que amavam futebol e iam a vários jogos numa temporada, mas até hoje não encontrei nenhuma capaz de fazer aquela viagem até Plymouth numa quarta à noite. E conheci mulheres amantes de música, capazes de diferenciar a Mavis Staples da Shirley Brown, mas jamais uma que tivesse uma coleção de discos gigantesca, crescendo cada vez mais e organizada neuroticamente em ordem alfabética. Elas sempre parecem ter perdido seus discos, ou deixado que outra pessoa em casa — um namorado, um irmão, alguém com quem dividem o apartamento, um homem, geralmente — cuide de colocar à mostra os vestígios físicos de seus interesses. Homens não podem permitir que isso aconteça. (Reconheço, às vezes, no meu grupo de amigos torcedores do Arsenal, uma competição sutil, mas perceptível: nenhum de nós gosta que outro apareça com alguma coisa sobre o clube que não sabíamos — a contusão de um dos reservas, digamos, ou uma

iminente mudança no design da camisa do time, algo assim, crucial.) Não estou dizendo que não existam mulheres cheias de manias, mas são em número muito menor do que seus pares masculinos; e, ainda que haja mulheres obsessivas, penso que geralmente suas obsessões são por pessoas, ou o foco de obsessão muda com frequência.

Lembrando o final da minha adolescência, na faculdade, quando muitos de nós, rapazes, éramos insípidos como água, é tentador acreditar que tudo começa mais ou menos nessa fase, que os homens são obrigados a desenvolver sua propensão a colecionar fatos, discos e programas de jogos de futebol pra compensar a falta de algo que os diferencie; mas isso não explica por que uma garota comum e inteligente já é, a essa altura, mais interessante que um garoto não menos comum e inteligente, senão pelo simples fato de pertencer ao outro sexo.

Talvez não seja de admirar que minha namorada quisesse ir ao Highbury: não havia mesmo muito mais que falasse de mim (ela tinha ouvido meu disco dos Ramones), ou ao menos nada que eu já tivesse conseguido descobrir e expressar. Tinha, sim, as minhas coisas — meus amigos, meu relacionamento com minha mãe, meu pai e minha irmã, minha música, meu amor pelo cinema, meu senso de humor —, mas não as percebia, somadas, como algo muito individual, não do jeito como as coisas dela eram individuais; minha solitária e intensa devoção pelo Arsenal, porém, e as demandas correspondentes (engolir as vogais, a essa altura, tinha atingido o estágio de crise quase insolúvel)... bom, pelo menos era um diferencial, e me conferia algum traço distintivo pra além de um nariz, dois olhos e uma boca.

Coisa de mulher

Cambridge United x Exeter City
29/4/78

Minha chegada a Cambridge levou o time local a ter as duas melhores temporadas de sua curta história. No meu primeiro ano lá, ganhou fácil o título da quarta divisão; no segundo, jogando a terceira, a vida ficou um pouco mais difícil, e só na última rodada da temporada veio o acesso à segunda. Eram dois jogos na mesma semana no Abbey: um na terça à noite, contra o Wrexham, melhor time do campeonato, que foi batido por 1 a 0, outro contra o Exeter no sábado, e só outra vitória garantia o acesso à divisão de cima.

Faltando vinte minutos pro final do jogo, o Exeter marcou, e minha namorada (que, junto com a amiga dela e o namorado, estava ali em busca da glória de um acesso de divisão) imediatamente fez o que sempre achei que mulheres teriam propensão a fazer em momentos de crise: desmaiou. A amiga dela a acompanhou até o serviço de ambulância do St. John's; eu, enquanto isso, nada fiz além de rezar por um gol de empate, que aconteceu, seguido pelo da virada, minutos depois. Somente após os jogadores terem estourado a última champanhe com sua extasiada torcida é que comecei a me sentir mal pelo comportamento indiferente de momentos antes.

Tinha lido recentemente *A mulher eunuco*, um livro que me causara profundo e duradouro impacto. Mas como é que eu podia me empolgar com a questão da opressão das mulheres se nem se

manter de pé sozinhas nos minutos finais de uma campanha de acesso tão apertada a gente podia confiar que elas conseguiriam? E o que fazer com um sujeito que estava mais preocupado por causa de um gol do Exeter City, da terceira divisão, do que com alguém que amava muito? Parecia uma situação sem remédio.

Treze anos depois, ainda me envergonho da minha indisposição, da minha *incapacidade* de socorrê-la, e me sinto assim, em parte, por saber que não mudei nada. Não quero ter que cuidar de ninguém quando estou num jogo; não sou *capaz* de cuidar de ninguém quando estou num jogo. No momento em que escrevo, faltam nove horas pra partida entre Arsenal e Benfica pela Copa dos Campeões da Europa, a mais importante no Highbury em anos, e minha mulher vai comigo: o que acontece se *ela* desmaiar? Será que vou ter a decência, a maturidade, o bom senso de me certificar que tenha um atendimento decente? Ou será que vou dar um chega pra lá no corpo caído e continuar a gritar pro bandeirinha, na esperança de que ela ainda esteja respirando ao fim dos noventa minutos, considerando, claro, que não haja prorrogação e pênaltis?

Sei que tais preocupações são motivadas pelo garotinho em mim, que se permite barbarizar quando se trata de futebol: esse garotinho acha que mulheres *sempre* vão desmaiar em jogos, que são fracas, que a presença delas ali inevitavelmente resulta em distração e desastre, ainda que minha atual parceira já tenha ido ao Highbury quarenta ou cinquenta vezes sem nunca dar nenhuma pinta de que desmaiaria. (Na verdade eu é que, em algumas ocasiões, chego bem perto de desmaiar, quando a tensão dos cinco minutos finais de um mata-mata da Copa comprime meu peito e o sangue sobe todo pra cabeça, se é que isso é biologicamente possível; e, às vezes, quando o Arsenal marca, literalmente vejo estrelas — bom, pra ser exato, pequenos pontos de luz —, o que não se pode tomar exatamente como sinal de grande resistência física.) Pois foi isso que o futebol fez comigo. Me transformou em alguém que não socorreria a mulher caso ela entrasse em trabalho de parto num momento limítrofe (muitas vezes me perguntei como seria se tivesse a perspectiva de me tornar pai no dia em que o Arsenal fosse jogar uma final de Copa da Inglaterra); e que, durante os jogos, volta a ter onze anos de

idade. Eu falei sério quando disse que o futebol me tornou um retardado.

Wembley III — O horror está de volta

*Arsenal x Ipswich
6/5/78 (em Wembley)*

É uma verdade universalmente reconhecida que a distribuição de ingressos pras finais da Copa é uma encenação: os dois clubes envolvidos, conforme sabe qualquer torcedor, ficam com menos da metade das entradas, o que significa que umas 30 ou 40 mil pessoas sem interesse direto na partida levam a outra metade. O argumento da Federação é de que a final da Copa da Inglaterra é um evento pra todos os envolvidos com futebol, não apenas pros torcedores, e não é um mau argumento: é bem razoável, penso, que árbitros, bandeirinhas, jogadores amadores e secretários das ligas locais sejam convidados pro grande dia do ano futebolístico. Há mais de uma maneira de se ver uma partida, afinal, e entusiastas neutros, nesse tipo de ocasião, têm seu lugar.

A única falha no esquema é que os tais entusiastas neutros, esse pessoal inatacável que dedica a vida a fazer o jogo acontecer, invariavelmente resolve que seus esforços serão mais bem recompensados não por uma viagem a Londres pro grande jogo, mas por um telefonema a um cambista conhecido: uns bons 90% dos convidados simplesmente passam adiante seus ingressos, que então acabam nas mãos dos torcedores aos quais tinham sido recusados, lá atrás. É um processo ridículo, uma típica e escandalosa

demonstração da burrice da Federação: todo mundo sabe o que vai acontecer e ninguém toma nenhuma providência.

Meu pai conseguiu pra mim um ingresso pra final com o Ipswich por contatos no trabalho, mas havia outros disponíveis, até na universidade, porque é comum os clubes receberem uma meia dúzia. (No ano seguinte, quando o Arsenal chegou novamente à final, acabei com dois ingressos na mão. Um deles obtido pelo meu vizinho de porta, que tinha ligações com um grande clube do noroeste da Inglaterra que, no passado, se encrancara com a Federação pela prática de distribuição descuidada de ingressos: meu amigo só precisou escrever pedindo e mandaram um pra ele.) Havia, sem dúvida, gente muito mais merecedora de um ingresso do que eu, gente que passara a temporada cruzando o país pra ver o Arsenal, em vez de estar à toa numa universidade, mas pelo menos eu era um autêntico torcedor de um dos dois times que disputavam a final e, portanto, com mais direito a estar ali do que muitos.

Meus companheiros de partida eram afáveis e receptivos caras de meia-idade chegando aos quarenta ou passando um pouquinho disso, os quais simplesmente não faziam ideia da importância daquela tarde pro resto de nós. Pra eles, era um passeio de fim de semana, uma diversão de sábado à tarde; se voltasse a encontrá-los um dia, acho que seriam incapazes de lembrar o placar do jogo, ou quem tinha marcado (no intervalo, ficaram conversando sobre intrigas que rolavam no escritório) e, de certa forma, eu invejava aquela indiferença. Talvez haja razão em se dizer que é um desperdício entregar ingressos de uma final de Copa a torcedores, assim como é desperdício dar a juventude aos jovens; aqueles caras, que de futebol sabiam só o suficiente pra sobreviver àquela tarde, curtiram pra valer a ocasião, o drama, o barulho e a empolgação, ao passo que odiei cada minuto, como tinha odiado toda final de Copa da Inglaterra envolvendo o Arsenal.

Fazia dez temporadas, agora, que eu era torcedor do Arsenal — pouco menos da metade da minha vida. Apenas em duas dessas temporadas o Arsenal tinha levantado o caneco; chegamos à final,

mas perdemos feio, em outras duas. Mas eram vitórias e derrotas ocorridas nos meus quatro primeiros anos no Highbury, e a vida que eu levava aos quinze anos era outra, completamente diferente da atual, aos 21. Feito lampiões de gás e carruagens puxadas por cavalos — ou talvez estojos de desenho e pistolas de brinquedo —, Wembley e títulos nacionais estavam começando a parecer coisas de uma vida pregressa.

Quando chegamos à semifinal da Copa da Inglaterra e a vencemos, em 1978, a sensação foi de que o sol voltava a surgir depois de muitos anos de tardes de novembro. Quem odeia o Arsenal já terá esquecido, ou simplesmente se recusará a lembrar, que aquele time era capaz de jogar um futebol agradável, até mesmo encantador: o Rix e o Brady, o Stapleton e o MacDonald, o Sunderland e o melhor deles todos, condição que durou apenas aquela temporada, Alan Hudson... por três ou quatro meses pareceu que aquele era o time que podia nos fazer felizes, na medida em que é possível ser feliz no futebol.

Se eu estivesse escrevendo um romance, o Arsenal venceria a Copa da Inglaterra de 1978. Uma vitória, aqui, faria mais sentido, em termos de ritmo e do desenvolvimento do drama; uma nova derrota em Wembley, a esta altura, seria um teste de paciência, desafiaria o senso de justiça do leitor. As únicas desculpas que posso apresentar para este meu enredo pobre são que o Brady estava claramente sem condições de jogo e nunca deveria ter entrado em campo, e que o Supermac, o qual vinha dando algumas de suas típicas e insensatas declarações à imprensa sobre o que aprontaria pra cima da defesa do Ipswich, foi menos do que inútil na partida. (Tinha caído na mesma sequência de equívocos — primeiro contar vantagem, depois não jogar nada — de quatro anos antes, quando ainda defendia o Newcastle; algum tempo depois do fiasco contra o Ipswich, o *Guardian* publicou, numa brincadeira de perguntas e respostas: “O que é o que é: sempre está na final da Copa da Inglaterra, mas nunca serve pra nada?”. A resposta correta seria: as fitas do time que perde a final e não são amarradas nas alças do troféu, mas algum espertinho escreveu pro jornal dizendo que era o Malcolm MacDonald.) Foi uma final de esmagadora superioridade de

um dos lados, embora o Ipswich só tenha vindo a marcar no segundo tempo; em nenhum momento pareceu que íamos reagir, e perdemos de 1 a 0.

De modo que agora eu havia perdido três de três em Wembley, e estava convencido de que nunca, jamais veria o Arsenal dar a volta olímpica naquele lugar. E, no entanto, a de 1978 talvez seja a menos dolorosa dessas derrotas, pois eu estava na companhia de pessoas que não sentiram nem um pouco, nem mesmo o cara que usava um cachecol vermelho e branco (suspeitamente limpo, como se tivesse sido comprado do lado de fora do estádio). É um estranho paradoxo o fato de que, enquanto o sofrimento dos torcedores de futebol (e trata-se de sofrimento real) é particular — cada um de nós mantém uma relação individual com seu clube, e acho que, secretamente, temos certeza de que nenhum dos demais torcedores entende que fomos nós os maiores afetados — eles são obrigados a sofrer em público, rodeados de pessoas cuja dor é expressa de formas diversas.

Muitos manifestam ódio ao próprio time ou aos torcedores adversários — uma fúria real e em altos brados que me deixa deprimido. Nunca tive vontade de fazer isso; só quero ficar na minha e pensar, curtir um pouco a fossa e recuperar as energias pra poder voltar e começar tudo de novo. Aqueles caras de escritório sentiram pelo time, mas não esquentaram a cabeça. Me convidaram pra uma bebida, recusei, eles então apertaram minha mão, ofereceram suas condolências e desapareceram; pra eles era só um jogo, de fato, e provavelmente me fez bem ficar na companhia de gente que se comporta como se o futebol não passasse de diversão e entretenimento, como o rúgbi, o golfe ou o críquete. Coisa que o futebol não é, claro, de jeito nenhum, mas foi interessante e instrutivo, só por uma tarde, estar com pessoas que acreditavam nisso.

Camundongos de açúcar e discos dos Buzzcocks

*Cambridge United x Orient
4/11/78*

O que aconteceu foi que o Chris Roberts comprou um camundongo de açúcar na lojinha do Jack Reynolds ("Rei do Torrão"), arrancou a cabeça na primeira mordida e, antes que tivesse tempo de abocanhar o resto, derrubou o corpo na Newmarket Road e um carro passou por cima. E, naquela tarde, o Cambridge United, que até ali não vinha tendo vida fácil na segunda divisão (duas vitórias na temporada toda, uma em casa, outra fora), bateu o Orient por 3 a 1, e assim nascia um ritual. Antes de cada partida no Abbey, entrávamos todos na loja de doces, comprávamos nossos camundongos, saíamos à rua, arrancávamos as cabecinhas de açúcar com a primeira mordida como se removêssemos pinos de granadas e atirávamos o resto pra ser atropelado pelos carros que passavam; o Jack Reynolds parava na porta da loja vendo e balançando a cabeça, penalizado. Com o ritual de proteção, o Cambridge United permaneceu invicto em casa durante meses.

Sei que é particularmente idiota esse meu negócio de rituais, mas vem desde que comecei a ir a jogos de futebol, e sei também que não estou sozinho nisso. Eu me lembro, quando era mais novo, de me obrigar a levar comigo pra Wembley um pedaço de massa de vidraceiro, durepoxi, ou outra coisa boba qualquer, que eu passava a tarde inteira rolando entre os dedos nervosos (eu já era um fumante

antes de ser e nem tinha idade pra isso); também lembro que o programa do jogo devia ser comprado sempre do mesmo vendedor e, ao entrar no estádio, eu precisava usar sempre a mesma catraca.

Foram centenas de bobagens semelhantes, todas pensadas pra garantir vitórias de um ou outro dos meus dois times. Na interminável e desesperadora disputa da semifinal com o Liverpool, em 1980, desliguei o rádio na metade do segundo jogo; o Arsenal estava ganhando de 2 a 1 e, como o Liverpool tinha empatado nos segundos finais da partida anterior, não aguentei ouvir o resto daquele segundo jogo. Coloquei pra tocar um disco dos Buzzcocks (a coletânea *Singles: Going Steady*), com a ideia de que, ao terminar de ouvir o primeiro lado, o jogo já teria chegado ao fim. Ganhamos, e fiquei insistindo com o cara com quem dividia apartamento e que trabalhava numa loja de discos pra ele colocar pra tocar os Buzzcocks às quatro e vinte da tarde da final, mas não funcionou. (Tenho minhas suspeitas de que ele acabou esquecendo.)

Tentei emplacar gols “fumantes” (uma vez o Arsenal marcou enquanto três de nós acendíamos cigarros), e também o truque de comer batatas fritas sabor queijo e cebola a certa altura do primeiro tempo; tentei o truque de não colocar pra gravar os jogos (o time parece ter se dado muito mal quando, algumas vezes, programei o videocassete, de modo que pudesse chegar em casa e estudar nosso desempenho); tentei meias da sorte, camisas da sorte, bonés da sorte, amigos da sorte, assim como evitei outros amigos que, eu sentia, só zicavam o time.

Nada (exceto os camundongos de açúcar) deu certo, nunca. Mas o que mais a gente pode fazer sendo tão *vulnerável*? Investimos horas todos os dias, meses todos os anos, anos ao longo da vida em alguma coisa sobre a qual não temos controle; será tão surpreendente que acabemos obrigados a criar liturgias engenhosas, ainda que bizarras, designadas a nos dar a ilusão de que temos, afinal, poder, exatamente como fez qualquer outra comunidade primitiva até hoje, quando confrontada com algum mistério profundo e aparentemente impenetrável?

Wembley IV — A catarse

*Arsenal x Manchester United
12/5/79 (em Wembley)*

Eu não tinha nenhuma ambição pessoal antes dos 25, 26 anos, quando decidi que podia viver de escrever e era isso que ia fazer, mandei meu emprego às favas e fiquei por aí, esperando que algum editor ou produtor de Hollywood me ligasse dando carta branca pra eu escrever o que quisesse. Meus amigos de faculdade devem ter me perguntado o que eu pretendia fazer da vida, particularmente porque, àquela altura, estávamos nos meses finais do curso; mas o futuro continuava a me parecer tão desinteressante e difícil de imaginar quanto era aos meus quatro ou cinco anos de idade, de modo que não faço ideia do que respondi. Provavelmente balbuciei algo sobre trabalhar com jornalismo ou edição de livros (o equivalente exato, entre estudantes de humanidades, a querer ser maquinista ou astronauta), mas intimamente começava a desconfiar de que, tendo desperdiçado três anos de universidade, tais carreiras não seriam possíveis. Conhecia gente que havia passado a graduação inteira colaborando nos jornais da universidade e não conseguia emprego. Que chances teria eu? Decidi que era melhor não saber e, assim, não me candidatei a emprego nenhum.

Podia não ter muita ideia do que fazer da vida, mas não me faltavam grandes planos pros meus dois times. Dois desses sonhos — o Cambridge United subir da quarta pra terceira divisão, depois da terceira pra segunda — já estavam realizados. Mas o terceiro e mais

ardente desejo, ver o Arsenal ganhar a Copa da Inglaterra em Wembley (e, no fim das contas, essa talvez fosse uma ambição pessoal, pelo fato de que minha presença no momento crucial era parte dela), continuava pendente.

O time fizera sua parte com extrema competência, chegando à segunda final consecutiva da Copa. Foram cinco jogos até lá, passando pelo Sheffield Wednesday, da terceira divisão (a polícia tinha decidido, recentemente, que a bela e estranha tradição da Copa da Inglaterra de ser uma maratona multijogos não podia mais continuar); em seguida, com um empate fora de casa, passamos pelo Nottingham Forest, campeão da Europa, e pelo Southampton, outra disputa complicada, vencida no desempate com dois gols incríveis do Alan Sunderland. A semifinal contra os Wolves foi relativamente tranquila, apesar da ausência do Brady, machucado: dois gols marcados no segundo tempo, Sunderland e Stapleton, e estávamos de volta a Wembley.

Exatamente uma década depois daquela final com o Manchester United, em maio de 1989, eu esperava uma resposta sobre um roteiro que tinha escrito, ao mesmo tempo que a melhor chance do Arsenal ganhar o campeonato em dezoito anos parecia rapidamente ir por água abaixo. O roteiro, um piloto de *sitcom*, já vencera mais etapas do que o normal até ali; tinha havido encontros cheios de entusiasmo com o pessoal do Channel 4, e as coisas pareciam estar indo bem. Mas, desesperado com um mau resultado, uma derrota em casa pro Derby no último sábado da temporada, coloquei meu trabalho (cujas aceitação teria resgatado uma carreira e uma autoestima a caminho da perdição) numa espécie de altar de sacrifício pessoal: se ganhássemos o campeonato, não me importaria com uma recusa do roteiro. A recusa veio, como sempre, e doeu pra caramba durante meses; mas o campeonato também, e hoje, dois anos depois, com a decepção profissional há muito esquecida, mas a vibração pelo gol do Michael Thomas ainda me arrepiando quando penso nisso, sei que fiz um bom negócio.

Em maio de 1979, o potencial pra negociação era extenso e complicado. Na quinta anterior à final da Copa, Thatcher concorreria nas eleições gerais; na quinta seguinte, meus exames de conclusão de curso, na universidade, começariam. (Talvez se a semana fosse outra, mais tranquila, eu encontrasse tempo e energia pra me preocupar com os exames, mas um histórico escolar medíocre era inevitável àquela altura, e também, nas universidades britânicas, se formar é tão fácil quanto fazer aniversário: basta esperar um pouco que acaba acontecendo.) Mas a verdade terrível é que eu estava disposto a aceitar um governo conservador, se isso significasse que o Arsenal seria campeão da Copa da Inglaterra; não dava pra adivinhar que a Thatcher acabaria sendo o mais longo primeiro-ministro do século. (Eu teria feito a mesma barganha se soubesse? Onze anos de thatcherismo por um título da Copa? Claro que não. Teria exigido pelo menos uma dobradinha.)

O fato dos tóris terem levado a eleição com vantagem confortável na quinta não significou que eu estivesse esperando uma vitória confortável nossa no sábado. Eu sabia que negociar, tanto quanto ficar rolando massa de vidraceiro nos dedos e usar uma camisa determinada, não era garantia de sucesso, e o outro finalista, o Manchester United, era um time de respeito, não estava ali só como figurante ou pra aproveitar o banho de cerveja no final — tipo o, bom, o Ipswich ou, digamos, o Swindon. O Manchester United era bem capaz de, sem nenhum espírito esportivo, ignorar negociações envolvendo as eleições gerais e simplesmente marcar um monte de gols e nos dar uma lavada.

A maior parte do jogo, porém, o Manchester United jogou como se soubesse do meu trato e estivesse mais do que satisfeito em cumprir sua parte. O Arsenal marcou duas vezes no primeiro tempo, 1 a 0 aos doze minutos (a primeira vez, em quatro jogos, que eu via o time sair na frente em Wembley), 2 a 0 pouco antes do intervalo, o qual se transformou em quinze minutos de uma abençoada, relaxada e barulhenta celebração. A maior parte da segunda etapa transcorreu mais ou menos do mesmo jeito, até que, a cinco minutos do fim, o Manchester United marcou... e, faltando dois, numa câmara lenta traumática e confusa, marcou de novo.

Tínhamos jogado fora o resultado, todos, jogadores e torcedores, sabíamos disso, e, vendo os jogadores do Manchester United aos saltos de alegria na linha lateral, me voltou a sensação terrível que tivera quando criança — de que odiava o Arsenal, de que o clube era um fardo que eu não podia mais carregar, mas do qual jamais seria capaz de me livrar.

Eu via tudo das arquibancadas mais altas, com outros torcedores do Arsenal, bem atrás do gol do Manchester United; sentei, de tão zozzo com a dor, a raiva, a frustração e a autocomiseração, incapaz de continuar de pé. Outros fizeram o mesmo e, atrás de mim, duas adolescentes choravam baixinho, não naquele estilo desbragado de choro adolescente nos shows do Bay City Rollers, mas um choro que sugeria um sofrimento profundo e íntimo.

Eu estava tomando conta de um moleque americano, um amigo da família, naquela tarde, e vê-lo discretamente solidário comigo, mas obviamente perplexo, me fez sair do transe em que estava pra um alívio constrangido: eu *sabia* que aquilo era só um jogo, que havia coisas piores no mundo, que tinha gente passando fome na África, que talvez ocorresse um holocausto nuclear nos meses seguintes; sabia que o placar estava 2 a 2, caramba, e que o Arsenal ainda tinha chance de reverter a situação, de alguma forma (embora também soubesse que a maré agora estava contra e os jogadores, desmoralizados demais pra serem capazes de ganhar o jogo na prorrogação). Mas saber de tudo isso não me ajudava. Eu estivera a cinco minutos de realizar a única ambição real que mantinha desde os onze anos de idade; e, se é permitido sofrer porque não se teve uma promoção merecida, ou pela perda de um Oscar, ou quando se tem um romance rejeitado por todas as editoras de Londres — e nossa cultura permite isso, mesmo que quem sofra tais decepções venha acalentando esses sonhos há apenas um par de anos, e não há uma década, *metade de uma vida*, como eu — então, cacete, eu tinha sim o direito de sentar num degrau de concreto por uns dois minutos tentando engolir o choro.

E foi mesmo por dois minutos. Quando o jogo foi retomado, o Liam Brady avançou em profundidade no campo de defesa do Manchester United (depois da partida, ele declarou que estava

pregado e apenas tentava evitar que, tendo a bola, o adversário fizesse o terceiro) e rolou a bola pro Rix, na ponta. Eu estava assistindo ao que acontecia, mas não estava *vendo*; mesmo quando o Rix cruzou e o goleiro do Manchester United, Gary Bailey, furou, eu não estava prestando muita atenção. Mas aí o Alan Sunderland botou o pé, meteu pra dentro, no gol bem à nossa frente, e eu estava gritando não "gol", ou qualquer outra coisa que normalmente sairia da minha garganta num momento desses, era apenas um ruído o que eu fazia, "AAAARRRRGGGGHHHH", um ruído saído das profundezas de júbilo e embasbacada descrença dentro de mim, e de repente os degraus de concreto voltaram a estar cheios de gente, pessoas que se atiravam umas por cima das outras, olhos arregalados, descontroladas. Brian, o moleque americano, olhou pra mim, abriu um sorriso discreto e tentou encontrar, no meio do caos, mãos que pudesse levantar pro alto e aplaudir, entusiasmado, mas com um entusiasmo que, desconfio, não sentia.

Flanei pelos exames de conclusão de curso como se estivesse anestesiado por uma droga benigna, indutora de um estado de idiotia. Alguns dos meus colegas, aspecto descorado pelo estresse e pelas noites sem dormir, ficaram perplexos com meu humor naqueles dias; outros, também torcedores, entenderam e invejaram. (Na faculdade, assim como na escola, não havia outros torcedores do Arsenal.) Me formei com histórico medíocre e sem sobressaltos desnecessários; e, uns dois meses depois, encerradas as comemorações do título e do final do ano acadêmico, passei a ter de encarar o fato de que, naquela tarde de 12 de maio, havia conquistado a maior parte do que sempre quisera conquistar, e de que não tinha ideia do que fazer com o resto da minha vida. Estava com 22 anos, e o futuro de repente me pareceu um vazio assustador.

Tapando buraco

Arsenal x Liverpool
1/5/80

É difícil pra mim, e pra muitos de nós, pensar num ano como alguma coisa fechada, com um começo em 1º de janeiro e um fim 365 dias depois. Eu ia dizer que 1980 foi um ano parado, vazio, sem rumo, mas não é verdade; 79/80 é que foi assim. Torcedores de futebol falam nesses termos: nossos anos, ou unidades de tempo, transcorrem entre agosto e maio (junho e julho não existem, especialmente nos anos ímpares, em que não tem nem Copa do Mundo nem Eurocopa). Se alguém nos pergunta pela melhor e pela pior época de nossas vidas, quase sempre respondemos com duplas de números — 66/67 pros torcedores do Manchester United, 67/68 pros do Manchester City, 69/70 pros do Everton, e assim por diante —, sendo aquela silenciosa barra no meio a única concessão ao calendário usado em outros lugares do mundo ocidental. Ficamos bêbados na noite de Ano-Novo, como todo mundo, mas é em maio, na verdade, depois da final da Copa da Inglaterra, que nossos relógios mentais são zerados, e nos entregamos a promessas, arrependimentos e intenções renovadas, aquelas coisas a que as pessoas normais se entregam no fim de um ano convencional.

Talvez devêssemos ter uma folga do trabalho na noite da final da Copa da Inglaterra, pra podermos nos reunir e comemorar. Somos, afinal, uma comunidade dentro da comunidade; do mesmo jeito que existe o Ano-Novo chinês, quando as ruas no entorno de Leicester

Square são fechadas, os chineses de Londres fazem sua procissão e preparam comida tradicional e aparecem turistas pra vê-los celebrar, talvez houvesse alguma maneira pela qual pudéssemos marcar a passagem de mais uma temporada de triste fracasso, decisões ineptas de árbitros, recuos de bola ruins e contratações terríveis. Podíamos vestir a horrorosa segunda camisa do time e cantar nossas músicas; podíamos comer nossos Wagon Wheels — os biscoitos de marshmallow que só torcedores de futebol comem, porque só são vendidos nos estádios — e nossos hambúrgueres pestilentos, e beber refrigerante morno de uma cor laranja tétrica em garrafas de plástico, refresco que seria fabricado especialmente pra ocasião por uma empresa chamada qualquer coisa como Stavros de Edmonton. E podíamos dar um jeito da polícia participar mantendo a gente de pé num... ah, esquece. Essa porcaria de ladainha me fez ver como nossas vidas são uma droga durante nove meses, ao final dos quais quero viver cada uma das curtas doze semanas que tenho à minha disposição como se fosse um ser humano.

Pra mim, 79/80 foi uma temporada em que o futebol — até ali a coluna vertebral da minha vida — se tornou o próprio esqueleto que me sustentava. Não fiz mais nada na temporada inteira além de ir ao pub, trabalhar (numa oficina nos arredores de Cambridge, porque não consegui pensar em nada melhor), sair com minha namorada, cuja graduação durava um ano a mais que a minha, e esperar pelos sábados e pelas quartas. O extraordinário foi que o Arsenal pareceu corresponder à minha necessidade do máximo de futebol possível: o time jogou setenta vezes naquela temporada, sendo que 28 delas foram mata-mata. Toda vez que dei algum sinal de que me tornava mais apático do que o recomendável, o Arsenal resolvia a situação jogando mais uma.

Lá por abril, eu estava de saco cheio do emprego, da minha indecisão, de mim mesmo. Mas, justo quando começou a parecer que os buracos da minha vida eram grandes demais pra serem tapados até pelo futebol, a urgência do Arsenal por me distrair se tornou frenética: entre 9 de abril e 1º de maio, jogamos seis semifinais, quatro jogos contra o Liverpool pela Copa da Inglaterra, mais dois contra a Juventus, pela Recopa Europeia. Somente uma

dessas partidas — a de ida contra a Juve — aconteceu em Londres, de modo que tudo girou em torno do rádio. Só o que consigo me lembrar daquele mês inteiro é ter trabalhado, dormido e escutado o Peter Jones e o Bryon Butler ao vivo do Villa Park, ou de Hillsborough, ou de Highfield Road.

Não sou um bom ouvinte de rádio, mas muito poucos torcedores são. A torcida é muito mais rápida que os locutores — os gritos e lamentos da massa precedem a descrição da ação por vários segundos — e a impossibilidade de ver o campo me deixa muito mais nervoso do que se eu estivesse no estádio, ou vendo na tevê. No rádio, qualquer chute contra o gol da gente está indo exatamente no ângulo, qualquer cruzamento cria pânico, qualquer falta pro adversário é marcada pertinho da área; na época em que não havia transmissão televisionada ao vivo, quando a Radio 2 era minha única conexão com as distantes façanhas do Arsenal, eu costumava ficar fuçando no dial, mudando de uma estação pra outra, desesperado pra saber o que estava acontecendo, mas igualmente desesperado pra não ter de ouvir. Futebol pelo rádio é o futebol reduzido a seu mínimo denominador comum. Privado dos prazeres estéticos do jogo, do consolo que é ver uma multidão tendo as mesmas sensações, da segurança de poder conferir que os zagueiros e o goleiro do time estão mais ou menos onde deveriam estar na jogada, tudo o que resta é puro medo. O ruído sombrio e fantasmagórico que costumava atormentar a Radio 2 durante as noites era totalmente apropriado.

Os dois últimos desempates daquela semifinal com o Liverpool quase me mataram. No terceiro jogo, o Arsenal saiu na frente no primeiro minuto e manteve a vantagem pelos oitenta e nove minutos seguintes; sentei, levantei, fumei, passei de um lado pro outro o segundo tempo inteiro, incapaz de ler alguma coisa ou conversar ou pensar, até que o Liverpool empatou nos acréscimos. O gol de empate foi como o tiro de uma arma que estava apontada pra minha cabeça fazia uma hora, com a desagradável diferença de que, ao contrário de uma bala, aquilo não acabava com tudo — me obrigava,

isso sim, a passar pela coisa toda outra vez. Na quarta partida, três dias depois, o Arsenal marcou de novo o primeiro, e foi quando, de tão apavorado, precisei desligar o rádio e descobri as propriedades talismânicas dos Buzzcocks. Dessa vez, o Liverpool não conseguiu se recuperar, e o Arsenal chegou à sua terceira final de Copa da Inglaterra em três anos; o problema é que, depois de um massacre daqueles, de tanta ansiedade e de um envenenamento por nicotina, eu quase nem me importava.

Liam Brady

Arsenal x Nottingham Forest
5/5/80

Fazia um ano que eu convivia com a possibilidade da venda do Liam Brady pra outro time, assim como, no final dos anos 50 e início dos 60, os adolescentes americanos precisaram conviver com a possibilidade de um apocalipse. Sabia que ia acontecer, e mesmo assim me permiti ter esperanças; todo dia ruminava minhas preocupações, percorrendo os jornais escrupulosamente em busca de pistas de que ele tivesse renovado contrato, estudava cuidadosamente seu comportamento em campo em relação aos outros jogadores, pois quem sabe ali não se revelasse que os laços eram fortes demais pra serem rompidos? Nunca tinha me sentido tão intensamente apegado a um jogador do Arsenal: por cinco anos, ele foi o foco do time, e, portanto, o centro de uma parte muito importante de mim mesmo, e a consciência de um suposto desejo do Brady de deixar o Arsenal não me abandonava, uma pequena mancha em qualquer raio X do meu bem-estar.

Muito dessa fixação era fácil de explicar. O Brady era meia, um passador, e o Arsenal nunca mais teve um de verdade desde que ele se foi. Pode ser surpreendente, pra quem conhece os rudimentos do jogo, descobrir que um time da primeira divisão é capaz de entrar em campo sem um jogador que saiba passar a bola, mas é algo que não é mais novidade pro resto de nós: o passe saiu de moda pouco depois dos cachecóis de seda e pouco antes das bananas infláveis.

Técnicos e, portanto, jogadores hoje preferem métodos alternativos de movimentação da bola de um lado ao outro do campo, o principal deles consistindo numa espécie de muralha de músculos postada na linha central, que serve pra desviar a bola mais ou menos na direção dos atacantes. Acho que estou falando por todos nós quando digo que costumávamos *gostar* de uma troca de passes, que sentíamos, no geral, que isso era uma coisa boa. Era legal de ver, o recurso mais bonito do futebol (um bom jogador era capaz de dar um passe pra um companheiro de time que não tínhamos visto, ou de meter a bola num ângulo que não havíamos considerado, uma geometria agradável), mas parece que os técnicos acharam que aquilo dava muito trabalho e pararam de se preocupar com produzir jogadores capazes de fazer esse tipo de jogada. Ainda existem um ou dois bons passadores na Inglaterra, mais ou menos como ainda se encontram uns poucos colocadores de ferraduras.

Quem, entre nós, tem hoje seus trinta e poucos anos costuma superestimar os anos 70. Olhamos pra trás como se aquela fosse uma era de ouro e compramos camisas antigas, assistimos vídeos antigos, falamos com espanto e pesar do Keegan e do Toschack, do Bell e do Summerbee, do Hector e do Todd. Esquecemos que a Inglaterra nem se classificou pra duas Copas do Mundo, além de fazer vista grossa pro fato de que a maioria dos times da primeira divisão tinha no elenco pelo menos um jogador — o Storey no Arsenal, o Smith no Liverpool, o Harris no Chelsea — que simplesmente não sabia jogar futebol. Comentaristas e jornalistas se queixam do comportamento dos profissionais de hoje — da petulância do Gazza, das cotoveladas do Fashanu, das brigas do Arsenal —, mas riem às sacudidelas, indulgentes, ao se lembrar do Lee e do Hunter se pegando até os vestiários depois de terem sido expulsos, do Bremner e do Keegan sendo suspensos por brigar num jogo beneficente. Os jogadores dos anos 70 não eram nem tão rápidos nem tão bem preparados fisicamente, e é provável que a maioria tampouco tivesse toda essa habilidade; mas todo e qualquer time tinha alguém que sabia passar uma bola.

O Liam Brady era um dos dois ou três melhores passadores dos últimos vinte anos, e isso, por si só, bastava pra que todo torcedor

do Arsenal o reverenciasse, mas pra mim havia mais. Eu o idolatrava porque ele era o máximo, e porque, na linguagem do futebol, dava o sangue pelo Arsenal (como o Charlie George, o Brady era produto das categorias de base do clube); mas tinha ainda uma terceira coisa. *Ele era inteligente*. Uma inteligência que se manifestava primordialmente nos passes, incisivos, cheios de imaginação, sempre surpreendentes. Mas a inteligência do Brady se manifestava fora de campo também: ele era articulado, ferinamente engraçado e um cara engajado (“Vai, David, mete essa”, ele gritou da cabine de transmissão pro David O’Leary, amigo e ex-companheiro de Arsenal, quando este caminhava pra cobrança de pênalti decisiva na vitória da Irlanda sobre a Romênia, na Copa de 90); à medida que eu ascendia academicamente e cada vez mais pessoas à minha volta pareciam fazer a distinção entre o futebol, de um lado, e a vida inteligente, de outro, o Brady funcionava como uma ponte entre as duas coisas.

Claro, inteligência não é algo ruim num jogador, particularmente num meia, o maestro do time, embora esse tipo de inteligência não seja o mesmo necessário pra se apreciar, digamos, um romance europeu “difícil”. O Paul Gascoigne tem inteligência futebolística a dar com o pé (e uma inteligência deslumbrante, que envolve, entre outras habilidades, uma incrível coordenação de movimentos que lhe permite, como um raio, aproveitar uma situação que em poucos segundos não estará mais ali), e, no entanto, a ausência nele até do mais básico bom senso é óbvia e lendária. Todos os melhores jogadores são perspicazes de um jeito ou de outro: o Lineker pela antecipação, o Shilton pelo posicionamento, o Beckenbauer pela visão de jogo, tudo isso resultado de cérebros pensando, mais do que de meros corpos atléticos em funcionamento. Mas são os atributos cerebrais do clássico meia que recebem mais atenção, particularmente de quem escreve sobre esporte nos jornais sérios e dos torcedores de classe média.

Isso acontece não apenas porque o tipo de inteligência que o Brady e outros como ele possuem é a mais visível, em termos futebolísticos, mas porque é análogo ao tipo de inteligência que é apreciado na cultura de classe média. Veja os adjetivos usados pra

descrever o maestro de um time: *elegante, lúcido, sutil, sofisticado, cheio de classe, criativo...* são palavras que descreveriam igualmente um poeta, ou um cineasta, ou um pintor. É como se o jogador fosse bom demais pro meio em que vive e precisasse ser colocado num plano mais elevado.

Certamente havia, na minha definição do Brady, um pouco dessa atitude. O Charlie George, seu predecessor na idolatria do Setor Norte, nunca havia sido *meu* ídolo como o Brady foi. O Brady era diferente (embora não fosse, na verdade — sua história era basicamente a mesma da maioria dos jogadores) por ser lânguido e misterioso, e, ainda que eu mesmo não tivesse essas qualidades, sentia que minha formação havia me dado recursos pra reconhecê-las em outras pessoas. “Um poeta com a canhota”, minha irmã costumava comentar, ferina, sempre que eu mencionava o nome dele, o que era frequente, mas tinha uma verdade por trás daquela ironia: durante um tempo, eu quis que os jogadores de futebol fossem o menos possível eles mesmos e, embora isso pareça idiota, algumas pessoas ainda agem assim. O Pat Navin, particularmente na época em que estava no Chelsea, se tornou um jogador muito melhor depois que descobriram que tinha conhecimentos sobre arte, livros e política.

O jogo contra o Nottingham Forest, um empate sonolento num sonolento e cinza feriado de segunda-feira, foi o último do Brady no Highbury; ele havia decidido que seu futuro era no exterior, na Itália, e ficou longe por vários anos. Eu estava lá pras despedidas, e ele fez uma volta olímpica lenta e triste com o resto do time. Bem no fundo, acho que eu ainda esperava que ele mudasse de ideia, ou que o clube finalmente se tocasse do dano irreparável que era deixar o Brady partir. Alguns disseram que foi por dinheiro e que, se o Arsenal cobrisse a oferta, ele teria ficado, mas preferi não acreditar nisso. Preferi acreditar que foi a perspectiva de ir pra Itália, um lugar de cultura e estilo, que o atraiu, e que os prazeres provincianos de Hertfordshire, ou de Essex, ou de onde quer que ele vivesse, é que haviam começado a enchê-lo de um tédio existencial. Mas o que eu sabia, acima de tudo, era que o Brady não queria nos deixar, que

estava de coração partido, que nos amava tanto quanto nós a ele, e que um dia ia voltar.

Apenas sete meses depois de ter perdido o Liam pra Juventus, perdi minha namorada pra outro cara, na lata, no meio daquela primeira triste temporada pós-Brady. E, embora soubesse qual das duas perdas doía mais — a transferência do Liam causou grande sofrimento e tristeza, mas não, felizmente, a insônia, o enjoo e a impossível, incontrollável amargura de um jovem de 23 anos com o coração partido —, acho que, em certa medida, os dois se confundiram na minha cabeça. Ambos, o Brady e a Garota Perdida, me assombraram por um longo tempo, cinco ou seis anos, talvez, e de certa forma era previsível que um fantasma se misturasse com o outro. Depois que o Brady se foi, o Arsenal testou uma penca de meias, alguns deles competentes, outros não, todos condenados pelo fato de não serem a pessoa que tentavam substituir: entre 1980 e 1986, Talbot, Rix, Hollins, Price, Gattin, Peter Nicholas, Robson, Petrovic, Charlie Nicholas, Davis, Williams e até o centroavante Paul Mariner jogaram naquele meio-campo.

E eu, por minha vez, tive uma penca de relacionamentos nos mesmos quatro ou cinco anos, alguns sérios, outros não... Os paralelos eram intermináveis. O boato sempre presente de que o Brady ia voltar (ele jogou por quatro clubes diferentes em oito anos na Itália e, às vésperas de cada mudança de time, os tabloides ingleses soltavam montes de matérias imperdoavelmente cruéis sobre o Arsenal estar prestes a trazê-lo de volta) passou a ter um tom xamanístico. Eu sabia, claro, que a recorrência daquela perversa e desgastante depressão que me afligia em meados dos anos 80 não era culpa nem do Brady nem da Garota Perdida. Tinha a ver com outra coisa, muito mais difícil de compreender, e algo que provavelmente já fazia parte de quem eu era há muito mais tempo do que aquelas duas pessoas inocentes. Mas, durante minhas terríveis recaídas, eu olhava pra trás, tentando pensar na última vez que tinha me sentido feliz, realizado, animado, otimista; e ela e o Brady eram inseparáveis desse tempo. Não haviam sido inteiramente

responsáveis por ele, mas estavam muito presentes, o que era suficiente pra transformar esses dois casos de amor nos pilares que sustentavam outra época, diferente, encantada.

Uns cinco ou seis anos depois de ter ido embora, o Brady até chegou a voltar, pra um jogo em homenagem ao Pat Jennings. Aquela foi uma noite estranha. Estávamos ainda mais necessitados dele, mais do que nunca (um gráfico do desempenho do Arsenal na década de 80 teria a forma de um U), e fiquei nervoso, antes da partida, mas não do mesmo jeito que ficava antes dos grandes jogos — era mais o nervosismo de um antigo pretendente que se reencontrasse com a amada, um reencontro inevitavelmente doloroso, mas muito esperado. Tive esperanças, acho, de que aquela extasiada e lacrimosa recepção causasse nele algum efeito, que ele se desse conta de que sua ausência nos tornava, a ele mesmo e a nós, seres incompletos, de alguma forma. Mas nada disso aconteceu. Ele jogou, acenou pra gente e, na manhã seguinte, pegou um avião de volta pra Itália; quando voltamos a encontrá-lo, ele vestia uma camisa do West Ham e, com uma bomba na entrada da área, deixou na saudade nosso goleiro, o John Lukic.

Nunca o substituímos satisfatoriamente, mas achamos outros caras, com outras qualidades; demorei muito tempo pra entender que esse é o melhor jeito que existe de se lidar com uma perda.

Típico do Arsenal

West Ham x Arsenal
10/5/80

Todo mundo conhece aquela música que os torcedores do Millwall cantam, seguindo a melodia de "Sailing": "Ninguém gosta da gente/Ninguém gosta da gente/Ninguém gosta da gente/E a gente não tá nem aí". Na verdade, sempre achei a canção meio melodramática e, se alguém devia cantá-la, somos nós do Arsenal.

Todo torcedor do time, do mais jovem ao mais velho, tem consciência de que ninguém gosta da gente, e todos os dias ouvimos essa antipatia ser reiterada. O torcedor que acompanha um pouco a mídia esportiva — alguém que leia as páginas de esportes dos jornais na maior parte dos dias, que dê uma espiada na tevê quando está ligada, que leia uma revista de futebol — vai se deparar com alguma referência desabonadora ao Arsenal duas ou três vezes por semana (mais ou menos com a mesma frequência que ouve uma música de Lennon e McCartney, eu diria). Acabo de assistir *Saint & Greavsie* e o Jimmy Greaves agradeceu, no programa, o técnico do Wrexham, da quarta divisão, por ter feito "a alegria de milhões" com a vitória do time dele sobre a gente na Copa da Inglaterra; a capa de uma revista de futebol jogada aqui pelo apartamento anuncia uma matéria intitulada: "Por que todo mundo odeia o Arsenal?". Na semana passada, saiu um artigo, num jornal de circulação nacional, atacando nossos jogadores por sua falta de

talento; um dos jogadores citados tem dezoito anos e ainda nem ganhou uma chance no time principal.

Somos chatos, rabudos, desonestos, petulantes, ricos, violentos, e é assim, pelo que sei, desde os anos 30, quando o maior técnico de futebol de todos os tempos, Herbert Chapman, introduziu mais um defensor na formação da equipe, mudou a maneira de jogar futebol e deu início à reputação negativa do Arsenal de ser um time de jogo pouco atraente; e, no entanto, sucessivas equipes nossas, particularmente a da dobradinha de 1971, se utilizaram de uma defesa intimidadoramente competente como um trampolim rumo ao sucesso. (Treze dos nossos jogos no campeonato daquele ano terminaram 0 a 0 ou 1 a 0, e é justo dizer que nenhum foi bonito de ver.) Meu palpite é que o "Arsenal Rabudo" nasceu do "Arsenal Chato", pelo fato de que sessenta anos de vitórias pela vantagem mínima tendem a colocar à prova a credulidade e a paciência dos torcedores adversários.

O West Ham, por outro lado, assim como o Tottenham, é célebre pela poesia e pela facilidade com que joga, pelo compromisso com um futebol fluente ("progressivo", no jargão do momento, uma palavra que, pra quem está com seus trinta e poucos anos, traz desagradáveis reminiscências de Emerson, Lake and Palmer e King Crimson). Todo mundo tem alguma afeição pela "Academia" do West Ham, com o Peters, o Moore, o Hurst e o Brookings, assim como todo mundo odeia e despreza o Storey, o Talbot e o Adams e tudo o que define o Arsenal, na teoria e na prática. Não interessa que, no atual time, o West Ham tenha o alucinado do Martin Allen e o brutamontes do Julian Dicks, ou que o Van Den Hauwe, o Fenwick e o Edinburgh hoje vistam a camisa do Tottenham. Não interessa que o talentoso Merson e o incrível Limpar joguem pelo Arsenal. Não interessa que, em 1989 e 1992, a gente tenha sido o time da primeira divisão que mais marcou gols. O West Ham e o Tottenham são os mantenedores da chama, os únicos no caminho da verdade; nós somos os visigodos, com nossos dois zagueiros, Herodes e o xerife de Nottingham, de braços pra cima, pedindo a marcação de um impedimento.

O West Ham, adversário do Arsenal na final da Copa da Inglaterra de 1980, jogava a segunda divisão, naquela temporada, e o fato de estarem em baixa atraiu mais simpatia ainda. Pra alegria da nação, o Arsenal perdeu. São Trevor da Inglaterra marcou o único gol e exterminou o monstro odioso, os hunos haviam sido expulsos e as crianças podiam voltar a dormir em segurança em suas camas. E nós, torcedores do Arsenal, o que nos resta, tendo aceitado a vida inteira que nos identificassem como vilões? Nada; e nosso senso de estoicismo e injustiça é quase arrebatador.

Hoje, todo mundo se lembra do gol de cabeça esquisito do Brookings e da desprezível falta do Willie Young, que era o último homem da defesa, no Paul Allen, o jogador mais jovem a entrar numa final de Copa, quando estava prestes a marcar um dos mais graciosos e românticos gols da história de Wembley. De pé nas arquibancadas do estádio, constrangido junto aos outros torcedores do Arsenal, surdo pelas vaias que vinham do lado do West Ham e de quem estava neutro no público, fiquei estarecido com a atitude do Young.

Mas, naquela noite, assistindo os melhores momentos na tevê, me dei conta de que uma parte de mim tinha, na verdade, gostado daquela falta — não porque impediu o Paul Allen de marcar (o jogo estava acabado, tínhamos perdido a final e o gol pouco importava), mas por ter sido um lance tão comicamente *típico do Arsenal*. Quem mais, senão um zagueiro do Arsenal, seria capaz de derrubar por trás um garoto de dezessete anos da Academia? O Motson ou o Davies, não lembro qual dos dois, fez toda uma cena de indignação; pra mim, de saco cheio de escutar que os mocinhos tinham colocado os vilões pra correr, aquele moralismo todo soava a provocação. Havia algo ali que me lembrava do Bill Grundy incensando os Sex Pistols, em 1976, pra em seguida expressar seu ultraje pelo comportamento deles. Nós, do Arsenal, fomos os primeiros punks: nossos zagueiros supriam a necessidade da plateia por uma pantomima inofensiva do desajuste social, e isso muito antes do Johnny Rotten aparecer.

A vida pós-futebol

Arsenal x Valência
14/5/80

Times de futebol são extremamente inventivos nas formas que encontram pra causar sofrimentos a seus torcedores. Ficam na frente no placar em Wembley e aí jogam fora o resultado; alcançam o topo da tabela da primeira divisão e param de jogar; empatam naquela partida de ida complicada fora de casa pra, em seguida, perder em casa no jogo de volta; ganham do Liverpool numa semana e, na seguinte, perdem pro Scunthorpe; seduzem a gente, fazendo crer que são sérios candidatos a subir de divisão, e então as coisas tomam o rumo oposto... e, sempre, quando o torcedor acha que previu o pior que podia acontecer, o time sai com uma nova.

Quatro dias depois de perder a Copa da Inglaterra, o Arsenal perdeu outra final, pro Valência, na Recopa Europeia, e a temporada de setenta jogos resultou em nada. Fomos superiores ao time espanhol, mas não conseguimos transformar isso em gols e o jogo foi pros pênaltis; o Brady e o Rix desperdiçaram (há quem diga que o Rix nunca mais foi o mesmo depois do trauma daquela noite, e ele certamente jamais recuperou a forma do final dos anos 70, ainda que tenha acabado sendo convocado pra seleção), e foi isso.

Até onde sei, nenhum outro clube inglês perdeu duas finais na mesma semana, embora nos anos seguintes, quando perder uma final era esperar até demais do time, eu me perguntasse por que sofria tanto antes. Mas aquela semana também teve um efeito

colateral benéfico, purgativo: depois de seis semanas pesadas de semifinais e finais, de ouvidos atentos ao rádio e busca de ingressos pra ir a Wembley, o tumulto futebolístico tinha acabado e não havia nada pra colocar no lugar. Finalmente eu ia ter que pensar no que fazer da vida, em vez de matutar o que o técnico do Arsenal faria. Então entrei num curso de treinamento de professores, em Londres, e jurei, e essa não seria a última vez, que nunca mais deixaria o futebol tomar completamente minha vida, não importava quantas partidas o Arsenal jogasse num ano.

Parte do jogo

Arsenal x Southampton
19/8/80

É o primeiro jogo da temporada, então todos estão ansiosos. Durante o verão, o mercado de transferências estivera extraordinariamente movimentado: compramos o Clive Allen por 1 milhão de libras, não gostamos de suas atuações nuns amistosos de pré-temporada e o trocamos pelo Kenny Sansom (um atacante por um zagueiro, é o jeito Arsenal de ser) antes mesmo do Allen estreiar. De modo que, mesmo com a saída do Liam e o Southampton não sendo o mais atraente dos adversários, o público foi de mais de 40 mil pessoas.

Alguma coisa saiu errada — não liberaram a quantidade suficiente de catracas, ou a polícia fez besteira no controle do fluxo da multidão, sei lá — e um enorme tumulto se formou do lado de fora dos portões de entrada pro Setor Norte, na Avenell Road. Dava pra tirar os dois pés do chão e ficar suspenso, e a certa altura precisei colocar os braços pro alto pra ter um pouquinho mais de espaço e impedir que meus pulsos acabassem furando meu peito e minha barriga. Nem era nada de tão incomum, na verdade; todo torcedor já passou por situações que, por alguns momentos, parecem complicadas. Mas lembro que, ao conseguir alcançar a frente da fila, eu lutava pra respirar (estava tão apertado que não conseguia encher direito os pulmões), o que significa que aquilo foi um pouco pior do que o normal; quando finalmente passei pelas catracas,

fiquei um pouco sentado num dos degraus da arquibancada, dando um tempo pra me recuperar, e reparei que várias outras pessoas faziam o mesmo.

Mas o negócio é que eu confiava no sistema: sabia que não morreria esmagado porque isso nunca havia acontecido num estádio de futebol. Aquela história no Ibrox, bom, aquilo foi diferente, uma combinação bizarra de eventos; e, também, foi na Escócia, num clássico entre Celtic e Rangers, e todo mundo sabe que esse é um jogo especialmente problemático. Não, vejam bem, na Inglaterra, alguém, em algum lugar, sabia o que estava fazendo, e havia o tal *sistema*, que nunca ninguém nos explicou o que era, pra prevenir acidentes do tipo. Podia até *parecer* que as autoridades, o clube e a polícia estivessem brincando com a sorte, às vezes, mas isso era porque não entendíamos bem como as coisas funcionavam. No tumulto daquela noite, na Avenell Road, algumas pessoas riam, fazendo caretas de estrangulamento, enquanto o ar ia começando a faltar; riam porque, a apenas alguns metros de distância, estavam policiais despreocupados e oficiais de montaria, e aquelas pessoas tinham certeza de que a proximidade da polícia garantia sua segurança. Como alguém podia morrer, com a ajuda ali tão perto?

Mas, nove anos depois, na tarde do desastre de Hillsborough, pensei sobre aquela noite, e sobre um monte de outras tardes e noites também, em que parecia haver gente demais no estádio, ou em que o público estava distribuído de maneira desproporcional. Me ocorreu que eu podia ter morrido naquela noite, e que, em algumas outras ocasiões, estive mais perto da morte do que me agrada pensar. Não havia planejamento nenhum, no fim das contas; os caras estavam mesmo brincando com a sorte, sempre.

Meu irmão

*Arsenal x Tottenham
30/8/80*

Deve haver muitos pais por este país que já experimentaram a mais cruel, a mais devastadora de todas as rejeições: seus filhos acabarem virando torcedores do outro time. Quando me imagino pai, algo que faço com cada vez mais frequência à medida que meu simpático relógio biológico avança noite afora, percebo que sofro de um medo real desse tipo de traição. O que eu faria se meu filho ou minha filha decidissem, aos sete ou oito anos, que têm um pai maluco, e que o Tottenham ou o West Ham ou o Manchester United é que vai ser o time deles? Como eu lidaria com isso? Teria uma atitude decente de pai, aceitaria que meus dias de Highbury estavam acabados e compraria ingressos pra toda a temporada em White Hart Lane ou Upton Park? Claro que não. Quando se trata do Arsenal, eu mesmo sou infantil demais pra ceder aos caprichos de uma criança; explicaria pra ele ou ela que, embora respeitasse sua decisão, se quisessem assistir o time deles teriam que ir por conta própria, com o próprio dinheiro e pelos próprios meios. Isso talvez desse uma chacoalhada no(a) pestinha.

Mais de uma vez fantasiei uma final de Copa da Inglaterra entre Arsenal e Tottenham; na fantasia, meu filho, absorto, tenso e infeliz como eu quando comecei a torcer pro Arsenal, é um torcedor do Tottenham e, como não conseguimos ingressos pra ir a Wembley, estamos vendo o jogo na tevê. No último minuto, o veterano Kevin

Campbell marca o gol da vitória... e me entrego a uma explosão frenética de júbilo, saio aos pulos pela sala, socando o ar, *tirando o maior sarro, dando empurrões, despenteando o cabelo do meu próprio moleque*. Temo que eu seja capaz disso, e portanto a coisa mais madura e consciente a fazer seria providenciar uma vasectomia hoje à tarde. Se, naquele terrível dia de 1969, em Wembley, meu pai fosse um torcedor do Swindon e reagisse como tal, teríamos ficado 22 anos sem nos falar.

Já enfrentei e venci um desafio desse tipo. Em agosto de 1980, depois de mais de dez anos no exterior, entre França e Estados Unidos, meu pai e sua segunda família voltaram pra Inglaterra. Meu meio-irmão, Jonathan, tinha treze anos e era louco por futebol — em parte por influência minha, em parte porque tinha morado nos Estados Unidos quando a hoje defunta *American Soccer League* estava no auge. E então, o mais rápido possível, e antes que ele tivesse a chance de sacar que o que acontecia em White Hart Lane, com o Huddersfield e o Arsenal por lá, era infinitamente mais interessante do que os feitos do Price e do Talbot no Highbury, levei-o pra assistir o Arsenal.

Ele já tinha ido uma vez, em 1973, aos seis anos de idade, quando passou o tempo inteiro tremendo incontrolavelmente e, sem entender nada, olhava pro campo onde era disputada a terceira rodada da Copa contra o Leicester, mas o Jonathan há muito havia esquecido a ocasião, de modo que aquele clássico local, agora, era um novo começo. Não foi um jogo ruim, e certamente nada ali indicava a fase desesperadora que enfrentaríamos em seguida: o Pat Jennings, refugo do Tottenham, fechou o gol contra as investidas do Crooks e do Archibald na maior parte do primeiro tempo, e então um daqueles péssimos goleiros pós-Pat do Tottenham (Daines? Kendall?) tomou um frango, seguido de uma sensacional bola por cobertura do Stapleton que acabou com eles.

Mas não foi o futebol que cativou o Jonathan. Foi a violência. Por todo lado, à nossa volta, tinha gente brigando — no Setor Norte, no Setor do Relógio, na Arquibanca Inferior Leste, na Superior Oeste. A

intervalos de poucos minutos, um enorme talho se abria no meio do tecido compacto de cabecinhas na arquibancada, com a polícia tendo de separar facções rivais, e meu irmãozinho ficava louco de entusiasmo; virava pra mim, o rosto iluminado de felicidade e descrença: "Isso é *incrível*", repetia o tempo todo. Não tive nenhum problema com ele a partir daí: o Jonathan foi ao jogo seguinte, uma partida parada e entediante da Copa da Liga contra o Swansea, e à maior parte dos demais jogos da temporada. E hoje temos ingressos pra temporada inteira e ele me leva de carro pros jogos fora de casa, então deu tudo certo.

Será que meu irmão é torcedor do Arsenal porque, por um bom tempo, o que esperava era ver o pessoal se matando no estádio? Ou simplesmente porque, inexplicavelmente, quando era mais jovem, houve uma fase em se espelhou em mim, e, portanto, confiou na minha opção de time? De um jeito ou de outro, eu provavelmente não tinha o direito de condená-lo, pelo resto de seus dias, a sofrer as agruras de ver o Willie Young, o John Hawley e a linha de impedimento do Arsenal, que foi o que acabei fazendo. De modo que me sinto responsável, mas não arrependido: se eu não tivesse sido capaz de garantir a adesão dele à causa, se ele tivesse resolvido procurar por sofrimento futebolístico em outra parte, teríamos desenvolvido uma relação de natureza completamente diferente, possivelmente muito mais fria.

Mas vejam que coisa curiosa: o Jonathan e eu vamos juntos ao Highbury, semana após semana, em parte por causa das circunstâncias complicadas que levaram à existência dele. Meu pai deixou minha mãe pra constituir um novo lar com a mãe dele, aí meu meio-irmão nasceu, e foram essas coisas que, de certa forma, me tornaram um torcedor do Arsenal; é esquisito, portanto, que minha peculiar mania, feito uma falha genética, tenha passado pra ele.

Circo

Arsenal x Stoke City
13/9/80

Quantas vezes não vimos jogos como esse entre a despedida do Brady e a chegada do George Graham? O time visitante é fraco, não tem ambição nenhuma no campeonato; o técnico deles (o Ron Saunders, o Gordon Lee, o Graham Turner, ou, no exemplo em questão, o Alan Durban) quer arrancar um empate no Highbury e coloca cinco na defesa, quatro outros zagueiros pra fazer o meio-campo e um centroavante abandonado no campo de ataque, pronto pra disputar a bola pelo alto nos chutões pra frente do goleiro. Sem o Liam (e, depois dessa temporada, sem o Frank Stapleton), o Arsenal não tinha a perspicácia ou a imaginação necessárias pra dobrar a resistência adversária, e o resultado era talvez uma vitória (por dois gols em cobranças fechadas de escanteio, digamos, ou um deles num chute de longa distância desviado e outro de pênalti), ou talvez um empate (0 a 0), ou uma derrota de 1 a 0 com um gol tomado no começo, mas isso não interessava, enfim. O Arsenal não tinha time nem de longe pra ganhar o campeonato, mas tinha mais do que o suficiente pra não cair; semana após semana, ano após ano, comparecíamos ao estádio sabendo que o que estávamos prestes a ver nos deprimiria profundamente.

Esse jogo contra o Stoke foi típico — primeiro tempo sem gols e, então, em meio a um descontentamento já crescente, dois gols no final (ironicamente, sendo os vários zagueiros do Stoke uns

gigantes, ambos anotados de cabeça e pelos dois jogadores mais baixos em campo, o Sansom e o Hollins). Ninguém, nem mesmo alguém como eu, se lembraria do jogo, não fosse pela coletiva de imprensa ao final, em que o Alan Durban ficou furioso com a hostilidade dos jornalistas contra seu time e suas táticas. “Se o que vocês querem é entretenimento”, rosnou ele, “vão procurar um circo.”

Tornou-se uma das mais célebres frases futebolísticas da década. Os jornais sérios, especialmente, adoraram, pela síntese espontânea que fazia da moderna cultura do futebol: ali estava a prova definitiva de que o esporte ia de mal a pior, de que ninguém se importava mais com nada além de resultados, de que o espírito amador estava morto, de que chapéus não eram mais lançados ao alto. Dava pra entender o motivo da insatisfação. Por que o futebol tinha de ser diferente de qualquer outro ramo da indústria do lazer? Não se encontram muitos produtores de Hollywood nem empresários do West End escarnecendo do desejo do público de se divertir, então por que os técnicos de futebol teriam esse privilégio?

Nos últimos anos, porém, acabei passando a acreditar que o Alan Durban estava certo. Não era função dele prover entretenimento. Seu trabalho era defender os interesses dos torcedores do Stoke City, o que significava evitar derrotas fora de casa, manter um time esforçado na primeira divisão e talvez ganhar alguns jogos da Copa da Inglaterra pra ter alguma alegriazinha. A torcida do clube ficaria feliz com um 0 a 0, assim como nós, torcedores do Arsenal, ficamos felizes com empates de 0 a 0 contra o Tottenham, o Liverpool ou o Manchester United; em casa, esperamos ganhar de mais ou menos todo mundo, sem nos preocuparmos, particularmente, quanto a como conseguir isso.

Tal compromisso com o resultado significa, inevitavelmente, que torcedores e jornalistas veem o esporte de maneiras profundamente distintas. Em 1969, vi o George Best jogar, e marcar, pelo Manchester United no Highbury. A experiência deveria ter sido das mais profundas, algo como ver o Nijinski dançando, ou à Maria Callas cantando, e, embora eu às vezes descreva a ocasião nesses termos a torcedores mais jovens, ou àqueles que não sabem nada

do Best por outras razões, esse relato afetuoso é essencialmente falso: odiei aquela tarde. Toda vez que ele pegava na bola me dava medo e desejei então, como acho que desejaria hoje, que ele estivesse contundido. E vi também o Law e o Charlton, o Hoddle e o Ardiles, o Dalglish e o Rush, o Hurst e o Peters, e a mesma coisa aconteceu: nunca apreciei nada do que esses jogadores fizeram no Highbury (ainda que, noutras ocasiões, tenha maldosamente admirado seus feitos contra outros times). A falta cobrada pelo Gazza contra o Arsenal na semifinal da Copa da Inglaterra no Wembley foi simplesmente incrível, um dos gols mais impressionantes que já vi... mas desejo de todo o coração que nunca tivesse visto aquele gol, e que ele não o tivesse marcado. Na verdade, desde o mês anterior eu vinha rezando pra que o Gascoigne não jogasse, o que enfatiza o caráter único do futebol: quem compraria um ingresso caro pro teatro torcendo pra que a estrela principal do espetáculo sentisse uma indisposição?

Os torcedores neutros amaram, claro, a atuação gloriosa do Gascoigne, mas eram bem poucos no estádio. Havia os torcedores do Arsenal, que ficaram tão desesperados quanto eu, e os do Tottenham, que voltaram a ficar extasiados com o segundo gol, um tapinha do Lineker, a dois metros de distância do gol, depois de uma confusão na área — na verdade, a torcida deles foi à loucura ainda mais dessa vez, porque, com 2 a 0 aos dez minutos, o Arsenal estava morto e enterrado. Pois onde fica a relação entre torcedor e entretenimento, com uma atitude tão problemática diante de alguns dos melhores momentos do esporte?

Essa relação *existe*, mas nem de longe é direta. O Tottenham, geralmente considerado o time que joga o melhor futebol, não tem tanta torcida quanto o Arsenal, por exemplo; e times cuja reputação é a do espetáculo (West Ham, Chelsea, Norwich) não atraem filas de torcedores de dar a volta no quarteirão. A maneira do nosso próprio time jogar não está em questão pra maioria de nós, assim como tampouco o mais importante é ganhar Copas e outros campeonatos. Poucos *escolhem* pra que time vão torcer, simplesmente são apresentados a esse time; e, portanto, se o clube cai da segunda pra terceira divisão, ou se vende os melhores jogadores, ou se compra

outros que a gente sabe que não jogam nada, ou se insiste com uns setecentos chuveirinhos na área pra um centroavante de três metros de altura, simplesmente praguejamos, vamos pra casa, esquentamos a cabeça por uns quinze dias e lá estamos nós de volta, sofrendo tudo de novo.

De minha parte, sou primeiro um torcedor do Arsenal, e só depois um torcedor de futebol (e de novo: sim, sei de todas as piadinhas). Nunca vou conseguir apreciar o gol do Gazza, e a mesma coisa com um sem-número de outros momentos como aquele. Mas sei o que é futebol-arte, e adorei as relativamente poucas ocasiões em que o Arsenal foi capaz de produzi-lo; e, quando outros times que não sejam nossos adversários no que quer que seja jogam com facilidade e fluência, aí também sou um apreciador. Como qualquer um, sempre lamentei, em alto e bom som, as deficiências do estilo inglês, o futebol permanentemente depressivo e feio jogado pela nossa seleção, mas lá no fundo, falando sério, isso não passa de papo de pub e nada mais. Reclamar de chatice no futebol é como reclamar do final triste do *Rei Lear*: não é o que está em questão, e foi isso que o Alan Durban compreendeu: que o futebol é um universo alternativo, tão sério e tão estressante quanto o mundo do trabalho, com as mesmas preocupações, esperanças, decepções e ocasionais enleavações. Vou ao estádio por um monte de razões, mas não pra me divertir, e naquelas expressões apavoradas e carrancudas ao meu redor, num sábado qualquer, vejo que outros sentem a mesma coisa. Pro torcedor engajado, o futebol-arte existe tanto quanto aquelas árvores que desabam no meio da floresta: ele presume que é algo que acontece, mas não está lá pra ver. Jornalistas esportivos e o torcedor de poltrona são como os índios da Amazônia, que sabem mais do que a gente — mas, de outro ponto de vista, sabem muito, muito menos.

O bom e velho Arsenal

Arsenal x Brighton
1/11/80

Uma porcarias de jogo entre duas porcarias de times; tenho minhas dúvidas se alguém mais que estava lá se lembra de alguma coisa, a não ser que fosse a primeira vez que ia ao estádio, ou a última, e certamente meus dois companheiros daquela tarde, meu pai e meu meio-irmão, devem ter esquecido a ocasião já no dia seguinte. Só me recordo porque (e só por isso!) foi a última vez que estive com meu pai no Highbury e, embora talvez a gente ainda vá juntos a um jogo uma hora dessas (ele deu minúsculos sinais a respeito, recentemente), aquela partida, em retrospectiva, parece ter marcado o fim de uma era.

O time estava mais ou menos na mesma de quando começamos a ir ao estádio, doze anos antes, e tenho certeza de que ele reclamou do frio e da incompetência do Arsenal, e certeza também de que me senti responsável por ambas as coisas e quis me desculpar. E havia aspectos importantes em que eu não tinha, tampouco, mudado nada. Continuava, de alguma maneira, tão sorumbático quanto era quando menino, ainda que, agora consciente dessa nuvem negra sobre mim e entendendo o que significava, ela parecesse ainda mais sombria e ameaçadora do que antes. E, claro, o time seguia ali, misturado a isso tudo, causando o baixo-astral ou me acompanhando nele, não sei qual dos dois.

Mas outras coisas haviam mudado, permanentemente e pra melhor, particularmente na relação com minha “outra” família. Minha madrasta há muito deixara de ser O Inimigo — havia um afeto genuíno entre nós que nenhum dos dois teria sido capaz de prever, anos antes — e com as crianças nunca houve nenhum tipo de problema; mas, e isso era o mais importante de tudo, meu pai e eu, quase imperceptivelmente, tínhamos chegado a um estágio em que o futebol não era mais o principal recurso discursivo entre nós. Morei com ele e sua segunda família durante a temporada 80/81 inteira, o ano do curso de treinamento de professores; era a primeira vez, desde a minha infância, que vivíamos na mesma casa, e foi bacana. A essa altura, tínhamos outra relação, e continuamos a ter desde então. O fracasso do primeiro casamento dele ainda deve pesar, acho, mas conseguimos dar um jeito e a coisa funciona bem à sua própria maneira; e, embora ainda haja frustrações e dificuldades, não acho que sejam desastrosas, ou que nossos problemas sejam piores do que aqueles que meus amigos têm com os pais deles — na verdade, nos damos muito melhor do que muitos outros pais e filhos.

Não pensava tudo isso naquela época, claro, porque uma vitória de 2 a 0 contra o Brighton em casa, até onde eu sabia, não tinha nenhum significado em particular, e ainda haveria outro último jogo pra gente ir em algum momento — e, além disso, nossa estreia no Highbury também não fora nada auspiciosa. Melhor apenas nos deixar ali, os três — meu pai com sua garrafa térmica, repondo a água do chá e resmungando por ser obrigado a ver a porcaria que era o Arsenal, eu me remexendo desconfortável na cadeira, na esperança de que as coisas melhorassem, e o Jonathan, ainda encolhido e pálido de frio, na minha lembrança, desejando que o pai e o irmão tivessem encontrado outro jeito de resolver seus problemas lá atrás, em 1968.

Uma torrente de perguntas

Arsenal x Manchester City
24/2/81

Foi nessa época que me perdi, e continuei perdido nos anos seguintes. Entre uma partida em casa (contra o Coventry) e a próxima (no meio da semana contra o Manchester City), terminei com minha namorada, todas as coisas que vinham fermentando dentro de mim fazia sabe-se lá quanto tempo emergiram pela primeira vez, comecei meu estágio de professor numa escola complicada da zona oeste de Londres e o Arsenal empatou com o Stoke e tomou uma lambada do Forest. Era estranho ver que, naquela noite, os mesmos jogadores de três semanas antes deixavam o gramado: sentia que eles deviam ter tido a decência de se reinventar, de aceitar que as caras e os físicos e as carências que haviam exibido no jogo com o Coventry pertenciam a outra época.

Se marcassem um jogo de tarde e outro de noite todos os dias da semana, eu teria comparecido, porque os jogos é que pontuavam (mesmo que só com vírgulas) aqueles períodos obscuros, nos quais eu bebia e fumava demais e, como prêmio, rapidamente perdia peso. Lembro tão claramente desse jogo, em particular, por ter sido o primeiro deles — um período meio que se sobrepondo ao outro a partir daí; Deus sabe que nada muito digno de nota acontecia em campo, exceto uma ou outra bola que o Talbot e o Sunderland empurravam pra dentro.

Mas o futebol ganhara ainda outro significado, ligado à minha nova carreira. Tinha me ocorrido — como penso que ocorreu a muitos outros jovens professores do meu naipe — que meus interesses (futebol e música pop, em particular) seriam uma vantagem na sala de aula, que eu conseguiria fazer os garotos “se identificarem” comigo porque entendia a importância do Jam e do Laurie Cunningham. O que não tinha me ocorrido era que meus interesses eram prova de como eu era uma criança; e que embora, sim, eu soubesse, na maior parte do tempo, do que meus alunos estavam falando e isso meio que me enturmasse, não me ajudava nem um pouco a dar aulas melhores. Na verdade, o principal problema que eu enfrentava — o fato de que, num dia ruim, a sala se transformava num ruidoso caos — se tornava até pior por causa da minha condição de torcedor. “Torço pro Arsenal”, declarei, no tom mais professor descolado que consegui, ao me apresentar a uma turma difícil do sétimo ano. “Buuuu!”, eles responderam, com o máximo de barulho e duração possíveis.

No meu segundo ou terceiro dia, pedi a cada aluno de uma turma do oitavo ano que escrevesse num papel qual era seu livro favorito, sua canção favorita, seu filme favorito e assim por diante, e dei uma volta pela sala, conversando individualmente com eles. Foi assim que descobri que o bad boy do fundão, que usava um corte de cabelo moderninho e não tirava da cara um sorriso de escárnio (e, inevitavelmente, o aluno com maior vocabulário e melhor texto da sala), era completamente alucinado pelo Arsenal, e me declarei. Mas, assim que terminei minha confissão, o que se seguiu não foi uma confraternização de mentes afins ou um abraço afetuoso em câmera lenta; em vez disso, ele me olhou com uma expressão de total desdém e disse: “Você? O que *você* sabe disso?”.

Por um momento me vi pelos olhos do garoto, eu, um babaca com um sorriso insinuante, tentando desesperadamente me meter onde não tinha direito de entrar, e o compreendi. Mas aí outra coisa — um ódio nascido de treze anos de inferno passados no Highbury, provavelmente, e uma resistência a deixar que um dos mais importantes elementos da minha identidade se perdesse num sujeito

sem rosto, vestindo um paletó de tweed sujo de giz — tomou conta de mim e perdi as estribeiras.

Minha loucura assumiu uma forma estranha. A vontade era de agarrar aquele moleque pela lapela, arremessá-lo contra a parede e gritar até cansar: “Sei mais desse negócio do que você jamais vai saber, seu babaca desbocado!”, mas sabia que fazer isso não era muito recomendável. Então, depois de engrolar umas palavras por alguns segundos, e pra minha surpresa (fiquei vendo aquele vômito jorrar), uma torrente de perguntas saiu da minha boca: “Quem marcou na final da Copa da Liga de 1969? Quem foi pro gol quando o Bob Wilson saiu do jogo contundido, no Villa Park, em 1972? Qual jogador do Tottenham veio pro Arsenal em troca do David Jenkins? Quem...?”. E continuei; o garoto ficou lá, aquelas perguntas despencando na cabeça dele feito bolas de neve, enquanto o resto da turma via tudo num silêncio divertido.

No fim das contas, funcionou — ou, ao menos, consegui convencê-lo de que eu não era aquele cara que ele tinha pensado que eu era. Na manhã seguinte ao jogo com o Manchester City, o primeiro em casa depois da torrente de perguntas, falamos em voz baixa e tom cordial sobre o quanto necessitávamos desesperadamente de um novo meia, e não tive mais problema nenhum com o garoto pelo resto do meu estágio. Mas o que me preocupava era não ter conseguido largar o futebol, responsável maior por eu ser aquele retardado, o futebol, que não me deixava agir como adulto diante da impertinência de um moleque. Dar aulas, me parecia, era por definição um trabalho pra adultos, e tinha parado no tempo ali pelo meu aniversário de catorze anos — na altura do oitavo ano, exatamente.

Técnico

*Minha escola x Escola deles
Janeiro de 1982*

Eu tinha visto *Kes*, claro; tinha dado minhas risadas com o Brian Glover driblando a molecada, empurrando, marcando pênaltis sobre si mesmo, narrando a brincadeira. E meu amigo Ray, vice-diretor da escola em Cambridge onde eu agora era um professor de inglês de nível 1 (Cambridge porque apareceu um emprego lá, porque eu ainda tinha amigos na cidade e porque, depois daquele ano de estágio, descobri que devia evitar as escolas de Londres se possível), colecionava um sem-número de histórias sobre diretores que, tendo se automeado juízes de partidas escolares importantes, nos primeiros dois minutos de jogo expulsaram o artilheiro do time adversário, algum menino de quinze anos. Estava bastante consciente, portanto, de que competições de futebol entre escolas eram um prato cheio pra professores se comportarem de forma absurdamente tola.

Mas o que esperar quando seus alunos estão perdendo de 2 a 0 um clássico local (embora, eu deva admitir, competições entre escolas sejam pródigas em clássicos locais), você faz uma mudança tática esperta no intervalo e os garotos diminuem o placar, e aí, aos 45 do segundo tempo, quando a voz já está rouca de frustração e impotência, eles empatam? O que você faz, como de fato fiz, é dar pulos, os punhos socando o ar, ir à loucura, aos gritos, coisa não muito digna e certamente nem um pouco afeita ao comportamento

de um professor... e, exatamente quando seus pés voltam a tocar a linha lateral, perceber quem, supostamente, você deveria ser ali e quantos anos têm aqueles garotos, e então começar a se sentir um mané.

No gramado

Arsenal x West Ham
1/5/82

Olhando em retrospecto, estava bastante claro que a coisa nas arquibancadas ficava cada vez pior e, cedo ou tarde, algo ia acontecer pra mudar tudo, de alguma maneira. Pela minha experiência, a violência era maior nos anos 1970 — ou seja, aconteciam brigas mais ou menos toda semana — mas, na primeira metade da década de 80, com a F-Troop, do Millwall, e a Inter-City Firm, do West Ham (e as mensagens de protesto sobre os corpos arrebatados das vítimas, característica pela qual essas facções ganharam fama), e seus supostos programas nacionalistas, a coisa ficou menos previsível e mais sórdida. A polícia confiscava facas e machetes e outras armas que eu não reconhecia, uns troços com pregos espetados; e houve aquela célebre fotografia de um torcedor com um dardo atravessado no nariz.

Numa bela manhã de primavera, em 1982, levei o filho do Ray, Mark, então um adolescente, até o Highbury pra assistir um jogo contra o West Ham e expliquei pra ele, num tom insuportável de sujeito experiente, onde a encrenca, se acontecesse, começaria. Apontei pro canto direito alto do Setor Norte e contei que lá, provavelmente, havia torcedores do West Ham à paisana, que acabariam ou cercados pela polícia, e portanto neutralizados, ou tentando forçar passagem pra parte coberta, onde se reuniam os torcedores do Arsenal; e era por isso que ali onde estávamos, no

canto inferior esquerdo, onde eu costumava ficar já havia alguns anos, era um lugar seguro. Senti que o garoto ficou devidamente agradecido pelo conselho e por eu protegê-lo.

Na hora, passando meus olhos de especialista em torno, pude reassegurá-lo de que não havia torcedores do West Ham por perto, e nos acomodamos pra ver o jogo; com uns três minutos de partida, um som forte subiu bem às nossas costas, seguido daquele terrível e sinistro ruído abafado de botas contra calças jeans. O pessoal que estava atrás da gente empurrou, e nos vimos obrigados a descer em direção ao gramado — e então um novo som, e olhamos à nossa volta e vimos ondas de uma nuvem espessa de fumaça amarelada. “Porra, gás lacrimogêneo!”, alguém gritou, e, embora felizmente não fosse, o alerta gerou pânico. Era tanta gente pulando fora do Setor Norte, a essa altura, que estávamos ficando encurralados junto ao muro baixo que nos separava do campo e, por fim, não tivemos alternativa: o Mark e eu, e centenas de outros torcedores, pulamos a mureta pra dentro do tapete sagrado, onde o West Ham estava prestes a cobrar um escanteio. Ficamos alguns momentos ali, bem conscientes de que tínhamos ido parar dentro da grande área num jogo da primeira divisão, e então o juiz apitou e tirou os jogadores do gramado. E ali mais ou menos se encerrou nossa participação no incidente. Fomos escoltados por toda a extensão do campo até o Setor do Relógio, de onde vimos o resto da partida num silêncio compreensivelmente deprimido.

Mas há uma ironia terrível e assustadora nessa história. O Highbury não tem alambrado. Se tivesse, quem foi forçado a pular pra dentro do campo naquela tarde estaria em sérios apuros. Alguns anos mais tarde, durante uma semifinal de Copa da Inglaterra entre Everton e Southampton realizada no nosso estádio, algumas centenas de torcedores idiotas do Everton se mandaram pra dentro do gramado quando seu time marcou o gol da vitória, já no finalzinho, e a Federação (embora agora já tenha mudado de ideia outra vez) decidiu que o Highbury não deveria mais ser usado em semifinais, a menos que se enjaulassem os torcedores. Todo mérito do mundo pro clube, que se recusou (afora o aspecto da segurança, a mudança obstruiria a visão do gramado), apesar da perda de

receita decorrente da decisão. Hillsborough, porém, tinha alambrado, e por isso, até 1989, foi considerado adequado pra receber esse tipo de jogo; e foi numa semifinal de Copa da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forest que todas aquelas pessoas morreram. Foi o alambrado, justamente o que permitiu que o jogo fosse realizado ali, a causa das mortes, ao impedir que toda aquela gente fugisse do tumulto e fosse parar no gramado.

Após o jogo com o West Ham, um jovem torcedor do Arsenal foi esfaqueado numa das ruas do entorno do estádio e morreu no local: um desfecho revoltante pra uma tarde deprimente. Na manhã de segunda, na escola, fiz uma pregação irada pra uma turma perplexa de alunos do sétimo ano sobre toda a questão da cultura da violência. Tentei argumentar com eles que aquela parafernália hooligan que usavam — as botinas Doc Martens, as jaquetas verdes estilo aviador e os cabelos espetados — alimentavam o processo, mas eles eram jovens demais e meu discurso, desconexo demais. E, também, tinha algo de muito repugnante, embora eu mesmo não tenha me tocado na hora, no fato de que justo eu fosse explicar a um bando de garotos provincianos que não quer dizer nada só se vestir de durão, e que querer ser durão já é uma ambição patética.

Família Adams e Quentin Crisp

*Saffron Walden x Tipfree
Maio de 1983*

Vejo qualquer jogo de futebol, a qualquer hora, em qualquer lugar, sob quaisquer condições climáticas. Entre os onze e os 25 anos, visitei ocasionalmente o campo de York Road, casa do Maidenhead United of the Athenian, mais tarde membro da Isthmian League; algumas vezes, cheguei até a viajar pra ver o time em jogos fora de casa. (Estava presente naquele grande dia de 1969 em que o Maidenhead ganhou a Berks and Bucks Senior Cup batendo por 3 a 0 o Wolverton na final, disputada, acho, no campo do Chestham United. E em Farnborough, certa vez, um cara saiu da sede do clube pra dizer aos torcedores visitantes que fizessem menos barulho.) Em Cambridge, se nem o Cambridge United nem o Arsenal estavam jogando, eu costumava frequentar Milton Road, casa do Cambridge City, e, quando comecei a dar aulas, ia com meu amigo Ray assistir o Saffron Walden, onde jogava o genro dele, Les, um rapaz bem apanhado e de comportamento impecável, características que lhe davam um ar de Gary Lineker da várzea.

Parte do fascínio de um jogo de várzea é ver a torcida: alguns sujeitos ali, mas não todos, claro, perdem totalmente a razão, resultado talvez da qualidade do futebol que vêm acompanhando há anos. (A primeira divisão também tem seus loucos de arquibancada — meus amigos e eu passamos anos no Setor Norte tentando, toda semana, evitar que algum ficasse perto da gente —, mas, no meio

de tantos frequentadores ocasionais, eles não se destacam tanto.) Em Milton Road, tinha um senhor que chamávamos de Quentin Crisp, por causa da aparência feminina desconcertante, dos cabelos brancos e da cara enrugada: usava um capacete de motoqueiro durante os noventa minutos e passava a tarde dando voltas e mais voltas em redor do gramado, feito um velho cão de páreo (ia até o outro extremo do campo, onde não havia arquibancada, e dava pra vê-lo tentando cruzar a lama e os detritos do terreno, resolutamente determinado a completar o circuito), lançando insultos contra os bandeirinhas — “Vou escrever pra Federação sobre você” — sempre que passava perto deles. Em York Road, havia uma família inteira (talvez ainda esteja por lá) que todo mundo conhecia por Família Adams, devido à sua aparência infeliz e meio bizarra, que se encarregava do trabalho de atendentes de arquibancada, um serviço que, na verdade, não era necessário pra um público de duzentos espectadores; tinha também o Harry Taylor, um sujeito muito velho e um pouco simplório que não conseguia ficar pra ver o final dos jogos de meio de semana que caíam às terças, porque terça era o dia do seu banho, e cuja chegada no estádio era saudada com o grito “Harry Harry, Harry Harry, Harry Harry, Harry Taylor”, cantado conforme uma melodia antiga dos Hare Krishna. O futebol de várzea, talvez por sua própria natureza, atrai esse pessoal, e digo isso sabendo muito bem que sou um dos que se sentem atraídos.

O que eu sempre desejei foi achar um lugar onde pudesse me entregar às cadências e aos ritmos do futebol sem me preocupar com o placar. Tenho essa ideia de que, nas circunstâncias certas, o jogo pode servir como uma espécie de terapia new age, e o movimento frenético à minha frente de alguma forma absorveria e, em seguida, dissolveria tudo dentro de mim, mas nunca funciona assim. Primeiro, me distraio com as excentricidades — com os torcedores, com os gritos dos jogadores (“Desce o sarrafo nele!”, berrou certa tarde o Micky Chatterton, nosso herói do Maidenhead, pra um companheiro de time que marcava um ponta particularmente ágil), a organização peculiar e decrépita do espetáculo (o Cambridge City entrava em campo ao som do tema do *Match of the Day*, mas muitas vezes a música virava um ruído deplorável no momento

crucial). E aí, já engajado a esse ponto, começo a me importar com o resultado; e, não demorou muito, o Maidenhead e o Cambridge City e o Walden passaram a significar mais pra mim do que deveriam, e de novo estou envolvido, de modo que não é possível a terapia funcionar.

O minúsculo campo do Saffron Walden é um dos lugares mais agradáveis a que já fui pra ver futebol, e as pessoas ali sempre pareciam surpreendentemente normais. Estava acompanhando o Ray, o Mark e o Ben, que era o cachorro deles, e fomos ao jogo porque o Les ia jogar; e então, um tempinho depois, quando passei a conhecer os jogadores, vi atuar um atacante talentoso, parado, com o nome improvável de Alf Ramsey, o qual, diziam os boatos, fumava pra caramba e, com seu clássico estilo Greaves, não fazia mais nada no jogo além de um ou dois gols.

Quando o Walden bateu o Triptree por 3 a 0 e foi campeão de alguma coisa — da Essex Senior Cup? — numa noite amena de maio, a atmosfera estava amistosa de um jeito que nunca poderia estar no futebol profissional. Um público pequeno, apoiando o time, um bom jogo, um grupo de jogadores com afeto genuíno pelo clube (o Les só jogou por ele, a carreira toda, e morava na cidade, como a maioria de seus companheiros)... e quando, no final da partida, a torcida invadiu o gramado, não foi com a intenção de agredir, de aparecer, ou de roubar a cena, o que geralmente causa as invasões de campo, mas pra parabenizar o time, cujos jogadores eram quase todos irmãos, pais, maridos dos torcedores. Torcer pra um time grande envolve certa irritação, e não tem jeito, resta apenas aceitar que o esporte profissional precisa ser desgastante pra fazer algum sentido. Mas, às vezes, é bom tirar umas férias desse negócio, e imaginar como seria se todos os jogadores do Arsenal fossem do norte de Londres e tivessem outros empregos, e se jogassem apenas por amor ao esporte e ao time. É uma ideia sentimental, mas times como o Walden são inspiradores; e, de vez em quando, a gente acaba sentindo que seria legal se *A-Team*, o tema que acompanha o Arsenal nas entradas em campo, falhasse, como acontecia com as fitas do Cambridge City, e então os jogadores se entreolhassem e caíssem na risada.

Charlie Nicholas

Arsenal x Luton
27/8/83

Como *não* enxergar sinais por todo lado? No verão de 1983, mandei às favas meu emprego de professor pra ser escritor; algumas semanas depois, o Arsenal contratou a peça mais cobiçada do futebol britânico — Charlie Nicholas, o Canhão, jogador do Celtic que havia marcado cinquenta e tantos gols na Escócia na temporada anterior. *Agora*, sim, íamos fazer e acontecer. E, com o Charlie na jogada, sentia que não havia como não serem um sucesso as peças que eu vinha escrevendo, perspicazes e sensíveis, a primeira das quais — ah, os inacessíveis mistérios da criatividade — era sobre um professor que se torna escritor.

É fácil, hoje, ver que não devia ter atrelado a carreira do Charlie à minha, mas ali, naquele momento, não pude resistir. Me deixei levar pelo otimismo do Terry Neill, do Don Howe e da imprensa, e, enquanto a febre Charlie só fazia aumentar durante o verão de 1983 (ele, na verdade, meio que bancava o idiota nos tabloides antes de dar um chute sequer), foi se tornando muito natural acreditar que os jornais falavam de mim. Era obviamente possível, eu sentia, que estivesse prestes a me tornar o Canhão dos roteiros televisivos e, em seguida, do West End (embora não soubesse nada nem de tevê nem de teatro, e tenha frequentemente expressado meu desdém pelos palcos).

A clara e óbvia sincronia disso tudo continua a me deixar perplexo. Da vez anterior em que tivéramos uma nova alvorada, quando em 1976 o Terry Neill trouxe pro time o Malcolm MacDonald, eu estava às vésperas de ir pra universidade. E a que veio em seguida à chegada do Charlie, apenas um ano mais tarde (quando lideramos a primeira divisão por alguns meses, jogando mais bola do que em qualquer outro momento de que nos lembrássemos), aconteceu logo depois de eu emergir de variadas e terríveis confusões em que havia me enfiado em Cambridge e me mudar de volta pra Londres pra começar vida nova. Talvez os times de futebol e as pessoas estejam sempre começando vida nova; o Arsenal e eu, talvez mais do que a maioria e, portanto, nos merecemos.

Na ocasião, o Charlie se provou um indicador bastante preciso do que me esperava. Eu estava no primeiro jogo dele, claro, eu e mais uns bons 40 mil outros torcedores, e ele jogou bem: não marcou, mas fez sua parte, e ganhamos de 2 a 1. E, embora tenha anotado dois na partida seguinte, fora de casa contra os Wolves, ficou nisso até o Natal, pelo menos nos jogos da Liga (na Copa da Liga, marcou contra o Tottenham, em novembro). No compromisso seguinte em casa, contra o Manchester United, ele parecia lento e desligado, e o time estava irreconhecível — perdemos de 3 a 2, e em nenhum momento entramos no jogo. (O Charlie não fez nenhum gol no Highbury até 27 de dezembro, quando marcou de pênalti contra o Birmingham e comemoramos tão fervorosamente quanto se ele tivesse enfiado três num clássico com o Tottenham.) A primeira temporada foi, em suma, um desastre pro Charlie, assim como pro time todo, e o técnico, Terry Neill, acabou demitido após uma série de resultados ruins em novembro e no início de dezembro.

O outro Canhão, em sua versão escritor, terminou de escrever aquela peça cheia de imaginação e recebeu uma carta gentil e encorajadora de recusa; aí começou a escrever outra, também recusada, de forma um pouco menos gentil. Enquanto isso, pegava trabalhos deprimentes — aulas particulares, revisões, substituições de professores — pra conseguir pagar o aluguel. Até o Natal, tampouco deu sinais de que marcaria, e foi assim por mais alguns

Natais; se fosse um torcedor do Liverpool e tivesse atrelado seu destino ao do Ian Rush, em maio já teria levado o Booker Prize.

Eu tinha 26 anos em 1983, e o Charlie Nicholas, apenas 21; de repente começou a cair a ficha, nas semanas seguintes, enquanto os brincos invadiam as arquibancadas e eu via surgirem centenas de cortes de cabelo iguais ao dele, lamentando que meus já poucos fios não me permitissem participar, que meus heróis não envelheceriam junto comigo. Vou chegar aos 35, aos quarenta, aos cinquenta, mas os jogadores não: o Paul Merson, o Rocky, o Kevin Campbell... sou mais de uma década mais velho do que esse pessoal que adoro no atual time do Arsenal. Sou um ano mais velho até que o veterano David O'Leary, o Velho, cujo ritmo claramente não é mais o que era, e que já não é titular em tantas partidas pra preservar as articulações rangentes e porque a resistência não é mais a mesma. Isso não faz diferença nenhuma, porém. Pra todos os efeitos, ainda sou vinte anos mais novo que o O'Leary, e tenho dez anos a menos que todos os jogadores hoje com 24. E há um aspecto muito importante da questão que faz as coisas serem assim mesmo: eles realizaram coisas que nunca vou realizar, e às vezes sinto que, se pudesse marcar um golzinho diante do Setor Norte e correr pra galera, aí, sim, deixaria pra trás, finalmente, todo esse comportamento infantil.

Sete meses de percalços

Cambridge United x Oldham Athletic
1/10/83

Era o início de mais uma típica temporada do Cambridge. O time tinha uma vitória, uns dois empates, mais umas duas derrotas, mas sempre começava assim; no primeiro dia de outubro, meus amigos e eu assistimos o Cambridge United bater o Oldham (cujo elenco, diga-se de passagem, incluía Andy Goram, Mark Ward, Roger Palmer e Martin Buchan) por 2 a 1; o time acabou indo parar no pelotão indistinto do meio da tabela, seu habitat natural, e voltamos pra casa total e alegremente preparados pra mais uma temporada que não ia dar em nada.

E foi isso. Entre 1º de outubro e 28 de abril, o time não conseguiu ganhar do Palace em casa, do Leeds fora, do Huddersfield em casa, do Portsmouth fora, do Brighton e do Derby em casa, do Cardiff fora, do Middlesbrough em casa, do Newcastle fora, do Fulham em casa, do Shrewsbury fora, do Manchester City em casa, do Barnsley fora, do Grimsby em casa, do Blackburn fora, do Swansea e do Carlisle em casa, do Charlton e do Oldham fora, do Chelsea em casa, do Brighton fora, do Portsmouth em casa, do Derby fora, do Cardiff e do Wednesday em casa, do Huddersfield e do Palace fora, do Leeds em casa, do Middlesbrough fora, do Barnsley em casa e do Grimsby fora. Trinta e dois jogos sem nenhuma vitória, um recorde entre os times da Liga (podem conferir), dezessete dos quais em casa... e assisti todos os dezessete, assim como uns tantos no

Highbury. Só perdi a derrota do Cambridge United pro Derby na terceira rodada da Copa da Inglaterra — a moça com quem eu estava morando me levou pra Paris, como presente de Natal. (Quando vi a data nas passagens, não consegui, pra minha vergonha, disfarçar a decepção, o que a magoou, compreensivelmente.) Meu amigo Simon só pôde estar em dezesseis dos dezessete jogos do campeonato — abriu a cabeça numa estante de livros, em Londres, algumas horas antes da partida contra o Grimsby, no dia 28 de dezembro; a namorada precisou esconder dele as chaves do carro, porque o Simon insistia, meio zozzo, que dirigiria de Fulham até o Abbey.

Seria, no entanto, absurdo fingir que minha lealdade ao time tenha sido dolorosamente testada: em nenhum momento me passou pela cabeça abandoná-lo só porque não conseguia bater absolutamente ninguém. Na verdade, essa longa sequência de fracassos (que acabou, inevitavelmente, em rebaixamento) ganhou carga dramática própria, algo que estaria completamente ausente se o curso dos acontecimentos fosse normal. Depois de algum tempo, quando vencer um jogo parecia não ser mais, por alguma razão, uma opção possível, começamos a nos adaptar à nova ordem das coisas e procurar substitutos pra alegria de uma vitória: fazer gols, conseguir empates, jogar com bravura em face de uma maré tão esmagadoramente hostil (e o time tinha muito, mas muito azar em algumas ocasiões, daquele jeito que acontece com um time que não ganha um jogo há seis meses)... e tudo isso se tornou motivo de comemoração reservada, quando não de um pouco de gozação. E, em todo caso, o Cambridge ganhou certa (má) fama ao longo do ano. Agora era sempre mencionado no *Sports Report*, enquanto antes seus resultados não eram considerados dignos de nota; contar pras pessoas que estive presente do começo ao fim daquilo, mesmo hoje, sete anos depois, dá certa moral em alguns círculos.

No fim das contas, nesse período mais do que em qualquer outro na minha história futebolística, aprendi que simplesmente não me importo com o quanto as coisas vão mal e que resultados não importam. Como disse antes, até queria ser como aquelas pessoas que tratam o time local como o restaurante do bairro, deixando de

frequentar quando a comida passa a ser uma porcaria tóxica. Mas, infelizmente (e é por isso que esse esporte muitas vezes se dá o direito de bagunçar tudo sem ter que se preocupar com limpar a bagunça), são muitos os fãs como eu. Pra nós, consumir futebol é tudo; a qualidade do produto, algo impalpável.

Cocos

Cambridge United x Newcastle United
28/4/84

No final de abril, o Newcastle, com o Keegan, o Beardsley e o Waddle, visitou o Abbey. Eles estavam alcançando o topo da tabela da segunda divisão e precisavam muito de uma vitória se quisessem garantir a vaga na primeira, ao passo que o Cambridge já estava lá embaixo, a essa altura. O time da casa teve um pênalti nos primeiros minutos de jogo e marcou, embora, considerando o retrospecto mais recente, isso não chegasse a ser arrebatador — tínhamos descoberto, ao longo dos meses anteriores, que havia um sem-número de maneiras de converter uma vantagem inicial numa derrota no fim. Mas não houve mais gols no jogo: nos cinco minutos finais, com o Cambridge dando chutões pra bola ir o mais longe possível nos terrenos do entorno do estádio, alguém era capaz de pensar que o que estava em disputa ali era a Copa dos Campeões da Europa. Quando soou o apito, os jogadores (a maioria dos quais, porque tinham sido contratados ou promovidos da reserva pra tentar evitar o desastre, nunca havia vencido uma partida com o time) se abraçavam e acenavam pra uma torcida em êxtase; e, pela primeira vez desde outubro, o DJ do clube pôde colocar pra tocar “Tenho um belo cacho de cocos”. A vitória não valeu nada, diante da situação, e na temporada seguinte o Cambridge United foi rebaixado uma segunda vez, mas aquelas poucas horas foram memoráveis, depois de um longo e tenebroso inverno.

Foi a última vez que fui ao Abbey; no verão, decidi fugir de Cambridge e do time e voltar pra Londres e pro Arsenal. Mas aquela tarde — excêntrica, divertida, eufórica por um lado e, por outro, de partir o coração, íntima de uma maneira que o futebol geralmente não é (havia, provavelmente, menos de 3 mil pessoas torcendo pro Cambridge naquele jogo com o Newcastle) — se tornou um final perfeito pra minha relação com o clube. E, às vezes, quando me parece que torcer pra um time da primeira divisão é uma tarefa ingrata e indefensável, sinto muita falta dela.

Pete

Arsenal x Stoke City
22/9/84

“Você precisa conhecer um amigo meu”, é o que vivo escutando. “Ele é fanático pelo Arsenal.” Conheço o tal amigo e, no fim, na melhor das hipóteses, é alguém que dá uma conferida no resultado do time no jornal domingo de manhã, ou que, no pior cenário, é incapaz de dizer o nome de um só jogador desde o Denis Compton. Nenhum desses encontros às cegas jamais funcionou; sou exigente demais, enquanto os parceiros que me arranjam simplesmente não querem compromisso.

De modo que não estava esperando muito, na verdade, quando fui apresentado ao Pete, na Seven Sisters Road, antes do jogo com o Stoke; mas aquele foi o encontro de uma vida, o casamento perfeito. Ele era (e ainda é) tão idiota quanto eu com esse negócio todo — tem a mesma memória ridícula, a mesma propensão a deixar que a vida seja dominada, durante nove meses do ano, por tabelas e grades de programação da tevê. Também fica com o estômago embrulhado de medo antes de jogos importantes e é vítima da mesma horrível depressão depois das piores derrotas. E é interessante observar que o Pete tem, acho, a mesma tendência a ficar meio à deriva, a mesma indecisão sobre o que fazer da vida e, como eu, permitiu que o Arsenal tapasse buracos que deveriam ser preenchidos por outras coisas, mas todo mundo tem um pouco isso.

Eu tinha 27 anos quando o conheci e, sem sua influência, acho que talvez tivesse me afastado do clube nos anos seguintes. Estava chegando à idade em que esse afastamento às vezes começa (embora as coisas que supostamente levam a ter menos tempo pro time — vida doméstica, filhos, um emprego a que se dê valor de verdade — simplesmente não existiam pra mim), mas, com a chegada do Pete, aconteceu o contrário. Nossa obsessão pelo futebol se acentuou, e o Arsenal voltou a se entranhar, e mais fundo, na gente.

Talvez o momento tenha ajudado: no início da temporada 84/85, o time liderou a primeira divisão por algumas semanas. O Nicholas jogava com uma habilidade de tirar o fôlego no meio-campo, o Mariner e o Woodcock pareciam ser a dupla de ataque que nos faltara durante anos, a defesa estava sólida, e mais uma daquelas pequenas faíscas de otimismo me deixou todo aceso e acreditando, de novo, que, se as coisas podiam mudar pro time, podiam mudar pra mim também. (Ali pelo Natal, após uma sequência de resultados decepcionantes, meus e do time, estávamos todos de volta ao Pântano do Desespero.) Se o Pete e eu tivéssemos nos conhecido no início da deprimente temporada seguinte, talvez as coisas não acontecessem assim — talvez não tivéssemos o mesmo incentivo pra fazer a parceria funcionar naqueles primeiros jogos cruciais.

Suspeito, porém, que a qualidade do futebol jogado pelo Arsenal no começo da temporada teve pouco a ver com o que quer que seja. A questão ali era completamente outra e envolvia nossa incapacidade compartilhada de resolver a vida longe do Highbury e a necessidade que tínhamos de construir aquele pequeno iglu que nos protegeria dos ventos gélidos do final dos anos 80 e dos trinta anos de idade que se aproximavam pra ambos. Desde que conheci o Pete, em 1984, perdi menos do que meia dúzia de jogos no Highbury em sete anos (quatro naquele primeiro ano, todos por causa da convulsão em que ainda se encontrava minha vida pessoal, e nenhuma só partida em quatro temporadas seguidas), e viajei pra ver jogos fora mais do que nunca. E, embora haja torcedores que não faltam a nenhum jogo, em casa ou fora, ao longo de décadas, eu ficaria impressionado com minha assiduidade atual se me

falassem dela em, digamos, 1975, quando por alguns meses fui adulto e parei de frequentar o estádio, ou mesmo em 1983, quando minha relação com o clube era respeitosa e cordial, mas distante. O Pete me fez ultrapassar limites, e às vezes não sei se agradeço a ele por isso ou não.

Heysel

Liverpool x Juventus
29/5/85

Quando me mandei de Cambridge pra Londres, no verão de 1984, encontrei trabalho como professor de inglês pra estrangeiros numa escola de línguas no Soho, um emprego temporário que acabei mantendo por quatro anos, como parecia ser com todas as coisas em que eu entrava por inércia, acaso ou desespero e, no fim, duravam muito mais do que deveriam. Mas adorava o trabalho e adorava os alunos (a maioria europeus ocidentais dando um tempo na faculdade); e, embora a atividade ainda me permitisse ter bastante tempo pra escrever, não escrevi nada naquela época, passando longas tardes em bares da Old Compton Street com os colegas da escola ou alguma turma de charmosas italianas. Era um jeito maravilhoso de desperdiçar meu tempo.

O pessoal sabia, claro, da minha história com futebol (o assunto parecia, de alguma maneira, surgir do nada nas aulas de conversação). De modo que, quando os alunos italianos, na tarde de 29 de maio, se queixaram de que não tinham têvê e, por isso, não poderiam assistir a Juve ganhar do Liverpool na final da Copa dos Campeões da Europa, a ser disputada naquela noite, me ofereci pra voltar no horário da partida e abrir a escola pra vermos juntos.

Havia pencas de jovens lá quando cheguei, sendo eu o único não italiano no lugar; fui levado, pelo antagonismo festeiro deles e por um vago senso de patriotismo, a me tornar um torcedor honorário

do Liverpool só por aquela noite. Quando liguei a tevê, o Jimmy Hill e o Terry Venables ainda estavam naquela conversa de começo de transmissão, então deixei o som baixo pra que os alunos e eu pudéssemos conversar sobre o jogo, e escrevi algumas palavras do jargão do futebol no quadro-negro enquanto esperávamos o apito inicial. Mas, depois de um tempo, com o papo já morrendo, eles quiseram saber por que a partida não começava e o que estavam dizendo os apresentadores ingleses, e só então fui entender o que estava acontecendo.

De modo que precisei explicar pra um grupo de belos jovens italianos e italianas que, na Bélgica, os hooligans tinham causado a morte de 38 pessoas, na maioria torcedores da Juventus. Não sei como teria me comportado se estivesse assistindo o jogo em casa. Teria sentido a mesma raiva que senti naquela noite na escola, o mesmo desespero, a mesma terrível e nauseante vergonha; não sei se teria sentido a mesma necessidade de me desculpar uma, duas, várias vezes, embora talvez devesse. Na intimidade da minha sala, certamente teria chorado com a estupidez daquilo tudo, mas na escola não podia. Acho que pensei que seria um pouco hipócrita, um inglês chorando na frente de italianos na noite da tragédia em Heysel.

Ao longo de todo o ano de 1985, o futebol inglês rumou inexoravelmente pra alguma coisa desse tipo. Houve a assombrosa desordem causada pelos torcedores do Millwall em Luton, onde a polícia acabou em fuga e as coisas pareceram ter ido mais longe do que nunca num estádio do país (foi aí que a Thatcher inventou seu absurdo esquema de cartões de identificação); houve também a confusão entre torcedores do Chelsea e do Sunderland, em que os primeiros invadiram o gramado e atacaram os jogadores. Esses incidentes ocorreram num espaço de semanas, e são apenas os exemplos mais gritantes. Heysel estava a caminho, tão inevitavelmente quanto a chegada do Natal.

No fim das contas, a surpresa é que aquelas mortes tenham sido causadas por uma inócua correria, prática que metade da torcida

jovem do país adotara e cuja pretensão não era mais do que assustar os torcedores adversários, enquanto quem fazia a correria se divertia um pouco. Os torcedores da Juventus — muitos deles homens e mulheres elegantes de classe média — não sabiam disso, porém, e por que saberiam? Não conheciam os intrincados códigos de comportamento da torcida inglesa, que absorvemos ao longo de anos quase sem notar. Quando viram uma turba de hooligans gritando e correndo na direção deles, os italianos entraram em pânico e fugiram pra um canto do setor reservado a eles. Um muro desabou e, no caos que se seguiu, as pessoas morreram esmagadas. Um jeito horrível de morrer, e é provável que estivéssemos vendo enquanto acontecia: todo mundo se lembra de um cara grande e barbudo, um pouco parecido com o Pavarotti, implorando com a mão por uma saída que ninguém era capaz de lhe apontar.

Alguns dos torcedores do Liverpool que, mais tarde, acabaram presos devem ter ficado genuinamente surpresos. Em certo sentido, seu crime havia sido apenas o de serem ingleses: só que a questão era que as práticas de sua cultura, tiradas do contexto original e levadas pra um lugar que simplesmente não as entendia, mataram gente. “Assassinos! Assassinos!”, gritou a torcida do Arsenal pros torcedores do Liverpool num jogo pós-Heysel, em dezembro, mas suspeito que, se qualquer grupo de torcedores ingleses se encontrasse exatamente nas mesmas circunstâncias — as quais incluíram uma polícia local irremediavelmente despreparada (Brian Glanville, em seu livro *Champions of Europe*, relata que a polícia belga ficou espantada porque a violência se deu antes do início do jogo, quando, com um simples telefonema pra alguma delegacia regional da polícia metropolitana inglesa, os policiais teriam ficado mais alertas), um estádio ridiculamente decrépito, grupos perversos nas duas torcidas adversárias e um plano lamentavelmente falho por parte das autoridades futebolísticas envolvidas — certamente a mesma coisa teria acontecido.

Acho que foi por isso que me senti tão envergonhado pelo que se passou naquela noite. Eu sabia que a torcida do Arsenal talvez tivesse feito igual e que, se fosse o Arsenal naquela partida em Heysel, eu com certeza estaria lá — não brigando nem correndo pra

cima das pessoas, mas sendo parte, em grande medida, da comunidade que gerava esse tipo de comportamento. E qualquer um que alguma vez tenha se valido do futebol da maneira como ele tem sido usado num sem-número de ocasiões, pela formidável aparência de macheza que parece conferir a quem o encara assim, deve ter se sentido envergonhado também. Porque a verdadeira questão, nessa tragédia, é a seguinte: era possível que os torcedores de futebol vissem na tevê a cobertura, digamos, da confusão Luton-Millwall, ou do esfaqueamento na saída de Arsenal-West Ham, e sentissem um horror nauseante, mas não um real envolvimento ou ligação com os fatos. Quem fez aquelas barbaridades não era o tipo de gente cujas atitudes o resto de nós podia entender, ou com as quais podia se identificar. Mas a brincadeira em Bruxelas, que acabou se provando assassina, pertencia segura e claramente a um contínuo de atitudes aparentemente inofensivas, mas obviamente ameaçadoras — músicas violentas, sinais obscenos, aquelas bravatas triviais todas — a que uma minoria bastante numerosa dos torcedores se entregava já fazia uns vinte anos. Em suma, Heysel era parte do todo orgânico de uma cultura pra qual muitos de nós, eu inclusive, havíamos contribuído. Impossível olhar aqueles torcedores do Liverpool e se perguntar, como fizéramos com os do Millwall em Luton ou os do Chelsea no jogo da Copa da Liga: “Quem *são* esses caras?”; já sabíamos quem eles eram.

Até hoje tenho vergonha porque assisti a partida; devia ter desligado a tevê, dito pratodo mundo ir pra casa, tomado a decisão unilateral de que o futebol deixara de ser interessante e não voltaria a ser por um bom tempo. Mas quase todo mundo que conheço e estava vendo a final, não importa onde, continuou assistindo; na sala de aula da minha escola, ninguém mais estava se importando, na verdade, com o time que seria campeão europeu, mas restara ainda aquele último, indelével vestígio de obsessão que nos fez querer discutir o pênalti duvidoso que deu a vitória à Juventus por 1 a 0. Gosto de pensar que tenho resposta pra maior parte das

irracionalidades ligadas ao futebol, mas essa parece desafiar qualquer explicação.

De saco cheio

Arsenal x Leicester
31/8/85

A temporada seguinte a Heysel foi a pior de que tenho lembrança — não apenas porque o Arsenal estava uma porcaria, embora isso também não ajudasse muito (e lamento dizer que, se tivéssemos ganhado a Liga ou a Copa, tenho certeza de que seria capaz de ver aquelas mortes todas sob alguma espécie de *perspectiva*), mas porque tudo parecia contaminado pelo que havia acontecido em maio. O público dos jogos, que vinha caindo imperceptivelmente havia anos, baixou ainda mais e enormes espaços nas arquibancadas de repente se tornaram visíveis; a atmosfera nos estádios era contida; sem as competições europeias, terminar o campeonato em segundo, terceiro ou quarto lugar era inútil (uma das primeiras posições da tabela garantia, antes, uma vaga na Copa da Uefa) e, como consequência, a maior parte dos jogos da segunda metade da temporada se tornou ainda mais sem importância do que o normal.

Uma das minhas alunas italianas, uma jovem que comprava o carnê de ingressos da Juventus pra temporada inteira, descobriu que eu era fã de futebol e perguntou se podia ir comigo ao Highbury ver o jogo contra o Leicester. E, apesar da boa companhia, e do fato de que uma moça da Europa continental obsessiva quanto à diferença entre a minha obsessão e a dela não fosse coisa que aparece todo dia, fiquei em dúvida. E minha hesitação não era, definitivamente,

quanto a levar uma moça pro Setor Norte e colocá-la entre os vândalos (mesmo uma italiana, torcedora da Juventus, três ou quatro meses depois de Heysel): conforme tínhamos visto em maio, as pessoas com quem ela passava os domingos à tarde conheciam bem os sintomas da doença inglesa, e a aluna já havia dispensado minhas desculpas atrapalhadas e condoídas em nome da torcida do Liverpool. Era mais porque a coisa toda me deixava constrangido — a desesperadora ruindade do Arsenal, o estádio quase vazio, o público contido e desinteressado. Ela disse, na ocasião, que se divertiu, e até argumentou que a Juventus também começava muito mal as temporadas (o Arsenal marcou com mais ou menos um quarto do jogo transcorrido e, no restante da partida, ficou só se defendendo de um deprimente Leicester). Não me dei ao trabalho de contar pra ela que aquele era o padrão do time.

Nos meus dezessete anos anteriores como torcedor, as idas aos jogos sempre mantiveram uma aura pra além de seus complicados e tortuosos significados pessoais. Mesmo quando não ganhávamos, tinha o Charlie George e o Liam Brady, públicos enormes e barulhentos ou distúrbios sociopatas fascinantes, as hipnotizantes sequências de derrotas do Cambridge United ou os intermináveis mata-matas do Arsenal nas Copas. Mas, olhando pra isso pelos olhos da garota italiana, eu podia ver que simplesmente não sobrara nada depois de Heysel; pela primeira vez, o futebol parecia totalmente despido de seu subtexto, e sem ele eu certamente seria capaz de desistir de tudo, como milhares pareciam estar fazendo.

Bebendo outra vez

*Arsenal x Hereford
8/10/85*

É preciso, penso, fazer uma distinção entre o tipo de hooliganismo que acontece em eventos domésticos e aquele envolvendo torcedores ingleses no exterior. Todos os torcedores com quem conversei argumentam que o álcool nunca teve grande influência nos episódios violentos ocorridos dentro do país (problemas acontecem até mesmo em partidas começando pela manhã, um esquema pensado pra impedir que o pessoal passe no pub antes do jogo); viajar pro exterior, no entanto, cruzando de barco áreas sem taxaço, viajando longos e tediosos percursos de trem, tendo doze horas numa cidade estrangeira pra matar o tempo... aí o negócio é totalmente diferente. Houve relatos de testemunhas oculares sobre torcedores do Liverpool enchendo a cara antes da tragédia de Heysel (mas é bom não esquecer que a polícia de Yorkshire tentou alegar, vergonhosamente, que bebedeiras foram uma das causas de Hillsborough), e suspeita-se que muitas das confusões armadas pela torcida inglesa no início dos anos 80, em Berna, Luxemburgo ou na Itália, foram regadas a álcool (embora provavelmente não provocadas pela bebida) também.

Um bom tanto de autoflagelação e angústia, há muito necessário, se seguiu a Heysel; o álcool virou, em grande medida e inevitavelmente, o foco desse movimento, e seu consumo foi banido de dentro dos estádios antes do início da temporada seguinte. Isso

enfureceu alguns torcedores, os quais argumentavam que, como a bebida tinha uma ligação não mais do que tênue com os hooligans, o propósito real da proibição era empurrar com a barriga qualquer medida mais radical. Estava tudo errado, as pessoas diziam — a relação entre clubes e torcida, a situação dos estádios e a falta de estrutura, a ausência dos torcedores de todas as decisões, tudo enfim —, e banir a venda de álcool, quando todo mundo bebia mesmo era nos pubs (e, conforme observaram muitos torcedores, é impossível ficar bêbado dentro de um estádio por causa do tamanho das filas pra comprar cerveja), não ajudaria em nada.

Concordo, como qualquer um, com tudo isso, mas ainda assim é complicado alegar que, com alguns banheiros a mais e um representante da torcida na diretoria de todo clube, Heysel não teria acontecido. A questão é que mal não ia fazer, não podia fazer, a proibição da venda de bebida alcoólica: não causaria nenhum tipo de violência e até era capaz de evitar uma ou duas brigas. E, quando nada, mostrava que estávamos levando a sério a penitência. Aquele banimento seria, quem sabe, um pequeno mas sincero aceno àquelas pessoas, na Itália, que talvez tivessem perdido entes queridos porque uns bobalhões resolveram beber demais.

E o que aconteceu? Os clubes chiaram porque sua relação com os torcedores de maior poder aquisitivo ficava prejudicada pela medida, que acabou revogada. No dia 8 de outubro, dezessete semanas após Heysel, eu, o Pete e outros amigos resolvemos comprar ingressos na numerada inferior do Setor Oeste pra um jogo da Copa da Liga e, pra nosso espanto, vimos que entornar doses rápidas pra espantar o frio daquela noite de clima horrórido agora era permitido: a regra não era mais “Sem álcool”, apenas “Sem álcool de frente pro campo”, como se fosse a poderosa combinação do gramado com uísque que transformasse a todos nuns lunáticos furiosos. Onde tinha ido parar toda aquela penitência contrita? O que, na prática, os clubes estavam fazendo pra provar que éramos capazes de nos controlar e que um dia conseguiríamos jogar contra outros times da Europa sem acabar com a vida de metade dos torcedores rivais? A polícia estava fazendo alguma coisa, assim como os torcedores (foi essa atmosfera de desespero pós-Heysel que deu margem ao

surgimento do salvador *When Saturday Comes* e de todos os fanzines de torcidas e levou à criação da Associação de Torcedores de Futebol, cujo porta-voz, o entusiasmado e inteligente Roger Taylor, se sairia brilhantemente nas semanas seguintes a Hillsborough, quatro anos mais tarde); mas os clubes, sinto dizer, não fizeram nada; uma vez que aquele único gesto, pequeno e incisivo, lhes causaria uns trocados de prejuízo, foi abortado.

Fundo do poço

Arsenal x Aston Villa
22/1/86
Arsenal x Aston Villa
4/2/86

A noite do jogo fora de casa contra o Villa, pelas quartas de final da Copa da Liga, em janeiro de 1986, foi uma das melhores de que tenho lembrança: uma presença fantástica da nossa torcida, um estádio magnífico, ao qual eu não ia desde que era garoto, um bom jogo e um resultado razoável (1 a 1, com gol do Charlie Nicholas no primeiro tempo e um começo de segunda etapa dominado pelo Arsenal, em que o Rix e o Quinn perderam chances inacreditáveis). Houve também um interessante aspecto histórico a ser notado: o ar congelante de janeiro estava, ao menos ao nosso redor, impregnado de fumaça de maconha, a primeira vez que reparei, de fato, numa cultura de arquibancada diferente que começava a surgir.

No período do Natal, tinha havido uma espécie de pequena ressurreição do time: batemos o Liverpool em casa e o Manchester United fora em dois sábados consecutivos, justo quando as coisas estavam começando a parecer bem ruins. (Antes do jogo com o Liverpool, tínhamos tomado um 6 a 1 do Everton, na casa deles, e nos três sábados seguintes não conseguimos marcar sequer um gol. No final de semana do meio, empatamos em 0 a 0 com o Birmingham, já rebaixado, naquele que certamente terá sido o pior jogo até hoje disputado na história da primeira divisão.) Passamos a

nos permitir alguma esperança — o que é sempre uma burrice —, mas, de fevereiro até o final da temporada, deu tudo errado.

A noite do jogo em casa contra o Villa, no desempate das quartas de final da Copa da Liga, foi provavelmente minha pior noite de futebol na vida, mais uma decepção num relacionamento já repleto delas. Não foi apenas a maneira como perdemos (naquela noite, o Don Howe colocou o Mariner no meio-campo e deixou o Woodcock no banco); não foi o fato de que todos os grandes já estavam fora da Copa da Liga e deveríamos, portanto, ter pelo menos chegado a Wembley (se ganhássemos do Villa, a semifinal seria com o Oxford); o problema não era nem que não levaríamos título nenhum pelo sexto ano seguido. Era mais do que todas essas coisas, embora por si mesmas elas já fossem bem deprimentes.

Parte do problema era minha própria depressão latente, permanentemente esperando uma chance pra dar as caras e se comprazendo pelo que vi naquela noite no Highbury; mas, pra além disso, lá estava eu, como sempre, confiando que o Arsenal me mostraria que as coisas não ficam ruins pra sempre, que *era* possível alterar padrões, que marés de azar uma hora acabam. O Arsenal, porém, não estava nesse espírito: o time parecia querer me dizer que o fundo do poço era, sim, permanente, que algumas pessoas, assim como alguns clubes, simplesmente não são capazes de achar a saída do quarto onde se trancafiaram. Me pareceu, naquela noite e nos dias seguintes, que ambos tínhamos feito escolhas erradas demais e deixado as coisas escaparem do controle pra que algo viesse ainda a dar certo, algum dia; de novo eu sentia, e a sensação era muito mais profunda e assustadora dessa vez, que estava acorrentado ao clube, e portanto a essa meia vida miserável, pelo resto dos meus dias.

Fiquei chocado e exausto com a derrota (2 a 1, mas diminuimos apenas no minuto final, quando já estávamos acabados): na manhã seguinte, minha namorada me ligou no trabalho e, ao me ouvir com aquela voz cansada de decepção, perguntou qual era o problema. “Você não está sabendo?”, perguntei de volta, deploravelmente. Ela então pareceu preocupada e, quando contei o que tinha acontecido, pude ouvir do outro lado, apenas por um segundo, sua expressão de

alívio — não era, enfim, o que ela por um momento temeu, por mim, que fosse — e, em seguida, dando-se conta de que era comigo que falava, o alívio ser substituído por toda a solidariedade de que ela era capaz. Eu sabia que ela não entendia, na verdade, aquele tipo de sofrimento, e também não teria coragem de explicá-lo pra ela; porque essa ideia, de que a coisa estava travada, de que havia um impasse, de que eu não conseguiria sair do lugar até que o Arsenal conseguisse... essa era uma ideia idiota e condenável (dava todo um novo significado à palavra rebaixamento) e, pior ainda, eu sabia que acreditava, de verdade, nela.

Saindo do impasse

*Arsenal x Watford
31/3/86*

Não foram somente aqueles poucos resultados depois do jogo com o Villa, suspeito, que permitiram ao conselho do clube enxergar que era preciso fazer alguma coisa, ainda que aquela tivesse sido uma fase bem ruim: a derrota particularmente patética pro Luton por 3 a 0, fora de casa, costuma ser citada (no vídeo *History of Arsenal 1886-1986*, por exemplo) como a partida que provocou o pedido de demissão do técnico Don Howe, mas todo mundo sabe que não foi assim. O Howe se demitiu, na verdade, após uma vitória de 3 a 0 contra o Coventry, pois descobriu que o presidente do Arsenal, Peter Hill-Wood, estivera conversando com o Terry Venables pelas suas costas.

Chegamos a ouvir alguns “Fora Howe” gritados do Setor Norte, entre o jogo com o Villa e a demissão; quando ela veio, porém, o time, sem comando, se perdeu de vez, e os gritos passaram a ser direcionados ao presidente, embora eu não tenha conseguido participar dos protestos. Sei que o conselho do clube tentou resolver as coisas de maneira bem atabalhoada, mas alguma medida precisava ser tomada. Aquele Arsenal — um time dominado por panelinhas e estrelas de salto alto que ganhavam mais do que mereciam — nunca chegaria ao ponto de cair, mas tampouco de ser campeão algum dia, e a inércia fazia a gente querer gritar de frustração.

A namorada que havia tentado, sem sucesso, entender o que eu estava passando na manhã seguinte à partida contra o Villa foi comigo ao jogo com o Watford, sua primeira experiência num estádio de futebol. Foi uma iniciação ridícula, de certa forma: o público era de menos de 20 mil pessoas, a maioria das quais comparecera apenas pra expressar sua desaprovação a tudo o que estava acontecendo. (Eu pertencia à outra categoria presente ali: a dos que haviam comparecido porque sempre compareciam.)

Com os jogadores batendo cabeça há mais ou menos uma hora em campo e o time perdendo por dois gols, uma coisa estranha aconteceu: o Setor Norte virou a casaca. Cada ataque do Watford era saudado com um grito de incentivo, cada bola que passava perto (e foram centenas) ganhava um “uuuh!” de lamentação. Foi meio que engraçado, mas uma atitude desesperada também. Ali estava uma torcida totalmente exaurida, que não conseguia pensar em nenhum outro jeito de expressar seu descontentamento a não ser virando as costas pro time; era, de fato, uma forma de automutilação. Tornara-se óbvio, àquela altura, que estávamos no fundo do poço, o que era um alívio. Sabíamos que, quem quer que fosse o novo técnico (o Venables se apressou em deixar claro que não queria envolvimento com aquela confusão), as coisas não podiam piorar mais.

Após o jogo, houve uma manifestação junto à entrada principal do estádio, mas era difícil perceber o que o pessoal queria, exatamente; alguns pediam a volta do Howe, outros apenas liberavam uma raiva difusa, mas real. Circulamos por ali, dando uma conferida, mas ninguém da turma estava tão furioso a ponto de participar. De minha parte, ainda lembrava bem o comportamento infantil e melodramático que tivera naquele telefonema da manhã seguinte ao jogo com o Villa, e o protesto da torcida era, pra mim, estranhamente reconfortante — a moça que havia sido obrigada a me tolerar choramingando pôde ver que eu não era o único, que existia toda uma comunidade preocupada com o que se passava com o Arsenal mais do que tudo. Ela podia ver claramente ali as coisas que tantas vezes tentei explicar pras pessoas sobre o futebol — que não se trata de escapismo nem de uma forma de

entretenimento, mas de uma versão diferente do mundo —; foi minha vingança, de certo modo.

1986-1992

George

Arsenal x Manchester United
23/8/86

Minha mãe tem dois gatos, um chamado O'Leary, o outro, Chippy, apelido do Liam Brady; na parede da garagem da casa dela, ainda é possível ver minhas pichações: "RADFORD É SELEÇÃO!", "CHARLIE GEORGE!". Minha irmã Gill, se instigada, até hoje é capaz de nomear a maior parte dos jogadores do ano da dobradinha.

Em algum momento de maio de 1986, a Gill me ligou na escola de línguas durante meu intervalo da manhã. Na época, ela estava trabalhando na BBC, que colocava os funcionários a par de notícias importantes anunciando-as no alto-falante interno.

"George Graham", a Gill falou. Agradei e coloquei o fone no gancho.

É assim que as coisas sempre funcionaram na minha família. Me sinto mal pelo Arsenal ter se intrometido na vida de todo mundo.

* * *

Não foi uma contratação muito imaginativa, e ficou óbvio que o George era a segunda ou a terceira opção, não importa o que diga, hoje, o presidente. Se ele não tivesse jogado pelo clube, e com grande distinção, mais ou menos na época em que me tornei torcedor, é possível que não ganhasse o cargo. Vinha do Millwall, que salvara do rebaixamento e com o qual subira de divisão, mas não me lembro de sua passagem por lá ter sido espetacular; me

preocupava que, com sua falta de experiência como técnico, ele viesse a tratar o Arsenal como mais um time de segunda divisão, que pensasse pequeno, contratasse modestamente, se concentrasse em manter o emprego, em vez de jogar de igual pra igual com os grandes, e de início parecia que esses medos tinham fundamento — no primeiro ano, o único novo jogador que ele comprou foi o Perry Groves, do Colchester, por 50 mil libras, e ainda vendeu imediatamente o Martin Keown e, logo depois, o Stewart Robson, os quais eram jogadores jovens que conhecíamos e de quem gostávamos. De modo que o elenco foi ficando cada vez mais reduzido: o Woodcock e o Mariner tinham ido embora, o Caton idem, e não veio ninguém pra substituí-los.

Ele ganhou a primeira, em casa, contra o Manchester United, com um gol do Charlie George no final, e voltamos pra casa cautelosos, mas com uma impressão positiva. Mas aí perdeu as duas seguintes e, em meados de outubro, já estava em apuros. Houve um empate em 0 a 0 em casa contra o Oxford, com uma atuação tão ruim quanto as que nos acostumáramos a ver nos seis anos anteriores, e o pessoal à minha volta já começava a xingá-lo, indignado com o que considerava pão-durismo demais da parte dele. Na metade de novembro, porém, depois de um chocolate de 4 a 0 no Southampton (mas, admita-se, nossos quatro gols foram marcados após o goleiro deles sair contundido), chegamos à liderança do campeonato e lá ficamos por alguns meses, e tinha mais, muito mais por vir. Ele transformou o Arsenal em algo que ninguém com menos de cinquenta anos podia ter visto no Highbury, e salvou, em todos os sentidos da palavra, cada um dos torcedores do time. E marcávamos gols... quando a expectativa era assistir vitórias de 1 a 0 em casa, vinham quatro, cinco, seis gols até, já virando rotina; em sete meses, vi três jogadores diferentes marcarem três gols num jogo.

A partida contra o Manchester United foi significativa por outra razão: foi minha primeira como sócio pela temporada inteira. O Pete e eu compramos carnês de ingressos de arquibancada, não porque esperássemos que o novo técnico mudasse alguma coisa, na verdade, mas porque nos conformáramos com nosso vício. Não adiantava mais fingir que o futebol era um gosto passageiro, ou que

escolheríamos apenas alguns jogos pra ir, de modo que passei adiante uma pilha de velhos *singles* punk que, por uma razão ou outra, haviam se valorizado e usei o dinheiro pra atar minha sorte à do George, do que com frequência me arrependi, mas nunca por muito tempo.

A mais intensa de todas as relações futebolísticas, claro, é aquela entre torcedor e clube. Mas a relação torcedor-técnico pode ser tão poderosa quanto. Jogadores raramente são capazes, como os técnicos, de mexer totalmente com as nossas vidas, e cada vez que um novo é contratado torna-se possível sonhar sonhos maiores do que jamais sonhados com o anterior. Quando um técnico do Arsenal pede demissão ou é demitido, a ocasião tem a aura fúnebre da morte de um monarca: o Bertie Mee se demitiu mais ou menos ao mesmo tempo que o Harold Wilson, mas não há dúvida de que, pra mim, a saída do primeiro significou mais do que a do segundo. Primeiros-ministros, por mais maníacos, injustos ou mal-intencionados, simplesmente não têm o poder de fazer comigo o que faz um técnico do Arsenal, e não admira que, quando penso nos quatro que já passaram pela minha vida, pense neles como se fossem parentes.

O Bertie Mee era o avô, bonzinho, meio desligado, de uma geração que eu não compreendia; o Terry Neill, um novo padrasto, camarada, brincalhão, mas de quem não dava pra gostar, não importava o quanto se esforçasse; o Don Howe parecia aquele tio casado com a irmã de um dos pais da gente, caladão e taciturno, mas conhecedor de truques com cartas de baralho, o que provavelmente e de forma inesperada se revela numa festa de Natal. Mas o George... o George é meu pai, menos complicado, mas bem mais assustador que o de verdade. (E, o que é desconcertante, ele até se parece um pouco com meu pai — um sujeito bem apanhado, postura ereta, sempre imaculadamente bem vestido, com uma queda óbvia por trajes sociais caros e de bom corte.)

Sonho com o George com alguma regularidade, talvez tão frequentemente quanto sonho com meu outro pai. Nos sonhos,

como na vida, ele é durão, focado, determinado, indecifrável; em geral, está decepcionado comigo por causa de alguma pisada na bola que descobriu, quase sempre de natureza sexual, o que me deixa todo culpado. Às vezes, porém, é o contrário, e sou eu quem o flagro roubando alguma coisa ou batendo em alguém, e acordo me sentindo mesquinho. Não gosto de pensar muito nesses sonhos e seus significados.

O George encerrou seu quinto ano no Arsenal exatamente como começou o primeiro, num jogo em casa contra o Manchester United, mas agora a atmosfera no Highbury era festiva, em lugar da expectativa cética da primeira vez: tínhamos vencido o campeonato de 1991 uns 45 minutos antes do apito e o estádio estava repleto de barulho e cores e sorrisos. Uma enorme bandeira pendia da mureta do Anel Superior Oeste, na qual se lia, simplesmente, "George manja", o que, de um modo peculiar, recortava e definia minha relação filial com o homem. Ele *manjava* mesmo, e de um jeito que raramente os pais manjam, de modo que, naquela noite de encantamento, cada uma das obscuras decisões dele (a venda do Lukic, a compra do Linighan, até mesmo a insistência com o Groves) começaram a parecer insondavelmente sábias. Talvez os meninos queiram que seus pais sejam assim, que ajam sem nunca explicar suas ações, que triunfem por nós e então possam dizer: "Você duvidou de mim, mas eu tinha razão"; um dos charmes do futebol é ser capaz de realizar esse tipo de sonho impossível.

A fantasia masculina

Arsenal x Charlton Athletic
18/11/86

É típico: lembro qual foi o primeiro jogo dela e ela, não — agora há pouco fui até a porta do quarto e perguntei que times estavam jogando, quanto foi o placar e quem marcou, mas ela só conseguiu lembrar que o Arsenal ganhou e que o Niall Quinn fez um dos gols. (Terminou 2 a 0 pra gente, e o segundo foi cortesia de um zagueiro do Charlton.)

Pode-se dizer que, àquela altura, nos primeiros meses do nosso relacionamento, estávamos passando por problemas (causados por mim), e nenhum de nós dois pensava que continuaríamos muito tempo juntos. Segundo conta hoje, ela estava achando que o fim do namoro aconteceria mais cedo do que tarde, e acabou indo ao jogo com o Charlton, numa noite fria e úmida de novembro, porque pensou que não teria outra oportunidade de ir comigo ao Highbury. Não foi uma grande partida, mas o momento era bom, pois o Arsenal estava exatamente no meio de uma incrível sequência de 22 jogos sem perder, a torcida andava de bem com a vida e os jogadores jovens do elenco (o Rocky, o Niall, o Adams, o Hayes, que mais tarde se tornaria, inexplicavelmente, o favorito dela) eram titulares e estavam jogando bem, de modo que tínhamos ido todos a Southampton, no sábado anterior, assistir os novos líderes do campeonato.

Ela esticou o pescoço e enxergou o que foi possível, e depois do jogo fomos pro pub e ela disse que gostaria de voltar em outro jogo. É o que sempre dizem as mulheres, e geralmente significa que elas gostariam de voltar em outra vida, mas só na seguinte. Respondi, claro, que ela era sempre bem-vinda, o que a fez perguntar, imediatamente, se o jogo do outro sábado era em casa. Era, e ela foi àquele também, e à maioria dos jogos no Highbury que ainda restavam naquela temporada. Já foi ao Villa Park, a Carrow Road e a outros estádios de Londres, e até se associou numa das temporadas. Ainda comparece regularmente e é capaz de reconhecer sem dificuldade qualquer um dos atuais jogadores, embora sem dúvida seu entusiasmo esteja arrefecendo no momento e, à medida que ficamos mais velhos, minha eterna empolgação a irrita cada vez mais.

Não gostaria de pensar que foi isso tudo que salvou nosso relacionamento — na verdade, sei que não foi. Mas certamente ajudou, no início, e o súbito interesse dela complicou uma situação que já era confusa. No primeiro dia do ano, em 1987, quando ela e eu fomos assistir uma vitória de 3 a 1 sobre o Wimbledon, comecei a entender por que uma mulher que não apenas tolera, mas participa ativamente do ritual do futebol se tornou, pra muitos caras, uma espécie de fantasia: alguns conhecidos meus que haviam azedado a alegria da noite anterior e a tradicional calma do feriado em família pra se arrastar até o Goodison Park, ou seja lá onde fosse, atraídos por um jogo que começava ainda de manhã, voltariam pra casa e encontrariam a atmosfera tensa e olhares tortos e acusadores, ao passo que eu tinha a sorte de estar no Highbury porque aquilo era uma parte normal do nosso dia.

Mais tarde, porém, passei a me perguntar se esse negócio de dividir o Arsenal com ela era realmente o que eu queria. Certa vez, no auge da paixão repentina dela pelo time, vimos um pai tendo dificuldades pra entrar com uma criança bem pequena no estádio e comentei de passagem que só traria um filho ou filha comigo quando ele ou ela já tivesse idade suficiente pra me dizer que gostaria de vir; isso levou a uma conversa sobre quem, no futuro, ficaria pra cuidar das crianças nas tardes de sábado, um papo que

me assombrou durante semanas, meses. “Acho que acabaria sendo um jogo sim, um jogo não”, ela falou, e por um momento pensei que estivesse querendo dizer que era a frequência com que ela tentaria continuar comparecendo ao Highbury, que nossos filhos talvez pudessem ficar com alguém uma vez por mês, mas não mais, e que ela viria quando desse. Mas o que ela tinha em mente era que *nós dois nos alternássemos* nos jogos em casa, que em metade deles, todas as temporadas, eu me contentasse com o rádio, *Sport on Five* ou *Capital Gold* (esta, com menos autoridade no assunto, de certa forma, mas boa pra ficar por dentro, e em cima da hora, do que acontece em todos os clubes de Londres), enquanto ela estaria sentada na *minha cadeira* assistindo o *meu time*, time esse que ela conhecera por meu intermédio fazia uns poucos anos. Que vantagem eu levo, então? Amigos com mulheres que odeiam futebol conseguem ir a todos os jogos; enquanto isso, eu — que tenho, aparentemente, o casamento ideal, com uma mulher que sabe por que o Arsenal não é o mesmo quando o Smithy não joga — contemplo um futuro em que estarei na sala de casa, com uma pilha de vídeos do *Postman Pat* pra distrair as crianças e a janela aberta, na triste esperança de que uma lufada de vento traga um pouco do som das comemorações de gol. Não foi o que imaginei naquela noite contra o Charlton, quando ela disse que gostaria de ir ao jogo outras vezes. E tem mais. Durante toda a minha vida futebolística, convivi com pessoas — minha mãe, meu pai, minha irmã, namoradas, caras com quem dividi apartamento — que tiveram de aprender a tolerar os humores causados pelos resultados, e todos cumpriram o papel mais ou menos de bom humor e com tato. De repente me vi convivendo com alguém que, ela própria, tinha suas variações de humor atreladas ao Arsenal, e não gostei disso. A euforia dela depois da final da Littlewoods Cup de 1987... sua *primeira* temporada como torcedora. Que direito ela tinha de irromper no pub, naquele domingo à noite, com um chapéu do Arsenal na cabeça? Nenhum. Pra mim e pro Pete, era o primeiro título desde 1979, então como é que ela, que estava com o Arsenal havia apenas quatro meses, podia saber o que aquilo significava? “A gente não costuma ser campeão todo ano, sabe”, eu repetia pra ela, com a

inveja mal-humorada e sem sentido de um pai ao ver a satisfação com que o filho, que não viveu as agruras do racionamento, no tempo da guerra, hoje se lambuza com uma barra de chocolate.

Logo descobri que a única maneira de reivindicar todo aquele território emocional pra mim era começar uma espécie de guerra birrenta, confiante de que, com minha experiência, e à base de ranhete, eu seria capaz de expulsar da arquibancada qualquer pretendente ao trono do Sofrimento Futebolístico, e acabei por vencê-la. Aconteceu no final da temporada 88/89, quando, depois de uma derrota em casa pro Derby, parecia que tínhamos jogado fora um campeonato do qual fôramos os líderes a maior parte do ano. E, embora eu estivesse genuinamente inconsolável (naquela noite, fomos ver *Rei Lear*, com o Eric Porter, no Old Vic, e não me comovi com a peça porque não consegui enxergar qual era o problema do protagonista), alimentei cada pedacinho da angústia até que ela se tornasse monstruosa, até que ganhasse proporções aterrorizantes, me comportei mal pra mostrar que tinha razão e, inevitavelmente, acabamos discutindo (sobre se íamos tomar chá na casa de uns amigos), e ali eu soube, assim que começou a desavença, que o Arsenal tinha voltado a ser todo meu outra vez: ela ficou sem alternativa senão dizer que aquilo era só um jogo (não usou essas palavras, ainda bem, mas o que estava implícito, senti, era claramente isso), que sempre haveria a próxima temporada, que mesmo nesta a esperança não estava de todo perdida, e foi aí que aproveitei a brecha.

“*Você não entende.*” Gritei o que vinha querendo dizer há meses, e era verdade — ela não entendia, na verdade não. E acho que, uma vez que tive a chance, assim que pude dizer as palavras que a maioria dos torcedores de futebol carrega consigo por aí feito uma carteirinha de doador de órgãos, estava tudo acabado. O que havia sobrado pra ela? Ela podia tentar, ou fingir, um comportamento ainda pior que o meu; ou podia recuar, ceder terreno, deixar a agonia e o êxtase mais ou menos inteiramente pra mim e usar o próprio sofrimento meramente pra me acompanhar. Acabou optando por esse último caminho, pois é uma pessoa amável demais pra querer superar minha birra, e posso afirmar com segurança e todo

cheio de mim que sou eu o grande torcedor do Arsenal nesta casa, e que, se e quando a gente tiver filhos, vai ser o meu traseiro, exclusivamente o meu, a estar sentado naquela cadeira cativa. Fico envergonhado, claro que fico, por ter sido obrigado a jogar sujo desse jeito, mas por um momento, naquela época, fiquei preocupado.

A travessia

Tottenham x Arsenal
4/3/87

Se este livro tem um momento central, é aqui, numa quarta-feira de março de 1987, quando me desloquei do consultório de um psiquiatra em Hampstead até White Hart Lane, em Tottenham, pra assistir o jogo de desempate da semifinal da Littlewoods Cup. Não tinha planejado assim, claro: a ida a Hampstead estava marcada desde muito antes de se saber que seria necessário um desempate. Mas agora, enquanto tento explicar por que o futebol era capaz de me levar da inércia à euforia, e como o Arsenal e eu acabamos misturados na minha cabeça, essa conjunção de fatores, em particular, me parece implausivelmente nítida.

É mais fácil explicar por que o Arsenal e o Tottenham precisaram fazer um desempate do que minha necessidade de ir a um psiquiatra, então começo pelo primeiro fator. O placar agregado dos jogos de ida e volta tinha sido de 2 a 2, e nem a prorrogação em White Hart Lane foi suficiente pra decidir qual dos dois times seguia na competição, embora quatro golzinhos em três horas e meia de futebol não seja um indicador à altura do drama extenuante que foram aquelas duas partidas. Na primeira, no Highbury, o Clive Allen comemorou uma de suas finalizações tipicamente destruidoras, ainda no primeiro tempo, com um salto no ar e uma aterrissagem de costas, numa queda de um metro e meio de altura que foi uma das mais excêntricas expressões de júbilo que vi na vida; e o Paul Davis

perdeu uma chance com o gol aberto, e o Hoddle acertou o travessão com uma incrível cobrança de falta em curva, e o fraco Gus Caesar (o elenco mirrado do Arsenal estava sendo testado até o limite do desastre), atormentado às raias da indignidade pelo Waddle, teve de ser substituído pelo único outro jogador disponível, um jovem chamado Michael Thomas, que jamais jogara no primeiro time.

No segundo jogo, o Allen marcou de novo no começo, de modo que agora o Tottenham estava com 2 a 0 no agregado, e o mesmo Allen teve outras quatro chances no mano a mano com o Lukic, enquanto o Arsenal se mandava pra frente, mas perdeu todas; e, no intervalo, o locutor do estádio anunciou as opções disponíveis pros torcedores do Tottenham comprarem os ingressos da final em Wembley, um lance equivocado, provocativo e convencido que serviu pra acordar e enfurecer a torcida até então contida do Arsenal (e, conforme soubemos depois, também o time, que ouviu o anúncio no alto-falante do vestiário) a um ponto que, quando nossos jogadores voltaram pro segundo tempo, foram saudados por um orgulhoso e desafiador grito nas arquibancadas; inspirados, bravamente se reencontraram, pouco a pouco, no jogo e, ainda que, no papel, Adams, Quinn, Hayes, Thomas e Rocastle não fossem páreo pra Waddle, Hoddle, Ardiles, Gough e Allen, primeiro o Viv Anderson, por pouco, depois o Niall, brilhante, marcaram pra levar à prorrogação. Podíamos ter vencido o jogo naqueles trinta minutos extras — o Tottenham estava em frangalhos, e tanto o Hayes quanto o Nicholas tiveram chances de liquidar a fatura —, mas, considerando a quantidade de gols desperdiçados pelo Tottenham nos dois jogos, e o fato de que, transcorridos três quartos do tempo agregado, perdíamos por dois de diferença, um desempate já era melhor do que qualquer coisa que tivéssemos ousado esperar. Depois do jogo, o George entrou no gramado e tirou no cara ou coroa qual seria o local da terceira partida; quando virou na nossa direção, apontando pra baixo, direto pra lama de White Hart Lane, e assim indicando que tinha perdido na moedinha, os torcedores do Arsenal gritaram outra vez: havíamos batido o Tottenham duas vezes na casa deles num lapso de algumas semanas (o jogo do retorno do

campeonato, em janeiro, tinha sido 2 a 1), enquanto no Highbury só conseguimos um empate, tendo perdido a primeira partida da Copa. Estaríamos todos ali de volta na quarta-feira.

Essa, então, é a história de como chegamos ao desempate — o futebol é fácil assim. E, caso vocês queiram saber como fomos parar na semifinal da Littlewoods Cup, também é fácil: batemos o Nottingham Forest no Highbury, nas quartas de final, e antes disso o Manchester City, o Charlton e o Huddersfield em jogos de ida e volta, e antes do Huddersfield, ninguém. O contraste entre os contornos fortes, nítidos e claros de uma campanha numa Copa e as trilhas confusas, enleadas e encobertas da vida é gritante: queria poder simplesmente desenhar um daqueles diagramas que mostram os cruzamentos num mata-mata e mostrar, com ele, como acabei indo jogar naquele gramado desconhecido, o carpete de um psiquiatra de Hamsptead.

Vou tentar fazer o melhor que posso. Na primavera de 1986, eu estava frustrado pra além de qualquer limite por não ter sido capaz de encontrar, sete anos depois de terminada a faculdade, um trabalho que quisesse fazer e pelo meu fracasso, seis anos depois de perdida a Garota Perdida, em manter qualquer tipo de relação permanente e saudável, embora meus relacionamentos temporários e doentios, normalmente envolvendo algum tipo de terceira parte interessada, se contassem às dúzias. E, como há algum tempo já batia uns papos com o diretor da minha escola, um cara que estava estudando pra se tornar terapeuta junguiano, e com isso me interessei pelo que ele dizia sobre o valor da terapia, acabei indo parar, primeiro, em sessões semanais com uma psiquiatra em Bounds Green.

Uma enorme parte de mim não gostava de ir à terapia. O Willie Young algum dia se preocupou com algo assim? Ou o Peter Storey? Ou o Tony Adams? E, no entanto, toda quinta eu sentava numa poltrona, brincando com a folhagem que pendia do alto da minha cabeça e tentando falar sobre minha família, meus empregos, meus relacionamentos e, vez ou outra, o Arsenal; depois de alguns meses dessa brincadeira, algum gatilho disparou e abandonei os últimos poucos resquícios de um otimismo espúrio e penoso no qual vinha

me apoiando fazia alguns anos. Como acontece na maioria das depressões de que são vítimas pessoas mais afortunadas do que a média, eu me sentia constrangido com a minha, pois não parecia haver uma causa convincente pra ela; simplesmente sentia que tinha saído dos trilhos em algum lugar.

Não fazia ideia de onde isso podia ter acontecido. Na verdade, não tinha certeza nem de que trilhos estava falando. Eu tinha um monte de amigos, e namoradas também, estava empregado, via regularmente todos os membros do meu círculo familiar mais próximo, não sofrera nenhum luto, tinha lugar pra morar... ainda estava nos trilhos em relação a tudo em que conseguia pensar; então de que tipo, exatamente, era aquele descarrilamento? Tudo o que sei é que me sentia inexplicavelmente *azarado*, *amaldiçoado*, e de um jeito que não seria imediatamente entendido por qualquer pessoa que sofresse com falta de namorada ou família ou emprego. Me via condenado a uma vida de insatisfação; meus talentos, quais fossem eles, continuariam sem reconhecimento pra sempre, meus relacionamentos, minados por circunstâncias inteiramente fora do meu controle. E, como sabia disso sem a menor sombra de dúvida, não fazia sentido querer consertar a situação buscando algum trabalho que me estimulasse, ou uma vida pessoal que me fizesse feliz. Então parei de escrever (porque, se o cara nasce agourado, como era meu caso, simplesmente não tem por que insistir com algo que só pode, inevitavelmente, lhe trazer a humilhação da rejeição perpétua) e me envolvi no maior número possível de triângulos amorosos infelizes e desgastantes, acabando por me conformar em passar os tantos anos que ainda me restavam pela frente num vazio terrível e sem remissão.

Não era, na verdade, um futuro que eu pudesse contemplar com grande entusiasmo e, mesmo que tivesse sido a terapia, aparentemente, a responsável por fazer baixar, ou emergir, toda essa depressão, me parecia também que precisava continuar: o último naco de bom senso que me restara sugeria que muitos desses problemas estavam em mim, e não no mundo, que eram de natureza mais psicológica do que real, que não era o caso de eu ter nascido sob mau agouro, nada disso, mas de eu ser algum tipo de

maluco autodestrutivo, e que realmente precisava de tratamento. Só que estava totalmente quebrado e não podia mais pagar pra ver a psiquiatra de Bounds Green, de modo que ela me indicou pro cara de Hampstead, o qual teria a prerrogativa, se achasse que eu estava muito necessitado, de me mandar de volta pra ela com direito a desconto nas consultas. E foi assim — num episódio que, talvez, pra muitos dos torcedores que odeiam o Arsenal pelo país, seja gloriosa e hilariantemente significativo — que este torcedor do Arsenal precisou dar uma passada no psiquiatra antes de rumar pra um desempate da semifinal da Littlewoods Cup, de modo a provar que estava mesmo mal da cuca. Ganhei a prescrição que queria, e pra isso nem precisei mostrar minha carteirinha de sócio.

Fui de Hampstead a Baker Street, dali a King's Cross e de King's Cross a Seven Sisters, onde peguei um ônibus pra chegar à Tottenham High Road; e, de Baker Street em diante, a partir do ponto em que meu percurso de retorno do psiquiatra se tornou o percurso de ida a um jogo de futebol, me senti melhor, menos isolado, com algum propósito na vida (embora, terminado o trajeto, tenha voltado a sofrer, mas daquele mal-estar pré-jogo reconfortante, meu estômago embrulhado e o corpo já cansado só de pensar no esforço emocional que enfrentaria); já não precisava mais explicar pra mim mesmo pra onde ia ou de onde vinha, estava de volta seguindo o fluxo. O valor do instinto de rebanho, mais uma vez: era uma alegria poder vivenciar aquela perda de identidade exigida pelas multidões. Foi ali que me ocorreu que eu jamais seria capaz, na verdade, de explicar ou mesmo lembrar precisamente como tudo começou naquela noite, e que, sob certos aspectos, o futebol não é nem um pouco uma boa metáfora pra vida.

Normalmente odeio os jogos entre Arsenal e Tottenham, especialmente se forem na casa deles, um território hostil que faz emergir o que os torcedores do meu time têm de pior, de modo que não vou mais a White Hart Lane hoje em dia. "Tomara que a sua mulher morra de câncer, Roberts", um sujeito gritou atrás de mim, há alguns anos. E, em setembro de 1987, pouco antes do David

Pleat ter sido obrigado a se demitir do posto de técnico do Tottenham, mas logo após terem sido publicadas acusações de natureza sexual contra ele nos tabloides, me vi no meio de uma multidão que gritava: "Tarado! Tarado! ENFORCA ENFORCA ENFORCA!", e senti, talvez compreensivelmente, que era uma alma sensível demais pra esse tipo de entretenimento; as bonecas infláveis sendo alegremente jogadas de um lado pro outro, na torcida visitante, e as centenas de divertidos pares de óculos adornados com seios, obrigatórios pra qualquer torcedor fanático do Arsenal naquela tarde, pouco ajudavam pra que eu e minha sensibilidade ficássemos mais à vontade. E, em 1989, quando o Tottenham ganhou da gente pela primeira vez em quatro anos, uma horrível e perturbadora demonstração de violência tomou a arquibancada do Arsenal, com cadeiras sendo quebradas, e pra mim terminou ali. Os cantos antissemitas, embora o Arsenal tenha tantos torcedores judeus quanto o Tottenham, são uma obscenidade imperdoável e, nos últimos anos, a rivalidade entre as duas torcidas se tornou intoleravelmente carregada de ódio.

Um mata-mata da Copa é diferente, porém. Os torcedores mais velhos, que odeiam o Tottenham, mas não babam de fúria nem são violentos como o pessoal na casa dos vinte ou trinta e poucos, se sentem suficientemente motivados a comparecer, e assim o clima de ódio fica um pouco diluído. E o resultado, portanto o futebol jogado, ganha maior importância do que tem em muitos jogos do campeonato entre Arsenal e Tottenham, times que, na maioria das temporadas, nos últimos vinte anos, acabaram sendo relegados ao meio da tabela, o que dá às agressões, conseqüentemente, uma espécie de protagonismo nos encontros. Paradoxalmente, quando o jogo ganha importância, a identidade dos adversários significa menos.

Enfim, sei que, naquela noite, minha sensibilidade de classe média não foi indevidamente abalada, nem a lembrança que tenho da ocasião acabou estragada por músicas sobre escândalos sexuais ou gritos sobre câncer. O jogo foi aberto, veloz, como o do domingo anterior, e outra vez pareceu que, durante o primeiro tempo inteiro, só o que vimos foi o Clive Allen fustigando o gol desprotegido à

nossa frente, e quanto mais a coisa durava, mais eu temia pelo Arsenal. O time ficava mais e mais jovem a cada rodada (o Thomas, que havia substituído o Caesar na zaga, no primeiro dos três jogos, disputava sua primeira partida completa, e no meio-campo) e, embora o placar fosse de 0 a 0 no intervalo, logo no começo da segunda etapa o Allen marcou; em seguida, o Nicholas saiu carregado e o Ian Allison, ponta voluntarioso, mas dificilmente o homem certo pra salvar o jogo, precisou entrar, e estava tudo acabado.

Alguns metros à minha frente, uma fileira de homens e mulheres de meia-idade, equipados com reluzentes recipientes térmicos abastecidos de sopa e as pernas enroladas em cobertores, começaram a cantar uma canção irlandesa que os torcedores mais velhos, na numerada — no Setor Norte nunca ouvi nada parecido —, muitas vezes cantavam nos clássicos, e todo mundo que sabia a letra (“E então ele levantou e de novo cantou/Uma, duas, três vezes cantou”) aderiu. De modo que, faltando, sei lá, seis ou sete minutos pra terminar, pensei que pelo menos me lembraria da ocasião com carinho, mesmo que o desfecho fosse triste e doloroso; e então o Allison, depois de receber pela esquerda e dominar sem muita convicção, girou e deu um chutinho fraco que enganou totalmente o Clemence e entrou devagar junto à primeira trave, e o que se seguiu foi uma enorme explosão de alívio e louca alegria. E, exatamente como no domingo, o Tottenham desabou: nos dois minutos seguintes, o Hayes interceptou um recuo errado e chutou, mandando pelo lado de fora da rede, o Thomas abriu caminho na entrada da área, com aquele jeitão displicente que mais tarde viríamos a amar e odiar, e bateu rente à trave. No vídeo que tenho em casa, dá pra ver, na hora em que o Anderson vai cobrar um lateral, os torcedores do Arsenal literalmente pulando de entusiasmo. E tinha mais. Quando o relógio digital do campo do Tottenham parou, marcando noventa minutos, o Rocky apanhou um cruzamento desviado, ajeitou e bateu por baixo do Clemence e pra dentro da rede; quase imediatamente depois, o juiz apitou o final do jogo, e as fileiras de pessoas desapareceram pra dar lugar a uma única massa vibrante de humanidade em êxtase.

Foi o segundo de três ou quatro daqueles momentos inesquecíveis no futebol, em que o delírio é tal que não tenho mais ideia do que estou fazendo, em que tudo desaparece por alguns segundos. Só sei que um senhor que estava atrás de mim me agarrou pelo pescoço e não queria mais largar, e que, quando voltei a um estado próximo da consciência normal das coisas, o resto do estádio estava vazio, exceto por uns poucos torcedores do Tottenham ainda ali, parados olhando pra nós, chocados e infelizes demais pra conseguir se mexer (na minha lembrança, eram rostos pálidos, mas estávamos muito longe daquelas pessoas pra que fosse possível detectar alguma palidez causada pelo choque), e os jogadores do Arsenal saracoteavam no gramado lá embaixo, à nossa frente, explodindo de júbilo e provavelmente tão espantados com a vitória que tinham conseguido quanto nós.

Continuávamos dentro do estádio vinte minutos depois do apito final, quando então saímos estrondosamente pra rua, e o Pete e eu pegamos o carro e fomos ao Arsenal Tavern, onde nos trancamos já passado o horário de fechamento pra ver os melhores momentos na tevê de tela grande do bar, e pra que eu pudesse beber, beber muito além da conta.

A depressão com a qual eu tinha convivido a maior parte dos anos 80 bateu em retirada naquela noite e, passado um mês, eu já me sentia melhor. Inevitavelmente, uma parte de mim deseja que a solução do problema tivesse sido outra — o amor de uma boa mulher, ou alguma pequena glória literária, ou a descoberta transcendental, no meio de alguma coisa tipo o Live Aid, de que minha vida era abençoada e valia a pena ser vivida —; algo respeitável, real, significativo. Fico constrangido de confessar que uma década de baixo-astrol começou a ter fim por causa de uma vitória do Arsenal sobre o Tottenham na Littlewoods Cup (ficaria um pouquinho menos constrangido se tivesse sido na Copa da Inglaterra, mas na *Littlewoods!*), e sempre tentei entender por que as coisas se passaram assim. A vitória significou muito pra todos os torcedores do Arsenal, claro: por sete anos, nosso time não havia

chegado nem perto de ganhar uma semifinal, e aquela decadência já começava a parecer um estado terminal. E talvez exista até uma explicação médica pra minha melhora. Pode ser que a monstruosa descarga de adrenalina liberada por uma vitória no finalzinho contra o Tottenham numa semifinal, quando perdíamos por 1 a 0 a sete minutos do fim, toda esperança já morta, talvez aquela descarga tenha corrigido algum tipo de desequilíbrio químico no meu cérebro ou algo do gênero.

A única explicação convincente em que consigo pensar, porém, é que parei de me sentir azarado naquela noite, e que o impasse que havia provocado aquele desespero pouco mais de um ano antes, apenas, fora resolvido não por mim, mas, previsivelmente, pelo Arsenal; de modo que subi no cangote do time, que me carregou pra luz que de repente brilhava sobre todos nós. E ser levado de carona me permitiu um distanciamento, sob certos aspectos: embora eu ainda seja um torcedor dos mais devotados, continue a comparecer a todos os jogos em casa, sinta a mesma tensão, o mesmo júbilo e a mesma melancolia que sempre senti, hoje compreendo que o time tem uma identidade completamente à parte da minha, e que seus sucessos e fracassos nada têm a ver com os meus próprios. Naquela noite, parei de ser um lunático pelo Arsenal e reaprendi a ser um torcedor do time, ainda um torcedor doente e perigosamente obsessivo, mas apenas um torcedor, enfim.

Um sábado comum

Chelsea x Arsenal
7/3/87

Todo mundo foi ao jogo com o Chelsea, no sábado, a fim de continuar a festa, que durou por mais ou menos uns quinze minutos, até que alguma coisa — uma chance perdida pelo Hayes, um recuo errado do Caesar, agora já não lembro bem o quê — provocou gritos de frustração e irritação iguais aos de qualquer sábado dos vários anos anteriores. O torcedor de futebol médio é notoriamente, e quase ao ponto da selvageria, um ser nada sentimental.

É preciso dizer, no entanto, que Stamford Bridge não é o tipo de lugar onde o afeto lacrimoso ou o perdão indulgente algum dia vingarão. Os jogos na casa do Chelsea são inevitavelmente deprimentes — não é coincidência que a única partida que o Arsenal perdeu ao longo de toda a campanha quase invicta do título de 1991 foi ali. A pista de atletismo que circunda o gramado distancia os torcedores dos jogadores e afeta a atmosfera; e, como a maioria da torcida nas arquibancadas de ambos os lados fica no descoberto (e, portanto, sujeita a se ensopar, caso chova), o barulho ali se perde. Pela minha experiência, a fama dos torcedores da casa de serem uns bandidos perversos, adeptos de um racismo ignorante e feio, embora ambas as coisas tenham diminuído um pouco nas últimas temporadas, é bem merecida, e todo mundo sabe que é mais seguro ficar nos setores onde se assiste o jogo de pé, com o benefício de ter por perto policiamento organizado e intensivo, do que na

numerada, isolado e sujeito a ser reconhecido e, em última análise, trucidado, exatamente como aconteceu com um amigo há alguns anos.

E a partida continuou, o céu escureceu, o Arsenal foi jogando pior, mais adiante tomou um gol, o que, na ressaca inerte em que se encontrava, bastou. E a gente lá, de pé naquela enorme arquibancada caindo aos pedaços, os pés duros e logo queimando, de frio, vendo e ouvindo os gestos obscenos e os insultos dos torcedores do Chelsea, e é aí que o cara se pergunta pra que se dar ao trabalho, quando sabia, não apenas com o coração, mas racionalmente também, que o jogo seria um tédio, que os jogadores estariam mal, que a sensação da quarta anterior já teria se esvaído e virado pó antes dos vinte minutos da partida de sábado; quando sabia que, se tivesse ficado em casa ou ido comprar uns discos, podia ter mantido a chama brilhando por mais uma semana. Mas são esses jogos, essas derrotas de 1 a 0 pro Chelsea em tardes horrorosas de março, que dão sentido a todo o resto, e é precisamente porque tantas são assim que a euforia é tamanha naquelas outras tardes, do tipo que acontece a cada cinco, seis, sete, dez anos.

Ao final do jogo, os torcedores ainda conseguiram demonstrar uma gratidão respeitosa e silenciosa pelo time, o reconhecimento pelas realizações do passado recente, mas a tarde havia sido deprimente, uma ocasião pra penitência e castigo, nada mais que isso. E no entanto, enquanto esperávamos que liberassem nossa saída do estádio (outra peculiaridade de Stamford Bridge: a gente fica retido uma boa meia hora até que as ruas no entorno estejam livres de ameaças), a porcaria total que fora aquela experiência assentou, o que deu a ela os contornos de uma espécie perversa de glória, de modo que nós, que estivéramos presentes, agora nos víamos com direito a uma condecoração.

Duas coisas aconteceram. Primeiro começou a nevar, e o desconforto era tão grande que dava vontade de rir de si mesmo por ainda tolerar aquela vida de torcedor; em seguida, um cara apareceu com uma máquina de cortar grama e passou a circular pra lá e pra cá aparando o campo. Não era aquele tipo lendário nos clubes de

futebol, o velhote irascível e desagradável, mas um sujeito jovem e enorme, com uma monstruosa careca de skinhead, e que obviamente odiava o Arsenal com a mesma paixão dos torcedores do clube que o empregava. Quando vinha na nossa direção com a máquina, mostrou o dedo pra gente, um sorriso extasiado e maníaco no rosto; e, na volta, outra vez o dedo, e assim foi — pra lá, pra cá, dedo. Pra lá, pra cá, dedo. E fomos obrigados a ficar ali, vendo o sujeito fazer aquilo repetidas vezes, no escuro e debaixo de frio congelante, enquanto a neve caía sobre nós em nosso recesso de concreto. Foi um retorno robusto e à altura à normalidade da rotina.

Ouro

*Arsenal x Liverpool
11/4/87 (em Wembley)*

E, por outro lado, alguns dias são simplesmente dourados. Minha depressão tinha ido embora completamente agora; tudo o que eu sentia era o lugar onde antes doía, uma sensação prazerosa, bem aquela que se sente quando, se recuperando de uma intoxicação alimentar, a gente volta a comer, os músculos doloridos do estômago dando certo prazer. Faltavam seis dias pro meu aniversário de trinta anos, e me parecia que tudo se ajeitava pra mim bem a tempo; que os trinta eram a queda-d'água na foz do rio e que, se eu ainda estivesse mal como antes, despencaria daquele precipício quando chegasse lá. De modo que me sentia bem com isso, e o fato do Arsenal estar de volta a Wembley dava uma sensação boa também, porque a Littlewoods Cup, com um time jovem e um novo técnico, seria uma entrada deliciosa e inimaginável, e não ainda o prato principal. Eu tinha acabado de fazer 23 da última vez que estivéramos ali todos juntos e, pra mim, como pro time, os sete anos entre uma ocasião e outra haviam se revelado imprevisivelmente ruins; mas agora saíramos da escuridão pra luz.

E como tinha luz naquele dia ensolarado de abril, glorioso e gloriosamente sob medida. E, embora a gente saiba o que sente quando o inverno acaba, não importa o quanto tenha sido longo, não há nada como um estádio de futebol, especialmente Wembley, pra lembrar como é, porque dos setores onde se fica de pé, à

sombra, só se vê o campo iluminado lá embaixo, a grama reluzente e verdejante, e é como estar no cinema assistindo um filme sobre algum país exótico. Estava tão ensolarado lá fora quanto ali dentro, claro, mas não parecia igual, graças a esse truque dos estádios de futebol, que é usar apenas um retângulo da luz do sol, de modo que a gente veja e entenda.

Pois havia tudo isso já, antes mesmo do jogo ter começado. E, mesmo sendo o Liverpool do outro lado (ainda que, admita-se, o Liverpool numa de suas formações menos poderosas, pré-Beardsley e Barnes, pós-Dalglish, embora este estivesse no banco), e, portanto, só pudéssemos esperar uma derrota, eu havia me convencido, de verdade, que não importava, e que, comigo e com o time voltando à tona, já estava bom. De modo que, quando o Craig Johnston colocou na cara do gol o Rush, que parou por um momento, esperou e, por fim, mandou uma bola precisa e sem defesa, à esquerda da mão tateante do nosso goleiro Lukic, senti o golpe, mas não fiquei surpreso, e estava determinado a não deixar que o gol e a derrota provável que se seguiria abalasse minha recuperação ou meu novo e primaveril otimismo.

Mas o Charlie empatou antes do intervalo, depois de ter acertado a trave e causado um enorme rebuliço na área do Liverpool; e numa segunda etapa maravilhosa em termos de futebol, com os dois times jogando com graça, talento e fome de gol, um reserva nosso, o pobre do Perry Groves, tão xingado, passou pelo Gillespie, cruzou, o Charlie tocou, a bola desviou num zagueiro e rolou mansa pra vencer um Grobbelaar enganado no contrapé e entrar na rede. Tudo pareceu tão lânguido, e a bola pipocou tão lenta até o gol, que temi que não fosse ter força pra cruzar a linha totalmente, ou que seria tirada dali por algum defensor antes que o juiz conseguisse vê-la efetivamente entrar, mas no fim o impulso foi exatamente o suficiente pra que tocasse a rede. O Nicholas e o Groves, um deles trazido do Celtic por 750 mil libras, o outro do Colchester United por mais ou menos um quinto disso, correram pra trás do gol e ensaiaram uma dancinha alegre, só os dois, à nossa frente; eles jamais poderiam ter imaginado que dançariam ali, e nunca mais fizeram isso juntos, mas lá estavam, unidos naquele breve momento

dos 101 anos de história do clube, numa parceria francamente casual. E foi assim que acabamos ganhando a Littlewoods Cup, que pode não ser a taça mais prestigiosa que conheço, mas era muito mais do que o Pete, eu e o resto de nós podíamos ter ousado esperar nos dois anos anteriores. Uma espécie de recompensa pela nossa persistência cega.

Se tem uma coisa de que tenho certeza sobre ser torcedor, é a seguinte: não se trata de um prazer de segunda mão, apesar das aparências, e aqueles que dizem que preferem fazer do que ver não entendem nada. O futebol é um contexto no qual ver *se torna* fazer — não no sentido aeróbico, porque é bem improvável que ver um jogo fumando que nem um condenado o tempo todo, depois sair pra beber e ainda ir pra casa comendo umas batatinhas fritas possa transformar alguém na Jane Fonda, algo que correr pra cima e pra baixo num campo de futebol é capaz, supostamente, de fazer. Mas, quando acontece um triunfo de algum tipo, o prazer proporcionado não irradia dos jogadores até chegar a nós, no fundão da arquibancada, já como um eco diminuído da sensação original; nossa fruição não é uma versão aguada da que têm os jogadores, embora eles é que marquem os gols e subam os degraus de Wembley pra encontrar a princesa Diana. O júbilo que sentimos em ocasiões assim não é uma celebração da boa fortuna dos outros, mas da nossa; e, quando há uma derrota terrível, o sofrimento que nos envolve é, na verdade, autopiedade, e qualquer pessoa que queira entender como o futebol é consumido deve entender isso, acima de tudo. Os jogadores são meramente nossos representantes, escolhidos pelo técnico em vez de eleitos por nós, mas ainda assim estão lá nos representando, e às vezes, quando se olha bem, é possível enxergar as barras que os unem uns aos outros e os pegadores nas laterais que usamos pra controlar seus movimentos. Sou parte do clube tanto quanto o clube é parte de mim; e digo isso completamente consciente de que sou explorado pelo clube, o qual desconsidera minhas opiniões e me trata pessimamente em certas ocasiões, de modo que o sentimento de estar organicamente ligado

a ele não se constrói a partir de algum mal-entendido sentimental e confuso a respeito do grau de profissionalização do futebol. Cada momento daquela vitória em Wembley pertencia a mim tanto quanto ao Charlie Nicholas ou ao George Graham (será que o Nicholas, que acabou preterido pelo Graham logo no início da temporada seguinte, depois vendido, lembra aquela tarde com tanto carinho?), e dei duro tanto quanto eles pelo triunfo. A única diferença entre nós é que dediquei mais horas, mais dias, mais anos do que eles, e por isso compreendia melhor o significado da ocasião, e sou capaz de entender com mais generosidade por que o sol ainda brilha quando penso naquele dia.

Bananas

Arsenal x Liverpool
15/8/87

Como minha mulher é pequena, e portanto fica em desvantagem ao ver os jogos da arquibancada, passei pra frente meu ingresso do carnê naquela tarde e comprei ingressos para cadeiras bem lá no alto, no Setor Oeste, pro primeiro jogo da temporada. Foi a partida de estreia do Smith pelo Arsenal, e do Barnes e do Beardsley pelo Liverpool, fazia calor e o estádio arfava.

Estávamos na altura da marca do pênalti do gol do Setor do Relógio, de modo que tivemos uma visão perfeita do peixinho do Davis que empatou o jogo, depois do Aldridge ter aberto o placar, e de novo o ângulo perfeito pra ver a incrível cabeçada a mais de vinte metros de distância do Nichol que, exatamente no último minuto, deu a vitória ao Liverpool; também conseguimos enxergar, com terrível clareza, o desvio de comportamento dos torcedores do Liverpool abaixo de nós e à nossa direita.

Em seu livro sobre o Barnes e o racismo em Liverpool, *Out of His Skin*, Dave Hill menciona aquele primeiro jogo da temporada de passagem (“Os torcedores do Liverpool voltaram pra casa encantados, qualquer dúvida que ainda houvesse sobre o acerto do técnico nas contratações do verão já quase esquecida”). O livro dá mais atenção ao jogo contra o Everton, algumas semanas mais tarde, no Anfield, pela Littlewoods Cup, durante o qual a torcida visitante entoou cantos como “Pretaiada! Pretaiada!” e “O Everton é

branco!”. (O Everton, misteriosamente, ainda não fora capaz de encontrar um jogador negro suficientemente bom pra jogar no time.)

E, no entanto, coisas que aconteceram no jogo de estreia do Barnes poderiam ter entrado no livro, pois era possível ver claramente, enquanto os times se aqueciam, ainda antes do apito inicial, que bananas e mais bananas partiam do setor reservado aos torcedores visitantes. Aquelas bananas tinham o objetivo de anunciar, àqueles que não fossem versados no código de insultos das arquibancadas, que havia um macaco em campo; e, uma vez que a torcida do Liverpool nunca tinha se dado ao trabalho de trazer bananas pra outros jogos contra o Arsenal, ainda que, desde a virada da década, sempre tivéssemos ao menos um jogador negro no elenco, só se pode presumir que o John Barnes era o macaco ao qual os torcedores se referiam.

Quem viu o John Barnes, um cara bonito e elegante, jogar futebol, dar uma entrevista, ou simplesmente entrar em campo, e ao mesmo tempo já esteve em companhia de orangotangos gordos que grunhem e atiram bananas no gramado, vai entender a ofuscante ironia disso tudo. (Pode até ser que haja por aí alguns racistas atraentes, elegantes e articulados, mas esses nunca vão a jogos de futebol.) E quem sabe as bananas tivessem a intenção não de ser uma expressão do ódio racista, mas uma grotesca forma de boas-vindas — talvez aqueles nativos de Liverpool, com seu característico humor ferino e rápido no gatilho, meramente quisessem recepcionar o Barnes de um jeito que ele entenderia, exatamente como os torcedores do Tottenham deram ao Ardiles e ao Villa boas-vindas com papel picado, ao estilo argentino, em 1978. (Essa última hipótese é difícil de acreditar, mas não mais difícil do que chegar a crer que tantos torcedores estivessem de tal modo envenenados que se mostravam furiosos com a chegada ao time de um dos melhores jogadores do mundo.) E no entanto, por mais histericamente irônica que pudesse ser a cena, e fosse qual fosse a intenção dos torcedores do Liverpool, era algo revoltante, que dava nojo de ver.

No geral, o Arsenal não tem mais problemas com esse tipo de lixo, embora tenha problemas de outros tipos, particularmente o

antisemitismo. Na arquibancada e na numerada há torcedores negros, e nossos melhores jogadores — Rocastle, Campbell, Wright — são negros também, e imensamente populares. Ainda é possível encontrar, aqui e ali, idiotas que insultam os negros dos times adversários. (Certa noite, virei furioso pra um torcedor do Arsenal que, às minhas costas, fazia sons de macaco pro Paul Ince, do Manchester United, e vi que xingava um cego. Um racista cego!) E, às vezes, quando um jogador adversário negro comete uma falta, ou perde uma chance de gol, ou não perde e marca, ou discute com o árbitro, o sujeito esclarecido na arquibancada estremece de pânico, já prevendo o que pode ouvir. “Por favor, ninguém diga nada”, murmura pra si mesmo. “Não estraguem a minha noite.” (A *minha* noite, reparem, por favor, não a noite do pobre coitado que é obrigado a jogar a apenas alguns metros de algum racista perverso das hostes nazistas — eis a indulgente autopiedade do livre-pensador moderno.) Aí algum neandertal levanta, aponta pro Ince, ou pro Wallace, ou pro Barnes, ou pro Walker, você prende a respiração... e o cara chama o jogador de babaca, puto ou alguma outra coisa obscena, te deixando todo cheio de um absurdo orgulho cosmopolita e sofisticado porque aquele outro adjetivo não entrou ali no meio; você sabe que esse não seria o caso se estivesse assistindo um jogo no Merseyside, ou no West Country, ou no nordeste do país, ou em qualquer lugar que não tenha uma verdadeira comunidade multirracial. Não é alguma coisa pra se agradecer, na verdade, o fato de que um homem se dirigiu a outro chamando-o de babaca, mas não de preto babaca.

Parece meio fácil dizer que odeio o abuso contra jogadores negros que ocorre rotineiramente dentro de estádios de futebol, pois, se fosse um pouco mais firme, eu já teria ou a) enfrentado alguns dos racistas mais contumazes ou b) parado de ir aos jogos. Antes de me virar pra encarar o racista cego, fiquei fazendo cálculos — será que o cara é forte? Será que os amigos dele são fortes? Será que meus amigos aguentam os dele? —, até que ouvi alguma coisa, talvez o tom birrento na voz dele, que me levou à conclusão de que eu não

estaria me arriscando a tomar uma surra, então tomei uma atitude, mas essa situação é rara. É mais comum eu achar que esse pessoal, como os caras que fumam dentro dos vagões do metrô, sabe o que está fazendo, e faz pra intimidar todo mundo, negro ou branco, que possa estar querendo tomar alguma atitude. E quanto a parar de frequentar... o que eu devia dizer é que estádios de futebol são pra todos, não só pros bandidos racistas, e o esporte estará em apuros quando as pessoas decentes deixarem de comparecer. Uma parte de mim acredita nisso (os torcedores do Leeds fizeram coisas incríveis pra superar a atmosfera ruim que dominava seu estádio); outra parte de mim, porém, sabe que não paro de ir aos jogos por conta da força da minha obsessão.

Desejo tudo aquilo que outros torcedores como eu desejam: que os comentaristas expressem mais indignação; que o Arsenal vá até o fim na expulsão de torcedores que cantarem coisas sobre Hitler matando judeus com gás, em vez de apenas ficar ameaçando expulsá-los eternamente; que os jogadores, negros e brancos, façam mais pra mostrar seu repúdio. (Se, digamos, o goleiro do Everton, Neville Southall, simplesmente saísse do gramado em protesto toda vez que seus próprios torcedores comesçassem com as imitações, os problemas acabariam quase que da noite pro dia no Goodison Park, mas sei que não dá pra fazer assim.) Mais do que tudo, porém, queria ser grandão e ter inclinação violenta, pra que pudesse resolver qualquer situação que surgisse perto de mim com uma atitude à altura da raiva que sinto.

O Rei de Kenilworth Road

*Luton x Arsenal
31/8/87*

Amigos e familiares que não são ligados em futebol jamais conheceram alguém mais fanático do que eu; na verdade, estão convencidos de que minha obsessão é o máximo a que se pode chegar. Mas sei de gente que consideraria meu grau de comprometimento — todos os jogos em casa, um punhado de jogos fora e um ou dois jogos-treino ou das categorias de base por temporada — inadequado. Caras como o Neil Kaas, um torcedor do Luton que levou meu meio-irmão e eu pra assistir o Arsenal em Kenilworth Road como convidados dele, na época em que havia uma proibição pra torcidas visitantes lá, são obsessivos sem os atenuantes da timidez ou da autocrítica; é um pessoal que me faz sentir como se eu fosse o diletante medroso que eles acham que sou.

Oito coisas que você não sabia sobre o Neil Kaas:

1. Ele viajaria, claro, até Plymouth numa quarta à noite, desperdiçando um dia de folga. (Já viajou pra Wigan, Doncaster, pra todo lugar; e, na volta de um jogo de meio de semana com o Hartlepool, o ônibus quebrou e ele e o pessoal assistiram sete vezes *Loucademia de polícia* 3.)

2. Quando conheci o Neil, ele tinha acabado de voltar de um kibutz, mas fiquei espantado, assim que o conheci um pouco melhor, que tivesse conseguido ficar qualquer período de tempo longe do

time. Ele explicou que foi embora porque os torcedores do Luton estavam pra organizar um boicote a todos os jogos em casa, em protesto contra o plano de mudar o time pra Milton Keynes; o Neil sabia que, ainda que tivesse aderido ao boicote de todo o coração, seria incapaz de manter o jejum, a não ser que se mandasse pro outro lado do mundo.

3. Por uma bizarra cadeia de circunstâncias complicadas demais pra serem relacionadas aqui, ele assistiu um jogo contra o QPR do camarote da diretoria, tendo sido apresentado pelo David Evans ao resto do conselho do Luton como "o próximo presidente do Luton Town".

4. Ele conseguiu, sozinho, tirar o Mike Newell e vários outros jogadores do clube, dando um jeito de sempre estar posicionado perto do túnel, de modo a insultar perversa e incessantemente qualquer um que ele acreditasse não estar à altura de pisar no gramado de Kenilworth Road.

5. Uma matéria no *Independent*, certa vez, fez referência a um sujeito gritão com uma voz de corneta que acompanha os jogos da arquibancada central do Luton, falastrão esse que impede que qualquer pessoa no seu entorno imediato possa se divertir; tendo ido a um jogo com o Neil, só posso concluir, infelizmente, que ele é o sujeito.

6. Ele vai a todas as reuniões abertas do Luton, ocasiões que permitem aos torcedores conversar com o técnico e com a diretoria, embora recentemente o Neil tenha começado a desconfiar que não vão mais deixá-lo fazer perguntas. Meu amigo não entende por quê, apesar de que algumas das questões que fiquei sabendo que ele colocou em reuniões anteriores não eram perguntas, na verdade, e sim alegações difamatórias sobre indecência e incompetência.

7. Ele escreveu pro conselho municipal de Luton propondo que fosse encomendada uma estátua do Raddy Antic, autor do gol em Maine Road que, no último minuto, evitou a queda do Luton pra segunda divisão.

8. Nos domingos de manhã, apenas algumas horas depois de ter voltado de seja lá onde for que o Luton jogou no sábado à tarde, o Neil entra em campo pelo Bushey B (time que sofreu o infortúnio de

uma punição, com perda de dois pontos, porque o cachorro do goleiro deles impediu, em cima da linha, que uma bola adversária entrasse) na Maccabi League, embora ultimamente venha tendo problemas disciplinares tanto com o técnico quanto com os juízes, e por isso esteja afastado do elenco no momento em que escrevo.

Essa litania contém *uma* verdade possível sobre o Neil, mas não a verdade, que é o fato dele ter uma visão divertida e irônica de seus próprios excessos, sobre os quais fala como se fossem coisa de outra pessoa — um irmão mais novo, talvez. E, quando não está em Kenilworth Road, ele é um sujeito cativante, atencioso e educado, pelo menos com estranhos, de modo que a fúria que invariavelmente o acomete aos sábados é provocada exclusivamente pelo Luton.

O Luton não é um clube grande e não tem muitos torcedores — o público dos jogos em casa fica entre um terço e um quarto da nossa média no Highbury. O que ficou na memória daquela partida que assisti com ele não foi o futebol jogado, que resultou num tedioso 1 a 1, depois de termos saído na frente no placar com o Davis, mas o senso de propriedade sobre o clube que emana de alguém que, pela própria satisfação, assumiu esse papel. No trajeto até nossos lugares, pareceu que o Neil conhecia aproximadamente um em cada três dos torcedores no estádio, e parou pra bater papo com metade deles. E, quando viaja pros jogos fora, ele não é só mais um de um enorme exército invasor, e sim um rosto visível e reconhecível no meio de um bando maltrapilho de uns duzentos, talvez até menos do que isso, em alguns dos jogos mais problemáticos de meio de semana.

Mas é em parte isso que o atrai: ele é o Soberano de Luton, o Rei de Kenilworth Road. De modo que, ao ouvirem os resultados de sábado nas emissoras nacionais de rádio e televisão ou nos altofalantes dos estádios de outras divisões, seus amigos pensam “Neil Kaas”, simplesmente, quando o resultado do Luton é anunciado. Neil Kaas 0 x 0 Liverpool, Neil Kaas salvo do rebaixamento com um gol no último minuto, vitória do Neil Kaas na Littlewoods Cup...

E também pra mim isso é um atrativo do futebol, embora eu jamais pudesse reivindicar ser esse representante do Arsenal, da mesma forma que o Neil e o Luton definem um ao outro. É um atrativo que foi surgindo aos poucos ao longo dos anos, mas é poderoso, mesmo assim: *gosto de pensar que as pessoas se lembram de mim regularmente.*

E sei que acontece mesmo. Na noite de 26 de maio de 1989, voltei pro apartamento depois de uma farra que se estendeu noite adentro e, na secretária eletrônica, encontrei catorze ou quinze mensagens de amigos da Inglaterra inteira e de outros lugares da Europa — em alguns casos, gente com quem eu não falava havia meses; é frequente que, no dia de uma calamidade ou de uma glória do Arsenal, eu receba telefonemas de amigos, mesmo daqueles que não acompanham futebol, que se lembraram de ligar por causa de um jornal ou porque, à toa e ao acaso na tevê, pegaram o finzinho de algum programa esportivo. (Prova disso: acabei de descer pra buscar a correspondência e lá estava um cartão-postal com o recado de agradecimento de uma amiga a quem dei uma ajuda banal, nada de mais, há algumas semanas, e de quem não tinha novidades desde então. De início não entendi por que ela estaria me agradecendo agora, tanto tempo depois — não que esperasse qualquer agradecimento —, mas o ps, ao final, “Sinto muito pelo Arsenal”, explica tudo.)

Ainda que se saiba que qualquer coisa — o Mickey Rourke ou couve-de-bruxelas ou a estação de metrô de Warren Street ou dor de dente: a lista de coisas que as pessoas associam às outras é infinita e particular — pode botar em movimento uma sequência de pensamentos em que a gente acabe figurando em algum momento, não dá pra saber quando vai acontecer. É uma coisa imprevisível e aleatória. Com o futebol não é assim: você sabe que, em noites como a do título de 89, ou em tardes como a do desastre de Wrexham, muitas pessoas, talvez centenas, vão pensar em você. E adoro isso, o fato de que antigas namoradas e outros com quem perdi contato e que provavelmente nunca mais vou ver, estejam sentados na frente de suas tevês e, momentaneamente, mas *todos*

ao mesmo tempo, pensem "Nick", simplesmente, e fiquem felizes ou tristes por mim. Ninguém mais tem esse privilégio, só a gente.

Meu tornozelo

Arsenal x Wimbledon
19/9/87

Não consigo lembrar como aconteceu — provavelmente pisei na bola ou alguma bobagem do tipo. E não me dei conta do estrago imediatamente. Só sei que, ao sair manquitolando da quadra em que jogávamos cinco contra cinco, meu tornozelo doía pra caramba e estava inchando diante dos meus olhos, o desgraçado. Mas, dentro do carro do amigo com que eu dividia um apartamento, comecei a entrar em pânico: faltavam quinze pra uma, eu não conseguia caminhar e tinha que estar às três no Highbury.

Já em casa, sentei com um saco de ervilhas congeladas equilibrado no pé enquanto pensava nas alternativas. Meu colega de apartamento, a namorada dele e minha namorada sugeriram que, considerando que eu estava sem poder me mexer e obviamente sentindo dor, devia ficar por ali e ouvir a partida no rádio, mas claro que isso não era uma possibilidade; e, assim que percebi que insistiria e daria um jeito de ir ao jogo, que havia táxis e as cadeiras inferiores do Setor Oeste e amigos que podiam me carregar nos ombros, se necessário, o pânico desapareceu e a coisa se tornou uma simples questão de logística.

Não foi tão ruim, no fim das contas. Pegamos o metrô até a estação Arsenal, e não Finsbury Park — uma caminhada mais curta —, e ficamos todos numa área descoberta do Setor Norte, em vez de ocupar nossos lugares de sempre, embora tenha chovido durante

todo um segundo tempo sem gols, de modo que ali pudesse me escorar numa barreira de contenção e evitar o atropelo arquibancada abaixo em caso de gol do Arsenal. Mas beleza. Ficar ensopado (e insistir que todo mundo ficasse, junto comigo), tendo calafrios de dor, e levar o triplo do tempo no trajeto pro estádio e na volta não pareceu um preço tão alto a pagar. Não quando se considera o que seria a cataclísmica alternativa a isso.

O jogo

*Coventry x Arsenal
13/12/87*

O Pete e eu saímos ali pelo meio-dia, acho, pra um jogo de domingo à tarde que começava às três, e chegamos bem na hora. Foi uma partida indescritivelmente horrível, um empate em 0 a 0 sob condições climáticas congelantes... e estava passando ao vivo na tevê, de modo que podíamos ter ficado em casa. E é aqui que minha capacidade de autoanálise me falta: não sei por que fomos. Simplesmente fomos.

Não assisti a nenhum jogo do campeonato ao vivo na tevê até 1983, assim como o resto da minha geração. Não tinha muito futebol na tevê quando eu era mais novo: um programa de uma hora no sábado à noite, outro com o mesmo tempo de duração no domingo à tarde, às vezes mais uma horinha no meio da semana, se houvesse rodada de campeonato europeu com participação dos nossos clubes. Era muito raro vermos noventa minutos completos. Os ocasionais jogos da seleção eram passados ao vivo; e havia a final da Copa da Inglaterra e talvez a da Copa dos Campeões da Europa... em um ano, duas ou três partidas ao vivo envolvendo clubes, no máximo.

Um negócio obviamente ridículo. Nem as semifinais da Copa ou as rodadas decisivas do campeonato eram televisionadas; às vezes os canais não tinham autorização de mostrar nem mesmo os melhores

momentos. (Quando o Liverpool tirou o título de 1976 do QPR, vimos os gols no noticiário, mas só; havia toda uma série de normas sobre a cobertura de tevê que não dava pra entender, e ninguém entendia mesmo.) De modo que, apesar da tecnologia dos satélites, da transmissão em cores e dos aparelhos de 24 polegadas, éramos obrigados a ficar de ouvidos pregados no radinho. Mais tarde, os clubes se deram conta de que ali havia uma oportunidade de ganharem muito dinheiro, e as emissoras de televisão ficaram satisfeitas em pagá-lo; daí em diante, o comportamento da Liga de Futebol ficou parecendo o daquela mítica moça de escola de freiras. Deixa qualquer um fazer o que quiser — mudar o horário de início das partidas, o dia dos jogos, os times, as camisas, não importa; nada é problema. Enquanto isso, os torcedores, clientes que estão pagando por aquilo, são tratados como idiotas crédulos e submissos. A data que aparece no ingresso não significa nada: se a ITV ou a BBC resolvem mudar pra outra, mais conveniente pra elas, é o que vão fazer. Em 1991, os torcedores do Arsenal que pretendiam viajar pra assistir o jogo crucial contra o Sunderland descobriram que, por conta de uma pequena manobra das emissoras (o início da partida foi mudado das três pras cinco), o último trem pra Londres partiria antes do final do jogo. Quem se importava? Só a gente, então ninguém.

Continuarei a ir ao Highbury em jogos que passam na tevê, principalmente porque já paguei o carnê de ingressos. Mas, que se dane, não vou viajar pra Coventry ou Sunderland, ou seja lá onde for, quando posso assistir uma partida em casa, e espero que muitos façam a mesma coisa. A televisão vai acabar sentindo nossa ausência, um dia. No fim, por mais que os ruídos da torcida sejam amplificados, as emissoras não serão capazes de criar qualquer tipo de atmosfera sem ninguém lá: estaremos em casa, olhando pra telinha. E, quando isso acontecer, faço votos de que técnicos e diretorias nos poupem de ter que ler, nos programas dos jogos, pomposos e amargurados editoriais reclamando da nossa inconstância.

Desculpas desnecessárias

Arsenal x Everton
24/2/88

Sei que pedi um bocado de desculpas ao longo destas páginas. Isso acontece porque o futebol ganhou, pra mim, um significado exagerado, e passou a representar coisas demais, e sinto que fui a jogos demais, e que gastei dinheiro demais, e que me preocupei demais com o Arsenal quando devia estar preocupado com outras questões, e que já pedi indulgência demais da parte dos amigos e da família. E, no entanto, há ocasiões em que ir a um jogo de futebol é a atividade de lazer mais sadia e recompensadora que me vem à mente, e esse Arsenal e Everton, mais uma vez um jogo de volta da semifinal da Littlewoods Cup, foi uma dessas ocasiões.

Aconteceu quatro dias depois de outra partida de grandes proporções, contra o Manchester United pela Copa da Inglaterra, um jogo que o Arsenal ganhou por 2 a 1, mas só porque o McClair, no último lance, mandou uma cobrança de pênalti longe, por cima do travessão e na direção de um Setor Norte em êxtase (o Nigel Winterburn, impiedoso e desagradável, azucrinou o atacante adversário o tempo todo enquanto caminhavam de volta até a linha central do campo, uma das primeiras pistas do que seria a indisciplina constrangedora daquele time); de modo que foi uma daquelas semanas marcantes, com públicos enormes — 53 mil pessoas no sábado, 51 mil na quarta.

Batemos o Everton por 3 a 1 naquela noite, 4 a 1 no placar agregado, uma vitória bastante confortável e totalmente merecida do Arsenal, mas que exigiu alguma espera. Faltando quatro minutos pro intervalo, o Rocastle saiu de trás da linha de impedimento do Everton, driblou o Southall e tocou pra fora com o gol completamente vazio; e então, três minutos depois, o Hayes também saiu na cara do gol, só que dessa vez o Southall o derrubou quando ele já ia entrando com bola e tudo. O próprio Hayes cobrou a penalidade máxima e, como o McClair, deu um bico pro alto, por cima da trave. A torcida já está ficando inquieta, frustrada e preocupada; você olha em torno e vê expressões tensas, completamente absortas, e os sussurros que se espalham pelo estádio depois de cada um desses incidentes particularmente dramáticos e, com tanto pra ser comentado, persistem até a chegada do intervalo, mas vem o segundo tempo e, logo no começo, o Thomas dá um toque por cima do Southall e marca, e agora você quer chorar de alívio, e o ruído que se segue ao gol tem uma densidade especial, algo que só acontece quando todo mundo no estádio, exceto os torcedores visitantes, grita no máximo da capacidade, até o pessoal sentado lá em cima, nas cadeiras de quinze libras. E, embora o Heath consiga empatar logo depois, o Rocky em seguida compensa o gol perdido no começo e o Smith ainda faz mais um, e então o Highbury, todos os quatro lados do retângulo, está vivo, e há gritos e abraços e o prazer por mais uma final em Wembley pela frente, e também pela maneira como chegamos lá. E você acha extraordinário, sabendo que fez parte de tudo aquilo, o fato de que a noite não teria sido a mesma sem você e milhares de outros como você.

É absurdo, mas até agora não falei que o futebol é um esporte maravilhoso, mas claro que é. Gols, porque são raros, têm um valor que pontos, sets e *runs* do críquete não têm, de modo que sempre vai haver aquela vibração, a vibração de ver alguém fazer uma coisa que, com sorte, só acontece três ou quatro vezes num jogo inteiro, às vezes nenhuma, se a sorte não der as caras. E adoro o ritmo do jogo, a ausência de um padrão; e amo a possibilidade do baixinho dar cabo do grandalhão (é só assistir o Beardsley contra o Adams),

que não existe em outros esportes de contato, assim como a incerteza de que o melhor time vá necessariamente ganhar. E tem ainda a parte atlética (com todo o respeito ao Ian Botham e à seleção inglesa de críquete, mas muito poucos gordinhos são bons jogadores de futebol), e a necessária combinação de força com inteligência, o que permite aos jogadores realizarem um lindo balé que em outros esportes não é possível: um peixinho no tempo de bola exato ou um voleio perfeito dão ao corpo um equilíbrio e uma graça que alguns esportistas jamais exibirão.

Tem muito mais, porém. Em jogos como a semifinal com o Everton, embora noites como aquela sejam inevitavelmente raras, há essa poderosa sensação de estar exatamente no lugar certo na hora certa; quando estou no Highbury numa dessas noites marcantes, ou, claro, em Wembley, em tardes ainda mais memoráveis, sinto como se estivesse no centro do mundo. Em que outros momentos da vida se experimenta isso? Talvez tendo na mão um ingresso disputadíssimo pra noite de estreia de um musical do Andrew Lloyd Webber, mas você sabe que o espetáculo vai continuar em cartaz durante anos, de modo que, depois, só vai poder dizer pras pessoas que viu primeiro, o que é meio chato e, em todo caso, já perdeu a graça. Ou talvez você tenha ido ver os Stones em Wembley, mas mesmo isso, hoje em dia, tem reprises, e conseqüentemente nada do impacto pelo ineditismo que tem um jogo de futebol. Nenhuma dessas outras coisas é *notícia*, como foi aquela semifinal entre Arsenal e Everton: ao dar uma olhada no seu jornal preferido, seja ele qual for, no dia seguinte, você vai encontrar um espaço generoso dedicado à *sua* noite, à noite com a qual você contribuiu só de estar lá e gritar.

Simplesmente não se encontra isso fora de um estádio de futebol; não existe nenhum outro lugar, no país inteiro, que possa te fazer sentir como se estivesse no coração dos acontecimentos. Porque, seja qual for o bar a que você vá, ou a peça, ou o filme que assista, não importa o show que foi ver ou o restaurante em que comeu, a vida terá acontecido em outro lugar na sua ausência, como sempre; mas, quando estou no Highbury em jogos como esses, tenho a

sensação de que o resto do mundo parou e está reunido do lado de fora dos portões, esperando pra saber o resultado final.

Bem-vindo à Inglaterra

*Inglaterra x Holanda
Março de 1988*

Em 1988, comecei a trabalhar pra uma empresa de comércio exterior sediada no Oriente. De início, como professor, mas logo ficou claro que meus alunos, gente do escalão intermediário na administração da empresa, estavam mais perdidos com as ordens bizarras que recebiam da matriz do que com o uso da língua inglesa. De modo que não tínhamos mais aulas, e só posso definir o que passei a fazer então como Outras Coisas, uma vez que sou incapaz de descrever genericamente quais eram minhas tarefas. Escrevi incontáveis cartas pra advogados e um longo ensaio sobre Jonathan Swift, que foi traduzido e enviado à base; defini, pra satisfação dos meus empregadores, o que constituía água bebível; estudei cuidadosamente os mapas de Hampton Court e fotografei o Beaulieu Motor Museum; visitei diretores de centros sociais pra falar sobre orfanatos; participei de negociações emperradas envolvendo hípicas em Warwickshire e cães de raça na Escócia. Era um trabalho bem variado.

Os gerentes ralavam absurdamente: o expediente obrigatório ia das oito da manhã às oito da noite, de segunda a sexta, e das oito da manhã às duas da tarde aos sábados, mas isso era só no papel — um dia de trabalho de doze horas, como almoçar pro Gordon Gekko, era pros fracos. Quando contei aos meus alunos, porém, que o Gullit e o Van Basten estavam pra chegar à cidade e encarariam o Lineker

e o Shilton, a tentação foi demais até pra eles, e fui instruído a comprar ingressos e atuar como monitor e animador do evento.

Sempre esqueço, passados uns anos, o quanto assistir a Inglaterra jogar em Wembley é uma experiência penosa, então tento de novo. Em 1985, algumas semanas depois da morte do Jock Stein, da seleção da Escócia, fui ver uma partida das eliminatórias da Copa e escutei as músicas mais delirantemente obscenas em tributo a ele; quatro anos depois, fui a outra partida e sentei no meio de uns bebuns que acompanharam o hino nacional com saudações nazistas. Não consigo lembrar por que pensei que as coisas seriam diferentes num amistoso contra a Holanda, o que acabou sendo um erro constrangedor.

Chegamos bem a tempo. Caminhávamos por Wembley Way uns quinze minutos antes do apito inicial, com ingressos pra numerada nos bolsos, e eu ia satisfeito por ter organizado tudo com tanta expertise. Quando nos aproximávamos da entrada, porém, fomos recepcionados pelo avanço determinado e indiscriminado, sobre nós, da polícia montada e fomos forçados a recuar pra rua, junto com centenas de outras pessoas que também tinham seus ingressos, enquanto meus colegas já começavam a entrar em pânico. Nos reagrupamos e tentamos nova aproximação; desta vez, nossos ingressos de doze libras foram considerados, com relutância, prova suficiente de um interesse legítimo pelo jogo e nos deixaram passar. Ainda chegávamos aos portões quando a partida teve início e, quase que imediatamente, a Inglaterra marcou, mas não vimos o gol — ainda tentávamos negociar nossa entrada. Um dos portões havia sido tirado das dobradiças, e um funcionário nos disse que um grande número de invasores tinha passado por ali.

Assim que entramos, ficou óbvio que nossas cadeiras numeradas já eram. Os corredores estavam apinhados de gente como nós, todos com canhotos de ingressos inúteis na mão e medrosos demais pra confrontar os caras de cabeça raspada e pescoço largo que ocupavam nossas cadeiras. E nenhum funcionário à vista. “Lá vem esses porras desses chinas”, comentou um cara no meio de um grupo de rapazes, quando eu guiava meus pupilos escada abaixo pra tentar encontrar uma posição em que fosse possível enxergar pelo

menos um quadrado do campo. Nem me dei ao trabalho de traduzir. Ficamos ali, de pé, por mais ou menos meia hora, durante a qual a Holanda virou o jogo pra 2 a 1; Gullit e seus dreads, a razão principal por que todos os ingressos haviam sido vendidos, provocava imitações de macaco cada vez que pegava na bola. Pouco antes do intervalo, desistimos e voltamos pra casa. Cheguei ao apartamento bem a tempo de ver os melhores momentos na tevê.

O pessoal me conta que as coisas mudaram em Wembley, hoje em dia, e que, depois da Copa da Itália, em 1990, com o Gascoigne tendo virado essa febre, mais o charme do Lineker, a composição da torcida inglesa média também está mudando. Acontece com frequência quando um time se sai bem e, por si só, não é grande razão pra ter esperança, porque esse tipo de torcedor some quando volta a fase ruim. Me parece, e essa não é uma teoria que eu seja capaz de provar com sólida evidência — mas não faz mal — que times ruins atraem torcidas complicadas.

Só tapados ainda têm dúvidas sobre a ligação entre dadas condições econômicas e sociais e a violência no futebol, mas por que será que, digamos, os torcedores do Birmingham City têm uma reputação marcadamente pior que a da torcida do Sunderland? Ainda que concordássemos, pra facilitar a argumentação, que a região centro-oeste do país sofre com as mesmas dificuldades econômicas e sociais que a região nordeste, como explicar o comportamento impecável dos torcedores do Villa? Dois times da mesma cidade; só que um joga a primeira divisão, enquanto o outro definha na terceira. Quando o Leeds, o Chelsea e o Manchester United estavam na segunda divisão, seus torcedores eram o terror; quando o Millwall subiu pra elite, a reputação dos seus, de serem monstros violentos e malvados, arrefeceu um pouco. E não acho que futebol mal jogado mude, de fato, a maneira como as pessoas se comportam; não é isso, embora haja aí um elemento de orgulho compensatório (“A gente pode não jogar muito bem, mas sabe bater que é uma beleza”); é mais o fato de que — como colocar a questão com tato? — há uma proporção muito maior de malucos naquele

tipo de torcida que sustenta até o fim, no estilo nunca vou te abandonar, do que entre torcedores que são meio que aventureiros inconstantes, que uma hora se cansam e largam mão.

De modo que, no meio de um público de 25 mil, a gente encontra algumas centenas de encrenqueiros; se o público é de 5 ou 6 mil, lá estão eles, na mesma quantidade, sempre comparecendo, e de repente aquela pequena minoria se tornou muito mais significativa e o clube fica com má fama. E, uma vez que se tem esse tipo de reputação, a promessa de violência inerente começa a atrair os que têm inclinação a ela. Foi isso, penso, que aconteceu com o Chelsea e com o Millwall no final dos anos 70 e início dos 80; foi também o que aconteceu com a Inglaterra, entre a eliminação da Copa de 1974 e a classificação pra jogar a de 1990. Na maior parte desse tempo, éramos um time em desespero atraindo uma torcida consideravelmente desesperada.

O problema aqui é que, a menos que o time esteja jogando bem, conquistando coisas, enchendo o estádio, o clube simplesmente não tem como se livrar exatamente daqueles sujeitos que deveria expulsar da arquibancada. Consigo pensar em pelo menos um presidente que, no passado, foi claramente ambíguo a respeito de algumas figuras desagradáveis que eram responsáveis por ainda manter o clube à tona, e nunca fiquei sabendo de uma campanha particularmente contundente das autoridades do futebol, neste país, no sentido de mandar pra casa certo tipo de torcedor da seleção e colocar outro tipo no lugar (todas as campanhas nessa linha partiram dos próprios torcedores); porque, lá no fundo, sabem no calo de quem não podem pisar.

Tentei compensar a noite fracassada convidando meus colegas de trabalho pra ir ao Highbury, pois sabia que lá não nos incomodariam, nem de pé na arquibancada nem sentados em algum setor de numerada. Mas toda vez que sugeri esse programa, eles apenas olharam pra mim e sorriram, como se o convite fosse um exemplo extremo do celebrenemente incompreensível senso de humor inglês. Acho que até hoje pensam que todo sábado sou acuado por cavalos

da polícia pra, em seguida, passar a tarde encolhido em algum corredor entre as cadeiras, com medo de ir reclamar o assento pelo qual paguei, e essas seriam conclusões óbvias a se tirar, a partir do que viram na partida contra a Holanda; no lugar deles, eu teria ligado pra matriz da empresa, logo na manhã seguinte, implorando por uma transferência pra outro lugar, qualquer outro lugar do planeta.

Gus Caesar

*Arsenal x Luton
24/4/88 (em Wembley)*

A final da Littlewoods Cup daquele ano foi um desastre, e às vezes ainda me pego pensando nela: 2 a 1 faltando dez minutos pra acabar e, naquele finalzinho de um dos jogos mais claramente de um time só que assisti na vida (o Hayes acerta a trave, o Smith o travessão, depois fica frente a frente com o Dibble, mas não consegue passar), a bola está na marca do pênalti porque o Rocky foi derrubado, e é o Winterburn quem se prepara pra...

Não. Outra vez ele perdeu aquele pênalti, é a quadragésima ou quinquagésima desde aquela tarde em abril. Quando sonho assim, acordado, a coisa é tão vívida que acho difícil de acreditar que ele não vá mesmo ter outra chance uma hora dessas, e só volto a ter consciência do que estava fazendo antes de devanear — indo pra algum lugar de metrô ou lendo um livro — de forma ridiculamente lenta, somente possível depois que me obrigo a reconhecer, às vezes repetindo baixinho essas palavras, que aquela final terminou, fim, nunca mais voltará a ser disputada. Mas, vejam bem, se o Winterburn tivesse marcado (e por que nenhum dos outros se apresentou pra bater? Uma final em Wembley não é uma boa ocasião pra tentar pela primeira vez), teríamos vencido por 3 a 1, não há dúvida, e ficado com o título, repetindo a dose do ano anterior; só que ele não marcou, e o Luton foi lá e anotou dois gols nos sete minutos que faltavam e ganhou de 3 a 2. Justa ou

injustamente, os torcedores do Arsenal com quem falei sobre o assunto culpam um homem: Augustus Caesar.

São tantos os jogadores que a torcida não se cansou de xingar ao longo dos anos, e nem todos eles eram ruins: o Ure, o Sammels, o Blockley, o Rix, o Chapman, o Hayes, o Groves, até o Michael Thomas, na segunda metade de sua temporada de estreia no campeonato e em boa parte do ano seguinte. Mas com o Gus era diferente. Os talentos dele nem sequer entravam na discussão. O Hayes, o Groves, o Thomas e o Rix, todos eles tinham seus defensores entre os torcedores, mas não o Gus, pelo menos nunca conheci ninguém que o defendesse; o auge de sua carreira no Arsenal foi, provavelmente, uma derrota horrorosa de 1 a 0 pro Wimbledon, em janeiro de 1990, quando todos os recuos ou bolas afastadas em que ele foi bem-sucedido receberam a vibração e o aplauso irônicos da torcida o jogo inteiro. Não consigo nem começar a imaginar como é que alguém pode aguentar esse tipo de humilhação pública.

Logo após eu ter abandonado as aulas pra tentar escrever, li um livro chamado *The Hustler*, de Walter Tevis. Estava fascinado pelo personagem do Paul Newman, Fast Eddie, em *Desafio à corrupção*, adaptação do romance para o cinema, exatamente como um dia me fascinara a ideia de ser o Canhão, na época em que o Charlie Nicholas veio do Celtic. E, como o livro parecia ser sobre qualquer coisa que a gente queira realizar e seja difícil — escrever, virar jogador de futebol, seja lá o que for —, prestei atenção extra à história. A certa altura (ai, meu Deus, meu Deus, meu Deus), datilografei o seguinte num pedaço de papel, que então preguei à frente da minha escrivaninha:

Essa desgraça desse negócio se resume a isto: você precisa se entregar à vida que escolheu. E você escolheu — tem gente que nem isso faz. Você é inteligente, jovem e tem, como eu disse antes, talento.

Quando as respostas negativas das editoras se acumulavam, essas palavras ajudavam a me reconfortar; e, quando eu já começava a entrar em pânico porque parecia que as coisas que todo mundo

tinha, como carreiras, apartamentos legais e uma graninha pra curtir o fim de semana, me escapavam, os amigos e a família passaram a tentar me reanimar. “Você sabe que é bom”, eles diziam. “Vai dar certo. É só ter paciência.” E eu *sabia* que era bom, e *estava* decidido a me entregar à vida que havia escolhido, e meus amigos, e mais os amigos do Fast Eddie, não podiam estar todos errados, de modo que sentei tranquilo, à espera. E hoje sei que errei, que aquilo foi uma postura idiota, e sei disso porque o Gus Caesar me mostrou.

O Gus é a prova viva de que essa crença em si mesmo, esse obstinado senso de vocação (e não estou falando de arrogância aqui, mas de simples e saudável autoconfiança, absolutamente necessária à sobrevivência), pode ser perversamente ilusório. Havia entrega na escolha que o Gus fizera pra sua vida? Claro que sim. Não se chega nem perto do time principal de um clube grande da primeira divisão sem comprometimento. E será que ele achava que era bom? Devia achar, e tinha razões pra isso. Vamos parar pra pensar. Na escola, ele devia ser muito, mas muito melhor que os colegas, de modo que entra pro time do colégio e, em seguida, pra alguma seleção local, os Meninos do Sul de Londres ou sei lá o quê; e, mesmo nesse time, ainda é melhor que todos os outros, e então aparecem uns olheiros de longe e ele é convidado a treinar nas categorias de base, não do Fulham, do Brentford ou mesmo do West Ham, mas do poderoso Arsenal. E tem mais: mesmo aqui, se a gente for ver, a maioria dos nomes em qualquer time de juniores de cinco anos atrás, entre os clubes da primeira divisão, é hoje irreconhecível, pois grande parte desses jogadores simplesmente desapareceu. (Eis o time júnior do Arsenal em abril de 1987, escalação tirada de um programa oficial de jogo pego ao acaso: Miller, Hannigan, McGregor, Hillier, Scully, Castairs, Connely, Rivero, Cagigao, S. Ball, Esqulant. Desses, só o Hillier chegou ao time principal, embora o Miller ainda esteja no clube, como um goleiro reserva muito bem cotado; o Scully ainda joga profissionalmente em algum lugar, mas não pelo Arsenal ou por qualquer outro time da primeira divisão. O resto sumiu, e em um clube que é célebre pelas chances que proporciona a seus jogadores da base.)

Mas o Gus sobrevive e começa a ser escalado como reserva. E, de repente, a coisa está pra ele: o Don Howe se vê em apuros e enche o time de cima de jogadores jovens — o Niall Quin, o Hayes, o Rocastle, o Adams, o Martin Keown. E, quando o Viv Anderson recebe uma suspensão, na semana do Natal de 1985, o Gus faz sua estreia, na lateral direita, e logo onde? Em Old Trafford, numa vitória nossa por 1 a 0, ou seja, ele participa da formação defensiva que vence um jogo fora contra o Manchester United.

O Howe é demitido e o George Graham o mantém no time, chamando-o do banco em vários jogos de sua primeira temporada como técnico, de modo que tudo ainda vai bem pra ele — não tão bem quanto pra alguns outros, como o Rocky, o Hayes, o Adams e o Quinn, mas esses estão jogando uma excepcional primeira temporada completa; e, quando o time sub-21 da Inglaterra é convocado, são vários os jogadores do Arsenal na lista, e *Gus Caesar é um deles*. Quem convoca as seleções do país, assim como a torcida do Arsenal, já está começando a confiar implicitamente na política do clube em relação a suas categorias de base, e o Gus entra na convocação mesmo não jogando no time de cima regularmente. Não interessa como: o fato é que está na seleção, é reconhecido como um dos vinte, ou algo próximo disso, melhores jovens jogadores de todo o país.

A essa altura, dá pra perdoar o Gus por relaxar um pouco. Ele é jovem, tem talento, se entregou à vida que escolheu, e a insegurança que aflige qualquer um que sonhe a longo prazo já deve, pelo menos em parte, tê-lo deixado em paz. É quando a gente tem que passar a confiar no julgamento de outras pessoas (de minha parte, vinha apostando no julgamento de amigos, agentes literários e qualquer outra pessoa que conseguisse encontrar pra ler minhas coisas e dizer que eram legais); e, quando essas outras pessoas incluem dois técnicos do Arsenal e o da seleção inglesa, aí o cara provavelmente considera que não tem muito mais com que se preocupar.

Mas acontece que estão todos equivocados. Até agora, ele superou confortavelmente cada obstáculo que apareceu no caminho, mas mesmo num estágio tão avançado é possível tropeçar. É janeiro

de 1987, aquela semifinal, jogo de ida, contra o Tottenham, é a primeira vez, provavelmente, que percebemos que agora alguma coisa não vai bem: o Caesar, óbvia e dolorosamente, não está à altura daqueles atacantes do Tottenham. Na verdade, parece um coelhinho flagrado por faróis, congelado no lugar só esperando ser atropelado pelo Waddle, pelo Allen ou por algum outro, e aí ele começa a se debater, uma cena horrível, de dar pena, e finalmente o George e o Theo Folley, seu substituto, dão cabo daquele sofrimento. Ele não ganha outra oportunidade por algum tempo. A próxima vez que me recordo de vê-lo é numa partida contra o Chelsea, em Stamford Bridge, um empate em 1 a 1, uma semana ou algo assim antes da final com o Luton, e outra vez há um momento, no primeiro tempo, em que o Dixon avança pra ele com a bola dominada, ginga pra cá, ginga pra lá, de novo pro outro lado, enganando o Gus como faria um pai, no quintal de casa, brincando com o filho pequeno, e no fim o atacante deles deixa o Gus pra trás e acerta o lado de fora da trave. Quando o O'Leary se machucou e ele era o único substituto disponível, sabíamos que era problema à vista em Wembley. O Caesar deixa a lambança pro fim: a sete minutos do apito final, a bola vai parar na nossa área e ele dá uma furada violenta; nessa hora, parece um cara que pegaram na rua pra entrar de volante numa final em Wembley, e não um jogador profissional, e na confusão que se segue o Danny Wilson se abaixa, coloca a cabeça na bola bem em cima da linha do gol e marca o ponto do empate do Luton.

É isso. Fim da história. Ele continua no clube por mais três ou quatro anos, mas como a última das últimas opções de volante, e deve ter entendido, quando o George comprou o Bould e depois o Linighan e depois o Pates, com o Adams e o O'Leary ainda no elenco, que não tinha muito futuro — era o sexto na disputa por duas vagas. Ganhou passe livre no final da temporada 90/91 e foi pro Cambridge United; mas durou só alguns meses lá e seguiu pro Bristol City, que poucos meses depois o negociou com o Airdrie. Pra ter chegado aonde chegou, o Gus Caesar claramente tinha mais talento do que quase qualquer um da sua geração (o resto de nós

pode no máximo sonhar com o nível de habilidade dele) e, ainda assim, não foi suficiente.

O esporte e a vida, especialmente a vida de artista, não são exatamente análogos. Uma das coisas sensacionais do esporte é a crueldade com que, nele, as coisas são muito claras: um corredor de cem metros ruim ou um volante cabeça de bagre que simplesmente deu sorte são coisas que não existem aqui; o cara acaba desmascarado. Assim como não tem isso de um goleador genial passando fome num quatinho em algum lugar, pois o esquema de olheiros é à prova de falhas. (Esse pessoal vê *todo mundo* jogar.) Talvez haja muitos maus atores, músicos e escritores conseguindo ganhar a vida com o que fazem, gente que acaba estando no lugar certo na hora certa, ou conhecendo as pessoas certas, ou cujos talentos foram mal-interpretados ou superestimados. Mesmo assim, acho que a história do Gus Caesar tem ressonâncias reais: contém uma lição terrível destinada aos sonhadores que pensam que seu próprio senso inabalável de destino (e, de novo, esse sentimento não deve ser confundido com arrogância — o Gus Caesar não era um jogador arrogante) é significativo. O Gus deve ter pensado que era bom, assim como qualquer banda pop que tocou no Marquee tem certeza de que está destinada a chegar ao Madison Square Garden e à capa da *NME* e como todo escritor que manda um manuscrito pra Faber and Faber está convicto de que dali a dois anos ganhará o Booker. A gente põe a vida nesse sentimento, sente correr pelas veias, feito heroína, a força e a determinação que vêm dali... e isso não quer dizer absolutamente nada.

Logo ao lado

Arsenal x Sheffield Wednesday
21/1/89

Fazia sentido mudar pras redondezas por outras razões também: o dinheiro rende muito mais nos bairros decrepitos do norte de Londres do que em Shepherd's Bush ou Notting Hill, e o transporte público aqui é bom (estamos a cinco minutos da estação de King's Cross, com duas linhas de metrô, milhões de ônibus). Mas, sério, morar ao lado do estádio, podendo ir a pé, era finalmente realizar uma deplorável ambição que já durava vinte anos, e é melhor nem tentar achar alguma lógica aí.

Foi divertido procurar um lugar. Um dos apartamentos que visitei tinha um terraço de onde dava pra enxergar uma parte da fachada do estádio, e dali se podia ler, em letra enormes, "RSEN", apenas o suficiente pra fazer o sangue pulsar mais forte. E o lugar que perdemos porque outro ofereceu mais ficava na rota dos desfiles em carro aberto, nas comemorações de títulos. Os quartos eram pequenos e mais escuros do que os deste apartamento pro qual viemos, mas a janela da sala emoldurava todo o Setor Oeste; eu teria a possibilidade de parar, enquanto escrevo este livro, olhar pra fora e então voltar, revigorado, à tela do computador.

No fim, tivemos de ficar com algo um pouco menos inspirador, com vista pro Finsbury Park, de onde, mesmo subindo num banquinho e esticando o pescoço pra fora da janela, não dá pra ver nada, nem a flâmula da Liga, com o logotipo do Barclays, que, no

momento em que escrevo (mas temo que não por muito mais tempo), ainda tremula em nossos domínios. Mas mesmo assim! O pessoal estaciona os carros na nossa rua antes do jogo! E, com as janelas abertas, o alto-falante do estádio é claramente audível num dia de ventania, mesmo do interior do apartamento! (Não sei quanto às comemorações de gol, claro, porque nunca estou em casa quando o time joga, mas posso imaginar que as vibrações mais ruidosas chegam até aqui. Talvez um dia desses eu pegue emprestado o gravador do meu cunhado, posicione na cadeira perto da tevê, debaixo da janela, e deixe gravando, só pra ver.) E o melhor de tudo: apenas alguns dias depois de ter me mudado, estava andando na rua — *isso aconteceu de verdade* — e achei, jogada ali simplesmente, imunda e meio avariada, mas reconhecível, uma figurinha de chiclete do Peter Marinello, de uns vinte anos antes. Vocês não podem imaginar como isso me deixou feliz, saber que estou morando numa área de tamanha importância arqueológica, tão enraizada no passado.

Quando dobrávamos a esquina, chegando à nossa nova rua, o rádio da van que tínhamos fretado pra mudança anunciou um gol do Richardson no Goodison Park, o terceiro num jogo que acabou 3 a 1 pra nós (e, no gol do Everton, a bola não chegou a cruzar a linha), o que pareceu um presságio muito bom. Mas o que eu estava esperando era o sábado seguinte, meu primeiro jogo em casa e *do lado de casa*, contra o Sheffield Wednesday, quando finalmente, aos trinta e um anos de idade, eu caminharia pela Avenell Road, passaria as catracas e chegaria ao Setor Norte como um morador do norte de Londres.

O que eu estava esperando encontrar, quando abri a porta da frente de casa, faltando vinte pras três (vinte pras três!) naquela tarde de sábado e virei à direita na direção do estádio? Acho que pensei que seria como numa daquelas cenas de subúrbio nos seriados, em que portas da frente todas idênticas se abrem precisamente ao mesmo tempo e caras com roupas idênticas saem à rua juntos, com pastas de trabalho também idênticas nas mãos,

guarda-chuva e jornal. Na minha rua, claro, seriam torcedores do Arsenal, em vez de sujeitos que vão pegar o trem pro trabalho, que emergiriam daquelas portas, e todos estariam usando boinas e cachecóis com listras vermelhas e brancas já meio esmaecidas. E, quando me vissem, sorririam e acenariam, e imediatamente eu me tornaria um membro muito benquisto e reconhecido de uma feliz comunidade de operários do Arsenal.

Mas nenhuma porta se abriu. Ninguém torce pro Arsenal na minha rua. Alguns dos meus vizinhos são aquilo que, alguns anos atrás, se costumava chamar de yuppies, e não têm interesse nenhum por futebol; outros estão de passagem, morando em imóveis invadidos ou alugando por pouco tempo, sem nunca se estabelecer por ali tempo suficiente pra tomar gosto. O resto... não sei. Não dá pra achar uma teoria que sirva pra todo mundo, e gosto é gosto. Tudo o que sei é que antes havia outro torcedor na nossa rua, um moleque que circulava por ali com a camisa do segundo uniforme, mas que se mudou pouco depois da nossa chegada; e, exceto por ele, era a mesma coisa que estar morando em Maidenhead, não fossem os carros circulando pra cima e pra baixo procurando lugar pra estacionar nos dias de jogos.

Suspeito que mudei com uns bons vinte anos de atraso e que, nessas duas últimas décadas, a quantidade de torcedores na região diminuiu num ritmo constante. De acordo com dados do clube, um enorme percentual da torcida vive nos Home Counties (quando vinha de Cambridge pros jogos, o trem enchia de torcedores do Arsenal na altura de Hattfield). Futebol em Londres — nos estádios do Tottenham, do Chelsea, no Highbury e, em menor grau, no campo do West Ham — se tornou uma tarde de passeio pra suburbanos. A demografia dos lugares mudou, e todo aquele pessoal que costumava ir a pé pro estádio, saindo de Islington, Finsbury Park e Stoke Newington, foi embora: aquelas pessoas ou estão mortas, ou venderam suas casas e se mudaram pra Essex, Hertfordshire ou Middlesex. E, embora seja normal cruzar com moradores locais vestindo a camisa do time e alguns comerciantes ainda se mantenham ligados nos resultados (um dos caras da banquinha da estação é um torcedor conhecido e fanático, apesar do seu irmão ser

Chelsea), estou mais sozinho aqui do que jamais pensei que estaria no final dos anos 60, tantos anos atrás, quando ficava importunando meu pai pra que comprasse uma casa na Avenell Road e ele me dizia que eu ia acabar enjoando do pedaço.

Tirania

Arsenal x Charlton
21/3/89

Estou escrevendo sobre quem eu sou hoje. O garoto angustiado da primeira parte deste livro já era; o jovem que, com seus vinte e poucos anos, depois vinte e muitos, passou a maior parte do tempo cultivando sua introspecção também não está mais aqui. Não posso mais me valer da idade, ou melhor, da minha juventude, pra me explicar, como fiz em outras passagens.

À medida que fico mais velho, a tirania que o futebol exerce sobre minha vida e, portanto, sobre as vidas das pessoas à minha volta fica menos razoável e menos atraente. A família e os amigos sabem, depois de longos anos de uma desgastante experiência, que o calendário de jogos do time sempre terá a última palavra em qualquer coisa que tivermos de combinar; entendem, ou ao menos aceitam, que batizados, casamentos ou quaisquer outros encontros ou reuniões, os quais em outras famílias teriam inquestionável precedência, só podem ser planejados após consulta. De modo que, por causa do futebol, sou considerado alguém com necessidades especiais que precisam ser observadas. Se eu fosse um cadeirante, ninguém faria nada no terraço do apartamento, então por que deveriam planejar alguma coisa pra uma tarde de sábado no inverno?

Porém, como acontece com todo mundo, tenho um papel periférico a desempenhar na vida da maioria das pessoas que

conheço, e elas muitas vezes não estão muito interessadas nas próximas rodadas da primeira divisão. De modo que precisei declinar, relutante mas inevitavelmente, alguns convites de casamento, embora sempre tenha o cuidado de arrumar uma desculpa socialmente aceitável, algo a ver com a família ou questões de trabalho; “Tem jogo em casa contra o Sheffield Wednesday” não é uma explicação adequada em situações como essas.

E há ainda os imprevisíveis desempates da Copa da Inglaterra, as rodadas remarcadas de meio de semana, os jogos transferidos do sábado pro domingo sem aviso prévio, pra acomodar os horários de transmissão da tevê, de modo que sou obrigado a recusar convites que coincidam com potenciais datas e horários de partidas, fora os que caem nos dias e horários de jogos já marcados. (Ou combino o compromisso, mas aviso aos interessados que talvez precise dar o bolo de última hora, o que às vezes não pega muito bem.)

Mas vai ficando cada vez mais difícil, e tem horas que é inevitável acabar magoando alguém. O jogo contra o Charlton foi remarcado pra mesma noite da festa de aniversário de uma amiga, pra qual só cinco pessoas tinham sido convidadas. Assim que me dei conta de que havia o conflito, entrei em pânico por um breve momento, como de hábito, imaginando um jogo em casa sem a minha presença; e então liguei pra ela, pesaroso, pra contar o que estava acontecendo. Esperava ouvir uma risada e ser perdoado, mas não consegui nem uma coisa nem outra, e saquei, pelo tom de voz dela, um tom de decepção, impaciência e saco cheio, que não a convenceria. Em vez disso, ela disse uma daquelas coisas terríveis: “Faça o que você achar que é certo”, ou “Faça como quiser”, algo assim; um desses comentários ameaçadores destinados a dar uma prensa, e falei que ia pensar, mas nós dois sabíamos que não ia coisa nenhuma, que já estava claro, ali, que sou mesmo um verme inútil e superficial, e fui ao jogo. E que bom que fui, aliás. O Paul Davis marcou um dos melhores gols que vi no Highbury, um peixinho depois de ter atravessado o campo de uma ponta a outra num contra-ataque.

Duas questões surgem em incidentes como esse. Primeiro, comecei a suspeitar de que minha relação é com o Highbury, e não com o time: se o jogo fosse em outro estádio, no Valley, no Selhurst Park ou no Upton Park — nenhum deles muito distante, pode-se pensar, pra um sujeito obsessivo como este aqui —, eu não teria ido. Do que se trata, então? Por que fico obcecado com um jogo envolvendo o Arsenal quando é de um lado da cidade, mas, se for do outro lado, não me importo de não ir ver? No jargão da terapia, qual é a fantasia aqui? O que imagino que aconteceria comigo se não comparecesse ao Highbury uma noite só e perdesse um jogo que talvez, mais tarde, se mostrasse crucial num eventual desfecho do campeonato, mas que dificilmente seria um entretenimento imperdível? A resposta, acho, é a seguinte: tenho medo de, no próximo jogo, na partida seguinte àquela que perdi, ficar sem entender alguma coisa que aconteça, uma música ou a antipatia da torcida por algum dos jogadores; e, assim, o lugar que mais conheço neste mundo, o único além da minha casa onde me sinto absoluta e inquestionavelmente em casa, terá se tornado um lugar estranho pra mim. Perdi os jogos contra o Coventry, em 1991, e o Charlton, em 1989, mas porque estava no exterior. E, embora na primeira dessas ausências tenha me sentido esquisito, o fato de estar a centenas de quilômetros do estádio atenuou o pânico e tornou a situação tolerável; na única vez em que, no momento em que o Arsenal jogava em casa eu estava em outro lugar de Londres (em Victoria, numa fila pra comprar passagens no *Skytrain*, do Freddie Laker, enquanto batíamos o QPR por 5 a 1, em setembro de 1978, e o fato de eu lembrar tanto o placar quanto o adversário significa alguma coisa) me senti sufregamente desconfortável.

Mas um dia, em breve, vai acabar acontecendo outra vez, sei disso. Doenças (embora já tenha ido ao Highbury com gripe e o tornozelo torcido e mais ou menos qualquer outra coisa que não exigisse idas ao banheiro), o primeiro jogo de futebol ou a peça de teatro da escola, no caso de um futuro filho (certamente eu decidiria ir à peça... mas temo ser suficientemente idiota a ponto de dar o cano e, com isso, garantir à criança algumas horas num divã de Hampstead, em 2025, explicando a um incrédulo psicólogo como, ao

longo de toda a infância, o pai dela sempre colocou o Arsenal em primeiro lugar), morte na família, trabalho...

O que me traz à segunda questão colocada por esses jogos remarcados e os problemas que causam: trabalho. Meu irmão hoje tem um emprego que exige dele mais do que a rotina normal de nove às seis e, embora não consiga me lembrar de tê-lo visto perder um jogo por causa do trabalho, até agora, é só uma questão de tempo. Em algum dia não muito distante, nesta temporada ou na próxima, alguém vai convocar uma reunião de última hora fadada a passar das oito e meia ou nove da noite, e ele, enquanto o Merse humilha algum zagueiro a cinco ou sete quilômetros dali, vai estar lá sentado, olhando pra um memorando. E não vai gostar disso, mas, sem muita opção, vai dar de ombros e tocar a vida.

Acho que não conseguiria ter um emprego desse tipo, pelas razões explicitadas acima. Mas, se tivesse, espero que também fosse capaz de dar de ombros. Que não acabasse esperneando, em pânico, fizesse birra, implorasse, me revelasse alguém que ainda não está à altura das demandas da vida adulta. Escritores têm mais sorte que a maioria, mas um dia, imagino, vou ser obrigado a fazer alguma coisa num horário desastrosamente inconveniente pra mim — uma chance única de entrevistar alguém que só poderá me encaixar na agenda num sábado à tarde, ou um prazo de entrega impossível que me obrigue a ficar na frente do computador numa noite de quarta. Escritores que se prezam fazem turnês de divulgação e são convidados pra entrevistas no *Wogan*, e todas essas coisas que podem levar a situações arriscadas, então talvez um dia eu acabe precisando encarar tudo isso. Não ainda, porém. Não seria razoável os editores deste livro esperarem que eu escreva sobre esse tipo de neurose e, em seguida, me pedirem pra perder alguns jogos ajudando na divulgação do próprio. “Eu sou maluco, estão lembrados?”, eu diria a eles. “É disso que se trata! Nem a pau que vou fazer uma leitura pública na Waterstone’s numa quarta à noite!” E assim vou sobrevivendo mais um pouco.

Será mesmo apenas coincidência, sorte, em mais de uma década como empregado assalariado, que eu jamais tenha me visto na situação inevitável de perder uma partida? (Até mesmo meus chefes

na companhia sediada no Oriente, em geral completamente desconcertados com nossa compulsão por vida social, não tinham dúvidas de que o Arsenal era prioridade.) Ou será que minha obsessão moldou e conduziu minha ambição? Prefiro pensar que não, claro, porque, se for esse o caso, as implicações são alarmantes: todas aquelas opções que eu achava que tinha nos meus anos de adolescência nunca teriam existido, e aquele jogo com o Stoke, em 1968, teria efetivamente me impedido de me tornar um empresário, um médico ou um jornalista de verdade. (Como muitos torcedores, nunca nem me passou pela cabeça trabalhar na imprensa esportiva. Como eu cobriria Liverpool e Barcelona, quando preferia estar no Highbury vendo Arsenal e Wimbledon? Ganhar um bom dinheiro pra escrever sobre o esporte que amo é um dos meus medos mais sombrios, me faz suar frio.) Prefiro pensar na minha liberdade de ir ao Highbury sempre que houver um jogo lá como um efeito colateral fortuito do caminho que escolhi, e que fique por isso mesmo.

Hillsborough

Arsenal x Newcastle
15/4/89

O pessoal que estava com seus radinhos circulava uns rumores, mas não soubemos de nada, de fato, até o intervalo, quando não anunciaram o placar da semifinal entre Liverpool e Forest, e mesmo a essa altura ninguém no estádio sabia das proporções chocantes do negócio. Terminado nosso jogo, uma entediante vitória de 1 a 0 em que foi difícil prestar atenção, todo mundo sabia que havia mortos. E alguns, aqueles que já tinham ido a Hillsborough pra algum jogo importante, eram capazes de arriscar em que parte do estádio, mais ou menos, a tragédia havia ocorrido; mas, claro, ninguém que manda no esporte algum dia esteve interessado nessa capacidade de previsão dos torcedores.

Quando chegamos em casa, estava claro que não se tratava de apenas mais um incidente num campo de futebol, do tipo que acontece de tempos em tempos, causa a morte de um ou dois infelizes e, em geral, é visto por autoridades desinteressadas como um dos riscos inerentes à maneira como escolhemos nos divertir. O número de mortos aumentava minuto a minuto — sete, depois vinte, então cinquenta e poucos e, por fim, 95 — e percebíamos que, se alguém ainda tinha alguma migalha de bom senso, nunca mais as coisas voltariam a ser como antes.

É fácil entender por que aqueles que perderam familiares querem ver os oficiais da polícia de South Yorkshire levados a julgamento: o erro de cálculo ali foi catastrófico. E, no entanto, embora esteja claro que a polícia fez besteira das grandes naquela tarde, seria terrivelmente vingativo acusar aqueles policiais de qualquer coisa além de incompetência. Muito poucos de nós já vivemos a infelicidade de ver algum erro profissional nosso matar pessoas. A polícia presente em Hillsborough nunca teve condições de garantir a segurança do evento, não importa quantos portões abrisse ou deixasse de abrir; nenhuma força policial, em nenhum estádio de futebol do país, tinha. Podia ter acontecido em qualquer lugar. Podia ter acontecido no Highbury — nos degraus de concreto que levam à saída do Setor Norte pra rua, talvez (e uma situação dessas nem mesmo requer uma imaginação muito elaborada); ou podia ter acontecido em Loftus Road, onde milhares de torcedores só têm acesso ao setor mais afastado das arquibancadas entrando por um *bar*. E agora haveria uma investigação, e matérias na imprensa, a polícia, os funcionários do estádio, torcedores bêbados, ou sei lá quem levando a culpa. Mas isso não estava certo, não quando a coisa toda se baseava numa premissa tão ridícula.

A premissa era a seguinte: que estádios de futebol construídos, em sua maioria, há quase um século (o do Norwich, erguido há 78 anos, é o mais novo da primeira divisão) poderiam acomodar entre 15 mil e 63 mil pessoas sem que elas acabassem se machucando. Imagine a população inteira de uma cidade pequena (a cidadezinha onde nasci tem aproximadamente 50 mil habitantes) tentando entrar numa grande loja de departamentos e dá pra ter uma ideia do quanto a situação é irremediável. Uma situação em que as pessoas ficam de pé, em blocos de 10 ou 12 mil, sobre arquibancadas cujo concreto, em alguns casos, já está caindo aos pedaços, escadarias íngremes, reformadas, mas essencialmente nunca substituídas ao longo de várias décadas. Mesmo na época em que os únicos projéteis lançados ao ar eram boinas, claramente não podia haver segurança ali: 33 pessoas morreram no Burden Park, em Bolton, em 1946, quando barreiras de contenção desabaram, e o desastre no Ibrox, em 1971, foi o segundo a acontecer naquele estádio. No

momento em que o futebol se transforma em arena da guerra entre gangues, e repressão mais do que segurança vira prioridade (os tais alambrados, de novo), uma tragédia de grandes proporções se torna inevitável. Como é que alguém pôde achar que nunca aconteceria? Com públicos acima dos 60 mil, só o que dá pra fazer é fechar os portões, mandar todo mundo se apertar e rezar muito, muito mesmo. A tragédia no Ibrox, em 1971, foi uma terrível advertência a que não se deu a devida atenção: houve causas específicas, mas a culpa, em última análise, era do esquema em que se assistia o futebol, com multidões grandes demais, em estádios mais do que antigos.

Esses estádios foram construídos pra uma geração de torcedores que não tinha carro nem utilizava com frequência o transporte público, e, portanto, foram cuidadosamente alocados no meio de áreas residenciais cheias de ruazinhas estreitas e casinhas geminadas. Vinte ou trinta anos de expansão dramática desses bairros, com as pessoas começando a ter de percorrer distâncias de quinze, trinta ou mais de setenta quilômetros, e nada mudou. Já era hora de construir novos estádios, fora da cidade, com espaço de estacionamento e mais recursos de segurança; o resto da Europa fez isso, e conseqüentemente os estádios de Itália, Espanha, Portugal e França são maiores, melhores e mais seguros, mas é típico que, num país em que a infraestrutura enfim começa a vir abaixo, não nos demos ao trabalho. Aqui, dezenas de milhares de torcedores caminham por túneis estreitos e apertados de metrô e estacionam seus carros em pequenas e tranquilas ruas de bairro, enquanto as autoridades do futebol parecem satisfeitas em levar as coisas adiante como se absolutamente nada — comportamentos, torcedor médio, meios de transporte, nem mesmo o estado em que se encontram os próprios estádios, os quais, como nós mesmos, começam a parecer meio acabados depois de coisa de meio século — tivesse mudado. Há tanta coisa que poderia e deveria ter sido feita, e nada foi, em momento algum, e todo mundo foi tocando a vida ano após ano após ano, por um século, até Hillsborough. Aquele foi o quarto desastre ocorrido no futebol britânico no pós-guerra, o terceiro em que muita gente morreu esmagada depois de

algun tipo de falha no controle do fluxo da multidão; o primeiro a ser atribuído a algo além de azar. De modo que, se quiser, alguém pode até culpar a polícia por ter aberto o portão errado na hora errada, mas fazer isso é esquecer o mais importante, na minha opinião.

O Relatório Taylor fez a famosa, e a meu ver correta, recomendação de que todo estádio de futebol tivesse apenas lugares sentados. Isso, claro, cria novos perigos — uma possível repetição do trágico incêndio em Bradford, por exemplo, em que as mortes aconteceram porque se permitiu que lixo inflamável acumulasse debaixo da estrutura de sustentação das cadeiras. Tê-las, por si só, não vai eliminar os hooligans, e, se os clubes forem bastante burros, assentos podem até exacerbar o problema. Cadeiras podem virar armas, e é possível que longas fileiras de gente acabem sendo um obstáculo à intervenção da polícia, se chegar a estourar alguma confusão, embora o fato de só haver lugares sentados dê ao clube, supostamente, um controle maior sobre a parte do estádio que cada tipo de torcedor deve ocupar. A questão, na verdade, é que a probabilidade de acontecerem mortes como as do Ibrox ou de Hillsborough fica minimizada, caso os clubes implementem direito as recomendações de Lorde Taylor — e, no meu entendimento, é só isso que importa.

No momento em que escrevo, o Relatório Taylor tem provocado a discordância ruidosa de torcedores e alguns clubes. O problema tem várias facetas. Mudar os estádios pra torná-los mais seguros vai custar caro, e muitos clubes não têm dinheiro. Pra conseguir os recursos, alguns deles devem passar a cobrar muito mais pelos ingressos, ou lançar esquemas como os de torcedor-investidor do Arsenal e do West Ham, os quais podem vir a significar que muitos rapazes da classe trabalhadora, tradicionalmente o coração da torcida, ficarão de fora. Alguns torcedores querem continuar vendo os jogos de pé. (E acho que não porque ver de pé seja uma maneira inerentemente superior de apreciar uma partida — não é. É desconfortável, e qualquer um com menos de 1,80 terá uma visão

restrita. O que os torcedores temem é que o fim desses setores nas arquibancadas leve ao desaparecimento de uma cultura de torcida em alto volume, da atmosfera e de todas as coisas que tornam o futebol uma experiência memorável, mas o Ibrox, só com lugares sentados, faz mais barulho do que o Setor do Relógio e o Setor Norte juntos; a presença de cadeiras não vai transformar estádios de futebol em igrejas.) A capacidade de todos os estádios acabará reduzida, em alguns casos pra menos do que a média de público. E alguns clubes vão ter de fechar as portas, simplesmente.

Ouvi e li os argumentos de centenas de torcedores que discordam do Relatório Taylor, gente que prefere ver o futuro do futebol como uma versão modificada do passado do esporte, com arquibancadas mais seguras e instalações melhores, em vez de algo radicalmente diferente. E o que me espanta mais é o apego conservador e quase neuroticamente sentimental contido nesses argumentos — em certo sentido, o mesmo tipo de apego neuroticamente sentimental que inspira este livro. Toda vez que um clube fala em novo estádio, há uma gritaria; quando Arsenal e Tottenham cogitaram um estádio compartilhado, alguns anos atrás, previsto pra ser construído num local próximo de Alexandra Palace, acho, os protestos foram ruidosos e prolongados (“Tradição!”), e conseqüentemente acabamos com um punhado de estádios que estão entre os menores do mundo. O Estádio da Luz, em Lisboa, comporta 120 mil pessoas, o Santiago Bernabeu, em Madri, 95 mil, e o campo do Bayern de Munique, 75 mil; mas o Arsenal, o maior time da maior cidade da Europa, vai precisar espremer seus torcedores em menos de 40 mil lugares quando a reforma do Highbury ficar pronta.

Não queríamos estádios novos, agora não queremos os velhos, não se tiverem de ser modificados pra garantir nossa segurança e, em conseqüência, os clubes forem obrigados a cobrar mais. “E se eu quiser levar meus filhos num jogo? Não vou poder pagar.” Tampouco podemos bancar uma ida dos nossos filhos a Barbados, ou ao Le Manoir aux Quat’ Saison, ou à ópera. Quando vier a revolução, claro, poderemos fazer todas essas coisas quantas vezes quisermos, mas, até lá, esse parece ser um argumento particularmente fraco, um choramingo, e não uma objeção coerente.

“E quanto aos clubes pequenos, que podem acabar?” Vai ser bem triste pros poucos milhares de torcedores do Chester se o time deles afundar — ficaria arrasado se fosse o meu —, mas isso, em si, não é absolutamente motivo pra que se permita aos clubes colocar em risco a vida de seus torcedores. Se for preciso que times sejam extintos porque não têm dinheiro pras mudanças consideradas necessárias a evitar outro Hillsborough, que seja. Azar. Se o Chester, o Wimbledon e uma porrada de outros times são pobres, em parte é porque não tem muita gente que se importa se vão sobreviver ou perecer (o Wimbledon, um time da primeira divisão de uma região densamente povoada, atraía públicos minúsculos mesmo antes de ter sido forçado a se mudar pro outro lado de Londres), o que em si mesmo já é algo revelador. O outro lado dessa moeda, porém, é que não existe a mínima chance de alguém acabar esmagado nas arquibancadas do estádio de um desses clubes; obrigá-los a instalar cadeiras em arquibancadas onde cada torcedor tem quase um quintal de concreto só pra si é ridículo.

“E aqueles torcedores que apoiaram o clube nos piores momentos, pagando até o salário dos jogadores? Como imaginar que eles agora sejam deixados ao relento?” Esse é um argumento que vai direto ao cerne da questão do consumo do futebol. Conforme já expliquei em outro momento, se o clube descarta a base mais tradicional de torcedores, pode acabar em sérias dificuldades e, na minha opinião, seria equivocado fazer isso. Obviamente os recursos pra melhoria dos estádios precisam vir de algum lugar, e aumentar o preço dos ingressos é inevitável; a maioria de nós aceita que será obrigado a pagar algumas libras a mais pra assistir o nosso time. Os esquemas de torcedor-investidor do Arsenal e do West Ham vão muito além disso, porém: usar o aumento dos preços pra trocar um tipo de torcedor por outro, pra se livrar da velha torcida e atrair uma nova, mais rica, é que é o erro.

Ainda assim, um erro que os clubes têm perfeita liberdade pra cometer. Clubes de futebol não são hospitais ou escolas, cuja obrigação é acomodar todo mundo que aparecer, os que podem e os que não podem pagar. É interessante e revelador que o tom dos protestos contra esses esquemas de financiamento seja o de uma

cruzada, como se os clubes tivessem um dever moral perante seus torcedores. O que, afinal, eles *devem* a qualquer um de nós? Torrei milhares de libras pra acompanhar o Arsenal nos últimos vinte anos; mas, cada vez que entreguei meu dinheiro, recebi algo em troca: a entrada pra um jogo, um bilhete de trem, um programa oficial. Por que o futebol tem de ser diferente do cinema, digamos, ou de uma loja de discos? A diferença é que todos mantemos esse apego admiravelmente profundo e, até recentemente, contávamos poder assistir, pelo resto de nossas vidas, todo e qualquer jogo que nossos times disputassem; agora começa a parecer que talvez isso não seja mais possível pra alguns de nós. Mas não é o fim do mundo. Pode até ser que ingressos mais caros melhorem a qualidade dos jogos que veremos; talvez os clubes possam jogar menos partidas, os jogadores tenham menos contusões e não haja necessidade de disputar umas porcarias de campeonatos, tipo a ZDS Cup, apenas pra faturar uns trocados a mais. De novo, é só ver o que acontece no resto da Europa: italianos, portugueses e espanhóis pagam mais caro por ingresso, mas conseguem ter os melhores jogadores do continente e da América do Sul. (E são também menos obcecados do que nós por divisões inferiores. Existem, sim, times de terceira e quarta divisões, mas são semiprofissionais e não influenciam a estruturação do esporte. A primeira divisão tem prioridade, e o futebol só ganha com isso.)

Ao longo dos anos, passamos a confundir o futebol com alguma outra coisa, algo mais *necessário*, razão pela qual a gritaria e a indignação ganham tamanha intensidade. Olhamos pra tudo isso do alto da montanha que é nossa paixão de torcedor; não admira que a perspectiva seja totalmente equivocada. Talvez esteja na hora de descer ao mundo normal e enxergar o que o restante das pessoas já enxerga.

Na maioria das questões, o resto do mundo normal estava coberto da mais fria, dura e prática razão. A capa da revista *The Economist* daquela semana trazia uma foto do extraordinário santuário de flores, bandeiras e faixas erguido junto ao gol abaixo do Kop, no

Anfield, por torcedores do Liverpool, do Everton e centenas de outros; o título da capa, que se lia nitidamente logo acima do travessão, era: "A morte do jogo". Comprei a revista, a primeira e única vez que fiz isso, e fiquei chocado ao descobrir o quanto concordava com o que estava escrito ali. Talvez fosse previsível que uma revista chamada *The Economist* fosse a mais preparada para esquadrihar a confusão em que o futebol havia se metido; ali estava, afinal, uma indústria multimilionária sem um tostão furado no bolso.

Eis o que dizia a revista sobre a inevitabilidade da tragédia: "Hillsborough não foi apenas um acidente calamitoso. Foi uma brutal demonstração de falha sistêmica". Sobre a condição dos estádios: "Os estádios na Grã-Bretanha, hoje, parecem prisões de segurança máxima, mas apenas uma regulamentação débil seria capaz de permitir aos clubes fingir que a segurança dos torcedores é compatível com uma arquitetura prisional". Sobre as autoridades do futebol: "Não há nada melhor do que um cartel, quando se trata de ser complacente e incompetente; e, entre os cartéis sobreviventes na Grã-Bretanha, a Liga de Futebol é um dos mais negligentes e presunçosos". Sobre os proprietários dos clubes: "Feito magnatas da imprensa à moda antiga, estão dispostos a pagar por prestígio — e o que conta aqui são os astros que têm no elenco, e não estádios modernos e confortáveis". E sobre o que precisa ser feito: "Ter menos clubes, jogando em estádios mais inteligentes, há de reavivar o interesse daqueles que se afastaram do futebol nos últimos dez anos".

Com essas e outras opiniões, aquela edição da *Economist* — informada, bem argumentada, livre da empulhação em causa própria dos mandachugas do futebol, da ojeriza das autoridades pelo jogo (quando nada, Hillsborough serviu pra minar o ridiculamente mal planejado esquema de cartões de identificação do governo Thatcher) e da visão distorcida de torcedores obsessivos — ajudou que se começasse a olhar a *débâcle* do futebol com uma abordagem pautada pela clareza. Foi só depois de Hillsborough, quando gente de fora do futebol passou a se interessar por como o esporte vinha sendo administrado, que ficou claro o quanto o jeito de ver as coisas

nesse meio estava profundamente entranhado em nós. Um jeito que nem sempre é dos mais sábios, como comprovam vários momentos deste livro.

No Primeiro de Maio, duas semanas e dois dias depois, o Arsenal jogou contra o Norwich no Highbury, nossa primeira partida depois do desastre. Era uma tarde gloriosa de feriado, e o Arsenal teve uma atuação fantástica, ganhando de 5 a 0; do ponto de vista de todos que estavam ali na ocasião, eu inclusive, tudo parecia estar mais ou menos bem no mundo outra vez. O período de luto havia terminado, as câmeras de tevê estavam presentes, assim como o sol, o Arsenal marcando gols aos montes... depois de quinze dias tão carregados, o jogo ganhava um ar de celebração. Uma celebração cansada e silenciosa, mas ainda assim uma celebração, o que parece particularmente bizarro visto à distância de hoje.

O que é que a gente tinha na cabeça naquela tarde? Como era possível que o jogo do Forest com o Liverpool tivesse sido remarcado? É tudo parte de uma mesma coisa, de certa forma. Adorei ter ido ao jogo do Arsenal com o Norwich pelas mesmas razões que assisti Liverpool e Juventus após a tragédia de Heysel, e são os mesmos motivos pelos quais o futebol não mudou muito em mais de cem anos: porque as paixões que esse esporte provoca consomem todo o resto, inclusive a sensibilidade e o bom senso. Se é possível que alguém compareça a um jogo de futebol e curta a ocasião dezesseis dias depois que quase uma centena de pessoas morreu em outra partida — e é, porque fiz isso, apesar do choque de realismo pós-Hillsborough —, fica um pouco mais fácil entender a cultura e as circunstâncias que permitiram que aquelas mortes ocorressem. Nada mais importa, nunca, só o futebol.

O melhor momento da minha vida

*Liverpool x Arsenal
26/5/89*

Nessas 23 temporadas desde que comecei a acompanhar futebol, apenas sete times foram campeões da primeira divisão: Leeds United, Everton, Arsenal, Derby County, Nottingham Forest, Aston Villa e, absurdas onze vezes, Liverpool. Cinco times diferentes chegaram lá nos meus cinco primeiros anos de torcedor, de modo que me pareceu, na época, que ganhar o campeonato era algo que de vez em quando acontecia com o time da gente, ainda que alguma espera fosse necessária; mas a década de 70 chegou e foi embora, depois a de 80, e comecei a acordar pro fato de que talvez não vivesse pra ver o Arsenal voltar a ganhar a Liga. Não é tão melodramático quanto parece. Os torcedores dos Wolves que comemoraram três títulos nacionais em seis anos, o último em 1959, dificilmente imaginariam passar os trinta anos seguintes entre a segunda e a terceira divisões; os torcedores do Manchester City que tinham quarenta e tantos anos quando, em 1968, ganharam o campeonato pela última vez, hoje têm setenta e poucos.

Como pra qualquer torcedor, também pra mim a esmagadora maioria dos jogos que vi foi desse campeonato. E como, na maior parte desse tempo, a competição perdeu todo o interesse pro Arsenal, em termos de título, ali pela altura do Natal, estimaria que mais ou menos metade dessas partidas não valeu nada, pelo menos no sentido em que a imprensa esportiva considera que um jogo vale

alguma coisa. Nenhuma unha roída, nenhum nó dos dedos abocanhado, nenhum rosto contorcido; o ouvido não fica doendo da força com que é pressionado contra o radinho, na tentativa de saber como o Liverpool está se saindo; ninguém, na verdade, vive a agonia do desespero ou tem espasmos de êxtase, os olhos esbugalhados, por causa de algum resultado. Qualquer significado que essas partidas possam ter é você, e não a primeira divisão, que atribui a elas.

E, depois de talvez uns dez anos disso, o campeonato agora é como Deus: algo em que se acredita ou não. A gente admite que seja algo possível, claro, e tenta respeitar o ponto de vista dos que conseguem permanecer crentes. Entre 1975 e 1989, deixei de acreditar. Tinha esperanças, a cada início de temporada; e uma ou duas vezes — no meio da temporada 86/87, por exemplo, quando lideramos a corrida pelo título por oito ou nove semanas — quase reemergi da minha caverna agnóstica. Mas, bem lá no fundo, sabia que aquilo nunca ia acontecer, assim como, conforme eu pensava quando criança, não descobririam a cura pra morte antes de eu ficar velho.

Em 1989, passados dezoito anos da última vez que o Arsenal fora campeão, relutante, mas tolamente, me permiti acreditar que era de fato possível vencer a Liga. Ocupamos o topo da tabela entre janeiro e maio; na última rodada completa de fim de semana de uma temporada prolongada por conta de Hillsborough, e faltando três jogos pro final do campeonato, estávamos cinco pontos à frente do Liverpool, que tinha uma partida a menos. Mas, conforme a opinião geral, era impossível que eles mantivessem uma sequência de vitórias com as baixas na presença de público pós-Hillsborough, e dois dos três jogos remanescentes do Arsenal eram em casa contra times mais fracos. O outro era contra o próprio Liverpool, fora, a partida que encerraria a temporada da primeira divisão.

Eu havia acabado de me tornar um membro renascido da Igreja dos Crentes dos Últimos Dias de Campeonato quando o Arsenal desacelerou catastroficamente. O time perdeu em casa, de forma deprimente, pro Derby; e, na última partida no Highbury, contra o Wimbledon, duas vezes jogou fora a vantagem no placar pra acabar

empatando em 2 a 2 com um time que tínhamos destruído com uma goleada de 5 a 1 na primeira rodada da temporada. Foi após o jogo com o Derby que perdi as estribeiras com minha mulher por causa de um chá com amigos, mas tudo o que me restou, após a partida com o Wimbledon, foi uma decepção catatônica. Pela primeira vez entendi aquelas personagens de novela que, depois de um grande baque na vida amorosa, não conseguem *se permitir* uma nova paixão: nunca antes eu havia considerado uma situação assim como opção, mas dessa vez me expusera completamente, quando podia ter continuado firme na minha descrença. Não deixaria que isso voltasse a acontecer nunca, nunca mais, e tinha sido um tolo, e sabia disso agora, assim como sabia que levaria anos pra me recuperar da terrível decepção por aquele fracasso, depois de termos estado tão perto.

O campeonato ainda não tinha exatamente terminado. Restavam dois jogos pro Liverpool: contra o West Ham, depois contra a gente, no Anfield. Como os dois times estavam muito parelhos, a matemática toda era bastante complicada: se o Liverpool ganhasse do West Ham, o Arsenal precisaria vencer o Liverpool pela metade do placar desse jogo. Se Liverpool e West Ham terminasse 2 a 0 pro Liverpool, teríamos de ganhar o último jogo por um gol de diferença. O Liverpool foi lá e fez 5 a 1, o que significava que precisávamos de uma vitória por dois gols; "SEM CHANCE, ARSENAL", dizia a manchete da quarta capa do *Daily Mirror*.

Não fui ao Anfield. Originalmente era pro jogo ser muito antes na temporada, quando o resultado não teria sido tão crucial, e, no momento em que ficou claro que seria a partida decisiva, já não havia ingressos fazia muito tempo. Naquele dia de manhã, caminhei até o Highbury pra comprar uma camisa nova do time, simplesmente porque sentia que precisava fazer alguma coisa, e, embora, admita-se, usar a camisa diante da tevê não parecesse algo capaz de dar ao time todo esse incentivo, sabia que me faria sentir melhor. Ainda era meio-dia e já havia montes de ônibus e carros no entorno do estádio, e desejei boa sorte a todo mundo com quem cruzei no

caminho de volta pra casa; o otimismo do pessoal (“Três a um”, “Dois a zero, vai ser tranquilo”, até um delirante “Quatro a um”) naquela linda manhã de maio me deixou triste por eles, como se as moças e os rapazes que eu encontrava, joviais e confidentes, estivessem a caminho da Batalha do Somme e prestes a perder suas vidas, e não seguindo pro Anfield para, na pior das hipóteses, retornarem sem fé.

Fui trabalhar à tarde e, mesmo sem querer, me sentia mal de tão nervoso; dali, fui direto pra casa de um amigo torcedor do Arsenal, a uma quadra do Setor Norte, pra assistir o jogo. Tudo naquela noite foi memorável, desde o momento em que os times subiram pro gramado e os jogadores do Arsenal correram na direção do Kop e, ali, entregaram onze buquês de flores a onze pessoas da torcida. E, à medida que o jogo avançava e se tornava claro que o Arsenal morreria lutando, pensei em como eu conhecia bem o meu time, seus rostos e seus maneirismos, e no tamanho do afeto que sentia por todo aquele elenco. O dente quebrado no sorriso do Merson e seu corte de cabelo de boyzinho, as tentativas viris e cativantes do Adams de superar as próprias imperfeições, a elegância altiva do Rocastle, a adorável diligência do Smith... Acreditei que seria capaz de perdoá-los por chegarem tão perto e estragarem tudo: eram jovens e tinham jogado uma temporada fantástica, e, como torcedor, não dá pra pedir mais do que isso, na verdade.

Fiquei animado com o gol logo no início do segundo tempo, e de novo a uns dez minutos do final, quando o Thomas teve uma chance clara e chutou em cima do Grobbelaar, mas o Liverpool parecia estar ganhando força e criando lances de perigo perto do fim do jogo, e finalmente, com o relógio no canto da tevê mostrando que a partida chegava aos 45 minutos do segundo tempo, preparei aquele bravo sorriso de reconhecimento a uma brava equipe. “Se for pro Arsenal perder esse campeonato, depois de ter liderado de tão longe a certa altura, haverá alguma justiça poética nessa vitória no último dia, mesmo que seja pra não levar a taça”, disse o comentarista David Pleat, enquanto o Kevin Richardson era atendido no gramado com o Kop já comemorando. “Pro pessoal do Arsenal, não vai ser mais do

que um pequeno consolo”, respondeu o Brian Moore. Um pequeno consolo, de fato, pra todos nós.

O Richardson finalmente ficou de pé, 45 já passados agora, e até conseguiu tirar uma bola do John Barnes na área; aí o Lukic lançou com a mão pro Dixon, e deste a bola seguiu, inevitavelmente, pro Smith, que deu um toque sensacional... e de repente, no último minuto do último jogo da temporada, o Thomas estava na cara do gol, sozinho, com a chance de ganhar o campeonato pro Arsenal. “É só correr pro abraço!”, gritou o Brian Moore; e mesmo aí me vi controlando a animação, com um ceticismo duro aprendido nas mais recentes mancadas, pensando comigo, bom, pelo menos chegamos muito perto ali no final, em vez de pensar, por favor, Michael, por favor, Michael, por favor, empurra pra dentro, por favor, meu Deus, deixa ele fazer esse. E em seguida ele estava dando uma cambalhota e eu, estirado no chão, com todo mundo naquela sala se atirando por cima de mim. Dezoito anos, e tudo esquecido num segundo.

Qual seria a analogia correta pra um momento como esse? No sensacional livro de Pete Davies sobre a Copa de 1990, *All Played Out*, o autor observa que os jogadores usam imagens sexuais quando tentam explicar o que se sente ao marcar um gol. Consigo perceber essa transcendência, às vezes, em alguns momentos mais rotineiros. O terceiro gol do Smith na vitória de 3 a 0 sobre o Liverpool, em dezembro de 1990, quatro dias depois de termos tomado 6 a 2 do Manchester United em casa, foi uma dessas ocasiões muito gostosas, o clímax perfeito pra uma hora de excitação cada vez maior. E quatro ou cinco anos atrás, em Norwich, o Arsenal marcou quatro gols em dezesseis minutos, após ter ficado atrás no placar a maior parte do jogo, um quarto de hora também comparável à transcendência pelo sexo.

O problema do orgasmo como metáfora, aqui, é que, embora obviamente prazeroso, é algo conhecido e repetível (dali a uma ou duas horas até, se o cara anda se alimentando direitinho), além de previsível, particularmente pros homens — se começa a fazer sexo,

você sabe como vai terminar, por assim dizer. Talvez se eu tivesse ficado sem fazer amor por dezoito anos e abandonado toda esperança de vir a fazer nos dezoito anos seguintes, e aí, de repente, aparecesse uma oportunidade... talvez nessas circunstâncias fosse possível recriar, aproximadamente, aquele momento no Anfield. Embora nem se discuta que sexo é uma atividade mais gostosa do que ver futebol (nada de empates em 0 a 0, linha de impedimento, decepção na hora agá, e a gente ali está sempre *quentinho*), em condições normais, os sentimentos envolvidos não são tão intensos quanto aqueles trazidos à tona por um gol no último minuto que vale o campeonato, algo que só acontece uma vez na vida.

Nada do que as pessoas descrevem como os melhores momentos da vida me parece comparável. O nascimento de uma criança deve ser extraordinariamente emocionante, mas não tem, na verdade, o elemento surpresa, tão crucial, e de qualquer maneira dura tempo demais; atingir um objetivo pessoal — uma promoção, um prêmio, seja lá o que for — não acontece no último minuto, nem carrega a sensação de impotência que eu tinha naquela noite. E que outra coisa existe por aí que seja tão *repentina*? Acertar o prêmio acumulado na loteria, talvez, mas ganhar uma bolada em dinheiro mexe com uma parte totalmente diferente da psique, e falta, nesse caso, o êxtase *coletivo* do futebol.

Não há nada, portanto, capaz de descrever como é. Exauri todas as possibilidades. Não consigo lembrar mais nada que eu tenha cobiçado por duas décadas (que outra coisa alguém cobiçaria por tanto tempo?), tampouco algo mais que eu tenha desejado tanto em criança como na idade adulta. Então, por favor, sejam tolerantes com aqueles que reputam um momento esportivo como o melhor da vida. Não é que nos falte imaginação, nem que nossas vidas tenham sido tristes e improdutivas; é só que a vida real tem menos cor, é mais chata e contém potencial menor pra um delírio inesperado.

Quando soou o apito final (tivemos apenas mais um momento de quase matar do coração, quando o Thomas virou e fez um recuo

casual e aterrorizante pro Lukic; perfeitamente seguro, mas com uma frieza que eu não sentia naquela hora), saí direto porta afora na direção da loja de bebidas da Blackstock Road; corria de braços abertos, feito um garotinho brincando de avião e, enquanto fazia isso rua abaixo, umas velhinhas saíram à porta de casa pra me aplaudir, como se eu fosse o próprio Michael Thomas; em seguida, fui dolorosamente roubado — mais tarde me dei conta — no preço de uma garrafa de champanhe vagabunda, pois o dono da loja podia ver no brilho dos meus olhos que todo e qualquer sinal de inteligência tinha desaparecido. Dava pra escutar os gritos e festejos nos pubs e nas casas ao meu redor; e, à medida que os torcedores começavam a se aglomerar no estádio, alguns deles enrolados em bandeiras, outros sentados no teto de carros buzinando, todo mundo abraçando estranhos a todo momento, e enquanto as câmeras de tevê iam chegando pra filmar a festa que passaria no noticiário do fim de noite, e os funcionários do clube se debruçavam nas janelas pra acenar pra multidão, me ocorreu que, se tivesse ido ao Anfield, estaria perdendo aquela explosão quase latina de alegria na porta de casa, e por isso estava feliz por não ter viajado. Depois de 21 anos, já não sentia, como no ano da dobradinha, que não era meu direito participar da festa se não tivesse comparecido aos jogos; ao longo de anos e mais anos e mais anos, eu fizera minha parte, e ali era o meu lugar.

Numerada

Arsenal x Coventry
22/8/89

Eis algumas das coisas que me aconteceram depois de entrar na casa dos trinta: passei a pagar uma hipoteca; parei de comprar a *New Express Magazine* e a *Face*; e, inexplicavelmente, comecei a acumular edições antigas da *Q Magazine* na parte de baixo de uma estante na minha sala; virei tio; comprei um aparelho de CD; contratei um contador; reparei que certos tipos de música — hip-hop, indie pop, thrash metal — soam iguais e não têm melodia; passei a preferir restaurantes a casas noturnas, e jantares com amigos a festas; desenvolvi uma aversão por barrigas de cerveja, embora ainda aprecie um caneco; comecei a desejar ter móveis; comprei um daqueles quadros de avisos de cortiça pra pendurar na cozinha; passei a ter opiniões — sobre o pessoal que invade imóveis pra morar na minha rua, por exemplo, e sobre festas com som absurdamente alto — que não são exatamente coerentes com minhas atitudes de quando era mais jovem. E, em 1989, comprei o carnê de ingressos da temporada pra numerada, depois de mais de quinze anos assistindo os jogos de pé no Setor Norte. São detalhes que não contam a história toda de como fiquei velho, mas contam parte dela.

A gente cansa, simplesmente. Cansei das filas, do aperto, do atropelo arquibancada abaixo toda vez que o Arsenal marca, do fato de que minha visão do gol mais próximo ficava sempre parcialmente

encoberta nos jogos importantes, e me pareceu que poder chegar ao estádio dois minutos antes do início do jogo sem que isso implicasse qualquer desvantagem pra ver a partida era um ótimo motivo pra mudança. Não sinto falta das arquibancadas, na verdade, e até gosto mais, hoje, do pano de fundo que proporcionam, do barulho e das cores, mais do que durante todo o tempo em que fiquei nelas. Esse jogo contra o Coventry foi nosso primeiro na numerada, e o Thomas e o Marwood marcaram do lado do estádio em que estávamos, no gol bem à nossa frente.

Somos um grupo de cinco: o Pete, claro, meu irmão, minha namorada, embora o ingresso dela, hoje em dia, seja normalmente usado por outra pessoa, eu e o Andy, que antigamente, quando ficávamos no Cercadinho dos Mascotes, era o Rato — esbarrei nele no Setor Norte durante a segunda temporada do George, mais ou menos uma década depois de termos perdido contato, e ele também estava pronto pra abandonar a arquibancada.

O que acontece, na verdade, quando o cara compra o carnê da temporada na numerada, é que passa a ser ainda um pouco mais parte do clube. Tinha meu lugar na arquibancada, mas não direitos de propriedade sobre ele e, se algum torcedor ocasional, que só aparece nos jogos importantes, resolvesse ocupá-lo, tudo o que eu podia fazer era uma cara feia. Agora tenho, de fato, meu lugar no estádio e o pessoal com quem divido a casa, e vizinhos com quem mantenho relações cordiais e converso sobre tópicos de interesse comum, ou seja, a necessidade de contratar um novo meia-atacante e mudar o estilo de jogo. De modo que me encaixo no estereótipo do torcedor que começou a envelhecer, mas não me sinto mal por isso. Depois de um tempo, a gente não quer mais viver com o mínimo, um dia após o outro, um jogo após o outro, e passa a buscar segurança pro tempo que ainda tem pela frente.

Fumando

*Arsenal x Liverpool
25/10/89*

Eu me lembro do jogo por razões convencionais, o gol da vitória no finalzinho, marcado por um Smith saído do banco, e a vitória muito bem-vinda sobre o velho inimigo. Mas, acima de tudo, eu me lembro da partida como a única vez, nos anos 80, e até agora, nos 90, em que passei os noventa minutos sem nicotina no sangue. Nesse período, até cheguei a ficar alguns jogos sem fumar: na primeira metade da temporada 83/84, masquei chicletes de nicotina, mas nunca me liberei deles e, no fim, voltei pro cigarro. Em outubro de 1989, depois de uma consulta com o guru antifumo Allen Carr, parei por dez dias, e o jogo caiu exatamente no meio desse período infeliz.

Quero parar de fumar e, como muitas pessoas nessa situação, acredito firmemente que estou bem perto de conseguir. Deixo de comprar um pacote de maços no Free Shop, ou um isqueiro, ou mesmo uma caixa de fósforos tamanho família porque, uma vez que estou prestes a largar o vício, seria jogar dinheiro fora. O que me impede de parar hoje, neste minuto, são as mesmas coisas que sempre me impediram: a perspectiva de um período complicado no trabalho, que exigirá o tipo de concentração que só pode ser facilitado por um Silk Cut; o medo da esmagadora tensão doméstica que viria, sem dúvida, com o desespero da abstinência; e, de maneira inevitável e patética, o Arsenal.

O time até me dá umas folgas. Tem a primeira metade da temporada, antes do campeonato esquentar e do início da Copa da Inglaterra. E momentos como agora, ali pelo final de janeiro, nos quais meu time não tem mais chance de ganhar nada e contemplo quase cinco meses de tardes entediadas e livres de qualquer tensão pela frente. (Mas preciso escrever este livro, e tenho prazos, e...) E, no entanto, em algumas temporadas — a do título de 88/89, por exemplo, ou a da campanha da dobradinha de 90/91, nas quais todos os jogos entre janeiro e maio foram cruciais —, não consigo imaginar o que seria sentar lá no Highbury sem fumar. Estar perdendo por dois gols de diferença do Tottenham numa semifinal de Copa em Wembley com apenas onze minutos de jogo e sem cigarro? Inconcebível.

Será que vou me esconder atrás do Arsenal pra sempre? Será que o time vai pra sempre me servir de desculpa pra fumar, nunca viajar nos finais de semana, não arranjar um emprego que possa me impedir de ir a um jogo no Highbury? Essa partida contra o Liverpool foi, penso, um jeito que o clube arrumou de me dizer que a culpa não é dele, que sou eu quem controlo minhas ações, e não o time; e, embora lembre bem que sobrevivi àquela noite sem invadir o gramado e atacar os jogadores, esqueci tudo quando, nas rodadas seguintes, fui convencido de que aquela não era uma boa hora pra combater meu vício em nicotina. Já argumentei antes que ter de carregar o Arsenal nas costas, feito uma corcunda, ano após ano após ano, me torna alguém com necessidades especiais, e é verdade. Mas também uso isso, tiro dessa condição o máximo proveito possível.

Sete gols e um quebra-pau

Arsenal x Norwich
4/11/89

Pra que uma partida seja de fato memorável, o tipo de jogo que me faz, na volta pra casa, sentir uma agitação interna de prazer com aquilo tudo, o maior número possível das seguintes características tem de estar presente:

1. *Gols*: quanto mais, melhor. Há uma teoria de que os gols começam a perder valor à medida que uma vitória se torna fácil demais, mas nunca achei isso um problema. (Curti o último gol da vitória do Arsenal por 7 a 1 sobre o Sheffield Wednesday tanto quanto o primeiro.) Se os dois times tiverem que dividir entre si os gols do jogo, é preferível que o adversário marque os seus antes: tenho uma queda particular pelo placar de 3 a 2 em casa, com o gol da virada no finalzinho, depois de termos ido pro intervalo perdendo de 2 a 0.

2. *Decisões absurdas da arbitragem*: prefiro que o Arsenal seja a vítima, em vez do favorecido, desde que os erros não nos custem o resultado. A indignação é um ingrediente crucial da experiência do futebol; não posso concordar, portanto, com comentaristas que dizem que os juízes têm boa atuação quando não se nota sua presença em campo (embora, como todo mundo, não goste que o jogo seja interrompido a cada poucos segundos). Prefiro notá-los, vaiá-los e me sentir roubado por eles.

3. *Uma torcida barulhenta*: pela minha experiência, o melhor desempenho de uma torcida acontece quando seu time está perdendo, mas jogando bem, uma das razões pelas quais uma virada de 3 a 2 é meu placar favorito.

4. *Chuva, grama escorregadia etc.*: em agosto, quando é praticado em gramados verdejantes e perfeitos, o futebol é esteticamente mais atraente, mas me agrada um pouco de caos e escorregões na boca do gol. Se o campo estiver muito enlameado, acaba não tendo jogo nenhum, mas a visão dos jogadores deslizando dez metros ou mais pra dar um carrinho ou tentar alcançar a bola e cruzar é imbatível. A experiência também ganha em intensidade quando se é obrigado a ver o jogo por trás de uma cortina de chuva.

5. *O adversário perder um pênalti*: o goleiro do Arsenal, John Lukic, era o rei dos pênaltis, de modo que vi um bom número de cobranças perdidas; aquela horrorosa do Brian McClair, no último minuto da quinta rodada da Copa da Inglaterra de 1988 — tão longe do alvo que quase saiu por cima da cobertura do Setor Norte — continua sendo minha preferida. Ainda tenho, porém, certo carinho pelos esforços do Nigel Clough, também no último minuto de partida, num jogo do campeonato de 1990: ele perdeu a primeira cobrança, o juiz mandou voltar e ele perdeu de novo.

6. *Um jogador adversário expulso*: “É decepcionante ver a reação da torcida”, comentou o Barry Davies nas quartas de final da Copa entre Portsmouth e Nottingham Forest, em 1992, quando o Brian Laws, do Forest, acabou expulso e a torcida do Portsmouth foi à loucura; mas o que ele esperava? Pros torcedores, uma expulsão é sempre um momento mágico, embora seja crucial que não aconteça cedo demais no jogo. Expulsões no primeiro tempo resultam ou em vitórias fáceis e chatas do time com onze homens em campo (cf. Forest x West Ham, semifinal da Copa da Inglaterra, 1991), ou numa reorganização defensiva que vira uma retranca impenetrável e mata o jogo; expulsões no segundo tempo em jogos disputados são incrivelmente gratificantes. Se eu tivesse de escolher uma só pra levar pra uma ilha deserta, seria a do Bob Hazell, dos Wolves, mandado pro chuveiro no último minuto de uma quarta rodada da

Copa, no Highbury, em 1978, quando o placar era de 1 a 1. Pela minha lembrança, o Hazell deu um safanão no Rix, que tentava tirar a bola dele pra que pudéssemos cobrar rápido um escanteio; depois que ele mesmo cobrou, o MacDonald, pela primeira vez no jogo livre de seu marcador caído em desgraça, completou de cabeça e nos deu a vitória. Também curti demais a longa e solitária caminhada do Tony Coton no Highbury, em 1986 — tem algo de especial em ver um goleiro ser expulso — e a entrada assassina do Massing no Caniggia, seguida de um tchau pra torcida, no jogo de abertura da Copa do Mundo de 1990.

7. *Algum tipo de "incidente lamentável" (vulgo "infantilidade", "absurdo" ou "provocação")*: aqui pisamos em território moralmente duvidoso — é óbvio que os jogadores têm a responsabilidade de não provocar uma multidão inflamável. Uma pancadaria num confronto Coventry-Wimbledon, numa tarde chuvosa de novembro, diante de um público de 10 mil pessoas sonolentas, é uma coisa, mas entre os jogadores de Celtic e Rangers, dado o ódio sectário quase incontrolável nas arquibancadas, é bem outra. E, no entanto, lamentavelmente e com um nada desprezível grau de tristeza pelo lado amador do esporte, é inevitável concluir que não há nada como um quebra-pau pra animar um jogo entediante. Os efeitos colaterais são, invariavelmente, positivos — os jogadores e a torcida se entregam mais, a história da partida ganha densidade, a pulsação acelera — e, desde que o jogo não acabe degenerando numa batalha campal, um quebra-pau me atrai como característica bastante desejável, como uma sacada ou lareira no apartamento. Se eu fosse da imprensa esportiva ou um representante das autoridades do futebol, sem dúvida faria cara feia, resmungaria reprimendas, insistiria para que os agressores fossem julgados — as confusões em campo, como as drogas leves, não teriam a mesma graça com aprovação oficial. Tenho a sorte, porém, de não carregar essa responsabilidade: sou um torcedor, sem obrigação nenhuma de estabelecer aqui qualquer tipo de limite moral.

O jogo entre Arsenal e Norwich, no final de 1989, teve sete gols, com o Arsenal empatando depois de estar perdendo por 2 a 0, e, em seguida, virando um placar adverso de 3 a 2 pra 4 a 3. Foram marcados dois pênaltis a nosso favor, um deles no último minuto, quando estava 3 a 3 (ambos, diga-se de passagem, erros terríveis de arbitragem)... e, nesta última cobrança, o goleiro do Norwich, Gunn, defendeu, a bola voltou pro Dixon, ele chutou mascado e ela rolou lentamente pro fundo do gol vazio. E aí virou baixaria, com mais ou menos todo mundo, menos o goleiro do Arsenal, envolvido numa pancadaria que pareceu durar uma eternidade, mas provavelmente terminou em questão de segundos. Ninguém foi expulso, mas não faz mal: como não curtir um jogo desses?

Os dois times receberam muitas pesadas, uma punição mais do que acertada, claro. Em situações assim, é difícil imaginar a Federação mandando uma carta de agradecimento aos jogadores por proporcionarem à torcida o que ela queria. E, considerando os problemas subsequentes do Arsenal, os quais discutiremos a seguir, aquele quebra-pau, visto agora, perde um pouco do brilho. Mas, de novo, é a história de estar no centro do mundo: depois da partida, voltamos pra casa sabendo que o que tínhamos visto e vivido fora o momento esportivo mais significativo da tarde, um momento do qual se falaria durante semanas, meses, que viraria notícia, sobre o qual todo mundo faria perguntas na manhã de segunda-feira no trabalho. De modo que, no fim das contas, a conclusão natural é que foi um privilégio estar presente pra assistir todos aqueles homens-feitos fazendo papel de bobos diante de 35 mil pessoas; eu não teria perdido a ocasião por nada neste mundo.

Saddam Hussein e Warren Barton

Arsenal x Everton
19/1/91

Um fato pouco conhecido: torcedores de futebol foram os primeiros a saber que a Guerra do Golfo havia começado. Estávamos sentados na frente da tevê, esperando os melhores momentos de Chelsea e Tottenham no mata-mata da Rumbelows Cup, pouco antes da meia-noite, quando o Nick Owen conferiu seu monitor, anunciou um boletim extra e disse que esperava em breve voltar com notícias de Stamford Bridge. (E, aliás, a matéria sobre o jogo no *Daily Mirror* causou efeito peculiar, quando lida na manhã seguinte, dadas as circunstâncias: “Sob fogo cerrado, o Tottenham lutava desesperado pra se manter vivo”, e outras coisas assim.) A ITV superou a BBC por alguns minutos no anúncio em primeira mão.

Como a maioria das pessoas, fiquei assustado: pela possibilidade de que armas nucleares e químicas fossem usadas; pelo envolvimento de Israel; pelas centenas de milhares de pessoas que morreriam. Às três da tarde de sábado, 63 horas depois de iniciado o conflito, eu assistia um início de jogo no estado mais desnorteado de que tenho lembrança: tinha ficado até altas horas vendo tevê e passado a noite na companhia de sonhos muito estranhos.

Da torcida também emanava uma vibração diferente. O Setor Norte cantava coisas do tipo “Saddaaam viaaado!” e “Nem Saddam pode com o Arsenal”. (O primeiro fala por si próprio; no segundo, “Arsenal” se refere mais aos torcedores do que aos jogadores. Ou

seja, é algo cantado pra contar vantagem, e não ridicularizar o outro, o que, paradoxalmente, revela certo respeito pelo líder iraquiano, algo que está ausente na especulação sobre suas preferências sexuais. Uma ideologia consistente seria pedir demais, acho.)

Foi uma experiência interessante ver uma partida de futebol enquanto o mundo estava em guerra; inédita pra mim. Como seria possível, agora, pensar no Highbury como o centro do mundo, com um milhão de homens se preparando pra matar uns aos outros a milhares de quilômetros dali? Fácil. O gol do Merson, logo no começo do segundo tempo, nos deu uma vitória por 1 a 0 que, em si, não era suficiente pra desviar a atenção de Bagdá; mas, quando o Warren Barton, de falta, selou o resultado positivo do Wimbledon no Anfield e, pela primeira vez na temporada, passamos a liderar o campeonato, tudo voltou a ter foco outra vez. Oito pontos atrás em dezembro, um ponto à frente em janeiro... Lá pelas quinze pras cinco, Saddam tinha sido esquecido, e o Highbury vibrava.

O jeito Arsenal de ser

Arsenal x Manchester United
6/5/91

Em maio de 1991, ganhamos a Liga de novo, a segunda vez em três anos e a terceira na minha vida inteira. O desfecho não teve nada do drama de 1989: o Liverpool perdeu o rumo, vergonhosamente, e deixou o caminho livre pra nós. Na noite de 6 de maio, foi derrotado pelo Forest antes de entrarmos em campo na rodada, contra o Manchester United em casa, partida que então se transformou numa celebração ruidosa e caótica.

Se houve uma temporada emblemática do que é o Arsenal, foi essa. Não pelo fato de que perdemos apenas um jogo, tendo tomado míseros dezoito gols, embora esses números, por si sós, já sejam um indicativo da tradicional tenacidade do time. A questão é que chegamos ao título enfrentando obstáculos e adversidades quase absurdos. Fomos punidos com a perda de dois pontos por outro quebra-pau em que, olhando em retrospecto, burramente nos envolvemos, um ano apenas após o entreviro com o Norwich; pouco depois, nosso capitão foi preso num episódio imbecil de direção alcoolizada. E tais incidentes vinham coroar uma pilha de outros, dentro e fora de campo — brigas, matérias nos tabloides sobre comportamentos repreensíveis ao volante depois de bebedeiras, demonstrações coletivas de atrevimento e indisciplina (o melhor exemplo foi um jogo na casa do Aston Villa, no final de 1989, em que a maior parte do time cercou um bandeirinha indefeso, já

muito depois do apito final, gesticulando e gritando a ponto de deixar constrangido quem tinha viajado pra acompanhar o time), e assim por diante. Cada uma dessas transgressões colaborava pra isolar ainda mais o clube e seus seguidores do resto do país e sua gente equilibrada, àquela altura já de cara feia e odiando o Arsenal; o Highbury se tornou a Ilha do Diabo em pleno norte de Londres, antro de arruaceiros e marginais.

“Enfiem os dois pontos no rabo!”, a torcida não parava de gritar durante o jogo com o Manchester United, e aquilo já começava a soar como a quintessência dos gritos do time: tirem nossos pontos, prendam nosso capitão, odeiem nosso futebol e danem-se todos vocês. A noite era nossa, uma demonstração de solidariedade e desafio, sem lugar pra zonas cinzentas nem pra que outros embarcassem na celebração, uma aclamação da virtude de todos os vícios. O Arsenal não é um Nottingham Forest, West Ham ou Liverpool, um time que inspire afeto e admiração em outros torcedores de futebol; não dividimos nossos prazeres com mais ninguém.

Não gosto do fato do Arsenal, nos últimos anos, ter disputado suas temporadas no murro e no grito, claro que não. E preferia que o Tony Adams não tivesse participado de um racha numa rua residencial completamente bêbado, que o clube não tivesse continuado a pagar o salário dele enquanto estava em cana, que o Ian Wright não tivesse dado uma cusparada nos torcedores do Oldham, que o Nigel Winterburn não tivesse se envolvido num entrevero bizarro com um torcedor nosso, na linha lateral do Highbury. Essas são todas, no geral, Coisas Ruins. Mas, em certo sentido, não tenho por que pensar assim. Ser odiado é parte da experiência de torcer pro Arsenal e, numa época em que mais ou menos todo mundo usa a linha de impedimento e um terceiro zagueiro, talvez esses incidentes desagradáveis sejam o jeito encontrado pelo time pra subir a aposta e reivindicar um território só pra si.

De modo que, no fim das contas, perguntar a razão desse comportamento do Arsenal não é muito interessante. Suspeito que a resposta seja que o time se comporta assim porque é o Arsenal e entende o papel que lhe foi atribuído no esquema das coisas do futebol. Uma pergunta mais interessante seria: o que isso provoca no torcedor? Como afeta sua psique, uma vez comprometido por uma vida inteira com um time que todo mundo ama odiar? Será que torcedores são como cães, que passam a se parecer com os donos?

Respondo com um enfático "sim". Os torcedores do West Ham que conheço têm como característica inata o senso de autoridade moral do azarão; os do Tottenham, um ar de falsa e convencida sofisticação; os do Manchester United são imbuídos de uma imponência frustrada; os do Liverpool são simplesmente imponentes. Quanto aos torcedores do Arsenal... É impossível sobreviver incólume ao fato de se amar aquilo que o resto do mundo considera fundamentalmente detestável. Desde o dia 15 de março de 1968, tenho consciência do isolamento induzido, talvez exigido, pelo meu time. Minha mulher acha que foi com o Arsenal que adquiri minha tendência a adotar uma atitude de reservada rebeldia cada vez que encaro um pequeno fracasso ou me vejo diante de um gesto desleal, e pode ser que ela tenha razão. Assim como o clube, não sou particularmente casca-grossa; minha hipersensibilidade à crítica significa que é mais provável eu tirar o time de campo e ir chorar as pitangas do que conceder um rápido aperto de mãos e seguir com o jogo. No autêntico estilo do Arsenal, sei bem falar o que quero, mas não sou capaz de ouvir o que não quero.

Portanto, o segundo título, embora menos eletrizante que o primeiro, me deu muito mais satisfação, pois mostrou de forma mais verdadeira o jeito Arsenal de ser: o clube e os torcedores se uniram pra superar, com magnífico senso de determinação e propósito, dificuldades quase insuperáveis que eles próprios haviam criado. Foi um triunfo não só do time, mas do que o time veio a representar e, por extensão, do que todos os torcedores do Arsenal se tornaram em função dessa imagem do clube. A noite de 6 de maio era nossa, e dane-se todo o resto.

Jogando

*Amigos x Outros amigos
Toda quarta à noite*

Comecei a jogar futebol a sério — ou seja, passei a me importar com o que estava fazendo, e não simplesmente executar os movimentos pra não levar bronca do professor — mais ou menos ao mesmo tempo que comecei a assistir os jogos. Havia as disputas com bolinhas de tênis, na escola, e com uma bola de plástico furada, na rua, dois ou três pra cada lado; as partidas contra minha irmã, no quintal de casa, que iam até dez começando em nove a zero pra ela, com ela ameaçando ir pra dentro se eu marcasse; nos domingos à tarde, depois de *The Big Match*, havia os jogos com o aspirante a goleiro do bairro, nos campos perto de casa, em que reencenávamos as partidas de placar mais elástico no campeonato enquanto eu fazia a narração. Antes de partir pra universidade, eu costumava jogar cinco contra cinco no ginásio de esportes local, e no segundo ou terceiro time da faculdade. Joguei na equipe dos funcionários da escola quando dava aulas em Cambridge, meus amigos e eu montávamos times mistos duas vezes por semana no verão, além de, já há seis ou sete anos, todos os entusiastas que conheço se reunirem pra um cinco contra cinco na zona oeste de Londres, uma vez por semana. De modo que venho jogando ao longo de dois terços da minha vida e gostaria de continuar até onde der, nas três ou quatro décadas que ainda tenho pela frente.

Sou um atacante; ou melhor, não sou goleiro, nem zagueiro, nem jogo no meio-campo, e não apenas sou capaz de lembrar alguns dos gols que marquei cinco, dez ou quinze anos atrás, como também, intimamente, tenho grande prazer em fazer isso, embora tenha certeza de que esse tipo de indulgência ainda vá acabar em cegueira. Não sou bom nisso, nem preciso dizer, mas felizmente os amigos que jogam comigo também não são. Jogamos apenas o suficiente pra fazer valer a pena: toda semana um de nós marca um golaço, num voleio impressionante de direita ou completando de chapa no canto, depois de armar uma confusão na defesa adversária desorientada, e ficamos pensando na jogada secretamente e cheios de culpa (não é o tipo de coisa com que homens-feitos deveriam ficar sonhando) até a próxima pelada. Alguns de nós já não temos muito cabelo, embora isso, conforme costumamos sempre lembrar um ao outro, nunca tenha sido problema pro Ray Wilkins, ou pra um sensacional ponta da Sampdoria cujo nome agora me escapa; muitos de nós estamos alguns quilos acima do peso; a maioria está na casa dos trinta e cinco. E, embora tenhamos um acordo tácito de que são proibidas as entradas mais duras, um alívio pros que não são capazes disso, reparei, nos últimos tempos, que acordo nas manhãs de quinta quase paralisado, as juntas enrijecidas, os músculos fisgados, o tendão de aquiles dolorido; o joelho fica inchado e fraco nos próximos dois dias, herança de uma lesão no ligamento médio há dez anos (a operação pela qual precisei passar foi o mais perto que já cheguei de ser um jogador de verdade); se algum dia tive ritmo de jogo, com o passar dos anos e meu estilo de vida abusivo, já era. Ao final dos nossos sessenta minutos, estou vermelho de exaustão, e minha camisa do segundo uniforme do Arsenal (modelo antigo) e o calção estão ensopados de suor.

Eis o mais perto que cheguei de me tornar profissional: na faculdade, um ou dois caras do primeiro time (no meu último ano, eu jogava pelo terceiro) eram dos Blues, a seleção dos onze melhores jogadores da universidade inteira. Que eu saiba, foram dois os jogadores dos Blues que, na minha época, chegaram ao

profissional. O melhor deles, o deus da universidade, um atacante loiro que parecia refulgir com o talento que só os astros têm, foi reserva do Torquay United, da quarta divisão — talvez tenha chegado a marcar um gol, uma vez. O outro jogou no Cambridge City — no *City*, time do Quentin Crisp, da fita estropiada com o tema do *Match of the Day* e da torcida de duzentas pessoas, não o Cambridge United — como zagueiro; fomos vê-lo, e ele ficava muito abaixo do nível em campo.

Então... se eu fosse o melhor da faculdade, em vez de ocupar a posição 25 ou trinta no ranking, talvez conseguisse, com sorte, jogar mal num time semiprofissional e ruim. O esporte não permite sonhar da mesma forma que escrever, atuar, pintar ou administrar empresas permitem: com onze anos de idade eu já sabia que jamais jogaria pelo Arsenal. É muito pouca idade pra descobrir uma coisa terrível dessas.

A sorte é que é possível ser um jogador profissional sem nunca pisar num gramado da Liga ou ter sido agraciado com o físico, a velocidade, a resistência ou o talento de um jogador de verdade. Sobram ainda as caretas e os gestos — os olhos fechados com força e a cabeça baixa, os ombros caídos quando se perde uma boa chance; depois de um gol, as batidas de mão com os companheiros; os punhos cerrados e as palmas de incentivo quando o time está precisando; os braços abertos, palmas das mãos pra cima, indicando uma posição melhor que a do colega fominha, o dedo apontado pra onde a bola deve ser enfiada e, depois de recebido o passe perfeito e da trapalhada que resulta em gol perdido, a mão levantada reconhecendo ambos os fatos. E às vezes a bola chega pra você e, de costas pro gol, você acerta o passe lateral, abrindo na ponta, e é quando percebe que está jogando direitinho e, não fosse a barriga saliente (mas é só ver a do Molby) e a falta de cabelo (Wilkins e o ponta da Sampdoria — Lombardo? — de novo), não fossem esses *senões*, você seria igualzinho ao Alan Smith.

De volta aos anos 60

Arsenal x Aston Villa
11/1/92

Uma parte de mim tinha medo de escrever todas essas coisas num livro, assim como uma parte de mim teve medo, um dia, de explicar a uma terapeuta precisamente o que tudo isso passou a significar: me preocupava que, ao fazê-lo, a coisa toda desaparecesse e eu ficasse com esse imenso buraco, antes preenchido pelo futebol. Isso não aconteceu, não ainda, ao menos. O que aconteceu é mais perturbador: passei a curtir a infelicidade de torcedor. Estou ansioso por mais campeonatos, e tardes em Wembley, e vitórias no último minuto sobre o Tottenham em White Hart Lane, claro que estou; e, quando voltar a experimentar essas coisas, vou delirar como todo mundo. Não quero que aconteça já, porém. Quero adiar o prazer. Passei frio, fiquei entediado e fui infeliz durante tanto tempo que, quando o Arsenal está bem, me sinto um pouco, mas sem dúvida, desorientado, ainda que não devesse me inquietar. Tudo o que vai volta.

Comecei este livro no verão de 1991. O time era, então, o campeão da primeira divisão, prestes a disputar a Copa dos Campeões da Europa pela primeira vez em exatamente vinte anos. Tínhamos o melhor elenco, as maiores chances, a defesa mais forte, o ataque mais mortal, o técnico mais inteligente; após o último jogo da temporada 90/91, no qual esmagamos o coitado do Coventry por 6 a 1, com quatro gols nos últimos vinte e poucos minutos, os

jornais só falavam da gente: "PRONTO PARA CONQUISTAR A EUROPA"; "UM REINADO DE CINCO ANOS"; "OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS"; "CAMPEÕES DE OLHO NO MAIOR DOS PRÊMIOS". Nunca, desde que sou torcedor, houve um otimismo comparável e tão abundante. Mesmo aqueles que odeiam o Arsenal, entre os meus amigos, anteviam nossa marcha esplêndida e triunfal direto à final da Copa dos Campeões, e mais um título nacional, certamente, sem dificuldades.

Tivemos um pequeno contratempo no início da temporada, mas lá por meados de setembro, com o campeonato europeu começando, o time havia encontrado seu jogo: esmagou o campeão austríaco por 6 a 1, uma apresentação magnífica que, acreditamos, teria deixado o resto do continente paralisado de medo. Empatamos com o Benfica, de Portugal, na partida seguinte, e viajei num dos dois aviões cheios de torcedores pra Lisboa, onde seguramos um respeitável empate em 1 a 1 diante de oitenta mil pessoas no intimidante Estádio da Luz. No jogo de volta, no Highbury, porém, tomamos na cabeça, não tivemos pernas nem categoria pra superá-los, e fim, tudo acabado talvez por mais vinte anos. Aí, com uma sequência terrível de resultados antes e depois do Natal, saímos da disputa do campeonato nacional; e, de maneira inacreditável e catastrófica, acabamos eliminados da Copa da Inglaterra pelo Wrexham, último colocado da quarta divisão na temporada anterior, enquanto o Arsenal havia sido o primeiro da primeira.

* * *

Foi estranho, em meio a tantas esperanças e glórias, depois de termos voltado a ser campeões nacionais, tentar escrever sobre o quanto eu tinha sido miserável na maior parte da minha vida futebolística. De modo que, quando a temporada virou pó e o Highbury novamente se tornou um lugar de jogadores descontentes e torcedores infelizes, e o futuro começou a parecer tão deprimente que já era impossível lembrar por quê, afinal, o imagináramos tão brilhante, voltei a me sentir confortável. O Grande Colapso de 1992 tinha lá sua simpática magia. O Wrexham era uma recriação sensacional e inteiramente autêntica do Swindon, suficientemente

humilhante pra me fazer reviver o trauma de infância; ao mesmo tempo, eu tentava lembrar o Arsenal dos anos 60, e dos 70, e dos 80 também, o bom e velho Arsenal e sua chatice sem fim, agora que o Wright, o Campbell, o Smith e o resto do pessoal tinham decidido parar de marcar gols e já começavam a parecer tão ineptos quanto sempre foram seus pares no passado.

Contra o Aston Villa, uma semana depois do Wrexham, minha vida inteira passou num flash diante dos olhos. Um empate em 0 a 0 contra um timinho, uma partida inútil pra uma torcida impaciente, às vezes raivosa, mas na maior parte do tempo estoica, tolerante, debaixo do frio de janeiro... Só faltava o Ian Ure pra pisar na bola, e meu pai, na cadeira ao lado, pra resmungar.



SIGRID ESTRADA

NICK HORNBY nasceu em 1957, em Redhill, Inglaterra e vive em Londres. Formado em inglês pela Universidade de Cambridge, publicou seis romances, entre eles Alta fidelidade e Um grande garoto, ambos adaptados para o cinema. Febre de bola ganhou duas versões cinematográficas, em 1997 e 2005, e venceu o William Hill Sports Book of the Year em 1992. Em 2006, o livro foi incluído no kit do sócio-torcedor do Arsenal.

Copyright © 1992 by Nick Hornby

Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Fever Pitch

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Mariana Zanini

Adriana Cristina Bairrada

ISBN 978-85-8086-747-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Rosto

Agradecimentos

Dedicatoria

Introdução à edição comemorativa do vigésimo aniversário de Febre de bola

Introdução à primeira edição
1968-1975

Estreia em casa

Um Jimmy Husband repetido

Don Rogers

Inglaterra!

Acampando

A chatice sem fim do Arsenal

Pelé

Apanhando

Tá me vendo na tevê?

Como ganhei a dobradinha

Outra cidade

Garoto de Islington

Feliz

Minha mãe e o Charlie George

História social

Eu e o Bob McNab

Wembley II — O pesadelo continua

Uma nova família

Questão de vida ou morte

Formatura

Pacote completo
Carol Blackburn
O adeus
1976-1986
Segunda infância
Supermac
Uma cidade da quarta divisão
Meninos e meninas
Coisa de mulher
Wembley III — O horror está de volta
Camundongos de açúcar e discos dos Buzzcocks
Wembley IV — A catarse
Tapando buraco
Liam Brady
Típico do Arsenal
A vida pós-futebol
Parte do jogo
Meu irmão
Circo
O bom e velho Arsenal
Uma torrente de perguntas
Técnico
No gramado
Família Adams e Quentin Crisp
Charlie Nicholas
Sete meses de percalços
Cocos
Pete
Heysel
De saco cheio
Bebendo outra vez
Fundo do poço
Saindo do impasse
1986-1992
George
A fantasia masculina

A travessia
Um sábado comum
Ouro
Bananas
O Rei de Kenilworth Road
Meu tornozelo
O jogo
Desculpas desnecessárias
Bem-vindo à Inglaterra
Gus Caesar
Logo ao lado
Tirania
Hillsborough
O melhor momento da minha vida
Numerada
Fumando
Sete gols e um quebra-pau
Saddam Hussein e Warren Barton
O jeito Arsenal de ser
Jogando
De volta aos anos 60
Sobre o autor
Créditos